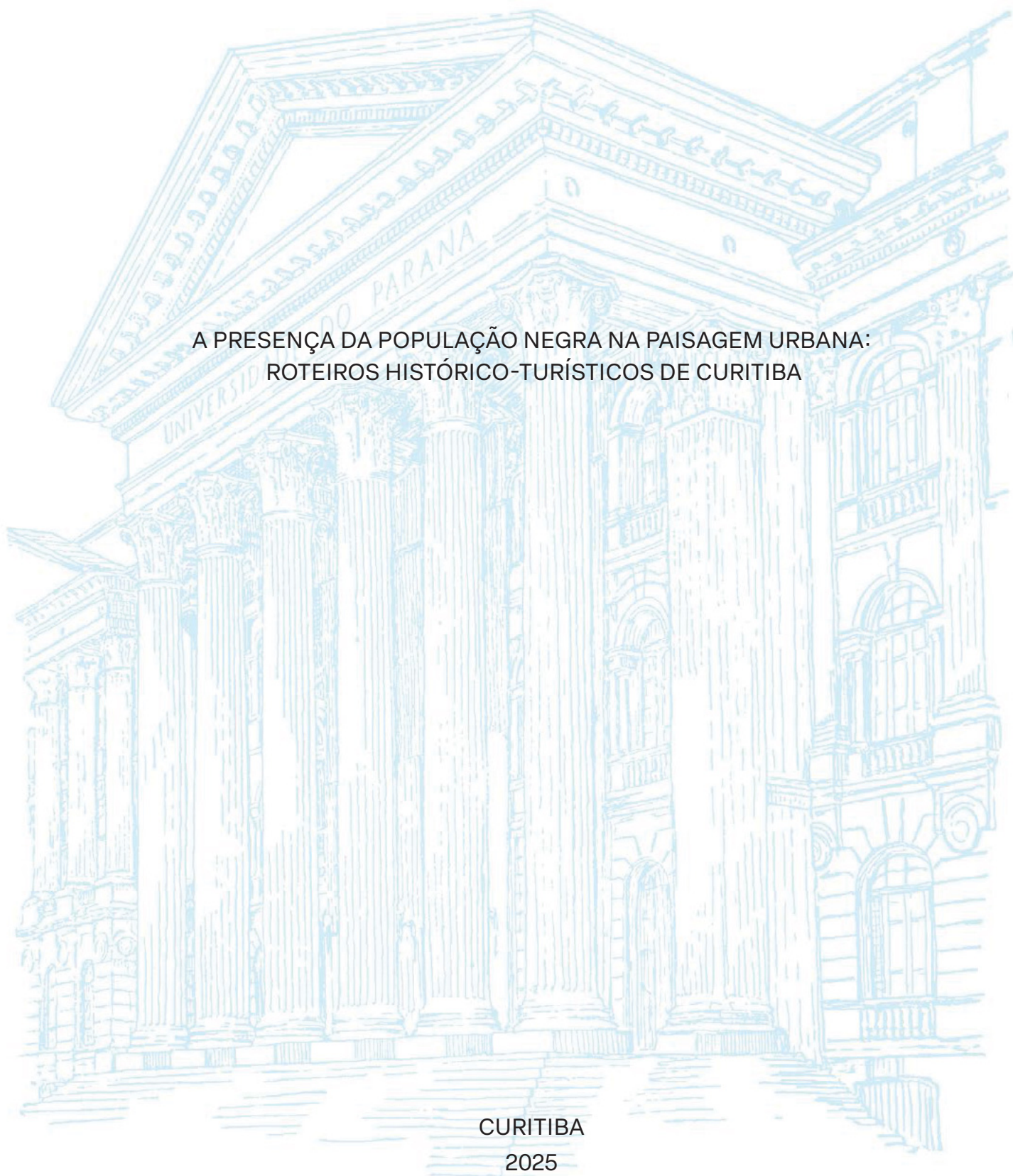


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDREA VANESSA BORGES OLIVEIRA

A PRESENÇA DA POPULAÇÃO NEGRA NA PAISAGEM URBANA:
ROTEIROS HISTÓRICO-TURÍSTICOS DE CURITIBA

CURITIBA
2025



ANDREA VANESSA BORGES OLIVEIRA

A PRESENÇA DA POPULAÇÃO NEGRA NA PAISAGEM URBANA:
ROTEIROS HISTÓRICO-TURÍSTICOS DE CURITIBA

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Design, Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Design.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa

CURITIBA

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS
BIBLIOTECA CENTRAL – SEÇÃO DE PROCESSO TÉCNICO

Oliveira, Andrea Vanessa Borges, 1973-

A presença da população negra na paisagem urbana [recurso eletrônico] : roteiros histórico-turísticos de Curitiba / Andrea Vanessa Borges Oliveira. – 2025.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós-graduação em Design.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo de Oliveira Corrêa

Inclui referências

1. Negros – Cultura material. 2. Memória coletiva. 3. Espaços públicos – Curitiba (PR). 4. Design - Historiografia. I. Universidade Federal do Paraná. Setor de Artes, Comunicação e Design. Programa de Pós-graduação em Design. II. Corrêa, Ronaldo de Oliveira, 1974-. III. Título.

Bibliotecária: Andrea Carolina Grohs CRB-9/1384



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE ARTES COMUNICAÇÃO E DESIGN
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DESIGN -
40001016053P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação DESIGN da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **ANDREA VANESSA BORGES OLIVEIRA**, intitulada: **A presença da população negra na paisagem urbana: roteiros histórico-turísticos de Curitiba**, sob orientação do Prof. Dr. RONALDO DE OLIVEIRA CORRÊA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 08 de Outubro de 2025.

Assinatura Eletrônica

17/10/2025 17:38:09.0

RONALDO DE OLIVEIRA CORRÊA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

17/10/2025 18:48:31.0

YASMIN FABRIS

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

18/10/2025 09:43:34.0

MARCELINA DAS GRAÇAS DE ALMEIDA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS)

RUA GENERAL CARNEIRO, 460 - CURITIBA - Paraná - Brasil

CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5238 - E-mail: ppgdesign@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 491834

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 491834

À minha avó Vanir e seus olhos de jabuticaba.

AGRADECIMENTOS

A todas aquelas que abriram os caminhos para que eu pudesse cruzar as palavras e caminhar no universo desta pesquisa. Agradeço às minhas ancestrais, minhas tias e avós, por todas as memórias e histórias que habitam minha cabeça e meu corpo desde o meu começo.

Essa pesquisa não existiria sem a construção coletiva de Joseli Maria Nunes Mendonça, Mestre Kandiero, Melissa Reinehr e Sandro Luis Fernandes. Agradeço as conversas, as indicações de leitura e a caminhada conjunta pela cidade de Curitiba. Agradeço aqueles que me esperaram, aos meus irmãos Pablo, Hernan e Thiago, às minhas amigas e amigos. Agradeço a Laura Lotufo, pela escuta e generosidade, e a Raquel Lima, pelo bom humor e incentivo. Alexandre Pereira, Perola Freeman, André Nardi e Anna Karina, vocês guardam o melhor da minha jornada em São Paulo.

Às minhas colegas da turma 2024, Raquel, Thabata, Marina, Mariana e Marcela, por compartilharem esta jornada com suas pesquisas e apoio. Agradeço às minhas colegas e aos meus colegas do grupo de estudos pelo acolhimento, leituras conjuntas e orientações. Agradeço a Lariane por me apresentar e incentivar a participar do Pretas Acadêmicas; a Ana, Tayane, Carolina e Aulio pelas palavras de apoio no Seminário de Pesquisa em Design; a Elizabeth e a Carolina pela ajuda e leitura gentil do meu projeto de pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Design, à Universidade Federal do Paraná e às professoras da Linha de Teoria e História do Design pelo apoio e incentivo. Sou grata a Lucimara pela gentileza e pelo suporte nas burocracias do programa.

Às observações atentas e generosas das professoras Marcelina Almeida e Yasmin Fabris na etapa de qualificação desta pesquisa.

Ao meu orientador, Ronaldo Corrêa, pela gentileza e generosidade da leitura e das orientações, pelo diálogo e por todo o suporte na caminhada conjunta que foi esta pesquisa.

À minha mãe, dona Jael, pela paciência, pelo apoio e principalmente por me ensinar a olhar atentamente as coisas que nos cercam e a narrar o mundo ao meu redor. Ao meu pai, Ercias, pela conversa que deu início a esta caminhada e por toda a luta por um mundo mais justo.

Ao meu companheiro, Arno, pelo amor, pela gentileza no olhar, por todo apoio e por Salvador.

Dedico esta pesquisa a todas e todos que me encontraram no outrora e no agora; que essa faísca reverbere em nossos futuros.

Os países que habito se constelam em arquipélagos.
Édouard Glissant

RESUMO

Na última década, os percursos histórico-turísticos centrados na presença negra têm se tornado comuns na maioria das capitais de estados brasileiros. A reivindicação da memória da população negra na produção do espaço urbano evidencia as disputas de narrativas sobre a história das cidades no país. A cidade de Curitiba não é exceção, pois existe a participação de coletivos que tensionam, com instituições oficiais, as narrativas relacionadas à memória e à produção do espaço urbano. Nesse contexto, esta pesquisa procurou responder como os roteiros histórico-turísticos representam a presença da população negra na cidade de Curitiba. Como objetivo principal, buscou-se compreender o papel das narrativas e contranarrativas, verbais e visuais, na produção das distintas formas de representação dessa presença na paisagem urbana da cidade. Nesse processo, foram identificados os principais roteiros histórico-turísticos, com ênfase naqueles que abordam a temática negra. Além de investigar como a população negra é representada nos roteiros selecionados, foram mapeados os artefatos urbanos e os lugares de memória que evidenciam essa presença na cidade de Curitiba. O método adotado para fazer a investigação é o estudo de casos múltiplos, tendo como técnicas metodológicas a observação participante, a pesquisa documental e a revisão bibliográfica. Com o conjunto de documentos obtidos nos procedimentos metodológicos, foram realizadas análises que buscaram estabelecer as relações entre as práticas espaciais e suas formas de produzir a paisagem urbana. As dinâmicas decorrentes da ancoragem das narrativas e contranarrativas aos artefatos urbanos foram observadas, descritas e articuladas aos conceitos de representação, cultura material e práticas espaciais. O objetivo desse imbricamento foi proporcionar uma compreensão mais abrangente da complexidade das relações políticas, socioeconômicas e culturais estabelecidas no cotidiano da cidade de Curitiba. A partir da análise dessas relações, foi possível observar como a cidade e sua materialidade são instrumentalizadas por associações políticas que detêm o poder econômico na sociedade brasileira e como são apropriadas pelos roteiros afrocentrados em suas contranarrativas, que apresentam a memória da população negra a partir de seus artefatos urbanos. Entrelaçar essas dinâmicas aos estudos da cultura material, a partir da historiografia do design, proporcionou a experiência necessária para a compreensão das práticas desviantes que produzem outras formas de representação da paisagem urbana de Curitiba.

Palavras chave: roteiros histórico-turísticos; memória da população negra; contranarrativas; representação; cultura material; história do design.

ABSTRACT

Over the last decade, historical and tourist routes focusing on the black presence have become commonplace in most Brazilian state capitals. The demand for recognition of the memory of the Black population in the production of urban space highlights the disputes over narratives about the history of cities in the country. The city of Curitiba is no exception, as there are collectives that challenge official institutions over narratives related to memory and the production of urban space. In this context, this research sought to answer how historical-tourist itineraries represent the presence of the black population in the city of Curitiba. The main objective was to understand the role of verbal and visual narratives and counter-narratives in the production of different forms of representation of this presence in the city's urban landscape. In this process, the main historical-tourist itineraries were identified, with an emphasis on those that address black themes. In addition to investigating how the black population is represented in the selected itineraries, urban artifacts and places of memory that highlight this presence in the city of Curitiba were mapped. The method adopted for the investigation is the study of multiple cases, using participant observation, documentary research, and bibliographic review as methodological techniques. With the set of documents obtained in the methodological procedures, analyses were carried out that sought to establish the relationships between spatial practices and their ways of producing the urban landscape. The dynamics resulting from the anchoring of narratives and counter-narratives to urban artifacts were observed, described, and articulated with the concepts of representation, material culture, and spatial practices. The objective of this interweaving was to provide a more comprehensive understanding of the complexity of the political, socioeconomic, and cultural relationships established in the daily life of the city of Curitiba. Based on the analysis of these relationships, it was possible to observe how the city and its materiality are instrumentalized by political associations that hold economic power in Brazilian society and how they are appropriated by Afrocentric scripts in their counter-narratives, which present the memory of the black population through their urban artifacts. Intertwining these dynamics with studies of material culture, based on the historiography of design, provided the necessary experience to understand the deviant practices that produce other forms of representation of Curitiba's urban landscape.

Keywords: historical-tourist itineraries; memory of the black population; counter-narratives; representation; material culture; history of design.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa da revista <i>Ilustração Paranaense</i> , n. 12, 1929	22
Figura 2 – Vinhetas Ilustrativas da revista <i>Ilustração Paranaense</i>	22
Figura 3 – Mapa referencial teórico	46
Figura 4 – Estrutura metodológica da pesquisa	47
Figura 5 – Delimitação espacial do roteiro LP	57
Figura 6 – Representação visual do roteiro LP	59
Figura 7 – Delimitação espacial do roteiro EPH	62
Figura 8 – Representação visual (fôlder digital) do roteiro EPH	63
Figura 9 – Delimitação espacial do roteiro LT	67
Figura 10 – Representação visual do roteiro LT	68
Figura 11 – Delimitação espacial das manchas dos roteiros LP, EPH e LT	72
Figura 12 – Bairros percorridos pelos roteiros LP, EPH e LT	73
Figura 13 – Delimitação espacial da mancha dos roteiros LP e EPH	74
Figura 14 – Delimitação espacial da mancha do roteiro LT	75
Figura 15 – Delineamento do trajeto do roteiro LT	77
Figura 16 – Ônibus do roteiro LT	79
Figura 17 – Parques Tanguá	80
Figura 18 – Parques Tingui	81
Figura 19 – Conjunto de signos visuais do roteiro LT	81
Figura 20 – Centro Cívico	82
Figura 21 – Praça 19 de Dezembro	83
Figura 22 – Portal de Santa Felicidade Entrada do Bosque Alemão	84
Figura 23 – Memorial Polonês Entrada do Bosque Alemão	84
Figura 24 – Jardim Botânico Parque Tanguá	84
Figura 25 – Rua 24 Horas Ópera de Arame	85
Figura 26 – Delineamento do trajeto do roteiro LP	86
Figura 27 – Delineamento do trajeto do roteiro EPH	87
Figura 28 – Delineamento dos trajetos LP e EPH com a mancha correspondente ao Setor Histórico de Curitiba	89

Figura 29 – Gameleiras Sagradas	91
Figura 30 – Sítio arqueológico da Praça Tiradentes	91
Figura 31 – Praça Tiradentes 1934 1936	92
Figura 32 – Praça Tiradentes 1950 2000	92
Figura 33 – Placa Arcadas do Pelourinho Marcha do Orgulho Crespo	93
Figura 34 – Frames do vídeo Dona Isabel, que história é essa?	93
Figura 35 – Postal de inauguração da fonte (1996)	94
Figura 36 – Placa com informações sobre Emerenciana Cardoso Neves	94
Figura 37 – Paço da Liberdade	95
Figura 38 – Comemoração pela inauguração da Avenida João Gualberto (1913)	96
Figura 39 – Cortejo Afro	96
Figura 40 – Painéis da Praça 19 de Dezembro	97
Figura 41 – Escultura Homem Nu, na Praça 19 de Dezembro	98
Figura 42 – Esculturas da Praça 19 de Dezembro	99
Figura 43 – Conjunto de signos visuais do roteiro LP	100
Figura 44 – Sociedade Protetora dos Operários	101
Figura 45 – Benedito Marques dos Santos	101
Figura 46 – Estandarte da Sociedade 13 de Maio Vicente Moreira de Freitas	102
Figura 47 – Sede da Sociedade 13 de Maio	102
Figura 48 – Chafariz do Largo do Mercado	103
Figura 49 – Enedina nas obras da Usina Parigot de Souza	104
Figura 50 – Conjunto de signos visuais do roteiro EPH	105
Figura 51 – Ampliação da área de sobreposição dos trajetos LP, EPH e LT	107
Figura 52 – Seleção de pontos próximos e sobrepostos nos trajetos LP, EPH e LT	108
Figura 53 – Pontos sobrepostos nos trajetos LP, EPH e LT	108
Figura 54 – Placa em homenagem à comunidade afrocuritibana	110
Figura 55 – Praça Tiradentes (1913)	111

Figura 56 – LP e LT na Praça Tiradentes	111
Figura 57 – Praça Tiradentes	112
Figura 58 – Paço da Liberdade	113
Figura 59 – Escultura Água pro Morro	114
Figura 60 – Emerenciana Cardoso Neves	115
Figura 61 – Arcadas do Pelourinho	116
Figura 62 – Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito	117
Figura 63 – Entrada da Igreja do Rosário	118
Figura 64 – Paineis de azulejos da Igreja do Rosário	119
Figura 65 – Setor Histórico de Curitiba	120
Figura 66 – Aquarela <i>Coritiba</i> , de Debret (1827)	121
Figura 67 – Obras de João Pedro, conhecido como <i>O Mulato</i>	122
Figura 68 – Enedina Alves Marques Avenida Luiz Xavier	123
Figura 69 – Rua das Flores	124

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Exemplo de protocolo de sistematização de dados	43
Quadro 2 – Objetivos da pesquisa	45
Quadro 3 – Elementos constitutivos do termo roteiro turístico	48
Quadro 4 – Definições para o termo <i>afroturismo</i>	52
Quadro 5 – Minibiografia de Adegmar José da Silva e Melissa Reinehr	56
Quadro 6 – Minibiografia de Sandro Luis Fernandes	61
Quadro 7 – Descrição do projeto LT	66

LISTA DE SIGLAS

CEPAT - Centro de Promoção de Agentes de Transformação

EPH - Entre Passos e História: Percurso Afro Curitiba

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHGB - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

IMCT - Instituto Municipal Curitiba Turismo

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPPUC - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba

LP - Linha Preta

LT - Linha Turismo

SISMMAC - Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Curitiba

URBS - Urbanização de Curitiba

SUMÁRIO

1	ONDE ESTÃO AS PESSOAS NEGRAS?	16
2	PRÁTICAS COTIDIANAS NO ESPAÇO URBANO	37
2.1	Roteiros histórico-turísticos	47
3	PRÁTICAS COMUNS, EXPERIÊNCIAS PARTICULARES	55
3.1	Linha Preta	55
3.2	Entre passos e história: Percurso AfroCuritiba	60
3.3	Linha Turismo	65
4	MANCHAS E TRAJETOS	71
5	APROXIMAÇÕES E SOBREPOSIÇÕES	107
6	TÁTICAS DE REAPROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO	126
	REFERÊNCIAS	130
	APÊNDICES	150
	ANEXOS	200

1 ONDE ESTÃO AS PESSOAS NEGRAS?

A pergunta—rastilho¹ do coletivo Frente 3 de Fevereiro é o vestígio de um assombramento que me acompanhou em todo o processo desta pesquisa. O zumbido causado por essa pergunta retórica encontrou ressonância em minhas inquietações pessoais, somando-se a uma série de questionamentos que direcionam as buscas nesta dissertação. A Frente 3 de Fevereiro é um grupo de pesquisa e ação direta que, com um trabalho multidisciplinar, busca incentivar o debate sobre o racismo do Brasil, especialmente o racismo policial (Campbell, 2015).

Em suas investigações sobre as diferentes formas de ação do racismo no Brasil, o Frente 3 de Fevereiro tensiona a ideia de um país democrático. No decorrer do vídeo *Onde estão os negros?*², o coletivo apresenta uma ação na qual estende uma bandeira com essa pergunta no vão do Viaduto do Chá, localizado na cidade de São Paulo. Essa bandeira aparece em contextos diversos nas ações do coletivo: na torcida em um jogo de futebol, nas fachadas de diferentes instituições culturais e em espaços públicos da cidade (Campbell, 2015). O texto que acompanha a ação no vídeo transforma e multiplica a pergunta estampada na bandeira em uma série de questionamentos:

Pare e olhe para base.
 Nós somos um cadinho de raças?
 Nós somos uma democracia racial?
 Como pode a democracia racial aparecer
 em um país que não tem tradição
 de democracia política?
 O ideário de democracia racial não aparece
 historicamente no século 19
 para acomodar estrangeiros?
 O ideário de democracia racial traz algum
 avanço em relação à questão do negro?
 O negro está realmente em questão quando
 se fala em democracia racial?

¹ Nesta investigação, em uma aproximação e reinterpretação das binariedades, “superáveis ou não”, propostas por Édouard Glissant em *Poética da relação* (2021, p. 235), o uso do travessão como elemento gráfico de ligação entre as palavras deve ser percebido como um espaço de relação e construção de novos sentidos entre os dois polos das expressões construídas. Uma travessia de mão dupla, em que ambos os lados se influenciam mutuamente, reforçando contradições e similaridades.

² No contexto de uma pesquisa que busca interseccionar marcadores de raça, classe e gênero, entendo que se faz necessário sinalizar que o uso da expressão “Onde estão os negros?”, que nomeia a ação do coletivo Frente 3 de Fevereiro, traz um aspecto contraditório em sua busca pela visibilidade de pessoas negras ao apagar o marcador de gênero. Destacar essa questão não minimiza a relevância das ações do coletivo, apenas reforça a necessidade de estarmos atentas às diversas possibilidades de invisibilização de pessoas subalternizadas e à complexidade das opressões combinadas que moldam as dinâmicas sociais no Brasil. A ação fez parte do programa Convida, lançado pelo Instituto Moreira Salles no período da quarentena imposta pela Covid-19 (Instituto Moreira Salles, 2020).

Onde estão os negros?
 Onde está a história?
 Onde estão os negros da história?

O encadeamento de perguntas proposto pelo coletivo ajuda a mapear algumas ideias e conceitos que compõem o sistema do racismo brasileiro, uma estrutura cujas raízes estão, em parte, fundadas na história da escravização das populações indígenas e africanas, as quais foram expropriadas, sequestradas e exploradas pelo colonialismo dominante no Brasil entre os séculos XVI e XIX (Moura, 1992; Nascimento, 2021). Nesse “sistema escravagista colonial” (Moura, 1992; Nascimento, 2021), as relações de dominação e exploração produziram alguns dos grupos subalternizados que fazem parte da estrutura social brasileira. Essa subalternização está relacionada às estruturas de poder, econômico e simbólico, que buscam emudecer e ocultar a presença desses grupos em sociedades pós-coloniais (Hall, 2003; Spivak, 2010).

Outra ramificação dessa estrutura do racismo “à brasileira” (Gonzalez; Hasenbalg, 1982) está fundamentada no ideário da “democracia racial”, apresentado pelo sociólogo Gilberto Freyre³ no livro *Casa-Grande & Senzala* (1933). Em sua obra, Freyre desenvolve a ideia de democracia racial ao ressaltar as contribuições culturais de pessoas negras e indígenas em associação à “flexibilidade cultural” (Gonzalez; Hasenbalg, 1982, p. 84) do colonizador português, o que teria facilitado a miscigenação que, segundo ele, extinguiria a “heterogeneidade racial” no país (Munanga, 1999, p. 79).

Na perspectiva do sociólogo, esse “cadinho de raças” eliminaria o preconceito e a discriminação racial em um ambiente onde “pretos e brancos convivem harmoniosamente” (Nascimento, 2016, p. 35) em igualdade de “oportunidades econômicas e sociais” (Gonzalez; Hasenbalg, 1982, p. 84). Ao estabelecer as bases da democracia racial, Freyre “desloca o eixo da discussão, operando a passagem do conceito de ‘raça’ ao conceito de ‘cultura’” (Munanga, 1999, p. 78), criando a “mais formidável arma ideológica contra o negro” (Gonzalez; Hasenbalg, 1982, p. 84).

O abrandamento de um processo historicamente violento, materializado nas marcas deixadas nos corpos e espíritos de pessoas negras e indígenas, é uma tentativa de pacificar resistências e dissimular desigualdades inerentes às relações, nas quais “um dos elementos detém todo o poder, em todos os níveis político-econômico-sociais: o branco” (Nascimento, 2016, p. 40). Compreender o “branco” como uma categoria analítica, ancorada em teorias raciais que o destacam como

³ Gilberto Freyre (1900-1987) foi sociólogo, historiador e ensaísta brasileiro. Em suas obras, aborda a história, a cultura e a sociedade brasileira com enfoque nas relações entre indígenas, africanos e europeus (Frazão, 2021b).

elemento universalizante que ocupa posições privilegiadas nas hierarquias de poder e se movimenta sem olhar para si mesmo como parte ativa no sistema do racismo, colabora para o entendimento das políticas de branqueamento implementadas no Brasil em diferentes momentos de sua história (Bento, 2022; Gonzalez; Hasenbalg, 1982; Nascimento, 2016).

Entendo *políticas de branqueamento* como um conjunto de práticas e ideologias que permeiam a história brasileira desde o início, com a colonização, quando as populações indígenas e negras ficaram sob o jugo da escravização imposta pelos portugueses, que as classificavam como “selvagens” (Gonzalez, 2020, p. 117) e “inferiores” (Moura, 1992, p. 34), passíveis de serem objetificadas e usadas como mão de obra (Gonzalez; Hasenbalg, 1982; Moura, 1992). São políticas que exaltam os processos de miscigenação e aculturação no sentido da homogeneização, sustentadas pelo “mito da democracia racial” (Gonzalez, 2020, p. 27; Munanga, 1999, p. 80) e pela busca do “tipo racial brasileiro” (Cardoso, 2022, p. 248), idealizado durante o período do governo ditatorial de Getúlio Vargas⁴ no Estado Novo (Cardoso, 2022). Nesse processo de diluição, podemos identificar o desejo de eliminar a população preta do país em benefício de uma concepção de raça associada à discriminação, fundamentada na crença da superioridade da população branca.

A ideia de raça, acionada implícita ou explicitamente nas políticas de branqueamento no Brasil, baseia-se em um ideário positivo-evolucionista que oscila entre a vontade de aderir a modelos deterministas, como o darwinismo social, que justificavam a hierarquização social vivida durante o período da escravatura e que eram contrários ao cruzamento racial, e a necessidade de adaptação a um modelo, como o evolucionismo social, integrado a um projeto de país que contemple o contingente de uma população miscigenada (Schwarcz, 1993). Nesse paradoxo, a mestiçagem desempenha um duplo papel e atua tanto como possibilidade de futuro quanto como fator de atraso, revelando a complexidade da questão racial brasileira.

Compreendo, com a leitura das obras das pesquisadoras Lélia Gonzalez (2020) e Sueli Carneiro (2023) e do pesquisador Stuart Hall (2015, 2022), que *raça* é um conceito classificatório, discursivo, construído social e culturalmente, e que *racismo* é um conjunto de práticas que se materializam nos diferentes processos de discriminação racial. Ambos, raça e racismo, são produzidos em momentos culturais e históricos específicos e moldados pelas lutas políticas de diversos movimentos sociais.

⁴ Getúlio Vargas (1882-1954) foi presidente do Brasil durante 19 anos. Foi o primeiro ditador brasileiro, e mais tarde elegeu-se presidente pelo voto popular. No período de 1937-1945, instituiu o Estado Novo, governo autoritário que marcou a centralização do poder, a censura à imprensa e a repressão a opositores, visando modernizar e controlar o Brasil. Implementou políticas nacionalistas e trabalhistas, consolidando o Poder Executivo (Frazão, 2021a).

Essa breve contextualização sobre a instrumentalização histórica e política de conceitos como *raça* e *miscigenação* ajuda a entender como o racismo foi, e ainda é, produzido no Brasil. A sequência de perguntas apresentada pelo coletivo Frente 3 de Fevereiro conduziu um mapeamento inicial de um dos espaços onde a população negra se faz presente na histografia brasileira. É importante ressaltar que a presença negra no país não está fixada a uma narrativa de inferiorização e sofrimento; ela é múltipla e complexa e faz parte da diversidade socioeconômica e cultural brasileira.

Para esta dissertação, compreender a estrutura das políticas raciais brasileiras, além de localizar a população negra nas narrativas históricas, hegemônicas e contra-hegemônicas, auxilia na localização do objeto de estudo em seu contexto histórico e geográfico específico. Essa busca, tanto material quanto simbólica, pela presença de pessoas negras na história me reaproximou do lugar de minha origem: a cidade de Curitiba. Na capital do estado do Paraná, os roteiros histórico-turísticos Linha Preta (LP) e Entre Passos e História: Percurso Afro Curitiba (EPH) representam as iniciativas afrocentradas que, juntamente com o roteiro Linha Turismo (LT), da Prefeitura de Curitiba, formam o conjunto de casos analisados nesta pesquisa.

A fundamentação histórica apresentada nos próximos parágrafos foi elaborada para as primeiras aproximações com o tema desta dissertação e faz parte dos artigos *Linha Preta: um roteiro afrocuritibano para a produção do espaço da cidade*, publicado nos anais do 15º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, e *Patrimônio e memória nas linhas histórico-turísticas afrocentradas da cidade de Curitiba*, a ser publicado nos anais da XVIII Semana de Urbanismo da Universidade do Estado da Bahia (Uneb) e Seminário de Urbanismo na Bahia da Universidade Federal da Bahia (UFBA)⁵.

Os registros históricos oficiais sobre a formação do Estado do Paraná e da cidade de Curitiba vinculam as características da população e dos espaços urbanos à presença de populações predominantemente europeias desde meados do século XIX. Isso se deve ao projeto de desenvolvimento da região, principalmente após a emancipação da província do Paraná, em 1853, que visava preencher áreas tidas como vazios demográficos pelas autoridades, desconsiderando a presença de povos originários e de comunidades locais (Mendonça, 2016). A chegada das populações europeias foi então associada ao desenvolvimento da província, influenciando o imaginário local e as “práticas pelas quais se definiam e se implementavam as políticas públicas” (Mendonça, 2016, p. 223).

A construção dessa identidade regional remonta às políticas eugenistas

⁵ Artigo completo: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/cadernoppgd/article/view/16472>. Cadernoderesumos: <https://sites.google.com/view/xviii-semur-urbba24/caderno-de-resumos?authuser=0>

de branqueamento apresentadas no início do capítulo. Segundo a historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz (1993), essas políticas ganharam força com a criação e o fortalecimento de centros de ensino como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Do mesmo modo que os demais institutos históricos, o IHGB desempenhava o papel de “construir uma história da nação, recriar um passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscando homogeneidades em personagens e eventos até então dispersos” (Schwarcz, 1993, p. 99).

Nesse processo, elementos do passado são destacados ou omitidos, moldando as dinâmicas de produção da história. Assim como as tradições inventadas⁶, as narrativas fundadoras (Hall, 2022) criadas para explicar e legitimar essas dinâmicas servem como alicerces para a construção da identidade cultural (Hall, 2022) e histórica das cidades. Tais narrativas fornecem uma base para a compreensão de valores, crenças e práticas sociais da sociedade em que estão inseridas, aplicando-se tanto ao projeto de uma nação quanto ao de uma região ou cidade.

No caso do Estado do Paraná e da cidade de Curitiba, isso fica evidente em narrativas que enaltecem pessoas e símbolos da cultura local, como as do Movimento Paranista. O termo *paranismo*, de autoria de Romário Martins⁷, foi utilizado para “designar os que nutriam amor pelo Paraná e estavam dispostos, através do discurso, a louvá-lo e reconhecerem nele um lugar onde a população teria as perfeitas condições para se desenvolver como civilização” (Iurkiv, 2002, p. 131). As raízes desse pensamento regionalista estão nos ideais positivistas⁸, centrados nas ideias de progresso e ciência do final da Monarquia e início da República no Brasil (Pereira, 1996).

O Movimento Paranista teve início após a emancipação política do estado e ganhou popularidade no final da década de 1920 (Iurkiv, 2002). Formado por políticos, artistas e intelectuais, como Romário Martins e João Turin⁹, o movimento caracterizou-se

⁶ Por *tradição inventada*, entende-se o conjunto de práticas geralmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas de caráter ritual ou simbólico, que busca fixar determinados valores e normas de comportamento através da repetição (Hobsbawm; Ranger, 2008). Nesse contexto, as tradições, inclusive as inventadas, têm por objetivo e característica a invariabilidade. “O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição” (Hobsbawm; Ranger, 2008, p. 10).

⁷ Alfredo Romário Martins (1876-1948), conhecido popularmente por Romário Martins, foi jornalista, historiador autodidata e político paranaense (Batistella, 2012, p. 2). Participou ativamente do Movimento Paranista, elaborando seu manifesto e engajando-se na construção de uma identidade regional.

⁸ Em referência à corrente filosófica francesa do início do século XIX que defendia o progresso e a ciência como “único guia da vida individual e social do homem, único conhecimento, única moral, única religião possível” (Abbagnano, 2007, p. 787). Sua principal referência é o autor francês Augusto Comte (1798-1857).

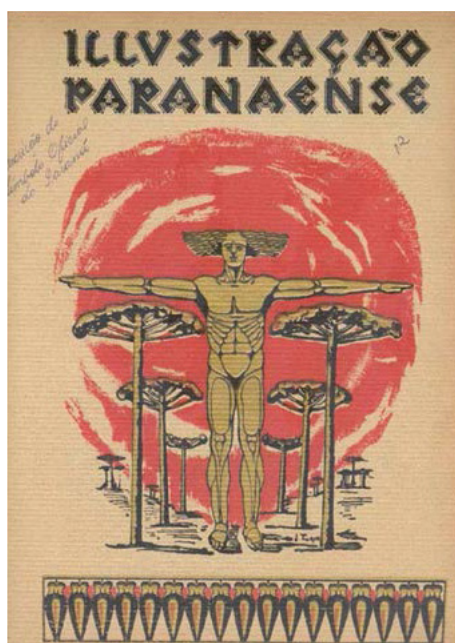
⁹ João Turin (1878-1949), filho de imigrantes italianos, foi escultor reconhecido por suas obras em bronze. É considerado um dos responsáveis pelo “estilo paranista de ornamentação arquitetônica, baseado na estilização do pinheiro e de outros elementos da fauna e da flora paranaenses, concretizado em capitéis, ânforas, floreiras e outros objetos utilitários” (Leite, 2025).

por destacar a importância da imigração europeia na constituição da população paranaense, pela busca de elementos que simbolizassem o estado, como os pinheiros (a pinha e o pinhão), e por romantizar o papel da população indígena (Batistella, 2012; Iurkiv, 2002; Mendonça, 2016). Esse processo de romantização é uma característica presente na literatura e nas artes plásticas do período romântico¹⁰ brasileiro, que possibilitou a valorização do que era particular, além de “destacar certa memória, reconhecer uma cultura e criar um ambiente favorável à nova nacionalidade” (Schwarcz; Starling, 2015, l. 6760). Como parte da tentativa de homogeneização do país, buscou-se “‘esquecer’ a escravidão e idealizar os indígenas, os quais, dizimados sistematicamente nas florestas, reapareciam em romances e pinturas oficiais ou semioficiais” (Schwarcz; Starling, 2015, l. 6747).

Alguns dos elementos fundadores da construção simbólica da identidade paranaense podem ser visualizados na capa da revista *Ilustração Paranaense* (Figura 1). A publicação, criada em 1927 pelo cineasta, fotógrafo e jornalista João Baptista Groff, teve suas capas ilustradas por João Turin no período de 1927 a 1930 (Salturi, 2014). A revista também contava com a participação de Romário Martins, que tinha espaço nas primeiras páginas, em que escrevia sobre mitos e lendas indígenas; ele também produzia textos para um suplemento, no qual demonstrava a “importância social, econômica e cultural do pinheiro” para o estado. Os “objetos culturalmente codificados” (Batista; Corrêa, 2014, p. 9) — o homem paranaense, os pinheirais e o pinhão — estão representados na imagem da capa, nos desenhos das vinhetas (Figura 2) e nas fotografias das páginas internas, que representam e reforçam as ideias do Movimento Paranista em um veículo de circulação relevante no período (Salturi, 2014).

¹⁰ Segundo as historiadoras Schwarcz e Starling (2015, l. 6853), no Brasil “o romantismo não foi apenas um projeto estético, mas antes um movimento cultural e político, profundamente ligado ao nacionalismo, ao desejo de independência cultural e à monarquia”.

Figura 1 - Capa da revista *Ilustração Paranaense*, n. 12, 1929



FONTE: Batista; Corrêa (2014, p. 6).

Figura 2 – Vinhetas ilustrativas da revista *Ilustração Paranaense*



FONTE: Salturi (2014, p. 137).

Além do Movimento Paranista, publicações de dois intelectuais paranaenses tiveram relevância na construção da narrativa sobre a formação histórica e na constituição da identidade do povo paranaense¹¹: os livros *Presença do Brasil* (1960),

¹¹ A noção de identidade regional acionada nesta investigação refere-se ao conceito de "tradição inventada" (Hobsbawm e Ranger, 2008), com o objetivo de relacionar essa construção simbólica a uma tradição que necessita da repetição contínua para cimentar seus valores e crenças, em detrimento da possibilidade de outras narrativas que constituem os espaços de representação.

de Bento Munhoz da Rocha Neto¹², e *Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná* (1955)¹³, de Wilson Martins¹⁴.

Em *Presença do Brasil*, o professor e político Bento Munhoz da Rocha Neto valoriza a presença europeia e branca, evidenciando a imagem do Paraná como “a mancha loira do sul do país” (Weber, 2024, p. 3). De acordo com Weber (2024), o autor defende, em sua análise sobre o processo de formação da população paranaense, que seus critérios seriam culturais, mesmo utilizando a raça para “categorizar o argumento pela cor” (Weber, 2024, p. 4).

Na obra *Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*, concebido no período que marca a celebração oficial do centenário da emancipação do Paraná, em 1953, durante a gestão de Bento Munhoz da Rocha Neto (Weber, 2024), Wilson Martins explora uma possível singularidade da identidade paranaense em relação à identidade nacional proposta por Gilberto Freyre (Romanovski, 2019; Weber, 2024). A singularidade explicitada por Martins reside no fato de que a formação sociocultural do estado não teria “os principais elementos definidores da sua identidade (brasileira): a presença do negro, do português e do índio” (Romanovski, 2019, p. 288). Nesse “Brasil diferente” de Martins, a brasilidade é branca, assentada em um projeto desenvolvimentista e de modernização que exclui dessa concepção de estado a participação de populações subalternizadas, como a indígena e a negra, tanto na época quanto no futuro (Gonzalez, 2020; Romanovski, 2019).

O livro de Wilson Martins, embora planejado como parte do ideário modernista nacional, ficou circunscrito à produção local e é frequentemente associado ao Movimento Paranista. Isso porque seus principais argumentos reforçam aspectos centrais do movimento, como “a ausência da escravatura no Paraná” e “o Paraná como um estado branco” (Romanovski, 2019, p. 292, 294).

Ambos os autores, Rocha Neto e Martins, fundamentaram suas obras em um “misto de elogio e contraposição” (Weber, 2024, p. 12) à ideia de miscigenação proposta por Gilberto Freyre. Para esses intelectuais paranaenses, a miscigenação na “mancha loira do sul do país” ocorreria entre populações brancas provenientes

¹² Bento Munhoz da Rocha Neto (1905-1973) foi professor catedrático na Universidade do Paraná (atualmente Universidade Federal do Paraná - UFPR), ocupando a cadeira de História da América. Ligado às elites políticas tradicionais do Paraná, foi considerado intelectual, escritor e sociólogo em seu tempo. Teve destaque na carreira política, tendo servido como deputado federal, governador do Paraná (1951-1955) e ministro da Agricultura (1955) (Romanovski, 2019; Weber, 2024).

¹³ Publicado em 1955 e dedicado a Bento Munhoz da Rocha Netto, o livro foi reeditado em 1989 (Weber, 2024).

¹⁴ Wilson Martins (1921-2010), nascido em São Paulo e radicado em Curitiba, foi crítico literário, tradutor, professor catedrático na área da Literatura na UFPR. Nos anos de 1943 e 1944, ocupou o cargo de oficial de gabinete de Manoel Ribas. Posteriormente, aproximou-se da corrente política liderada por Bento Munhoz da Rocha Neto (Weber, 2024).

de diferentes países da Europa e, combinada à ausência de portugueses e à inexistência da escravidão, formaria a estrutura sociocultural do Paraná (Romanovski, 2019; Weber, 2024).

É importante ressaltar que a intelectualidade paranaense, representada pelos membros do Movimento Paranista e por Bento Munhoz da Rocha Neto e Wilson Martins, teve relação estreita com as classes dominantes no estado (Romanovski, 2019; Weber, 2024). Essa relação com o poder governamental se apropriou das narrativas que destacam a participação da população branca no desenvolvimento da província paranaense, disseminando-as por meio de material didático, monumentos e eventos comemorativos¹⁵. De acordo com Mendonça (2016), esses artefatos são registros do processo de invisibilização, que omite a presença e a contribuição de pessoas escravizadas e seus descendentes na história do estado e da cidade de Curitiba.

Influenciados pelas teorias raciais, eugenistas e racistas do final do século XIX e início do século XX, o Movimento Paranista e as obras de Bento Munhoz da Rocha Neto e Wilson Martins consolidaram uma construção histórica que oculta o papel de populações subalternizadas no processo da formação econômica, social e cultural do estado.

Em meados da década de 1960, pessoas da comunidade de pesquisa historiográfica paranaense passaram a ressaltar, em suas produções acadêmicas, a relevância da recuperação da memória do período da escravidão e da participação de povos africanos e seus descendentes na constituição do estado do Paraná. Essas pesquisas adotaram diferentes recortes historiográficos, evidenciando o papel demográfico, econômico e cultural dos afrodescendentes na região. Segundo a pesquisadora Joseli Maria Nunes Mendonça (2016), iniciativas de História Pública¹⁶ têm reconfigurado a identidade regional, ressaltando o período da escravidão e

¹⁵ O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) adotava uma abordagem comemorativa na construção da história nacional, como ressalta Lília Schwarcz (1993, p. 104): “Fazer história da pátria era, antes de tudo, um exercício de exaltação”, que se concretizava em “uma prática efetiva de produção de monumentos, medalhas, hinos, lemas, símbolos e uniformes próprios ao estabelecimento” (Schwarcz, 1993, p. 104). No Paraná, Romário Martins foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense, em 1900, bem como principal idealizador do Centro Paranista, fundado em 1927. Sua obra *História do Paraná* (1899) foi utilizada como material didático nas escolas paranaenses; a última atualização data de 1995, pela coleção Farol do Saber (Iurkiv, 2002).

¹⁶ O conceito de História Pública pode apresentar diferentes significados, dependendo do país e do pesquisador que a ele se refere. De maneira ampla, pode ser tratado como um ou diversos meios de apresentar a história produzida em uma formação acadêmica tradicional, de forma acessível ao maior número de pessoas. Segundo Albieri (2011, p. 21), “é como se a historiografia acadêmica [...] vazasse por muitos poros, e formasse uma intrincada rede de vasos comunicantes que sustenta e alimenta a visão comum do que é a história”. Essa divulgação ampliada do conteúdo historiográfico está imbricada em uma postura crítica dos historiadores sobre a construção social e política do passado, bem como suas formas de representação. O livro *Presença negra em Curitiba* (Baracho; Sutil, 2020) reúne artigos acadêmicos que dialogam diretamente com os fundamentos da História Pública.

a relevância da memória da presença africana, contribuindo para uma visão mais inclusiva da história local.

Mesmo com esses esforços para incluir a população negra na historiografia do estado e da cidade de Curitiba, a repetida divulgação de uma identidade regional promovida oficialmente ainda é fortemente associada à imigração europeia. Essa identidade é reiterada na comunicação oficial, em eventos festivos e em monumentos como o Memorial Paranista, inaugurado em 2021¹⁷. A narrativa institucionalizada pelos governos municipal e estadual encontra ressonância nesse conjunto de práticas, simbólicas e materiais, que continua a influenciar visitantes e habitantes locais.

Como podemos observar, as “políticas de branqueamento” têm ramificações por todo o Estado brasileiro e, no caso do Paraná e da cidade de Curitiba, concentram-se na exaltação da população branca. Isso ocorre com a valorização de diversas etnias do continente europeu e também com a invisibilização das populações negra e indígena na historiografia do estado.

A busca por essa presença—ausente moldou meu olhar sobre a cidade, e minha inserção nesse lugar trouxe diferentes inquietações para a pesquisa. Onde estou nesse lugar? Nessa “localização inescapável” (Glissant; Obrist, 2023, p. 14), Curitiba se apresenta como um lugar de não pertencimento. Como mulher, afro-descendente, designer e moradora de um bairro periférico, experimentei e observei o conjunto de agressões cotidianas do racismo que, de forma sistemática, fundamenta e “legitima a produção de privilégios simbólicos e materiais” (Carneiro, 2023, p. 21) em “sociedades multirraciais de origem colonial” (Carneiro, 2023, p. 20), a exemplo da sociedade brasileira. Minha pele clara não me blindou dos efeitos do olhar desse “Outro branco” (hooks, 2019, p. 249) e hegemônico, que insiste em estranhar os desenhos do meu corpo e cabelos, classificando-os como “exóticos”. Minha vivência, pessoal e familiar, foi marcada por um olhar que busca reconhecer nas ruas da cidade o movimento de outros corpos e histórias. Um querer nublado pela repetição monótona de um único passado—presente.

A mobilização causada por essa inquietação sobre lugar e pertencimento direcionou minha atenção aos movimentos de coletivos que se apropriam do espaço urbano para apresentar a memória da população negra na produção das cidades. O coletivo Cartografia Negra¹⁸ foi meu primeiro contato com o que se tornou meu

¹⁷ O espaço cultural está localizado no Parque São Lourenço e conta com um memorial em homenagem ao escultor paranaense João Turin, um dos fundadores do Movimento Paranista (J. Turin, 2025).

¹⁸ Formado pelos educadores e pesquisadores Carolina Piai Vieira, Raissa Albano de Oliveira e Pedro Alves, o coletivo Cartografia Negra realiza a Volta Negra, uma caminhada aberta na qual são compartilhados registros sobre as vivências da população negra nos séculos XVIII e XIX na região central da cidade de São Paulo. O trabalho é fruto de uma pesquisa que o grupo desenvolve desde

objeto de estudo: os roteiros histórico-turísticos afrocentrados. Estruturados por pessoas distribuídas em diferentes tipos de associações e cidades, os roteiros têm como objetivo mapear e apresentar lugares, narrativas históricas e memórias da população negra que fazem parte do espaço urbano.

A reivindicação dessa memória evidencia a assimetria nas relações de poder que circundam disputas de narrativas sobre a história das cidades no país. Considerando a população brasileira, dentre os grupos marginalizados encontram-se pessoas pretas e pardas, que representam 55,5% do total da população. Contudo, o papel de sua presença na construção da memória das cidades continua sub-representado na historiografia oficial do país (Berth, 2023).

Na última década, iniciativas voltadas para o conhecimento e a vivência de uma história afrocentrada das cidades brasileiras proliferaram pelo país¹⁹. Essa busca por reconhecimento e valorização da memória de pessoas negras no processo de construção do Brasil está assentada na trajetória de luta e resistência dos movimentos negros, um movimento heterogêneo, composto por indivíduos e coletivos com formações sociais, culturais, políticas e econômicas diversas, tendo a luta antirracista como ponto de convergência. A prática do antirracismo está presente no engajamento contra a desigualdade e a violência sistêmica (Gonzalez, 2020) em todas as suas formas, bem como na busca por reparação histórica (Alves, 2024).

No âmbito deste estudo, interessa observar propostas e mobilizações das diferentes instituições e personagens do movimento negro pelo reconhecimento público do papel histórico da população negra na formação da sociedade brasileira (Alves, 2024). Como destaca Alves (2024) no artigo *A trajetória antirracista pela lente da memória negra*, essa mobilização conta com marcos históricos importantes, como a imprensa negra, atuante desde o período pré-abolição; o Teatro Experimental do Negro, na década de 1970; a Quinzena do Negro, evento realizado na Universidade de São Paulo (USP) em 1977; e a fundação do Movimento Negro Unificado (MNU), em 1978.

Existem, ainda, dispositivos jurídicos como a Constituição de 1988, que, no artigo 216, amplia a definição de patrimônio cultural e inclui a preservação de documentos e lugares relativos aos quilombos, reconhecendo a “importância da memória religiosa afro-brasileira” (Alves, 2024). Outros dispositivos são a Lei n. 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira, e a Lei n. 12.711/2012, que estabelece o direito às cotas de acesso ao ensino superior para

2017 sobre esses espaços e narrativas (Cartografia Negra, 2025; Instituto Moreira Salles, 2025).

¹⁹ Segundo dados da plataforma de afroturismo Guia Negro (2025), existem roteiros históricos afrocentrados na maioria das capitais brasileiras, como os indicados no perfil do Instagram da plataforma: <https://www.instagram.com/p/DKzhN6fRAzw/>

a população negra. Além de salvaguardar e reconhecer o direito de preservação da memória, esses dispositivos ampliaram o acesso de pessoas negras às instituições de ensino e diversificaram os interesses no ambiente acadêmico, abrindo espaço para pesquisas em diversas áreas com foco na perspectiva racial.

Em paralelo, outras ações foram realizadas, como a abertura do Museu Afro Brasil Emanuel Araújo²⁰ (2004), em São Paulo; a inauguração do monumento em homenagem a Zumbi dos Palmares²¹ (2008), em Salvador; a abertura do Museu do Percurso do Negro²² (2011), em Porto Alegre; e a inserção do Sítio Arqueológico do Cais do Valongo²³, no Rio de Janeiro, como Patrimônio Mundial da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura - Unesco (2017). Essas ações se constituem em marcos importantes para a articulação de algumas práticas espaciais (Silva, 2022) que produzem e deslocam outros centros narrativos, em contraste com narrativas oficiais da historiografia brasileira.

Os coletivos²⁴ e as organizações que surgiram com a proposta de valorizar a memória negra têm como ponto em comum o uso das contranarrativas de populações marginalizadas na produção de memórias urbanas, além da prática da caminhada como forma de circulação e apropriação dos espaços sociais das cidades. A noção de contranarrativa é acionada neste estudo como uma perspectiva de contraste entre a narrativa homogeneizada pela institucionalização da história e a possibilidade de outras formas de produzir a memória das cidades com base em práticas espaciais, saberes e estéticas muitas vezes silenciados e oprimidos pelas narrativas oficiais (Hall, 2003, 2022; hooks, 2019). A produção de contranarrativas evidencia os tensionamentos e as disputas que problematizam a questão das identidades culturais a partir de sua relação direta com a produção das diferenças (Hall, 2022; Silva, 2014).

²⁰ O Museu Afro Brasil Emanuel Araújo é uma instituição da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, gerida pela Associação Museu Afro Brasil – Organização Social de Cultura. Fundado em 2004 com a coleção pessoal do artista, curador e museólogo Emanuel Araújo, está situado no Parque do Ibirapuera (Museu Afro Brasil, 2025).

²¹ Zumbi dos Palmares foi o líder da resistência negra do Quilombo dos Palmares, localizado ao sul da Capitania de Pernambuco, na Serra da Barriga, região do atual Estado de Alagoas (Frazão, 2019).

²² O Museu de Percurso do Negro é um projeto que visibiliza a comunidade afrobrasileira com a instalação de obras de arte em espaços públicos da cidade. O percurso visual evoca a presença, a memória e o protagonismo social e cultural dos africanos e descendentes no Centro Histórico da cidade de Porto Alegre (Museu de Percurso do Negro..., 2025).

²³ O Cais do Valongo é um sítio arqueológico alçado a patrimônio cultural da cidade do Rio de Janeiro, por meio do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH), e a Patrimônio Mundial pela Unesco. Pelo seu porto, passaram aproximadamente um milhão de africanos escravizados em cerca de 40 anos, o que o tornou o maior porto receptor de escravizados do mundo (Rio Memórias, 2025).

²⁴ Existem associações e coletivos em diversas regiões do país, e alguns deles estão mapeados na reportagem de Marcelle Souza (Souza, 2020).

Ao mobilizar a memória da presença de pessoas negras como parte ativa na produção dos espaços urbanos (Lefebvre, 2006; Santos, 1978), essas organizações coletivas, de forma consciente ou não, ressaltam as relações de poder materializadas no patrimônio edificado das cidades. No contexto desta pesquisa, a *produção do espaço urbano* é entendida como o espaço produzido pelas práticas sociais e pela ação do tempo histórico (Lefebvre, 2006; Santos, 1978), atravessado por confrontos e relações de poder. Como lugares de memória²⁵ (Nora, 1993), esses bens culturais, em boa parte administrados e “zelados” pelo Estado, por suas características de unicidade e por serem “depositários de uma memória que aponta para a identidade nacional” (Oliveira, 2009, p. 81), fazem parte do conjunto de artefatos urbanos articulados pelas iniciativas, governamentais e não governamentais, na produção de narrativas que contam as histórias das cidades.

As organizações com foco na memória afrocentrada, além de se apropriarem do patrimônio de “pedra e cal”²⁶, destacam práticas cotidianas (como rodas de samba), lugares (como a rua Engenheiros Rebouças em Curitiba) e elementos naturais (como árvores²⁷) que fazem parte de rituais e expressões do sagrado das religiões de matriz africana (Silva, 2022). Esses coletivos são integrantes das práticas urbanas que, com o uso da materialidade dos artefatos urbanos, articulam e contrapõem as narrativas sobre a história e a memória das cidades, produzindo sua paisagem urbana.

Nesse contexto, entendo por *artefato urbano* o conjunto de elementos inseridos na cadeia de produção, circulação e consumo de massa, segundo a ideia de artefato presente nos estudos sobre cultura material do antropólogo Daniel Miller (1987). Os artefatos urbanos têm agência, não são neutros ou passivos e mobilizam as práticas cotidianas (Certeau, 2014) observadas nesta investigação. Como processo de consumo, essas apropriações podem ser acionadas como “movimento pelo qual a sociedade se reapropria de sua própria forma externa... ou seja, assimila sua própria cultura e a utiliza para se desenvolver como sujeito social” (Miller, 1987, p. 17).

Como estrutura que agrega os artefatos urbanos, a paisagem é o meio onde a coexistência de momentos históricos diferentes possibilita articulações de práticas espaciais diversas e suas ações de apropriações do espaço urbano (Santos, 2012).

²⁵ Lugares de memória são espaços físicos e simbólicos que, imbuídos de significado histórico e cultural, assumem a função de preservar, representar e transmitir a memória de um grupo ou nação (Nora, 1993).

²⁶ Expressão usada para qualificar o patrimônio edificado com ênfase nas “dimensões artísticas ou arquitetônicas clássicas das produções culturais” (Cavalcanti, 2019, p. 54).

²⁷ Em Curitiba, os roteiros afrocentrados Linha Preta e Entre Passos e História: Percurso Afro Curitiba têm como ponto, em seus percursos, as Gameleiras Sagradas da Praça Tiradentes. Importantes para as religiões de matriz africana, as cinco árvores estão localizadas na mesma praça, onde se encontra o marco zero da cidade (Dia do Caboclo..., 2023).

Em suas análises sobre o conceito de paisagem do geógrafo Daniel Cosgrove, Corrêa (2011) localiza o termo como um “agente ativo” que “produz e reproduz” a cultura, em uma “ação prática” que envolve a “apropriação e o controle do espaço”. Devido ao “caráter multidimensional”, a paisagem pode ser considerada um “mapa, teatro, espetáculo e texto” (Corrêa, 2011, p. 13).

Nessa abordagem, a paisagem é inscrita na “perspectiva dos significados”, e a imaginação ocupa um espaço relevante, “não sendo nem um produto dos sentidos nem do intelecto, mas de uma relação entre ambos” (Corrêa, 2011, p. 13). A análise da paisagem é “um método para se entender o mundo e as sociedades” e uma síntese na qual “ideologia, representação e cultura” se “fundem e se confundem” (Name, 2010, p. 177). Como intertexto, o espaço da paisagem é “ao mesmo tempo produzido, contemplado, interpretado e muitas vezes consumido, necessariamente precisando da interação com um ou mais sujeitos individuais ou coletivos para sua existência” (Name, 2010, p. 178).

Nas pesquisas da cultura material, os estudos sobre artefatos são uma ferramenta de análise importante em diversas áreas do design e especificamente de sua historiografia (Braga et al., 2023). Essa ancoragem “proporciona uma compreensão mais profunda dos artefatos, espaços e suas interações com a sociedade, da identidade e relações sociais” (Braga et al., 2023, p. 22). A noção de ancoragem proposta para a leitura desta pesquisa trata dos diversos modos pelos quais os significados são fixados nas mediações entre códigos linguísticos, convenções sociais e práticas culturais que produzem representações (Hall, 2016).

Além disso, a ancoragem nas pesquisas da cultura material traz novas camadas de significado e pode enriquecer a compreensão do contexto histórico, das influências culturais e das práticas de design ao longo do tempo (Cardoso, 2000; Kaizer, 2024; Miller, 2007). A correlação entre materialidade dos artefatos e subjetividade da produção da memória é acionada nesta pesquisa com o objetivo de localizar narrativas que mobilizam as disputas entre instituições e grupos marginalizados²⁸ em torno da memória do espaço urbano.

Observar os entrelaçamentos sociais e políticos da perspectiva da cultura material nos ajuda a compreender a complexidade dos processos de produção da história e da memória do espaço urbano. Suas dinâmicas — resultado da intersecção das práticas cotidianas (Certeau, 2014), individuais e coletivas, íntimas e sociais — mobilizam tensões e colocam em relação narrativas diversas, muitas vezes

²⁸ Entende-se por grupos marginalizados a população negra, indígena, cigana, LGBTQIAPN+ e demais pessoas “à margem da produção de capital que direciona estruturas urbanas” (Amparo, 2020, p. 93).

contrastantes, sobre a formação das cidades no país.

A narrativa hegemônica sobre a história de Curitiba tem como suporte a repetição contínua de um “mito fundacional” (Hall, 2022, p. 33), respaldado pelas políticas de imigração do início do século XX e por valores e práticas que buscam fixar uma identidade para o lugar (Hall, 2022; Hobsbawn; Ranger, 2008), juntamente com gestões governamentais que, com modelos e estratégias de planejamento urbano, têm se esforçado para caracterizar a cidade com diferentes nomenclaturas. Ao longo de sua história, Curitiba recebeu inúmeras alcunhas, como Capital Ecológica, Cidade Sustentável, Capital da Inovação e recentemente *Smart City*²⁹.

Essa busca demonstra as tentativas de instituições governamentais e grupos sociais que detêm o poder político e econômico de controlar como o lugar é percebido ou representado (Hall, 2016). O conceito de representação do sociólogo e teórico cultural Stuart Hall³⁰ (2016, 2022) é parte da fundamentação teórica que estrutura esta pesquisa. De acordo com Hall (2010, p. 479), representação é o “processo pelo qual os membros de uma cultura usam a linguagem [...] para produzir sentido”. Nessa perspectiva, a produção de sentido é uma “prática significante” do “trabalho da representação” (Hall, 2016, p. 54), com a representação abordada de acordo com a “teoria construtivista, que propõe uma relação complexa e mediada entre as coisas no mundo, os conceitos em nosso pensamento e a linguagem”³¹ (Hall, 2016, p. 65). Dessa maneira, a representação “conecta sentido e linguagem à cultura” (Hall, 2016, p. 31), uma vez que é parte importante das construções sociais moldadas por relações de poder e identidade de diferentes grupos da sociedade.

Outro elemento central na produção teórica de Hall é a concepção de cultura. Na leitura de *Cultura e representação* (Hall, 2016), podemos inferir que, para o autor,

²⁹ A denominação de Capital Ecológica aconteceu devido a várias iniciativas que destacaram a cidade em termos de sustentabilidade e gestão ambiental. Entre as políticas públicas implementadas, destacam-se os programas de reciclagem de resíduos e a preservação de áreas verdes, iniciados ainda na década de 1980. O título de Cidade Sustentável foi conferido a Curitiba em 2022, com a divulgação da lista de cidades da revista canadense *Corporate Knights*. Em 2023, a cidade recebeu os títulos de Capital da Inovação e *Smart City*, concedidos, respectivamente, pela Associação Nacional das Cidades Inteligentes, Tecnológicas e Inovadoras (Anciti) e pelo World Smart City Awards (Curitiba passa de cidade ecológica..., 2021; Prefeitura de Curitiba, 2022, 2025a).

³⁰ Stuart Hall (1932-2014) foi teórico cultural e ativista político jamaicano radicado no Reino Unido. Foi diretor e um dos fundadores do Birmingham Center for Cultural Studies e professor de Sociologia na Open University. Com o ponto de vista do “deslocamento”, Hall influenciou os debates sobre identidade, raça e gênero e fez contribuições significativas para os estudos da cultura e dos meios de comunicação (Geledés, 2025; Stuart Hall Foundation, 2025).

³¹ Para Hall, “as coisas no mundo” se referem a “pessoas, objetos e eventos, reais e ficcionais” (Hall, 2016, p. 36); os “conceitos”, em conjunto com as “imagens e ideias”, se referem aos “mapas conceituais” que formamos em nosso pensamento e nos permitem “sentir, refletir e, portanto, interpretar o mundo de forma semelhante” (Hall, 2016, p. 23, 34); e a “linguagem” como “meio privilegiado pelo qual ‘damos sentido’ às coisas, onde o significado é produzido e intercaracterizado” (Hall, 2016, p. 17).

a ideia de cultura refere-se ao “conjunto de práticas” que produz “significados” construídos pelo “trabalho da representação” e “compartilhados” entre as pessoas que compõem “um grupo ou sociedade” (Hall, 2016, p. 17, 20). Dessa forma, somos nós, participantes de determinada cultura, que damos sentido a pessoas, objetos e acontecimentos pela maneira “como as integramos em nossas práticas cotidianas” e estabelecemos os “significados culturais” que as “organizam e regulam” (Hall, 2016, p. 20-21). As articulações teóricas propostas por Hall para compreender as dinâmicas do trabalho da representação nos conduzem a outro conceito importante para a compreensão deste estudo: a identidade cultural (Hall, 2016, 2022).

A ideia de identidade cultural está relacionada aos “aspectos de nossas identidades que surgem do nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (Hall, 2022, p. 9). Também está vinculada à ideia de representação, tendo em vista que, para aderir ou rejeitar uma identidade, precisamos atribuir significado ao que essa identidade representa (Hall, 2016, p. 25). Em consonância com o pensamento de Hall (2022), compreendo que identidades culturais são construções complexas e contraditórias, em contínua transformação, moldadas por um entrelaçado de tradições e disputas sociais. Em sua análise, Hall (2022) enfatiza que identidade cultural não é algo fixo ou essencializado, mas uma construção social resultante de processos econômicos, socioculturais e de relações de poder. Identidades culturais contêm, em si, o contraditório. Elas gravitam ora ao redor da tradição, em busca de “recuperar sua pureza anterior”, ora da tradução, em sua sujeição ao “plano da história, da política, da representação e da diferença” (Hall, 2022, p. 51).

O espaço da identidade não se produz na rigidez ou generalização reconfortante do universal (Glissant, 2021; Hall, 2022). Sua potência reside na fluidez das relações, caóticas e contraditórias (Glissant, 2021), entre a fixidez das “tradições inventadas” (Hall, 2022; Hobsbawn; Ranger, 2008) e o movimento das “práticas cotidianas” (Certeau, 2014) vivenciadas nas ruas, nos corpos que se inscrevem nas paisagens da cidade (Dias, 2010; Santos, 2012).

As dinâmicas sociais que produzem os espaços urbanos (Lefebvre, 2006), moldadas por relações de poder que invisibilizam determinados grupos na construção de um imaginário urbano (Certeau, 2014), geram contranarrativas (Hall, 2003; hooks, 2019) que disputam com narrativas institucionais os discursos sobre a produção das relações e as práticas sociais, trazendo outras possibilidades de leitura da cidade. Nesse contexto, o ato de reivindicar a memória é uma ferramenta importante na mobilização por uma cidade mais diversa.

As autoras Marcelina das Graças de Almeida e Rafaela Alves Calaes (2024)

exploram caminhos para analisar a memória e a escrita como espaço de disputa. Baseando-se nos autores Maurice Halbwachs, Roland Barthes e Pierre Bourdieu, elas indicam que “o poder simbólico da escrita” está imerso em um “contexto social” que “influencia a compreensão, os objetivos e a maneira que a escrita é utilizada como mecanismo de dominação e influência” (Almeida; Calaes, 2024, p. 167). Do mesmo modo que a escrita, a memória é permeada por relações de poder e influenciada por “grupos e instituições que têm o poder de impor suas representações do passado como legítimas e dominantes” e por aqueles que “podem lutar para reivindicar suas próprias memórias e experiências, muitas vezes negligenciadas ou subalternizadas” (Almeida; Calaes, 2024, p. 167).

Como fenômeno coletivo, a memória é “compartilhada e compartilhável entre os membros de uma comunidade, formando um acervo comum de lembranças que fortalece o sentimento de pertencimento e identidade compartilhada” (Almeida; Calaes, 2024, p. 168). Outra característica observada nessa investigação sobre a memória é que ela não é fixa, imutável, “sendo construída e reconstruída constantemente em resposta às mudanças sociais e políticas” (Almeida; Calaes, 2024, p. 168). Nessa perspectiva, escrita e memória estão entrelaçadas em diferentes dimensões, culturais e socioeconômicas, “formando um imaginário coletivo que permeia nossa percepção da história” (Almeida; Calaes, 2024, p. 168).

Extrapolando essas noções para o ambiente urbano, em diálogo com Rolnik (2004), encontramos uma ideia de arquitetura como forma de escrita. Nessa cidade—escrita (Rolnik, 2004), “não são somente os textos que a cidade produz e contém (documentos, ordens, inventários)” que fixam a memória do habitar. A ordenação do espaço a partir da arquitetura e do design, por meio de projetos e artefatos que abrangem a experiência do mundo de quem projeta e produz, pode ser lida e decifrada “como se lê e decifra um texto” (Rolnik, 2004, p. 17). Nesta investigação, a cidade será “lida” a partir das relações estabelecidas entre os artefatos urbanos e a memória da presença da população negra em Curitiba. Esse diálogo contém as narrativas e as formas de representação visual e verbal produzidas pelas diferentes pessoas sociais envolvidas, assim como pelas instituições que movimentam as dinâmicas do espaço urbano.

Em uma aproximação às pesquisas sobre historiografia do design, encontramos elementos que reforçam a ideia de disputa na construção de uma narrativa mais ampla e plural ao tratar de histórias marginalizadas (Campi, 2013). Pesquisadoras como Isabel Campi (2013) e Ana Calvera (2005) trazem a perspectiva de gênero e a inclusão de histórias periféricas ao debate sobre a historiografia do design, o que amplia o campo de estudos e apresenta novas possibilidades de temas e enfoques

na história e crítica do design. Essas abordagens expõem “questões centrais”, uma vez que “desafiam métodos, interpretações e fundamentos que pareciam estar consolidados”³² (Campi, 2013, p. 67).

Ao incluir a observação e a análise dos diferentes modos de produzir contra-narrativas nos estudos da historiografia do design, promovemos a crítica a narrativas centralizadoras e hegemônicas, ampliando a área de estudo e as possibilidades de repensar conceitos, métodos e objetos de estudo. Isso permite a produção de “uma história em forma de rede de casos paralelos que interagem e se influenciam mutuamente”³³ (Campi, 2013, p. 103). O design, como “processo de representação política, econômica e cultural”³⁴ (Campi, 2013, p. 69), é um fenômeno complexo, sujeito a influência recíproca de diferentes estruturas e agentes sociais.

Compreender a contranarrativa como ferramenta para a construção de uma miríade de histórias, a partir do reconhecimento de mundos, saberes, estéticas silenciados, ignorados e oprimidos pelas narrativas oficiais, pode resultar em formatos mais inventivos, descentralizados e contra-hegemônicos de comunicação, socialização e diálogo (Calvera, 2005; Campi, 2013; Julier, 2010).

Nas frestas abertas pelo movimento das memórias visibilizadas por pessoas negras organizadas coletivamente, localiza-se meu objeto de estudo: roteiros histórico-turísticos que apresentam novas possibilidades de leitura para a produção do espaço urbano de Curitiba. É na observação e análise dessas práticas espaciais que me encontro como pesquisadora, com o objetivo de compreender as formas como grupos subalternizados, em diferentes processos históricos, são representados nas narrativas apresentadas nesses roteiros.

A cidade de Curitiba conta com duas iniciativas que fazem uso do espaço urbano para contrapor os discursos³⁵ oficiais que apresentam a cidade como “a mais europeia do Brasil” (Mendonça, 2016): os projetos Linha Preta (LP) e Entre Passos e História: Percurso Afro Curitiba (EPH). Esses dois roteiros histórico-turísticos afrocentrados, juntamente com o roteiro turístico oficial da cidade (LT), compõem o conjunto de casos a ser analisado nesta pesquisa. A cidade, produzida na rotina cotidiana dos gestos corriqueiros (Certeau, 2014), imbricada na experiência das práticas sociais do espaço urbano (Lefebvre, 2006) e observada nas paisagens e

³² Do original: “desafía métodos, interpretaciones y fundamentos que parecían consolidados”.

³³ Do original: “una historia en forma de red de casos paraJelos que interactúan y se influncian entre si”.

³⁴ Do original: “el diseño como proceso de representación político, económico y cultural”.

³⁵ Em referência à noção de discurso utilizada por Stuart Hall, que trata a perspectiva discursiva em “referência a qualquer abordagem em que o sentido, a representação e a cultura são elementos considerados constitutivos” (Hall, 2016, p. 26).

nos seus “fragmentos materiais de sucessivos passados” (Santos, 2012, p. 107), é o meio que articula elementos naturais, simbólicos e materiais que formam a textura urbana na qual se inscreve esta investigação.

A questão da invisibilização das memórias de populações subalternizadas requer sensibilidade nas abordagens adotadas para a investigação. Nesta pesquisa, de caráter qualitativo, exploratório e descritivo, esse cuidado permitiu uma aproximação e a delimitação do fenômeno, além de descrever características e relações de forma ética, o que possibilitou uma compreensão abrangente do problema a ser estudado (Gil, 2008). A abordagem fenomenológica tem como objetivo compreender dinâmicas e subjetividades observadas nos três roteiros apresentados neste estudo de casos múltiplos. A multiplicidade de casos traz uma visão mais rica e abrangente da complexidade do fenômeno.

O problema central desta dissertação orientou a escolha do estudo de casos múltiplos como método. Com a pergunta *Como roteiros histórico-turísticos representam a presença negra na paisagem urbana da cidade de Curitiba?*, foi possível delimitar o fenômeno — a representação da presença negra na paisagem urbana — e os três roteiros analisados no estudo. Todos esses roteiros são apresentados em detalhes no Capítulo 3 (*Práticas comuns, experiências particulares*).

Como objetivo geral, esta pesquisa buscou compreender as formas como grupos subalternizados, em especial a população negra, são representados nas narrativas históricas apresentadas nos roteiros, segundo a observação dos diferentes artefatos urbanos acionados que compõem a paisagem urbana de Curitiba. A análise do espaço de nossas práticas cotidianas exigiu abordagem interdisciplinar que integra aspectos sociais, econômicos e culturais.

Nessa abordagem, que observa a cidade não apenas como o produto de um projeto arquitetônico e do planejamento urbano, os estudos da cultura material aplicados às pesquisas do design enriqueceram a análise dos roteiros histórico-turísticos e permitiram observar como as narrativas comunicam e preservam a memória afrodescendente. Isso foi possível ao se olhar para os artefatos e espaços da cidade. Esse processo valoriza histórias marginalizadas, frequentemente omitidas nas historiografias hegemônicas (Calvera, 2005; Campi, 2013; Julier, 2010) e utiliza a paisagem urbana como “agente ativo” na articulação das práticas espaciais, promovendo ressignificações e novas leituras do ambiente urbano (Santos, 2012; Dias, 2010; Corrêa, 2011).

Neste estudo de casos múltiplos, a observação participante foi fundamental para a construção das descrições vivenciadas nos três roteiros histórico-turísticos. Juntamente com a pesquisa documental e a revisão bibliográfica assistemática (RBA), constitui o conjunto de práticas metodológicas utilizadas para a análise do fenômeno

observado neste estudo. O cotejamento dos conceitos e documentos obtidos nessas abordagens forma a base de elementos necessária para produzir esta investigação.

Para atender ao objetivo geral, foram estabelecidos três objetivos específicos. O primeiro consistiu em identificar os principais roteiros histórico-turísticos de Curitiba, com ênfase naqueles que abordam a temática negra. O segundo buscou mapear artefatos e lugares de memória que evidenciam a presença da população negra na cidade. Por fim, o terceiro objetivo tratou de investigar de que maneira a população negra é representada nas narrativas apresentadas nos roteiros histórico-turísticos selecionados.

De acordo com esses objetivos, localizei e procurei compreender os usos da materialidade e das subjetividades na construção das narrativas que mobilizam as representações de pessoas negras, estabelecendo relações entre estudos sobre memória, identidade cultural, cultura material, paisagem urbana e design.

Esta dissertação está organizada em seis capítulos, mais os elementos pré e pós-textuais. Este primeiro capítulo (*Onde estão as pessoas negras?*) teve por objetivo apresentar a contextualização histórica, a fundamentação teórica e o desenho geral da pesquisa segundo sua qualificação no campo das pesquisas qualitativas, de caráter exploratório e abordagem fenomenológica. Citei o estudo de casos múltiplos como o método utilizado, e a revisão bibliográfica, a pesquisa documental e a observação participante como técnicas metodológicas para a análise das informações coletadas nos três roteiros histórico-turísticos de Curitiba. De acordo com esse delineamento, foram elaborados os capítulos seguintes.

A caracterização da pesquisa e suas práticas metodológicas são descritas no segundo capítulo (*Práticas cotidianas no espaço urbano*). Nele, o processo de construção do termo roteiro histórico-turístico foi apresentado, assim como a sistematização das descrições e informações dos casos para análise posterior.

O terceiro capítulo (*Práticas comuns, experiências particulares*) aborda os roteiros histórico-turísticos Linha Preta (LP), Entre Passos e História: Percurso Afro Curitiba (EPH) e Linha Turismo (LT), descritos individualmente conforme suas filiações institucionais e pessoas que atuam nesses projetos. Também foram mapeadas as áreas de circulação de seus trajetos e a forma como representam visualmente os roteiros em suas plataformas de comunicação.

As composições cartográficas produzidas na vivência dos três percursos integram o quarto capítulo (*Manchas e trajetos*). Nele, delinee manchas e trajetos percorridos nas observações participantes, relacionando-os a aspectos históricos, políticos, socioeconômicos e culturais que fazem parte da produção do espaço urbano de Curitiba.

O cotejamento das representações verbais e visuais dos roteiros foi realizado no quinto capítulo (*Aproximações e sobreposições*), com a delimitação de uma área para observar a proximidade e a sobreposição de pontos nos três trajetos vivenciados. Por meio dessa prática, foram articuladas análises sobre as dinâmicas estabelecidas entre os três roteiros.

Por fim, traço as considerações finais no sexto capítulo (*Táticas de reapropriação do espaço*), com apontamentos sobre análises e discussões apresentadas nos capítulos anteriores e em diálogo com os objetivos e o problema da pesquisa.

2 PRÁTICAS COTIDIANAS NO ESPAÇO URBANO

Temáticas sensíveis, como a da memória e invisibilização de populações subalternizadas em espaços urbanos, requerem, dos processos investigativos, abordagens mais próximas e sensíveis aos objetos de estudo e contextos (Cardano, 2017). Como pesquisa qualitativa, esta investigação buscou essa proximidade para estabelecer relações no intuito de compreender melhor as nuances e complexidades dos roteiros histórico-turísticos selecionados, bem como os contextos em que essas experiências são vivenciadas.

Conforme abordado no capítulo anterior, roteiros histórico-turísticos centrados na presença da população negra tornaram-se comuns na maioria das capitais brasileiras. Essa busca pela memória do espaço urbano pode ser compreendida como um dos reflexos da luta coletiva e antirracista dos movimentos negros pelo reconhecimento e pela valorização da presença de pessoas negras na construção do país. Plataformas dedicadas às práticas turísticas, tanto comerciais³⁶ quanto governamentais³⁷, disponibilizam mapas com iniciativas voltadas ao afroturismo no Brasil.

Na cidade de Curitiba também existem projetos³⁸, com diferentes focos temáticos, que tensionam as narrativas oficiais acerca da memória e da produção do espaço urbano. Dentre as iniciativas com ênfase na memória da população negra, estão os projetos: Linha Preta (LP), iniciativa do Centro Cultural Humaitá; Percurso AfroCuritiba (AfroCuritiba, 2025), projeto de extensão do Departamento de História da UFPR; e Percurso Entre Passos e História: Percurso Afro Curitiba (EPH), do Coletivo Étnico-Racial do Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Curitiba (SISMMAC). Em março de 2025, o Centro de Promoção de Agentes de Transformação (Cepat) promoveu o Percurso das Mulheres Negras em Curitiba (Percurso..., 2025).

A seleção dos roteiros LP e EPH considerou como critérios o tempo de atuação dos projetos e a continuidade de suas atividades. Com base nesses parâmetros, o Percurso AfroCuritiba foi retirado do escopo da pesquisa, por ter sido descontinuado

³⁶ A plataforma de afroturismo Guia Negro organiza, mapeia e realiza atividades dedicadas ao afroturismo em diversas cidades brasileiras (Guia Negro, 2025). Mapa: www.instagram.com/p/DKzhN6fRAzw/.

³⁷ Em 2025, o Ministério do Turismo, em parceria com a Unesco, lançou o Guia do afroturismo no Brasil: roteiros e experiências da cultura afro-brasileira. A obra traz 44 iniciativas de acordo com critérios do órgão do governo (Guia do Afroturismo no Brasil..., 2025).

³⁸ Além das iniciativas centradas na memória da população negra, objeto de estudo desta pesquisa, Curitiba conta com os projetos: Memória LGBTI+, integrante do projeto de extensão da UFPR Máquina de Ativismos em Direitos Humanos; Lume – Lugar de Memória, espaço no Centro Judiciário da cidade dedicado à memória dos anos de repressão e resistência; e Caminhos da História Indígena de Curitiba, coordenado por Mauro Leno, servidor da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) (Rota Curitiba de Lutas..., 2024).

em 2024, após a aposentadoria de sua idealizadora, a historiadora e professora do Departamento de História da UFPR Joseli Maria Nunes Mendonça. Já o Percorso das Mulheres Negras em Curitiba não foi incluído por ter sido realizado apenas uma vez, em março de 2025. Nos dois casos, a falta da vivência dos percursos inviabilizaria o cotejamento e a análise conjunta com os demais projetos. Em um cenário de disputa narrativa, os dois roteiros afrocentrados selecionados foram cotejados ao roteiro LT, iniciativa do Instituto Municipal Curitiba Turismo³⁹.

O caráter exploratório e descritivo desta pesquisa permitiu uma aproximação e a delimitação do fenômeno, além de descrever suas características e relações, o que possibilita uma compreensão abrangente do problema a ser estudado (Gil, 2008). A abordagem fenomenológica teve por objetivo compreender as dinâmicas e subjetividades observadas nos três roteiros apresentados neste estudo de caso. A análise de múltiplos casos ressaltou especificidades e possibilitou a inferência de relações causais de forma aprofundada, o que conferiu ao estudo uma compreensão abrangente do fenômeno analisado (Ev; Gomes, 2014).

O problema central desta pesquisa orientou a escolha do método de estudo de casos múltiplos. A partir da pergunta *Como roteiros histórico-turísticos representam a presença negra na paisagem urbana da cidade de Curitiba?*, foi possível delimitar o fenômeno — a representação da presença negra na paisagem urbana — e os casos a serem analisados — os roteiros histórico-turísticos dos projetos LP, EPH e LT. Todos esses roteiros são descritos no Capítulo 3 (*Práticas comuns, experiências particulares*).

As experiências vividas nos percursos dos roteiros histórico-turísticos são apresentadas por meio de descrições no corpo do texto e nos apêndices (de 1 a 3). Ao tratar da relação entre experiência e saber, Jorge Larrosa Bondía (2002) destaca a importância das palavras para produzir sentido, criar realidades e funcionar como “potentes mecanismos de subjetivação” (Bondía, 2002, p. 21). O autor explora a etimologia da palavra *experiência* em diferentes contextos, enfatizando que a natureza da experiência está em seus atravessamentos, naquilo que “nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Bondía, 2002, p. 21).

Dessa perspectiva sobre o saber da experiência, justifico a escolha da observação participante como principal técnica metodológica⁴⁰ nesta investigação. É principalmente com a observação “participante e atenta”, realizada no estudo explo-

³⁹ Autarquia municipal responsável pelo setor de turismo de Curitiba e pelo projeto LT (Prefeitura de Curitiba, 2025).

⁴⁰ No contexto desta pesquisa, entendo por técnica metodológica o conjunto de “procedimentos para a realização da coleta de dados, que variam de acordo com as circunstâncias ou com o tipo de investigação. [...] Apresentam duas grandes divisões: documentação indireta, abrangendo a pesquisa documental e a bibliográfica e documentação direta (observação)” (Marconi; Lakatos, 2003, p. 222).

ratório e materializada nas descrições dos percursos, que “se escreve e se lê” (Schwarcz, 2022, p. 46) esta dissertação. Esse modo de fazer a investigação segue a premissa de que “o campo orienta a construção do quadro teórico e dos procedimentos metodológicos” (Oliveira, 2023, p. 28).

Por meio da observação participante, pude experienciar os roteiros histórico-turísticos propostos pelos três projetos analisados neste estudo. A experiência possibilitou observar as dinâmicas nos ambientes em que os percursos ocorrem, em um processo no qual atuo como o instrumento de coleta de dados (Mackellar, 2013). Essa posição de “instrumento” não é neutra; ela carrega a vivência, os pressupostos, as afinidades e os preconceitos inerentes a toda pessoa que se dedica à pesquisa acadêmica. Ciente dessa característica do método (Fernandes, 2011; Juel-Jacobsen, 2024) e alertada para manter o distanciamento necessário, procurei extrair o máximo dessa técnica, que possibilita uma compreensão aprofundada das interações sociais e relações estabelecidas nos casos selecionados.

Parafraseando Gilberto Velho no prefácio do livro *Sociedade de esquina* (2005), de William Foote Whyte, embora minha experiência tenha sido limitada pelo pouco tempo de convívio com os objetos de estudo, tive a oportunidade, a partir da vivência no contexto urbano em que eles se inserem, de participar da produção efêmera desses espaços. Esse envolvimento é um esforço para não me limitar “ao senso comum, estereótipos e preconceitos, estudando situações em que matizes, ambiguidades e contradições são características inescapáveis” (Velho, *apud* Whyte, 2005, p. 13).

Com base no registro de comportamentos, conversas e experiências em cadernos de campo, pude elaborar as descrições dos percursos. Essas observações foram realizadas em diferentes formas de locomoção no contexto urbano, o que me possibilitou experimentar abordagens diversas para fazer essas anotações. No artigo *Standing Still, Go Along, and Zooming In: Complementary Strategies of Participant-Observations in Urban Ethnography* (2024), a pesquisadora Lene Granzau Juel-Jacobsen explora três técnicas de ação nas observações participantes em contexto urbano: ficar parado, ir junto e aproximar-se⁴¹. Juel-Jacobsen localiza a observação participante como atividade que envolve variações de movimento do corpo e formas de usar os sentidos para estudar “fenômenos urbanos transitórios” (Juel-Jacobsen, 2024, p. 2440, tradução própria).

Ao realizar as observações desta investigação, utilizei as três técnicas apresentadas pela autora para registrar as vivências dos casos. Tanto nas caminhadas

⁴¹ Os nomes em português das três técnicas de ação são tradução própria de *standing still, go along* e *zooming in* (Juel-Jacobsen, 2024).

quanto no ônibus de turismo, houve momentos em que o “ficar parada” trouxe o distanciamento necessário para observar e fazer anotações sobre as características do espaço e das ações das pessoas participantes dos percursos. Esse “não movimento” acontece de diferentes maneiras na vivência dos trajetos.

Durante o deslocamento da LT, realizado em um ônibus, o movimento do veículo motorizado acontece simultaneamente ao “não movimento” de quem se encontra em seu interior. Essa “inércia” é gerenciada pela pessoa que está no papel de turista. Cabe a ela decidir se deseja realizar o roteiro completo dentro do ônibus ou em quais pontos do trajeto pretende desembarcar. Não existe a figura do guia que articula esses momentos de parada.

Na pausa, as contranarrativas dos roteiros LP e EPH, nos quais a caminhada é a forma de locomoção, são apresentadas pelas pessoas que guiam os trajetos. Nessas brechas, a palavra falada ganha força, e o ruído provocado pela presença do grupo de caminhantes parado no espaço urbano desloca o olhar daqueles que circulam pela cidade. O transitório e o efêmero são características dos roteiros histórico-turísticos, e esses intervalos proporcionam momentos de atenção direcionada para a captura dos detalhes que poderiam escapar no movimento contínuo dos deslocamentos. Essa intenção de captura do efêmero traz em si a “[...] contradição inerente entre a ocorrência de um momento e a sua preservação”⁴² (Juel-Jacobsen, 2024, p. 2444, tradução própria).

Estar em trânsito é a principal dinâmica dos roteiros histórico-turísticos. Assim, a técnica de “ir junto” ou “acompanhar” é a que apresenta a maior constância nos trajetos. Ao caminhar, o deslocamento pelas calçadas e ruas da cidade propicia momentos nos quais as pequenas intervenções acontecem. Os diálogos dispersos, os esbarrões, a intensidade dos ruídos e os desvios de atenção para a dinâmica do espaço revelam a complexidade da paisagem urbana. A experiência desses encontros possibilita as relações estabelecidas nos “modos de usar” o espaço, realizada por seus praticantes (Certeau, 2014). O ritmo da caminhada é dado pelos movimentos individuais e coletivos do corpo pela cidade.

Durante o deslocamento realizado em ônibus, a estratégia de “ir junto” adquire outras camadas de sentido. O movimento inicial pelo espaço urbano é mediado pela máquina, pelo objeto motorizado. A experiência é atravessada pelos ruídos do motor, pelos movimentos bruscos de parada e pelos desvios proporcionados por outros corpos que coabitam as ruas da cidade. A máquina, “produtor[a]

⁴² Do original: “[...] inherent contradiction between the occurrence of a moment and its written preservation”.

das mudanças de relações entre os imóveis” (Certeau, 2014, p. 180), atravessa os espaços, e sua velocidade de deslocamento intensifica a noção de transitório e de efêmero da paisagem percebida. No andar inferior do ônibus, a captura do espaço externo é emoldurada pelas janelas do veículo; já no andar superior, essa moldura se amplia quando o teto articulado está fechado e desaparece quando está aberto. Esse artefato de vidro e metal intermedia “a imobilidade de dentro e de fora” (Certeau, 2014, p. 179). Os corpos dos passageiros acompanham os movimentos da máquina e, ao fazer suas escolhas de parada, interrompem esse processo e se deslocam individualmente nos espaços turísticos.

A técnica da aproximação proposta por Juel-Jacobsen (2024) aborda o equilíbrio delicado entre proximidade e distância que precisa ser desenvolvido pelo pesquisador que utiliza a observação participante como método. Em um ambiente saturado de estímulos, como o espaço urbano, encontrar o equilíbrio entre a “imersão total” e a “manutenção de um nível de objetividade e distância” (Juel-Jacobsen, 2024, p. 2447, tradução própria) requer atenção e prática constante por parte do observador. A presença nos eventos observados envolve a troca de experiências “através dos sentidos: olhar, falar, sentir, vivenciar... entre o pesquisador, os sujeitos observados e o contexto dinâmico de relações no qual os sujeitos vivem e que é por todos construído e reconstruído a cada momento” (Fernandes, 2011, p. 264).

A subjetividade é um elemento importante a ser considerado na construção das descrições dos eventos; no entanto, não devemos nos deixar levar pelo desejo de atribuir significado às ações do cotidiano observado na prática metodológica. Atender ao “rigor teórico-metodológico” (Fernandes, 2011, p. 265) exige uma atenção cuidadosa aos movimentos entre a subjetividade da experiência e os critérios científicos, sem que exista o domínio de um sobre o outro, e levando em conta que “a isenção asséptica dos olhares e juízos não existe” (Fernandes, 2011, p. 265).

Em diversos momentos, encontrei-me presa a essa posição de intérprete das experiências vividas nos percursos que compõem o escopo desta investigação. Como nos lembra Susan Sontag (2023), “interpretar é reformular o fenômeno”. Devemos ficar atentos para que a interpretação da forma não se sobreponha à forma das experiências (Sontag, 2023).

Nas descrições dos percursos apresentadas nos itens de 3.1 a 3.3, busquei manter a fidelidade às anotações dos cadernos de campo. Os registros referentes ao contexto, às pessoas participantes e suas inter-relações no decorrer do trajeto, bem como minhas impressões como participante da experiência, guiaram a escrita dos relatos (Apêndices de 16 a 18).

As anotações dos cadernos de campo foram complementadas por

informações obtidas por meio da ferramenta de geomapeamento *Google Street View*. A ausência de informações sobre determinados trechos dos percursos nas anotações tornou necessária a utilização dessa ferramenta, que é integrada às plataformas de geomapeamento *Google Maps* e *Google Earth*. Ciente das implicações éticas e técnicas relacionadas ao uso de imagens coletadas de uma empresa privada (Frúgoli Jr.; Chizzolini, 2017) para preencher as lacunas dos cadernos de campo, optei por fazer uso dessa ferramenta em constante diálogo com as informações obtidas por meio das observações participantes.

Como sinalizam Fernandes (2011), Marietto (2018) e Juel-Jacobsen (2024), o uso do *Google Street View* não substitui a experiência do campo, apenas auxilia e potencializa seus relatos. Seu uso como ferramenta etnográfica traz a possibilidade do “Zoom como estratégia de investigação [...]”⁴³ (Juel-Jacobsen, 2024, p. 2450, tradução própria). Em seu artigo, Juel-Jacobsen (2024) utiliza metáforas como *close-up* e lupa para reforçar a ideia de que o zoom serve como complemento para obter uma descrição minuciosa e rica em detalhes. Outra potencialidade de uso está relacionada ao “alargamento do tempo” (Frúgoli Jr.; Chizzolini, 2017) das observações. A minha experiência ao navegar pelas imagens das ruas dos roteiros foi atravessada por memórias dos caminhos percorridos nos percursos. Nesse contexto, a utilização da ferramenta *Google Street View* permitiu complementar e ampliar as descrições, reativando as lembranças dessas vivências.

Os registros obtidos nas três observações participantes realizadas nos roteiros selecionados foram organizados e sistematizados de modo a serem utilizados como documentos no cotejamento de dados com outras fontes de informação. Com base em uma experiência exploratória realizada nos roteiros LP e LT, ambas registradas nos artigos *Linha Preta: um roteiro afrocuritibano para a produção do espaço da cidade* e *Patrimônio e memória nas linhas histórico-turísticas afrocentradas da cidade de Curitiba*, elaborei uma proposta inicial de protocolo de registro de diário de campo (Apêndice 4).

Nessa proposta, as informações obtidas durante a observação do percurso se misturaram às informações coletadas nos sites dos dois projetos, bem como aos desenhos de mapas com o traçado dos roteiros. Para a produção inicial dos mapas, utilizei a ferramenta *Google MyMaps*. Ela foi empregada como base para a construção das representações cartográficas dos roteiros apresentados nos Apêndices de 5 a 7 deste documento. Não houve uma sistematização das descrições, as quais foram trazidas no corpo do texto dos artigos.

⁴³ Do original: “Zooming in as a research strategy [...]”.

O processo de pesquisa por meio da observação participante ocorreu em ciclos, nos quais cada percurso vivenciado levou à reelaboração do protocolo até chegar à forma apresentada no Apêndice 8. Devido às características dos deslocamentos no espaço urbano, utilizo um protocolo mais simples, deixando mais espaço para o relato da vivência. Esse protocolo inclui: data, nome do projeto, ponto de início do percurso, relato e observações. O desenho desse quadro de informações foi elaborado com base nas exigências identificadas nos relatos da experiência do campo, assim como nos procedimentos de sistematização de dados utilizados por Bonifácio (2019) em sua pesquisa acadêmica. Como documento, o quadro deve ser analisado em conjunto com os materiais coletados na pesquisa documental, respeitando as estratégias propostas para a análise dos dados.

Além da observação participante, foram utilizadas, como “técnicas metodológicas” (Marconi; Lakatos, 2003, p. 222), a pesquisa documental e a revisão bibliográfica assistemática (RBA). Por serem eventos distintos, tanto em relação à sua periodicidade quanto às narrativas apresentadas, os roteiros histórico-turísticos localizados nesta dissertação orientaram os procedimentos metodológicos e suas etapas, que se desenvolveram de forma simultânea, influenciando-se mutuamente.

No âmbito deste estudo, a pesquisa documental foi empregada como técnica (Marconi; Lakatos, 2003) para as etapas iniciais de aproximação com o objeto de estudo. Por meio dos sites dos projetos dos três roteiros histórico-turísticos, foi possível obter informações sobre as instituições responsáveis pela criação e pelo apoio aos projetos, seus organizadores, as descrições dos projetos, bem como dados sobre os roteiros, seus mapas e demais materiais informativos. Os sites acessados fazem parte de instituições públicas e privadas. Como fontes primárias, “que ainda não receberam tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (Gil, 2008, p. 73), as informações textuais e imagens foram coletadas e tratadas seguindo a sistematização do Quadro 1.

Quadro 1 – Exemplo de protocolo de sistematização de dados

NOME DO PROJETO	Linha Preta (LP)
DESCRIÇÃO INSTITUCIONAL	“A Linha Preta é um roteiro turístico em Curitiba que tem como objetivo principal valorizar e dar visibilidade à contribuição negra na construção física e social da capital paranaense, bem como apresentar referências históricas e culturais da sua existência e colaboração para a construção da nossa capital.” (Linha Preta, 2025) Início: 2015 Periodicidade: 5 a 6 vezes no ano Situação atual: Projeto ativo
CARACTERIZAÇÃO DO PROJETO	Projeto vinculado ao Centro Cultural Humaitá, empresa sem fins lucrativos, registrada sob o CNPJ 12.499.427/0001-65, considerada de Utilidade Pública Municipal e Estadual. Seu foco de atuação é em atividades de organizações associativas ligadas à cultura e à arte.

Continua

Continuação

PONTOS DO PERCURSO	Ruínas de São Francisco, Igreja do Rosário, Largo da Ordem, Bebedouro do Largo, Memorial de Curitiba, Praça Tiradentes, Arcadas do Pelourinho, Água para o Morro, Praça Zacarias, Praça 19 de Dezembro, Praça Santos Andrade, Sociedade 13 de Maio, Gameleiras Sagradas, Museu Paranaense, Emiliano Pernet, Voluntários da Pátria, Viaduto do Capanema, Engenheiros Rebouças, Museu de Arte Sacra, Catedral Basílica Menor e Memorial Africano.
ENFOQUE TEMÁTICO	Ancestralidade, religiosidade, arte, tecnologia, protagonismo, trabalho, sociabilidades e valorização da cultura e história negra.
MAPA COM O PERCURSO	
FORMA DE DESLOCAMENTO	Caminhada
TEMPO DO PERCURSO	Aproximadamente 3 horas
LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA	Setor Histórico bairro Pinheirinho
CONCENTRAÇÃO DE RENDA (MÉDIA NOS BAIRROS) FONTE: IBGE 2025	Na região central: de 4 a 6,9 salários mínimos No bairro Pinheirinho: de 2 a 3,9 salários mínimos
MEDIAÇÃO	Os percursos são mediados por dois guias, os organizadores do projeto, Adegmar José da Silva (Mestre Kandiero) e Melissa Reinehr, ambos ativistas e fundadores do Centro Cultural Humaitá.
INTERAÇÃO	Mediação direta dos guias e interação com outros participantes e transeuntes.
RECURSOS INFORMATIVOS	Na caminhada: Os organizadores do projeto apresentam informações históricas por meio da oralidade, música e poesia. Apropriam-se de marcos e patrimônios edificados, de locais como ruas (como a Engenheiro Rebouças) e árvores, a exemplo das gameleiras sagradas, para apresentar sua contranarrativa afrocentrada à historiografia oficial da cidade. No site: Texto informativo de autoria dos alunos do sétimo período de Jornalismo do UniBrasil Centro Universitário, vídeo com detalhes das histórias sobre os pontos do roteiro e mapa (Google Maps) com a localização geográfica do ponto.
MEIOS DE COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL	https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta

FONTE: A autora (2025).

Cada roteiro tem seu próprio protocolo de dados, apresentado nos subitens deste capítulo. Essa sistematização permitiu extrair informações sobre os principais temas abordados, o contexto socioeconômico das localizações geográficas dos percursos e as narrativas apresentadas em suas plataformas oficiais de comunicação. A abordagem adotada para o tratamento dos dados permite sua categorização com base nos objetivos geral e específicos apresentados no Capítulo 1 deste documento.

Quadro 2 – Objetivos da pesquisa

GERAL Compreender as formas como grupos subalternizados, em especial a população negra, são representados nas narrativas históricas apresentadas em roteiros histórico-turísticos, a partir da observação dos diferentes artefatos que compõem a paisagem urbana de Curitiba.
ESPECÍFICOS 1 Identificar os principais roteiros histórico-turísticos de Curitiba, com foco naqueles que abordam a temática negra. 2 Mapear artefatos e lugares de memória que evidenciam a presença da população negra na cidade de Curitiba. 3 Analisar de que maneira a população negra é representada nas narrativas apresentadas nos roteiros histórico-turísticos selecionados.

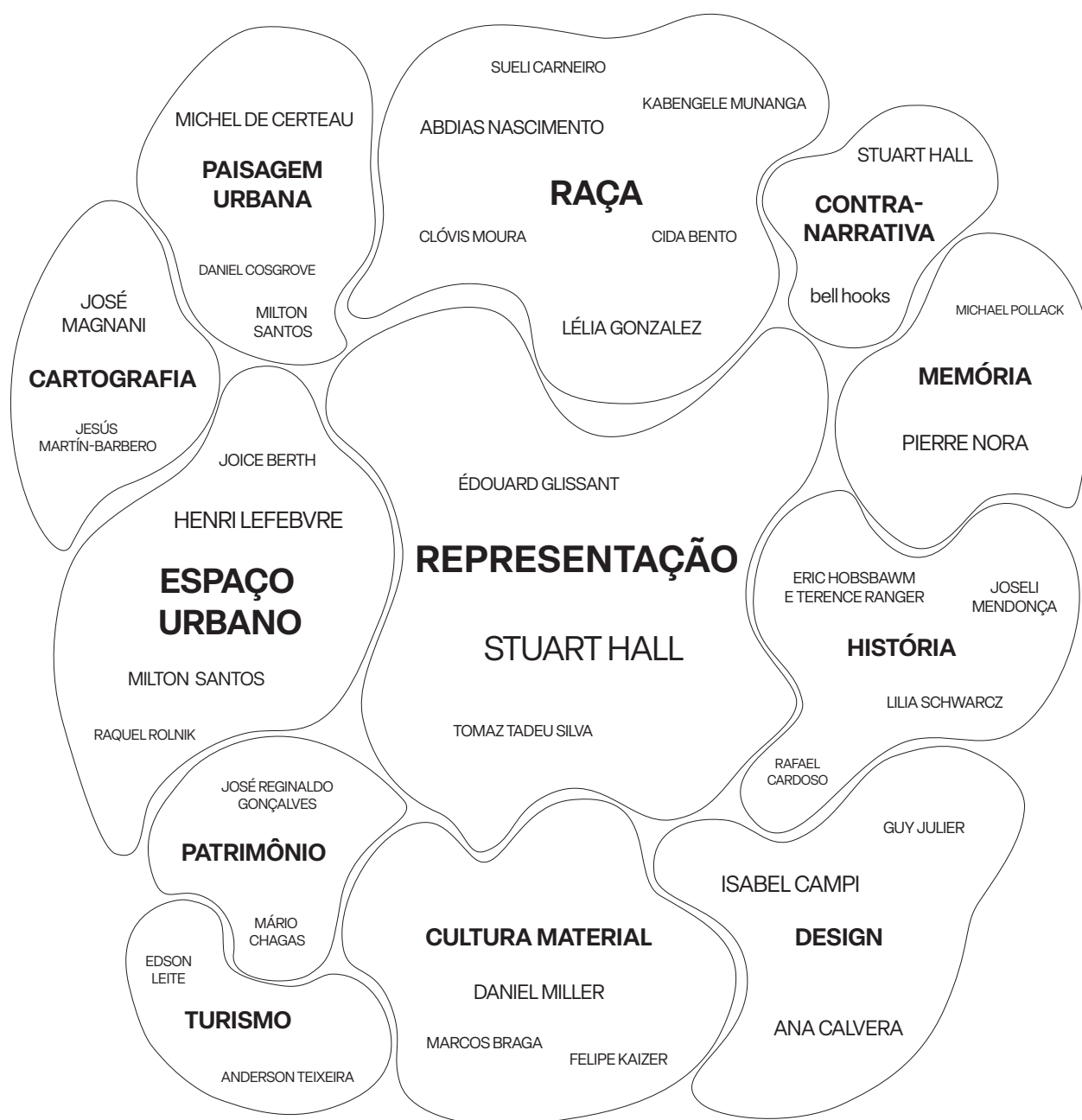
FONTE: A autora (2025).

Para a análise dos documentos, levei em consideração o contexto histórico, social e cultural em que os dados foram produzidos, a fim de compreender o significado das informações. Os documentos elaborados com essa sistematização foram utilizados no cotejamento com os registros produzidos na observação participante e os conceitos extraídos da revisão bibliográfica.

Alinhada às justificativas da pesquisa, a RBA teve como primeiro objetivo identificar estudos realizados sobre a presença de pessoas negras na produção do espaço urbano das cidades. Por se tratar de um tema amplo que atravessa diferentes áreas de estudo, delimitei as buscas com base em disciplinas que se relacionam com o objeto de pesquisa e o campo de estudos do Design, dentre elas, Arquitetura e Urbanismo, História, Sociologia, Geografia e Turismo.

Nessa etapa, foram levantados artigos, dissertações e teses nas bases de dados do Portal de Periódicos da Capes, na Plataforma Sucupira da Capes e nas bases Scopus e Web of Science. De acordo com os trabalhos localizados, foi possível identificar pessoas autoras e conceitos que, em conjunto com a bibliografia das disciplinas de Estudos em Teoria e História do Design e Design e Cultura, contribuíram para o mapeamento teórico (Figura 3).

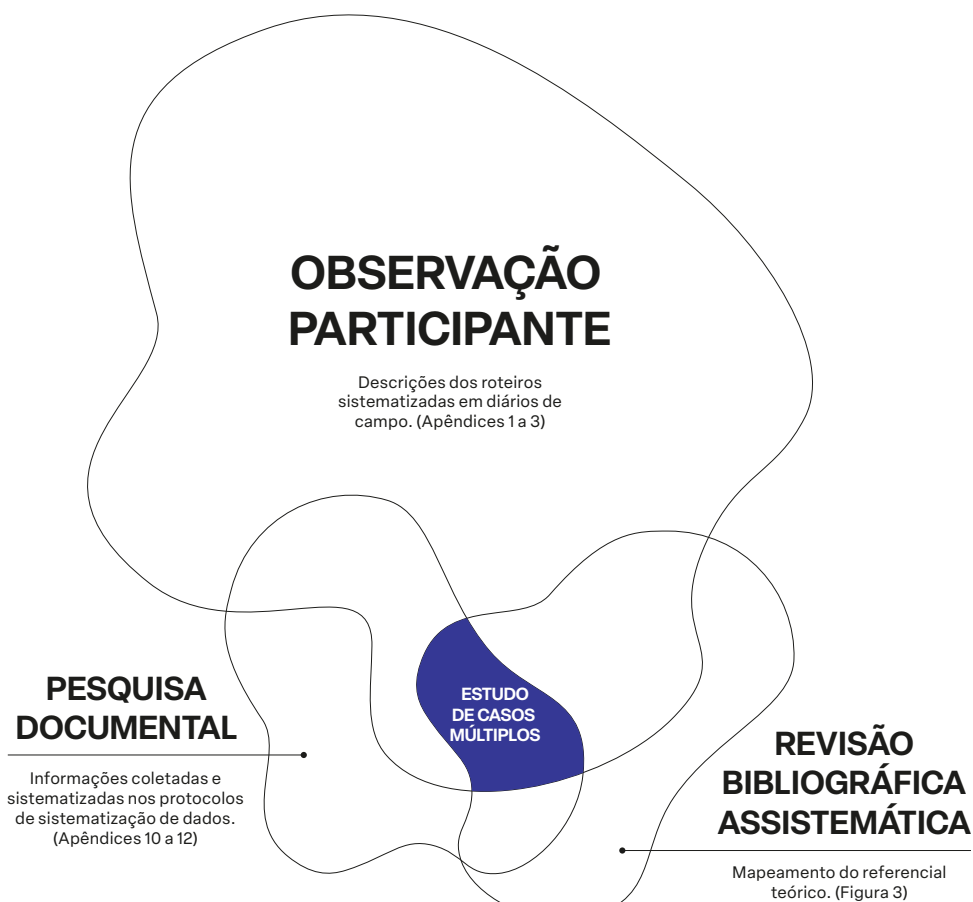
Figura 3 – Mapa referencial teórico



FONTE: A autora (2025).

Esse mapeamento, juntamente com os documentos da observação participante e da pesquisa documental, faz parte dos três elementos que fundamentam a análise proposta nesta investigação. Na Figura 4, temos o desenho da estrutura metodológica da pesquisa.

Figura 4 – Estrutura metodológica da pesquisa



FONTE: A autora (2025).

Neste estudo de casos múltiplos, a vivência dos roteiros por meio da observação participante orientou tanto a busca na RBA quanto a coleta de dados da pesquisa documental. Desse modo, a navegação se dá no cruzo da rua com a palavra, no desenho das singularidades dos mapas e no olhar atento às relações produzidas no cotejamento entre os diferentes procedimentos metodológicos empregados.

2.1 ROTEIROS HISTÓRICO-TURÍSTICOS

Antes de apresentar os três roteiros selecionados para este estudo, é necessário compreendermos o significado dos termos *roteiro turístico* e *roteiro histórico*, os quais, colocados em conjunto na expressão *roteiros histórico-turísticos*, foram utilizados para categorizar os percursos realizados na cidade de Curitiba. Na revisão bibliográfica, identifiquei documentos e pesquisas que se complementam na caracterização dessas práticas.

A origem etimológica dos termos *rota* e *roteiro* pode ser atribuída às cartas de navegação, que “abordavam o melhor trajeto a seguir e que de certa forma não

poderia ser infringido para que não houvesse danos à viagem” (Moreira-Gonçalves; Ribeiro, 2016, p. 12). No escopo do turismo, a noção de deslocamento, trajeto ou caminho organizado diz respeito tanto ao espaço geográfico percorrido quanto ao tempo transcorrido no deslocamento, assim como ao tempo disponível para a vivência de cada ponto do itinerário programado nos roteiros (Bahl, 2005).

Além disso, essa noção de deslocamento não exige obrigatoriamente um ponto inicial e final definidos. No trajeto, delineado com base em um tema, deve constar uma descrição dos lugares — ruas, monumentos, museus, mirantes — juntamente com uma programação organizada por instituição ou empresa ligada ao turismo, ou ainda sem o intermédio de qualquer instituição ou empresa, de modo espontâneo, planejado por uma pessoa ou um grupo (Moreira-Gonçalves; Ribeiro, 2016).

De acordo com o Ministério do Turismo, no documento *Roteiros do Brasil*, um roteiro turístico pode ser definido como um “itinerário caracterizado por um ou mais elementos que lhe conferem identidade, definido e estruturado para fins de planejamento, gestão, promoção e comercialização turística das localidades que formam o roteiro” (Brasil, 2007, p. 13). As definições apresentadas evidenciam as nuances do conceito de roteiro no contexto do turismo, com destaque para sua relação com itinerários e elementos que compõem essa experiência, como tempo e espaço; gestão, que inclui o planejamento de estrutura e serviços; e identidade, que abrange questões relacionadas à representação dos lugares, moradores e turistas que fazem parte desses espaços. Tendo como base a leitura dessas referências, é possível extrairmos quatro elementos que estruturam a construção do termo *roteiro* turístico (Quadro 3).

Quadro 3 – Elementos constitutivos do termo roteiro turístico

ROTEIROS TURÍSTICOS			
ITINERÁRIOS	MAPA	IDENTIDADE	PLANEJAMENTO E GESTÃO
Descrição Tempo Espaço	Exposição completa e metódica das ruas	Temática	Infraestrutura Aspectos comerciais Capacitação

FONTE: Elaborado pela autora (2025) com base em Brasil (2007) e Moreira-Gonçalves; Ribeiro (2016).

Os tópicos Itinerário, Mapa e Identidade fazem parte da construção dos documentos utilizados para coleta e sistematização dos dados (Apêndices de 10 a 12) em diferentes momentos da pesquisa. A identificação desses elementos, bem como a forma como foram projetados nos três roteiros histórico-turísticos que compõem

este estudo, fazem parte das análises do Capítulo 3 (*Práticas comuns, experiências particulares*).

Roteiros turísticos têm, como um dos aspectos fundantes, a diversidade de temas que podem ser explorados em suas experiências. O turismo histórico representa o interesse voltado à história e à memória dos lugares e das pessoas, relacionando-se com o patrimônio cultural dos locais visitados. A concepção de patrimônio cultural no Brasil é ampla, e sua construção foi fundamentada nos artigos 215 e 216 da Constituição Brasileira de 1988. O artigo 216 define *patrimônio cultural brasileiro* como “bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, às ações, à memória dos diversos grupos da sociedade brasileira” (Brasil, 1988).

Essa definição é adotada por diversas instituições, tanto governamentais⁴⁴ quanto não governamentais⁴⁵, como diretriz para orientar ações de preservação e promoção dos bens culturais no Brasil. Além disso, as orientações também são utilizadas como guia para as ações voltadas ao turismo cultural no país (Leite, 2011). No Brasil, o Ministério do Turismo define *turismo cultural* como a vivência de “elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (Brasil, 2010, p. 15). Nesse sentido, patrimônio e turismo estão entrelaçados e atuam como organizadores da experiência no espaço, fixando a história em lugares de memória (Nora, 1993).

Para esta pesquisa, o conceito de lugar de memória, do historiador francês Pierre Nora (1993) — que trata de uma memória historicizada e materializada em espaços físicos e simbólicos com a função de preservar, representar e transmitir a memória de um grupo ou nação —, juntamente com a noção de patrimônio cultural do antropólogo José Reginaldo Santos Gonçalves (1996, p. 22) — que destaca as “práticas culturais de ‘preservação histórica’” —, foram importantes para a discussão sobre os usos da memória por diferentes atores sociais e sua fixação em lugares e artefatos urbanos. Nesse contexto, interessa-nos localizar o turismo, na forma de roteiro turístico, no imbricamento das práticas social e cultural. Essa abordagem

⁴⁴ O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura, que tem por objetivo “proteger e promover os bens culturais do País” (Brasil, 2021).

⁴⁵ No artigo *Lugares de memória negra e circuitos: possibilidades de análise do processo de patrimonialização na Pequena África-RJ*, Silva (2022) mapeia e conceitua os roteiros que percorrem a região da Pequena África como “circuitos negros” (Silva, 2022, p. 136). Tendo como referência o Circuito Histórico e Arqueológico de Celebração da Herança Africana e o Circuito Histórico e Arqueológico da Pequena África, a autora define o termo *circuitos negros* como “práticas espaciais que acionam lugares de memória (NORA, 1993) negra no espaço” (Silva, 2022, p. 137). Ambos os circuitos foram criados por meio de dispositivos legais com o objetivo de “resguardar lugares de memória negra no território” (Silva, 2022, p. 129).

está em consonância com o pensamento do teórico Stuart Hall (1997, 2016), que, a partir dos estudos relacionados à virada cultural⁴⁶, propõe que “toda ação social é ‘cultural’, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação” (Hall, 1997, p. 1).

Como artefatos culturais, os roteiros podem apresentar diferentes orientações temáticas em relação ao conteúdo apresentado. Apesar das diferenças em relação ao enquadramento turístico, os três roteiros analisados nesta pesquisa têm em comum o enfoque histórico. A narrativa historiográfica apresentada nos percursos tem como elemento unificador a utilização de bens culturais⁴⁷ como mediadores da produção histórica. Ao eleger edificações, espaços públicos, monumentos e elementos naturais como vestígios da memória e da presença das populações que produzem o espaço urbano da cidade, os roteiros se posicionam como prática cultural, na produção e no compartilhamento de significados entre os membros de uma sociedade ou grupo (Hall, 2016).

Na vivência da cidade, as “experiências da rua”, em suas dimensões sociais, políticas e econômicas, são o “suporte de sociabilidade” (Magnani, 2003, p. 4) das práticas culturais observadas nos roteiros histórico-turísticos que fazem parte desta pesquisa. A análise dessas experiências fundamenta-se nos estudos sobre a etnografia urbana do antropólogo Magnani⁴⁸ (1996, 2002, 2003, 2014), que elaborou cinco categorias para o estudo dos modos de circulação e apropriação do espaço urbano, que contribuem para a reflexão sobre as complexas redes de sociabilidade praticadas nas cidades.

As noções de *pedaço*, *mancha*, *trajeto*, *pórtico* e *circuito* (Magnani, 1996, 2002, 2003, 2014) tratam de “práticas sociais [...] recorrentes, com usos mais regulares e reconhecíveis” (Magnani, 1996, p. 18), que nos permitem “mostrar as possibilidades

⁴⁶ A virada cultural representa uma mudança de paradigma nas ciências humanas e sociais quanto à centralidade da cultura e da linguagem como elementos que constituem e estruturam a vida social (Hall, 1997).

⁴⁷ Adoto a noção de bem cultural com base na leitura do artigo 216 da Constituição Federal de 1988, que entende o patrimônio cultural brasileiro como: “[...] os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico” (Brasil, 1988).

⁴⁸ Jose Guilherme Cantor Magnani é professor titular do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Tem mestrado em Sociologia pela *Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales* (FLACSO), do Chile, e doutorado em Ciências Humanas (Antropologia Social) pela USP, onde também defendeu as teses de Livre-Docência, em 2010, e de Titular em 2012. Fonte: Currículo Lattes, ID Lattes: 9198706302142338.

que abrem para identificar diferentes situações da dinâmica cultural” das cidades (Magnani, 2002, p. 27). Nesta investigação, as categorias *mancha*, *trajeto* e *circuito* foram utilizadas com a intenção de indicar as formas e os espaços onde circulam as pessoas que participam dos roteiros histórico-turísticos, além de estabelecer as relações entre seus diferentes atores sociais e os modos como planejam suas práticas espaciais. A forma como a sociabilidade é praticada nos roteiros histórico-turísticos foi observada com base nessas categorias, as quais, articuladas isoladamente ou em conjunto, integram as análises sobre a apropriação dos espaços urbanos por esses roteiros, considerando seus diferentes meios de circulação pela cidade.

Nesta pesquisa, a utilização do termo *histórico-turístico* com hífen baseia-se na construção linguística que o classifica como um adjetivo composto (Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, 2014). Nesse contexto, o termo descreve algo, o roteiro, relacionado tanto à história quanto ao turismo, características comuns a essa modalidade de percurso urbano, evidenciando a intersecção entre os dois campos de conhecimento, suas disputas e legitimações.

Optei por essa construção do termo devido às especificidades dos três roteiros apresentados. Nem todos se classificam, simultaneamente, como turísticos e históricos. Todos abordam a história em diferentes momentos de seus percursos, mas somente os roteiros LP e LT se apresentam como turísticos. Outro termo utilizado para qualificar os roteiros deste estudo se refere à temática afrocentrada abordada em seus percursos. Os projetos LP e EPH têm como abordagem temática a memória da presença da população negra na cidade de Curitiba.

A expressão turismo afrocentrado ou afroturismo começou a ser utilizada em meados de 2018 como uma alternativa à terminologia turismo étnico⁴⁹ (Dias, 2023), anteriormente utilizada para designar o turismo focado nas vivências de tradições, costumes e modos de vida de comunidades ou grupos étnicos. Segundo Solange Barbosa⁵⁰ (apud Dias, 2023), o aprimoramento do termo está relacionado aos conceitos de turismo de memória e turismo étnico com recorte afro, ambos utilizados pela Unesco em seu programa mundial Rota do Escravo (Dias, 2023). Barbosa (apud

⁴⁹ Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT), *turismo étnico* refere-se ao turismo voltado para “tradições e estilo de vida de um grupo e utilizado principalmente para destacar o turismo nas comunidades ou enclaves específicos, em processo de desenvolvimento” (OMT apud Cardozo, 2006, p. 145). Ainda de acordo com a OMT, “o turista que busca a etnicidade como motivação para viagens, pode fazê-lo como forma de comparação e/ou de compreensão social, mediante a observação de outros modos de vida” (OMT apud Cardozo, 2006, p. 145).

⁵⁰ Solange Barbosa é turismóloga, historiadora, fundadora e CEO da Rota da Liberdade, agência de turismo focada na valorização das Comunidades Negras Tradicionais através dos roteiros turísticos, com geração de renda e trabalho para os integrantes das comunidades. São realizados roteiros turísticos afrocentrados com destaque para as culturas negras tradicionais, quilombos e história do negro no Brasil (Rota da Liberdade, 2025).

Dias, 2023) mapeia o desenvolvimento do termo a partir da criação de associações e eventos ligados ao turismo “étnico” no Brasil. Ela explica que, enquanto o turismo étnico se apropria das “viagens de conhecimento e exploração de ‘etnias’, não importando quem estivesse à frente da operação”, o “turismo étnico, com recorte afro, lançou as bases da inserção da comunidade negra nos processos de geração de renda e trabalho por meio do turismo” (Barbosa *apud* Dias, 2023, p. 12).

O turismo afrocentrado pode ser compreendido como parte do turismo cultural por valorizar e promover o patrimônio, material e imaterial, relacionado à história e à cultura afrobrasileira (Brasil, 2010; Leite, 2011). Experiências turísticas afrocentradas se apropriam da “pauta antirracista” por sua “capacidade de ser um elemento qualificador e educador para as relações étnico-raciais” (Dias, 2023, p. 12). A interseccionalidade é apontada por Barbosa (2021) como outra característica do afroturismo, que pode ser realizado em “ambientes urbanos e rurais e com diferentes perspectivas sobre a História da África e a Cultura Afro-Brasileira, podendo ter caráter pedagógico, artístico, cultural, científico, rural, comunitário, gastronômico” (Barbosa, 2021, tradução própria).

Por ser uma experiência turística recente, o afroturismo apresenta uma diversidade de definições, a maioria delas estabelecidas pelo mercado do turismo. No âmbito da pesquisa acadêmica, pessoas que estudam essa prática o inserem no “campo teórico do turismo étnico afro” (Teixeira, 2023, p. 49). A pesquisa de Teixeira (2023) realiza um mapeamento das definições da prática turística afrocentrada, utilizadas tanto no mercado turístico quanto na Academia. Esse mapeamento foi sistematizado no Quadro 4.

Quadro 4 – Definições para o termo *afroturismo*

AUTORIA	DEFINIÇÃO
Afroturismo é muito mais que turismo	"O afroturismo vai além do ato de viajar. Além de ser uma busca por ancestralidade, é também uma recolocação do mercado produtivo, de inclusão de negros em cargos de gestão. É trabalhar para ser antirracista e criar um turismo antirracista. Criar espaço para profissionais negros e consumir seu trabalho." (Neres, 2020, <i>apud</i> Teixeira, 2023, p. 48).
Turismo étnico ou afroturismo: o que é, onde ocorre e como praticá-lo?	"O turismo étnico é uma vertente do turismo cultural e valoriza o patrimônio material e imaterial de um determinado grupo étnico. No caso do turismo étnico-afro, o foco é a população negra e sua identidade, por isso, é também chamado de afroturismo. Apesar do objetivo ser conhecer, viver e reviver mais da cultura e história negra, pode ser praticado por qualquer pessoa." (Dias, 2020, <i>apud</i> Teixeira, 2023, p. 48).
A hora e a vez do afroturismo: lições e inovações do Prodetur Salvador	"O afroturismo é o turismo que dá destaque à cultura negra de um local, prioriza fornecedores negros da cadeia produtiva e lança mão de ações afirmativas para acolher e tornar mais segura a experiência de viajantes negros." (Bettini; Aquino; Costa, 2021, <i>apud</i> Teixeira, 2023, p. 48).
Maxmilhas	"O afroturismo, turismo étnico ou turismo afro, é uma vertente do turismo tradicional, que valoriza o patrimônio material e imaterial da população negra brasileira. Ele pode (e deve) ser praticado por qualquer pessoa que queira conhecer mais sobre a história e cultura negra." (Maxmilhas, 2021, <i>apud</i> Teixeira, 2023, p. 48).

Continua

Continuação

Diáspora Black	"Afroturismo é a palavra para designar o turismo com bases em comunidades negras, mas não só. O Afroturismo é o turismo feito em locais que tenham os legados, marcos, manifestações culturais negras. É o que chamamos turismo cultural afrocentrado. O Afroturismo passa a movimentar a economia da comunidade negra, fomentar sua valorização e representatividade." (Diáspora.Black, 2021, <i>apud</i> Teixeira, 2023, p. 48).
O que é Afroturismo e qual sua importância?	"O afroturismo aparece como uma vertente do turismo tradicional, incluindo e dando destaque à cultura negra dos locais visitados, colocando, como prioridade, fornecedores negros nessa cadeia produtiva e tomando ações afirmativas para deixar viajantes negros mais confortáveis, acolhidos e seguros ao viajar." (Moremi, 2021, <i>apud</i> Teixeira, 2023, p. 48).
Afroturismo e turismo de base comunitária trazem roteiros para viajantes negros	"O Afroturismo possui a mesma matriz do turismo de base comunitária, mas é voltado especificamente para o público negro. Nesse nicho, a cultura afro-brasileira é especialmente trabalhada como fio condutor para os roteiros, que podem se assemelhar aos passeios comerciais. Empresas de afroturismo utilizam locais que já possuem um apelo turístico e se dedicam em retratar e contar histórias dos povos negros daquela região." (Rodrigues, 2021, <i>apud</i> Teixeira, 2023, p. 48).
Cidade em preto e branco: turismo, memória e as narrativas reivindicadas da São Paulo Negra	"A atividade é entendida como práticas de resgate, valorização, preservação, reconexão com a identidade e história, por meio dos bens culturais, materiais e imateriais, as quais têm os sujeitos negros como protagonistas." (Rodrigues, 2021, <i>apud</i> Teixeira, 2023, p. 49).
Turismo afrocentrado: debates iniciais	"Turismo pautado por narrativas afroreferenciadas, sejam elas urbanas, rurais etc., de maneira a deslocar o olhar do turismo tradicional, pautado por uma visão branca e eurocêntrica para uma perspectiva negra dos fenômenos sociais envolvidos no fazer turismo." (Oliveira, 2020, p. 308).

FONTE: Elaborado pela autora (2025) com base em Teixeira (2023).

Entre os principais temas da sistematização de conceitos sobre afroturismo, podemos destacar: ancestralidade; identidade; protagonismo; valorização da cultura e história negra; antirracismo; ações afirmativas para viajantes negras e negros; e a movimentação da economia local em benefício de trabalhadores e empreendedores que atuam no turismo afrocentrado.

Ao estabelecer relações entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento empírico do mercado sobre turismo centrado na experiência negra, Teixeira (2023) nos fornece uma base para apresentar o afroturismo como uma experiência pautada por narrativas afrocentradas, sejam elas urbanas ou rurais. Esse tipo de turismo visa ao resgate, à valorização, à preservação e à reconexão com a identidade e a história por meio de bens culturais. A proposta é "deslocar o olhar do turismo tradicional, influenciado por uma perspectiva branca e eurocêntrica, para uma abordagem que reflita a perspectiva negra sobre os fenômenos socioeconômicos e culturais relacionados à prática do turismo" (Oliveira, 2020, p. 308). A utilização da nomenclatura *afroturismo* para nomear essa experiência problematiza o uso de *turismo étnico afro*, considerado "ultrapassado e racista", uma vez que "o termo 'étnico' nunca é usado para classificar brancos, que são considerados o 'universal/padrão'" (Teixeira, 2023, p. 52).

No artigo *Turismos diaspóricos: mapeando conceitos e questões* (2018), a pesquisadora Patrícia de Santana Pinho alerta sobre o cuidado necessário ao utilizar expressões oriundas do mercado turístico, cujo intuito é promover a comercialização de produtos sem necessariamente ter algum envolvimento com a problemática

étnico-racial (Pinho, 2018). Ao utilizar esses termos, a pessoa que produz conhecimento científico deve estar ciente de que, ao adotá-los, os termos tornam-se “conceitos analíticos, adquirindo significados específicos que os transformam em ferramentas de observação e análise da sociedade” (Pinho, 2018, p. 115).

A contextualização sobre a roteirização da vivência dos lugares e seus bens culturais segundo conceitos relacionados ao turismo cultural é relevante para caracterizar os roteiros em relação ao imbricamento entre história e turismo na produção do espaço urbano de cidades turísticas como Curitiba.

3 PRÁTICAS COMUNS, EXPERIÊNCIAS PARTICULARES⁵¹

A partir da vivência dos roteiros histórico-turísticos, na prática metodológica da observação participante, pude descrever os modos como os projetos Linha Preta (LP), Entre Passos e História: Percurso Afro Curitiba (EPH) e Linha Turismo (LT) acionam as narrativas sobre os lugares de memória negra ao longo de seus trajetos. O ponto em comum nessa prática espacial negra (Silva, 2022) é a forma como os percursos são realizados, sempre por meio de caminhadas, geralmente localizadas no centro da cidade de Curitiba. Já suas diferenças ficam evidentes no modo como se apropriam de artefatos urbanos, por exemplo, esculturas, ruas, praças públicas e lugares onde o sagrado se materializa em árvores (Dia do Caboclo..., 2023), assim como tornam próprios documentos históricos e imagens iconográficas.

Para a elaboração dos subítens deste capítulo referentes aos roteiros LP, EPH e LT, utilizei as informações coletadas na pesquisa documental, organizadas nos Apêndices de 10 a 12, em conjunto com as descrições presentes nos Apêndices de 1 a 3.

3.1 LINHA PRETA (LP)

“As palavras dançam ao som das palmas e do pandeiro, movimentando os pés, que se acomodam nas pedras do petit-pavé para ouvir as histórias sobre a presença negra em Curitiba.” (Oliveira, 2024, notas de campo)

O percurso LP é um projeto do Centro Cultural Humaita, organização não governamental dedicada ao estudo e pesquisa da arte e cultura afro-brasileira. O roteiro turístico foi elaborado por Adegmar José da Silva (Kandiero) e Melissa Reinehr (Melissa), ambos ativistas do movimento negro e fundadores do centro cultural. Melissa e Kandiero também eram os responsáveis pela mediação nos percursos, mas, a partir do ano de 2025, Kandiero passou a mediar o roteiro em dupla com sua filha, Isis Rosa. O Quadro 5 apresenta uma minibiografia das pessoas que organizaram e guiaram o roteiro LP no período em que foi realizada a observação participante que faz parte deste estudo.

⁵¹ Em referência ao autor Michel de Certeau (2014, p. 35): “Os relatos de que se compõe esta obra pretendem narrar práticas comuns. Introduzi-las com as experiências particulares, as frequentações, as solidariedades e as lutas que organizam o espaço onde essas narrações vão abrindo um caminho [...]”.

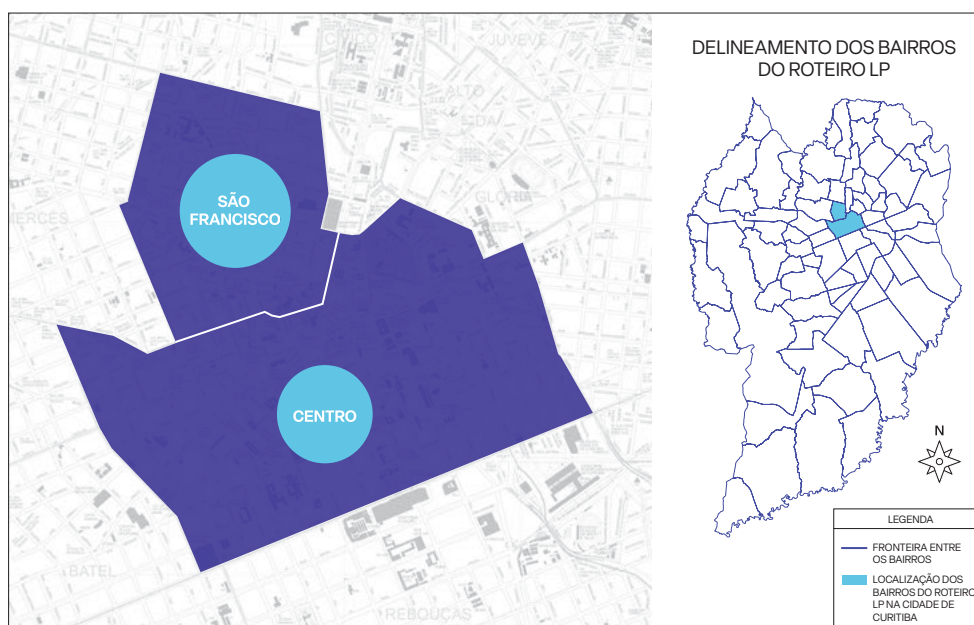
Quadro 5 – Minibiografia de Adegmar José da Silva e Melissa Reinehr

	Adegmar José da Silva (Kandiero)
Adegmar José da Silva, conhecido como Kandiero, é natural de Goioerê (PR). Atua nas rodas de cultura de matriz africana, dedicando-se ao estudo e à disseminação de conhecimentos sobre a história e a cultura afroparanaense. Há mais de 30 anos, é um estudioso da capoeira angola e dos tambores na cultura afrobrasileira. Kandiero tem formação em Ciências Políticas pelo Centro Universitário Internacional (Uninter) e é Defensor Público Popular graduado pelo Instituto Federal do Paraná (IFPR). Além de escritor e pesquisador, é proprietário da Editora Humaitá, com textos publicados nos <i>Cadernos Negros</i> e em diversas antologias.	
	Melissa Reinehr
	Natural de Curitiba (PR), Melissa Reinehr tem formação em teatro pelo Colégio Estadual do Paraná e em Letras pela UFPR. Coursou Ciências da Linguagem, com especialização no Ensino de Língua e Cultura Francesa e Interculturalidade, na Université Charles de Gaulle, na França. Atua como analista corporal e comportamental, além de ser escritora, pesquisadora, atriz e contadora de histórias. Entre suas obras, destacam-se a coautoria nos livros <i>Afrocuritibanos: crônicas, manifestos e pensamentos azeviche</i> e <i>Oralidades afro-paranaenses: fragmentos da presença negra na história do Paraná</i>.

FONTE: Elaborado pela autora (2025) com base em Coqueiro; Reinehr; Silva (2018); Reinehr; Silva (2016). Imagens: Quem é..., 2024; Instagram @melissa_reinehr.

Durante as caminhadas, Melissa e Kandiero conduzem o percurso e se apropriam da poesia e da narrativa oral para evidenciar temas relativos à ancestralidade, à religiosidade, à arte, à tecnologia, ao protagonismo, ao trabalho e às sociabilidades, com foco na valorização da cultura e da história negra na cidade de Curitiba e no estado do Paraná. O projeto LP mapeou 21 pontos na cidade com referências históricas e culturais sobre a presença da população negra na capital paranaense. Parte desses lugares de memória são apresentados às pessoas participantes em caminhadas realizadas nos bairros Centro e São Francisco, na cidade de Curitiba, tendo como principal objetivo valorizar e dar visibilidade às contribuições da população negra na produção da história da cidade. Na Figura 5, podemos observar a delimitação espacial dos bairros acessados na caminhada realizada na observação participante (Apêndice 1) e sua localização comparada com os demais bairros da cidade.

Figura 5 – Delimitação espacial do roteiro LP



FONTE: Elaborada pela autora (2025) com base em IPPUC (2025).

Na região da cidade indicada na Figura 5, são realizadas as caminhadas compostas por diversos públicos: público em geral, que toma conhecimento pelas redes sociais e se inscreve na caminhada; eventos organizados para estudantes de diferentes instituições de ensino e níveis de escolaridade; e eventos organizados para instituições governamentais e privadas. Cada percurso aberto ao público geral custa 50 reais⁵² e acontece de cinco a seis vezes por ano, aos sábados⁵³.

O roteiro e o conteúdo histórico referentes aos lugares de memória foram planejados por Melissa e Kandiero e estão disponíveis em um site elaborado e desenvolvido por estudantes do sétimo período de Jornalismo do UniBrasil Centro Universitário, no ano de 2018. O projeto contou com a supervisão da professora da disciplina Laboratório de Assessoria de Imprensa, Elaine Javorski⁵⁴, e do Centro Cultural Humaita. O Anexo 1 traz a estrutura da página de início do site do projeto.

Nesse site, a representação visual com os 21 pontos do roteiro é interativa, permitindo a escolha do local a ser explorado e a visualização de textos, imagens e vídeos sobre o local selecionado. Os pontos indicados correspondem aos locais: Ruínas de São Francisco, Igreja do Rosário, Largo da Ordem, Bebedouro do Largo,

⁵² Valores praticados no ano de 2024.

⁵³ Números estimados a partir da observação das publicações do projeto em suas redes sociais no ano de 2024.

⁵⁴ Foi professora no Centro Universitário UniBrasil no período entre 2010 e 2018. Atualmente é professora adjunta do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz. Fonte: Currículo Lattes, ID Lattes: 6694406565412206.

Memorial de Curitiba, Praça Tiradentes, Arcadas do Pelourinho, Água para o Morro, Praça Zacarias, Praça 19 de Dezembro, Praça Santos Andrade, Sociedade 13 de Maio, Gameleiras Sagradas, Museu Paranaense, Emiliano Pernetá, Voluntários da Pátria, Viaduto do Capanema, Engenheiros Rebouças, Museu de Arte Sacra, Catedral Basílica Menor e Memorial Africano.

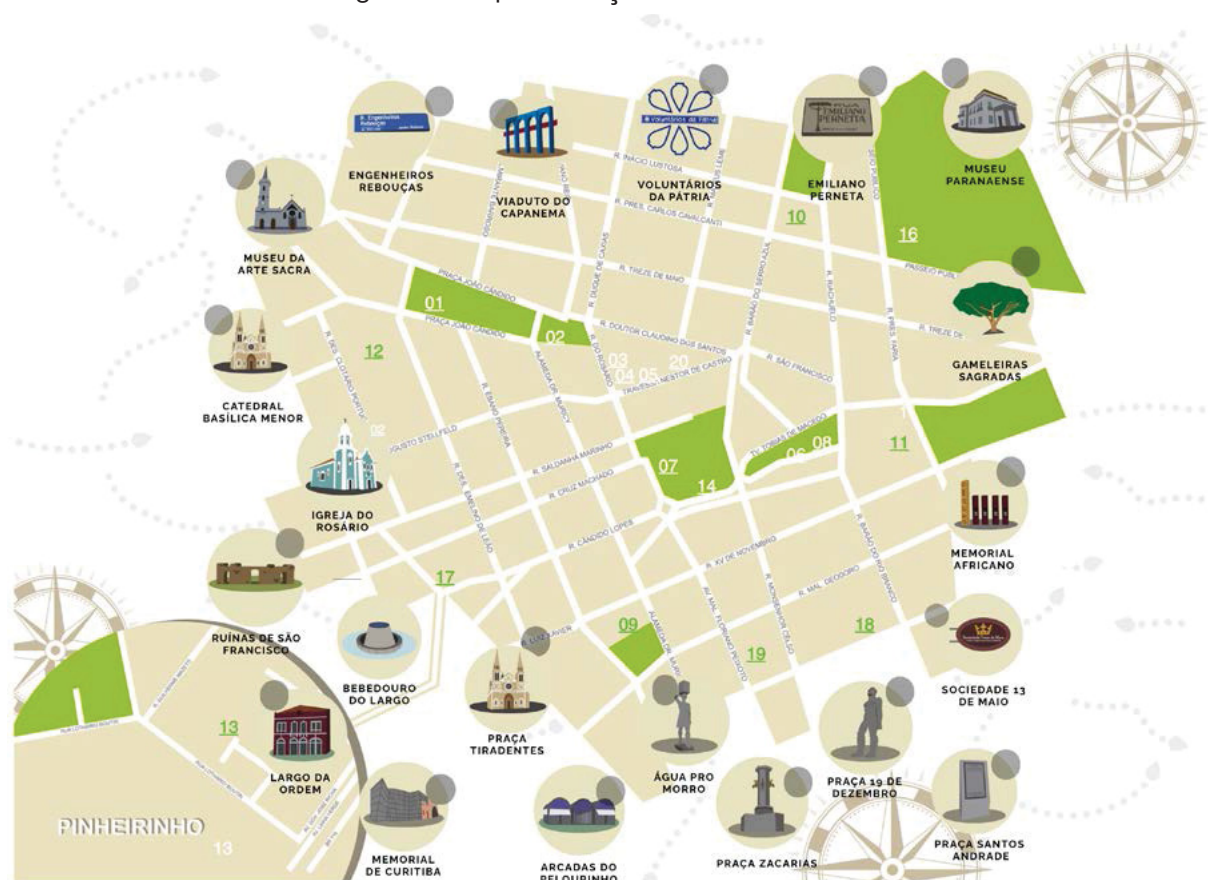
De modo geral, os percursos foram divididos em três trajetos predefinidos pela organização do projeto, sendo duas caminhadas distintas praticadas no centro histórico da cidade e um percurso realizado no Memorial Africano⁵⁵, em uma caminhada específica⁵⁶. Os trajetos do centro histórico têm duração de aproximadamente três horas, com a participação de no máximo 30 pessoas. As informações sobre as caminhadas do roteiro que estão abertas ao público, bem como os registros das atividades já realizadas, estão organizados no site e nas redes sociais Instagram, Facebook e YouTube do projeto LP. A coleta e o tratamento das informações disponibilizadas pelo projeto LP foram sistematizados conforme o protocolo de coleta de dados institucionais (Apêndice 10).

Para os propósitos desta pesquisa, optei pela padronização do uso da expressão *representação visual* no lugar de *mapa* para me referir às três formas distintas de comunicar visualmente os roteiros e seus pontos históricos e turísticos. O uso da palavra *representação* também faz referência ao conceito de representação (Hall, 2016) acionado na elaboração teórica do capítulo *Onde estão as pessoas negras?*. A estrutura com os elementos que compõem a representação visual do roteiro pode ser observada na Figura 6.

⁵⁵ Localizado na Praça Zumbi dos Palmares, no bairro Pinheirinho, o memorial foi inaugurado para homenagear o continente africano em virtude da Copa do Mundo de Futebol de 2010 (Memorial Africano..., 2010).

⁵⁶ As caminhadas no Memorial Africano são organizadas e realizadas conforme a demanda de grupos interessados, como instituições de ensino.

Figura 6 – Representação visual do roteiro LP



FONTE: Linha Preta (2025).

A representação visual do roteiro sinaliza os pontos do trajeto com signos visuais que simbolizam os artefatos urbanos mobilizados na caminhada. Esses signos estão dispostos em uma base cartográfica que sugere o arruamento e a posição dos artefatos na área retratada. No entanto, o mapeamento sugerido na imagem não corresponde nem à sua localização, nem ao traçado real do espaço urbano. Na imagem, também estão presentes elementos visuais que remetem à direção, como a rosa dos ventos e as linhas tracejadas com setas. Na organização dos pontos do roteiro, não existe o desenho de um trajeto que faça a conexão entre eles. Dessa forma, a visualização do percurso só se torna possível na prática da caminhada.

A observação participante desse percurso foi realizada no dia 11 de maio de 2024, em dez pontos do roteiro, tendo como guias Kandiero e Melissa. As informações da observação participante foram sistematizadas de acordo com o protocolo de registro de diário de campo (Apêndice 1). As informações extraídas do diário de campo indicam uma apresentação narrativa estruturada na oralidade, utilizando a música e a poesia como ferramentas. Em uma espécie de jogral, Kandiero e Melissa se revezaram para apresentar as histórias sobre as pessoas e os locais que são significativos para o registro da presença da população negra na produção do espaço urbano da cidade.

A mediação de Kandiero e Melissa ressaltou a invisibilização da presença negra na historiografia oficial e frequentemente reproduzida em roteiros turísticos e na comunicação governamental. Além disso, destacou o protagonismo de pessoas negras em diversas áreas relacionadas à produção do espaço urbano. Para apresentar essa contranarrativa, apropriaram-se de artefatos urbanos para contar tanto as histórias de invisibilização quanto as memórias do protagonismo de pessoas negras evidenciadas no roteiro.

Como estratégia de observação, adotei a ação de “ir junto” e acompanhei os deslocamentos do grupo de aproximadamente 20 pessoas, seus movimentos e as relações estabelecidas entre si e com as pessoas que circularam entre e ao redor do grupo. A experiência foi complementada pelos comentários das participantes e transeuntes, que muitas vezes acompanharam e interferiram na dinâmica do grupo. Mesmo com um roteiro predeterminado, a percepção de produção coletiva do espaço social se realiza nas relações estabelecidas no percurso.

3.2 ENTRE PASSOS E HISTÓRIA: PERCURSO AFRO CURITIBA (EPH)

“O vazio do espaço contido pelo muro amarelo é vestígio de um tempo de lutas e festas. Seguimos o rastro da memória dos pretos e pretas nos encontros de ontem e de hoje para a construção da cidade.” (Oliveira, 2024, notas de campo)

O percurso EPH é um projeto do Coletivo Étnico-Racial do SISMMAC. O coletivo foi criado com o objetivo de desenvolver ações que fortaleçam a luta por igualdade racial e por uma educação antirracista (SISMMAC, 2025c) na cidade de Curitiba. Idealizado pelo professor de História e Sociologia Sandro Luis Fernandes (Sandro), o percurso é realizado em caminhadas na região central da cidade, com o objetivo de “identificar e divulgar locais relacionados à presença negra em Curitiba” (SISMMAC, 2025a). O Quadro 6 apresenta uma minibiografia do professor Sandro.

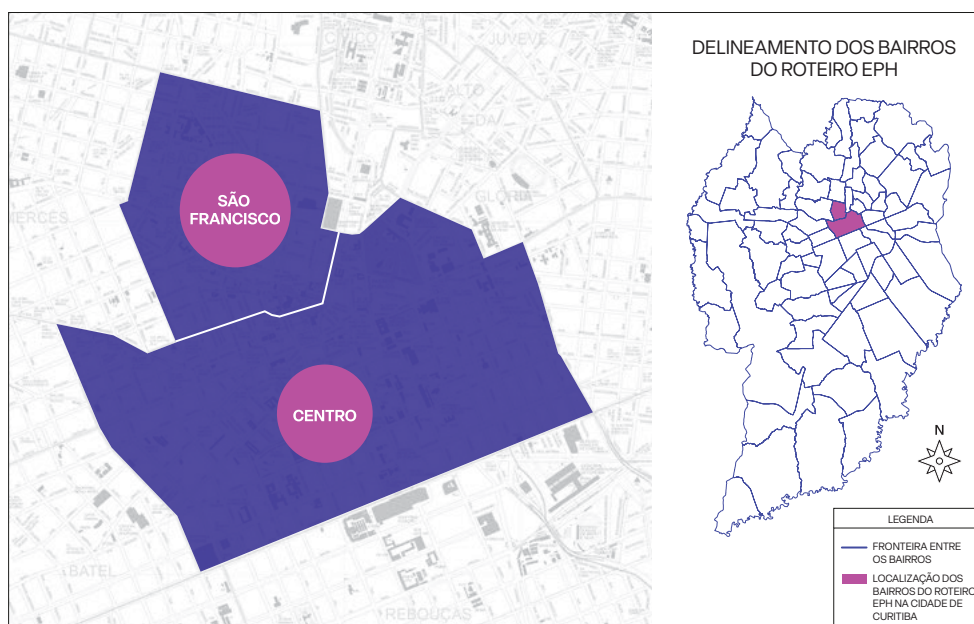
Quadro 6 – Minibiografia de Sandro Luis Fernandes

	Sandro Luis Fernandes
Sandro Luis Fernandes, natural de Guaruva-PR, é graduado em História pela Universidade Federal do Paraná (1996) e possui especialização em Imagens, Linguagens e Ensino de História pela mesma instituição (2000). Obteve mestrado em Educação, com ênfase no ensino de História e no uso do cinema (2007). Além de pesquisador nas áreas de Educação Histórica e da trajetória de Enedina Alves Marques, é professor de História na Escola Municipal São Miguel e de Sociologia no Colégio Dom Bosco. Sua atuação se destaca pela ênfase na educação e na pesquisa histórica.	

FONTE: Elaborado pela autora (2025) com base no currículo Lattes de Sandro Luis Fernandes (ID Lattes: 4933020909380192). Imagem: Instagram @sismmac.

O professor Sandro atua como mediador e apresenta as informações sobre o percurso com o auxílio de um megafone. Nas paradas do trajeto, o guia destacou pessoas e lugares relacionados à presença de pessoas negras em Curitiba. Esse recorte histórico afrocentrado é exposto durante uma caminhada realizada na região central da cidade, nos bairros Centro e São Francisco. Na Figura 7, podemos observar a delimitação espacial dos bairros acessados na caminhada realizada na observação participante (Apêndice 2).

Figura 7 – Delimitação espacial do roteiro EPH



FONTE: Elaborada pela autora (2025) com base em IPPUC (2025).

O conteúdo histórico do projeto do Coletivo Étnico-racial do SISMMAC foi elaborado por um grupo de professoras e professores da rede municipal de ensino e está organizado em um pôster impresso, distribuído no início da caminhada, além de estar disponível em uma versão digital no site do sindicato (SISMMAC, 2025b). O roteiro conta com 14 lugares de memória que registram a presença da população negra na cidade: Ruínas de São Francisco, Sociedade Protetora dos Operários, Sociedade Treze de Maio, Grafites do artista curitibano Rimon Guimarães, Praça Zacarias, Instituto de Educação do Paraná, Enedina Alves Marques, Praça Santos Andrade, Paço da Liberdade, Emerenciana Cardoso Neves, Arcadas do Pelourinho, Praça Tiradentes, Largo da Ordem, Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito. O conteúdo historiográfico aborda temas relativos a mutualismo, trabalho, educação, arte, tecnologia, protagonismo, ancestralidade, sociabilidades e valorização da cultura e história negra.

A caminhada tem trajeto predefinido, mas pode sofrer modificações quanto ao número de pontos visitados e à duração do percurso, dependendo de fatores como a idade dos participantes e as condições climáticas. O percurso é gratuito, com periodicidade de duas a três caminhadas no ano, e sua duração é de aproximadamente duas horas. As informações sobre as caminhadas, bem como os registros das atividades já realizadas, estão organizadas no site e nas redes sociais Instagram, Facebook e YouTube do SISMMAC. Os dados coletados sobre o roteiro foram sistematizados de acordo com o protocolo de coleta de dados institucionais (Apêndice 11). A seção do site que corresponde ao Coletivo Étnico-Racial pode ser visualizada no Anexo 2.

Os eventos são abertos ao público geral, com organização do Coletivo Étnico-Racial do SISMMAC e participação de entidades como: Centro de Promoção de Agentes de Transformação (Cepat), Jesuítas Brasil, Instituto Humanitas Unisinos, Associação Cultural Negra e Afrodescendente de Curitiba e Região Metropolitana (ACNAP), Núcleo de Direitos Humanos e Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná (APP-Sindicato), Cursinho Popular Ubuntu, Julho das Pretas, Pastoral Afro Brasileira, entre outras. Os 14 pontos do roteiro são numerados e sinalizados com fotografias, imagens pictóricas e informações sucintas sobre pessoas, instituições e locais que podem fazer parte da caminhada. Esse material serve de apoio para o guia e as pessoas que fazem o percurso. A Figura 8 ilustra a versão digital do pôster.

Figura 8 – Representação visual (pôster digital) do roteiro EPH





FONTE: SISMMAC (2025b).

Como representação visual do roteiro EPH, o fôlder sinaliza os 14 pontos por meio de imagens pictóricas como pinturas, imagens fotográficas e documentos históricos (diploma), sem fazer uso de uma base cartográfica para indicá-los no espaço urbano. Os pontos do trajeto são contextualizados com imagens de pessoas negras, representadas individual ou coletivamente; mesmo com a ausência da narrativa apresentada na caminhada, podemos visualizar a temática afrocentrada do roteiro EPH.

Assim como na representação visual do roteiro LP, a organização dos pontos do roteiro EPH não apresenta o desenho de um trajeto que conecte seus pontos, tornando a visualização do percurso possível apenas durante a realização da caminhada. A observação participante desse percurso foi realizada em 12 pontos do roteiro, no dia 16 de novembro de 2024. As informações coletadas foram sistematizadas seguindo o protocolo de registro de diário de campo produzido para esta pesquisa (Apêndice 2).

As anotações do diário de campo revelam a composição do grupo de participantes da caminhada, que em sua maioria foi formada por professoras e professores da rede municipal de ensino de Curitiba, de diferentes gêneros, etnias e idades. Duas crianças e um cachorro também fizeram parte do conjunto de aproximadamente 55 pessoas⁵⁷. A principal estratégia de ação foi “ir junto”, ou seja, acompanhar os

⁵⁷ O número de pessoas é aproximado pelo fato de que parte deles entrou e saiu da caminhada em

participantes em suas dinâmicas no espaço urbano, as formações de pequenos grupos de pessoas conhecidas, as relações estabelecidas entre as caminhanteres e o guia, bem como entre elas e as transeuntes que circularam entre e ao redor do grupo.

Em sua mediação, professor Sandro destacou a relevância dos pontos do roteiro a partir das biografias das pessoas que viveram e ocuparam esses lugares de memória da população negra. A contranarrativa foi apresentada de acordo com os artefatos urbanos que sinalizam os pontos do roteiro e concentra-se na presença de pessoas negras na produção social do espaço urbano, com ênfase nas suas associações coletivas que atuaram (e ainda atuam) na educação, no trabalho, na religiosidade e no lazer. A ocupação das calçadas, e em algumas situações das ruas da cidade, ocorreu em movimentos de retração e expansão, obedecendo às paradas do roteiro e às configurações e dinâmicas do espaço urbano. O ato de caminhar em grupo interage com os movimentos de quem passa ao redor, proporcionando desvios e olhares curiosos.

Durante os momentos de dispersão, pequenos grupos se formaram de acordo com afinidades do passado e experiências compartilhadas da caminhada. Nessa circunstância, o megafone do guia cumpriu a função de reagrupar os participantes e tornar compreensíveis as informações em momentos de ruído mais intenso nas ruas. Nessa observação participante, a circulação coletiva gerou a sensação de proteção e pertencimento proporcionada por um grupo maior de pessoas durante o deslocamento no espaço urbano. Essa noção de pertencimento é reforçada pela construção da contranarrativa que destaca a presença individual de pessoas negras em um contexto de coletividade. Observar os movimentos das micro e macrodinâmicas entre as caminhanteres e as transeuntes, somada a essa leitura da cidade, enriqueceu o processo de compreensão da produção do espaço urbano.

3.3 LINHA TURISMO (LT)

“A janela emoldura o movimento fragmentado da cidade. A textura sonora, de dentro e fora, aprisiona as palavras da voz metalizada que abrem um portal para histórias de concreto e pertencimento na cidade do verde domesticado.” (Oliveira, 2024, notas de campo)

Iniciativa do Instituto Municipal Curitiba Turismo (IMCT)⁵⁸, o roteiro LT tem seu percurso realizado em ônibus de dois andares, com piso superior panorâmico e teto retrátil. O veículo é equipado com sistema de som, que apresenta informações sobre os atrativos turísticos do roteiro em quatro idiomas: português, inglês, espanhol e francês. Além do motorista, o ônibus conta com a presença de uma pessoa que controla a catraca e ajuda a transmitir as informações dos percursos aos turistas.

Quadro 7 – Descrição do projeto LT

	Linha Turismo (LT)
Inaugurada em 1994 pelo então prefeito de Curitiba Rafael Greca, o roteiro LT circula pelos principais pontos turísticos da cidade, entre eles, parques, museus, teatros, mirantes, espaços culturais, centro histórico, bairro gastronômico, memoriais étnicos. Durante o percurso, é possível vivenciar a cultura, a arquitetura e a história de Curitiba. Considerada uma das melhores do país, a Linha Turismo de Curitiba completou 30 anos em 2024. A linha percorre aproximadamente 48 km em cerca de três horas. O roteiro começa na Rua 24 Horas, mas é possível embarcar no ônibus em qualquer um dos pontos do roteiro.	

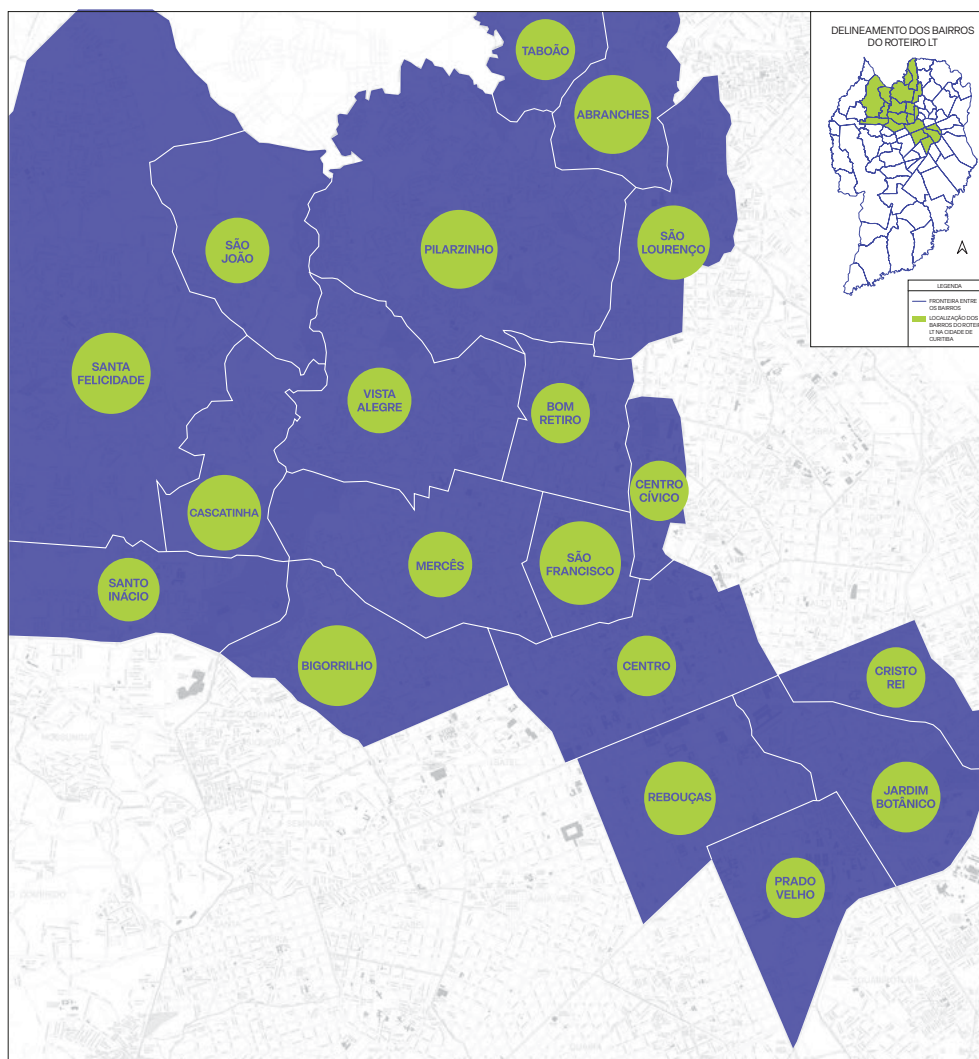
FONTE: Elaborado pela autora (2025) com base em Instituto Municipal Curitiba Turismo (2025e); Linha Turismo... (2022); URBS (2025). Imagem: Evento..., 2024.

O roteiro apresenta 26 atrativos turísticos da cidade de Curitiba: Rua 24 Horas, Praça Rui Barbosa, Museu Ferroviário, Teatro Paiol, Jardim Botânico, Rodoferrviária/Mercado Municipal, Teatro Guaíra/Universidade Federal do Paraná, Paço da Liberdade, Passeio Público/Memorial Árabe, Centro Cívico, Museu Oscar Niemeyer, Bosque do Papa/Memorial Polonês, Bosque Alemão, Universidade Livre do Meio Ambiente, Parque São Lourenço, Ópera de Arame, Parque Tanguá, Parque Tingui, Memorial Ucraniano, Portal Italiano, Santa Felicidade, Parque Barigui, Torre Panorâmica, Setor Histórico, Praça Tiradentes e Rua das Flores.

⁵⁸ Autarquia municipal responsável pelo setor de turismo da cidade e pelo projeto LT (Instituto Municipal Curitiba Turismo, 2025).

Os atrativos turísticos são apresentados aos participantes durante o deslocamento com o ônibus de turismo por 19 bairros da região norte da cidade. Na Figura 9, podemos observar a delimitação espacial dos bairros acessados durante a observação participante (Apêndice 3).

Figura 9 – Delimitação espacial do roteiro LT



FONTE: Elaborada pela autora (2025) com base em IPPUC (2025).

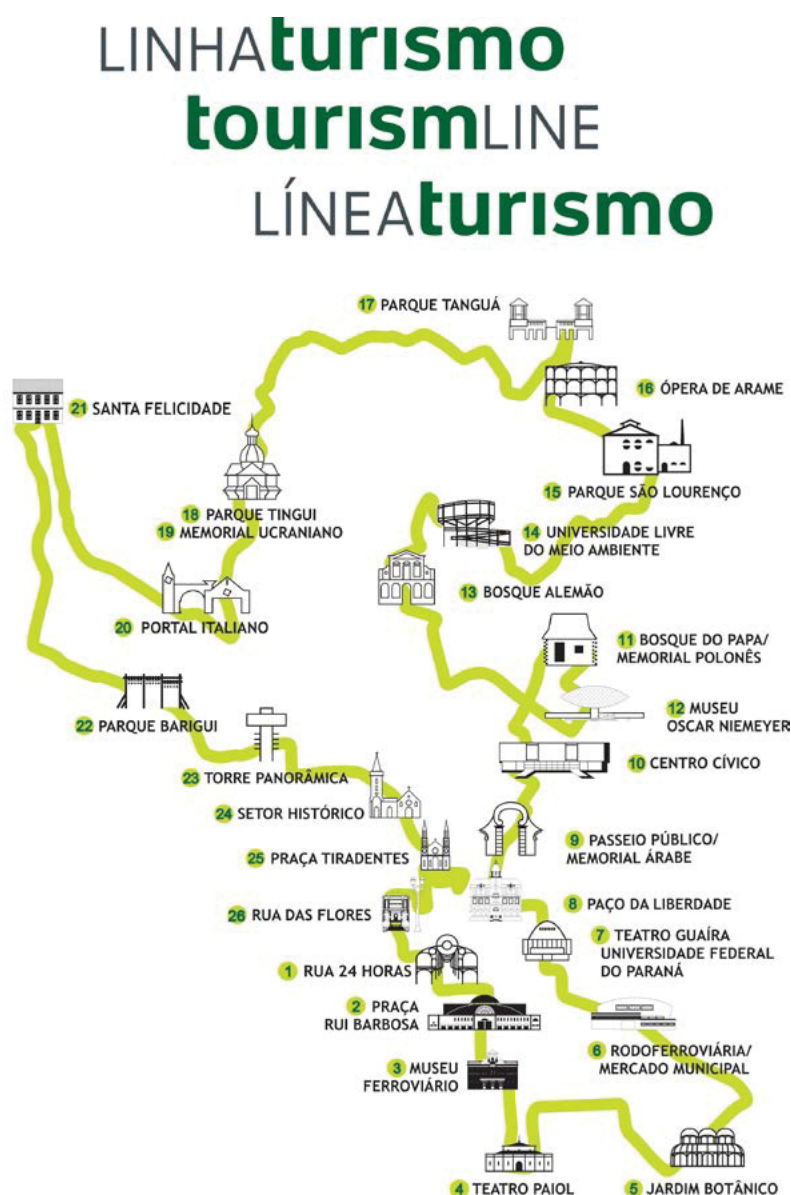
Os 26 pontos turísticos têm parada para desembarque nos bairros: Abranches, Centro, Centro Cívico, Jardim Botânico, Mercês, Pilarzinho, Prado Velho, Rebouças, Santa Felicidade, São Francisco, São João, São Lourenço, Taboão e Vista Alegre. No deslocamento com o veículo motorizado, os pontos são apresentados antes de cada parada e o conteúdo das gravações aborda temas relacionados a arquitetura, patrimônio histórico, etnias, cultura, espaços naturais, gastronomia e lazer.

As informações sobre os atrativos turísticos estão organizadas em três sites vinculados à Prefeitura Municipal de Curitiba. O site do Instituto Municipal Curitiba Turismo (IMCT) disponibiliza textos e imagens sobre os locais, um mapa com o trajeto,

além das informações básicas sobre o funcionamento da linha turística (Anexo 3).

Já o site da Urbanização de Curitiba (URBS) apresenta um mapa interativo com os locais e textos curtos sobre os pontos turísticos, bem como detalhes sobre o funcionamento da linha e o mapa que ilustra o trajeto (Anexo 4). O mais completo de todos é o site do LT (Anexo 5), lançado em 2025, que oferece informações sobre o funcionamento da linha turística, incluindo os pontos de embarque, uma tabela de horários, um mapa com a localização em tempo real dos ônibus e uma página dedicada a todas as atrações turísticas. O site também apresenta as características das atrações, seus horários de funcionamento, imagens dos locais e a gravação que é executada nos ônibus da LT. A representação visual do roteiro (Figura 10) está presente nos três sites citados.

Figura 10 – Representação visual do roteiro LT



FONTE: Linha Turismo (2025a).

Na representação visual do roteiro LT, os 26 pontos são interligados por uma linha que percorre os signos visuais correspondentes a cada atrativo turístico, sem contar com uma base cartográfica composta pelo traçado das ruas que fazem parte do trajeto. A imagem também sinaliza o nome do roteiro, com suas respectivas traduções para o inglês e o espanhol, indicando a possibilidade de que conteúdo das gravações esteja disponível nesses idiomas. Os signos visuais que sinalizam os pontos de embarque e desembarque representam as formas edificadas dos atrativos turísticos, construídas a partir de seus contornos em preto e preenchimento branco.

O percurso não tem rota predefinida; seu itinerário é circular, permitindo aos usuários embarcar e desembarcar em qualquer ponto do trajeto durante um período de 24 horas. O serviço opera de terça a domingo e tem um custo de 50 reais. Os dados coletados sobre o roteiro foram sistematizados de acordo com o protocolo de coleta de dados institucionais (Apêndice 12).

A observação participante desse percurso foi realizada no dia 20 de outubro de 2024, em 24 pontos do roteiro. Nessa observação, optei por permanecer no ônibus de forma contínua, realizando apenas um desembarque, sem a visita ao ponto turístico. As informações da observação participante foram sistematizadas de acordo com o protocolo de registro de diário de campo (Apêndice 4).

Nessa observação participante, a experiência no espaço urbano é mediada por um veículo em movimento. Essa vivência proporcionou diferentes percepções sobre as relações estabelecidas ao longo do percurso. A sensação de isolamento e monotonia durante um deslocamento prolongado foi acentuada pelo clima frio e nublado, bem como pelo fato de a viagem ter sido realizada de forma individual. Os pequenos agrupamentos de pessoas que subiam e desciam do ônibus demonstravam emoções variadas, que iam da euforia ao cansaço.

A estratégia de “ir junto” ocorreu de forma parcial e fragmentada, uma vez que acompanhei os diferentes grupos apenas durante o trecho do percurso em que viajavam comigo. Nesse convívio, as relações são estabelecidas principalmente entre as pessoas do mesmo grupo, sejam elas turistas ou residentes de Curitiba.

A narrativa contida nas gravações apresenta marcos arquitetônicos e espaços naturais dedicados à memória das etnias destacadas no roteiro. Esse recorte histórico privilegia determinadas etnias em detrimento de outras na historiografia da cidade. O enfoque principal do roteiro está centrado nas construções “de pedra e cal”, no patrimônio edificado, com ênfase nas “dimensões artísticas ou arquitetônicas clássicas das produções culturais” (Cavalcanti, 2019, p. 54), assim como nos espaços naturais organizados, históricos ou produzidos para fins turísticos.

Nessa observação participante, o movimento do corpo acompanha os movimentos do ônibus, e o olhar é emoldurado pelos diferentes formatos de janela disponíveis no veículo. A relação com a cidade é vivida por meio dos movimentos de dentro—fora mediado por esse artefato de vidro.

Os breves relatos sobre as experiências nas observações participantes realizadas nos três roteiros histórico-turísticos foram apresentados em diálogo com as técnicas de ação “ficar parado”, “ir junto” e “aproximar-se” (Juel-Jacobsen, 2024). Nos Apêndices de 16 a 18, as descrições completas das observações participantes ampliam a experiência vivenciada nos trajetos dos três roteiros. Observadas em conjunto com as informações institucionais de cada projeto apresentado neste capítulo, revelam alguns indícios sobre os “modos de fazer” o espaço urbano de Curitiba. Essas evidências das diversas formas de produzir e usar a cidade, bem como suas correlações, são ampliadas no Capítulo 4 (*Manchas e trajetos*), com base nas descrições dos percursos apresentados neste capítulo.

4 MANCHAS E TRAJETOS

As observações participantes realizadas nos três roteiros histórico-turísticos, além de evidenciarem suas características, também indicaram como essas práticas distintas produziram o espaço urbano de Curitiba em suas experiências particulares. A vivência e a observação dessas práticas espaciais, juntamente com as construções visuais e verbais das narrativas apresentadas pelos três roteiros, formam o conjunto heterogêneo de informações sistematizadas em protocolos, descrições e composições cartográficas elaborados para esta pesquisa.

Esses materiais foram justapostos neste capítulo com o objetivo de identificar recorrências e possíveis ausências nos relatos históricos apresentados pelos roteiros, assim como similaridades e diferenças no uso da materialidade dos artefatos urbanos como suporte das narrativas da memória urbana da cidade de Curitiba. Trabalhar com materiais heterogêneos nos dá a possibilidade de “contrastar alguns discursos com outros, com os fatos sociais dos quais esses discursos falam e com a experiência dos sujeitos que os enunciam” (Canclini, 1995, p. 74).

Colocar em relação as particularidades que constituem essas práticas permite expor a complexidade de suas interações, ao destacar a coexistência de convergências e divergências narrativas, o que as torna suscetíveis à influência mútua. A rua é o canal, o meio onde circulam as diferenças na forma de pensar a cidade, as quais se aproximam e distanciam assim como as ondulações da maré deixam vestígios do movimento nas ilhas de um arquipélago (Glissant; Obrist, 2023; Martín-Barbero; González, 2004). Ao cartografar a linha que dá forma aos trajetos, procurei tornar visíveis “as mediações e os sujeitos” que possibilitaram “construir imagens das relações e dos entrelaçamentos” (Martín-Barbero; González, 2004, p. 12, 18) de seus pontos de vista, bem como das áreas onde práticas espaciais, narrativas e contranarrativas se aproximam, se sobrepõem e se distanciam no espaço urbano.

A cartografia apresentada neste capítulo foi produzida a partir do entrelaçamento entre a experiência distinta vivenciada nos três percursos e as informações coletadas nas plataformas de comunicação dos projetos LP, EPH e LT. A partir disso, foram traçados os trajetos realizados nas observações participantes. Nesta pesquisa, as composições cartográficas foram desenvolvidas com o intuito de localizar o objeto de estudo em seus recortes no espaço urbano. Essas construções possibilitaram a observação sobre como o desenho de manchas e trajetos se relaciona com aspectos políticos, socioeconômicos e culturais da cidade de Curitiba. A realização dessa cartografia teve como base as categorias *mancha*, *trajeto* e *circuito* apresentadas no Capítulo 2 (*Práticas cotidianas no espaço urbano*).

O traçado das linhas das composições cartográficas foi realizado durante os deslocamentos que “levam de um ponto a outro” dos percursos “por meio de pórticos” (Magnani, 2002, p. 23). No decorrer desses trajetos, os artefatos urbanos cumprem a função de “marcos de transição na paisagem” (Magnani, 2014, p. 12) e são apropriados pelas pessoas que conduzem e participam dos roteiros. A partir das composições cartográficas apresentadas neste capítulo, foi possível analisar como o desenho dessas vivências se relaciona com a configuração da cidade, tanto em suas dimensões socioespaciais quanto nas distâncias temporais percorridas no espaço urbano de Curitiba.

O delineamento das áreas de circulação nas composições cartográficas acompanha o desenho dos trajetos realizados no interior dessas manchas, conforme a circulação das pessoas participantes pelos pontos dos roteiros (Magnani, 1993, 2002). Sua delimitação destaca os recortes espaciais demarcados pelos percursos e a dimensão temporal dos deslocamentos entre seus pontos. Como áreas urbanas contíguas, as manchas contêm os artefatos urbanos que funcionam como pontos de referência e de mediação para as práticas realizadas nos trajetos percorridos (Certeau, 2014; Magnani, 2002). Os deslocamentos praticados nos três roteiros histórico-turísticos estabelecem as manchas⁵⁹ visualizadas na Figura 11.

Figura 11 – Delimitação espacial das manchas dos roteiros LP, EPH e LT

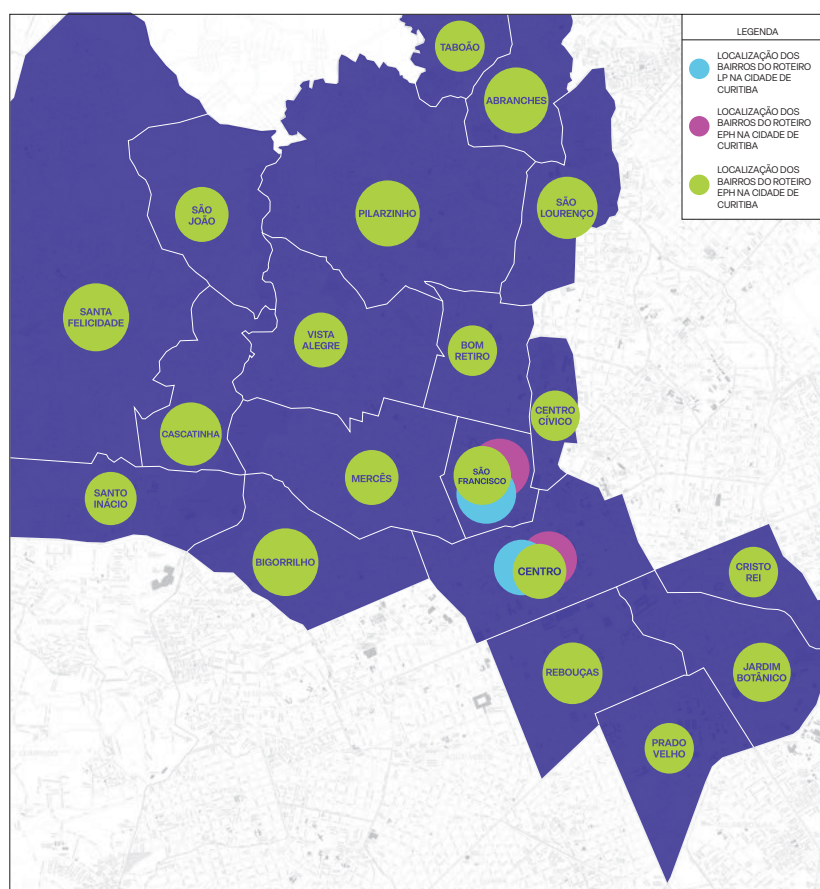


FONTE: Elaborada pela autora (2025) com base em IPPUC (2025).

⁵⁹ Estabelecer como critério o desenho dos trajetos para delimitar a área das manchas implica compreender que essas manchas particulares contêm ou se sobrepõem a outras manchas. Como exemplos dessa relação, destacam-se a mancha que concentra as sociabilidades na região de Santa Felicidade e seu circuito gastronômico, assim como o circuito que envolve o Setor Histórico de Curitiba.

No contorno dos trajetos, com seus pontos e linhas distribuídos no espaço urbano, as manchas ganham forma. Na composição cartográfica da figura anterior, a transparência das cores utilizadas na construção das manchas permite a visualização das áreas de sobreposição dos percursos. Os três roteiros demarcam seus pontos histórico-turísticos na região norte de Curitiba. Os trajetos LP e EPH estão concentrados nos bairros São Francisco e Centro e contêm parte de seus pontos no Setor Histórico⁶⁰; já o trajeto LT percorre 19 bairros⁶¹ da cidade (Figura 12).

Figura 12 – Bairros percorridos pelos roteiros LP, EPH e LT



FONTE: Elaborada pela autora (2025) com base em IPPUC (2025).

No caso dos roteiros LP e EPH, a área da cidade que concentra os artefatos urbanos acionados em seus percursos possibilita a prática da caminhada como forma de circulação no espaço urbano. Por serem projetos sem o suporte financeiro de instituições governamentais ou privadas, tanto o roteiro LP quanto o roteiro EPH não possuem recursos para ampliar sua atuação em outras áreas da cidade que também

⁶⁰ Área que “abrange o núcleo de fundação da cidade e suas imediações diretas” e compreende 20 quadras “relacionadas à Praça Tiradentes, Praça José Borges de Macedo, Praça Generoso Marques, Largo da Ordem, Praça Garibaldi e Praça João Cândido” (D’Angelis; Nascentes, 2017, p. 10).

⁶¹ É importante ressaltarmos que o número de bairros corresponde aos bairros percorridos no trajeto, e não ao número de pontos das atrações turísticas do roteiro.

contam com pontos de memória da população negra⁶².

Por estarem na “escala do andar” (Magnani, 2002, p. 23), os trajetos vivenciados nas observações dos dois percursos afrocentrados formam manchas com áreas menores, quando observadas em relação à mancha do roteiro LT (Figura 11). A duração das caminhadas nos percursos LP e EPH é de aproximadamente três horas, muito próxima da duração da experiência do roteiro completo da LT sem desembarques. A Figura 13 justapõe as manchas delineadas pelos trajetos dos dois percursos afrocentrados.

Figura 13 – Delimitação espacial da mancha dos roteiros LP e EPH



FONTE: Elaborada pela autora (2025) com base em IPPUC (2025).

Visualizadas isoladamente, manchas e trajetos indicam a diferença na extensão percorrida no espaço urbano de Curitiba. No trajeto do roteiro EPH, são acionados mais lugares de memória do que no trajeto do roteiro LP, apesar de ambas as caminhadas terem duração similar. No entanto, somente quando lidas em conjunto com as descrições dos percursos (Apêndices 16 a 18), manchas e trajetos podem nos dar a dimensão do tempo dispensado por cada guia ao mobilizar as memórias dos pontos de seus trajetos. Sandro, do roteiro EPH, em muitos momentos apenas localiza e discorre brevemente sobre um artefato, quase sem perder o ritmo da caminhada, como ocorre no caso dos painéis do artista curitibano Rimon Guimarães. Já Melissa e Kandiero realizam paradas mais longas, intercalando momentos de música e poesia às informações históricas apresentadas. Essas diferenças marcam o ritmo e a forma como cada projeto propõe suas experiências no espaço urbano.

No LT, essa vivência é mediada por um veículo motorizado. O ritmo do fluxo de veículos no deslocamento do ônibus determina a maneira como as pessoas que

⁶² Em Curitiba, a comunidade da Vila Torres sedia o Bloco Afro Pretinhosidade, considerado o primeiro bloco afro da cidade. A região da Vila Torres também foi o berço da escola de samba Colorado, na Vila Tassi. Outro lugar fora da região central é o Memorial Africano, localizado na Praça Zumbi dos Palmares (Costa, 2024).

estão no interior do veículo percebem a cidade. Somam-se a isso a experiência do som da gravação com as informações dos pontos de parada, os ruídos do trânsito na rua e as possíveis interações entre as pessoas no interior do veículo. O ônibus possibilita cobrir distâncias maiores e circular por diferentes bairros em aproximadamente três horas, em um trajeto completo sem desembarque nos pontos do percurso. Essa distribuição espacial dos pontos da LT produz uma mancha com área extensa (Figura 14).

Figura 14 – Delimitação espacial da mancha do roteiro LT



FONTE: Elaborada pela autora (2025) com base em IPPUC (2025).

Por ser o principal roteiro turístico⁶³ da Prefeitura de Curitiba, o LT, além de cobrar um ingresso por pessoa participante, conta com infraestrutura governamental para o planejamento e a alocação de recursos para sua implementação. A assimetria provocada pela diferença de recursos entre os três roteiros fica visível com a sobreposição de suas respectivas manchas na composição cartográfica da Figura 11.

Embora os três percursos tenham duração similar, entre duas e três horas, a relação entre o espaço e o tempo percorridos em seus trajetos evidencia o desequilíbrio no acesso a recursos que possibilitam deslocamentos por diferentes áreas da

⁶³ Além do LT, o Instituto Municipal Curitiba Turismo disponibiliza, em seu site, alternativas de roteiro turístico, como os da coleção Curta Curitiba, com as opções Curta Curitiba Mulheres Notáveis, Curta Curitiba ao Ar Livre, Curta Curitiba a Pé, Curta Curitiba Pedalando, Curitiba de Leminski e Trilha Afrocuritibana, dentre outros. São roteiros apresentados em mapas individuais, com pontos que podem ser visitados de forma autônoma pelas pessoas interessadas. A existência desses percursos não é mencionada no site da Linha Turismo, tampouco durante o seu trajeto via ônibus (Instituto Municipal Curitiba Turismo, 2025b).

cidade. Por fazer parte do Instituto Municipal Curitiba Turismo, o roteiro LT reflete as políticas voltadas para a forma como a cidade é apresentada, tanto para as pessoas que a visitam quanto para aquelas que vivem na cidade.

Como parte da gestão urbana de Curitiba, o LT recebe aporte financeiro do município, o que viabiliza a utilização do ônibus e a manutenção dos artefatos urbanos que fazem parte de seu roteiro histórico-turístico. Localizar as operações que fazem parte das estratégias que organizam o espaço urbano torna visíveis o funcionamento das estruturas de poder e os modos como instituições governamentais produzem suas representações da cidade (Certeau, 2014).

No caso do LT, a estratégia que regula a forma como essas representações são produzidas passa pela construção de uma paisagem urbana para Curitiba. Essa configuração do espaço urbano foi produzida nas sucessivas implementações de Códigos de Posturas⁶⁴ e Planos Urbanísticos⁶⁵ na cidade (D'Angelis; Nascentes, 2017; Oliveira, 2001). A normatização da gestão urbana por meio de diretrizes voltadas para o planejamento urbanístico faz parte das práticas voltadas à modernização da cidade, com obras de infraestrutura, como saneamento, alargamento de vias, contenção de enchentes, entre outras.

Uma das medidas recorrentes nos planos diretores é a busca pela “criação de uma paisagem urbana própria”, citada no Plano Diretor de 1966, e pela “padronização da paisagem urbana”, presente nas políticas de gestão urbana da década de 1980 (Oliveira, 2001, p. 99). A institucionalização da produção da paisagem urbana, centrada em estratégias de planejamento urbano, reflete-se na construção do roteiro LT.

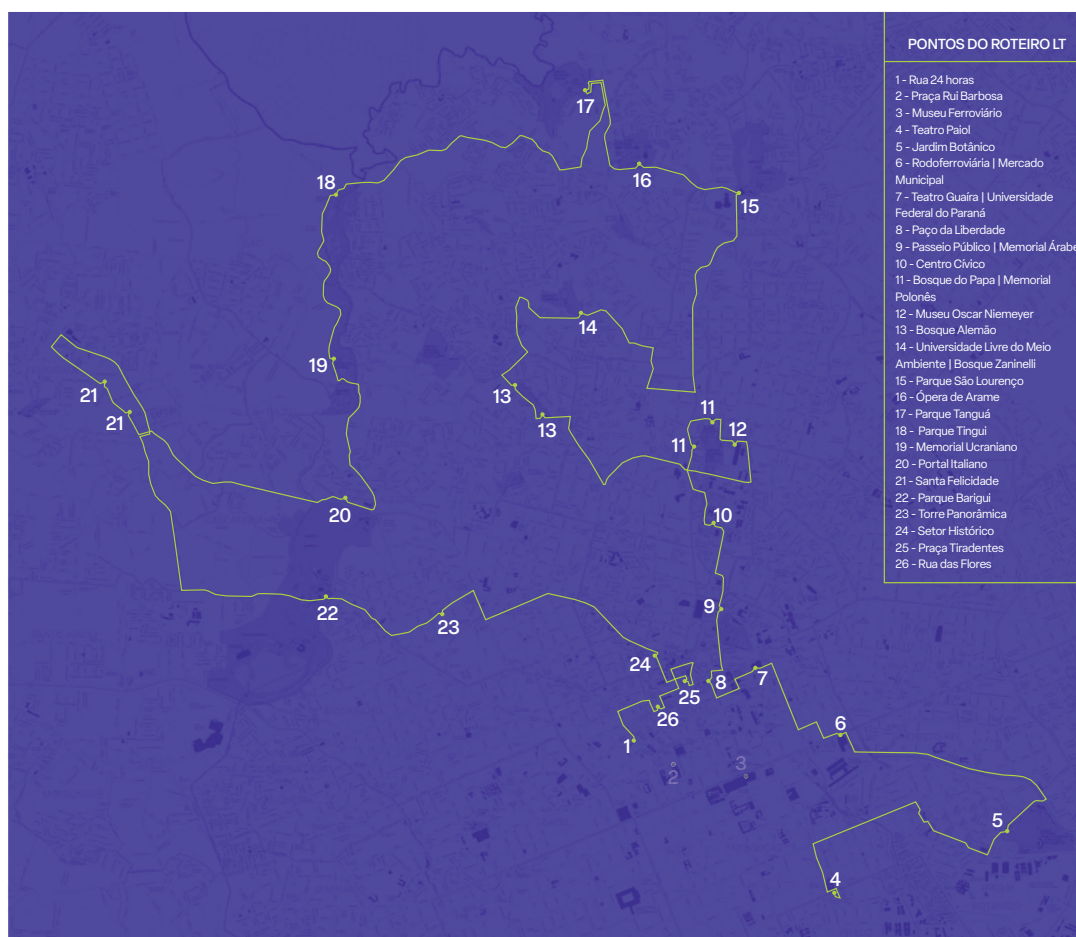
O trajeto percorrido na observação participante se estende por uma “paisagem mais ampla e diversificada da cidade”, ligando “equipamentos, pontos, manchas, complementares ou alternativos” (Magnani, 2002, p. 23). Para que esses deslocamentos sejam compreendidos como trajetos, é necessário que exista um “fluxo recorrente”, que pode ser observado tanto no “espaço mais abrangente da cidade” quanto no “interior das manchas urbanas” (Magnani, 2002, p. 23). No caso do LT, a recorrência do fluxo no trajeto acontece na mancha (Figura 14) delimitada pela circulação do ônibus de turismo, que contém os artefatos urbanos e pontos de embarque e desembarque do roteiro.

⁶⁴ Código de Posturas é “um conjunto de leis (com regras e procedimentos) que impõe obrigatoriedade aos residentes de um município fazer ou desfazer o que a lei prescreve” (Prefeitura Municipal de Lagoinha, 2023).

⁶⁵ Compreendo os Planos Urbanísticos com base na definição de plano diretor do *Guia Estatuto da Cidade* (2005), que os compreende como “um conjunto de princípios e regras orientadoras da ação dos agentes que constroem e utilizam o espaço urbano” (Brasil, 2005, p. 40). Nesta pesquisa, os Planos Urbanísticos estão representados no Plano Agache (1943), Plano Preliminar de Urbanismo ou Plano Serete (1965), Plano Diretor (1966) e todas as suas atualizações posteriores.

O desenho do trajeto da experiência vivida na observação do percurso do roteiro LT é apresentado na Figura 15, com a sinalização dos pontos de parada, bem como dos dois pontos que não foram visitados na observação participante⁶⁶.

Figura 15 – Delineamento do trajeto do roteiro LT



FONTE: Elaborada pela autora (2025) com base em IPPUC (2025).

O deslocamento por bairros, com e sem continuidade espacial, e os pontos que estabelecem áreas de “encontro e sociabilidade” configuram as “dimensões do circuito” (Magnani, 2014, p. 6) para o trajeto do LT. Esse circuito, de acordo com sua descrição institucional, tem como objetivo apresentar uma experiência turística proporcionada pela vivência de um recorte da história, da natureza e da cultura de Curitiba (Instituto Municipal Curitiba Turismo, 2025e; URBS, 2025).

O percurso com lugares revitalizados ou projetados para a visita turística apresenta uma representação da cidade que reforça a narrativa de uma administração comprometida com questões ambientais, fundamentada em decisões técnicas e eficientes, e com uma cultura ancorada na imigração de pessoas brancas vindas do

⁶⁶ Os pontos Praça Rui Barbosa e Museu Ferroviário não foram visitados e, por esse motivo, estão sinalizados com uma porcentagem da cor que corresponde ao seu roteiro. A numeração da Figura 15 corresponde à indicada na representação institucional.

continente europeu. Essa construção, por vezes, oculta o papel da política na gestão e na produção da paisagem urbana de Curitiba (Garcia, 1994; Moura, 2014; Oliveira, 2001). O investimento em um trajeto com 26 pontos, com lugares e edificações que produzem um imaginário de cidade, faz parte da narrativa construída principalmente durante as gestões municipais e estaduais sucessivas de um mesmo grupo político (D'Angelis; Nascentes, 2017; Moura, 2014).

O projeto político e técnico consolidado durante os mandatos dos políticos Jaime Lerner⁶⁷ e Rafael Greca⁶⁸ à frente da Prefeitura de Curitiba e do Governo do Paraná ficou marcado pela consolidação do Plano Diretor da cidade. Este instrumento governamental direciona as políticas relacionadas ao ordenamento e desenvolvimento do espaço por meio do planejamento urbano, desde sua versão inicial, com a legitimação do Plano Preliminar Urbano (PPU), ou Plano Serete⁶⁹, em 1965 (Oliveira, 2001).

Financiado com recursos da Companhia de Desenvolvimento do Paraná (Codepar), o plano urbanístico contou com a atuação de uma equipe local composta por pessoas do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPR e pelos departamentos de Urbanismo, Obras e Fazenda da prefeitura (Caviquiolo, 2017). A equipe local responsável pelo desenvolvimento do PPU, em conjunto com o arquiteto Jorge Wilhelm, teve a participação de Jaime Lerner, entre outras pessoas (Oliveira, 2001).

Após a legitimação do PPU no seminário “Curitiba de Amanhã”, um evento organizado pela prefeitura em 1965, foram criados a Assessoria de Planejamento e Pesquisa Urbana de Curitiba (APPUC) e o Instituto de Planejamento e Pesquisa Urbana de Curitiba (IPPUC) (Caviquiolo, 2017; Oliveira, 2001). A Lei nº 2.628/1966 institucionalizou juridicamente o planejamento urbano da cidade tanto no Plano Diretor quanto no IPPUC (Oliveira, 2001). O IPPUC ficou com as atribuições de elaborar e detalhar projetos e indicar soluções a fim de efetivar o Plano Diretor (Oliveira, 2001, p. 98).

Durante a gestão de Omar Sabbag, de 1967 a 1971, surgiram conflitos de interesse com o IPPUC que levaram a um adiamento na implementação do Plano Diretor. Este só foi efetivado na primeira gestão de Jaime Lerner, em 1971, quando ele foi nomeado prefeito pelo governador Haroldo Leon Perez, durante o período da ditadura militar no Brasil⁷⁰ (Caviquiolo, 2017). Desde esse período, o IPPUC, além de

⁶⁷ O arquiteto e urbanista Jaime Lerner foi prefeito de Curitiba nos períodos 1971-1975, 1979-1983 e 1989-1992 e governador no período 1995-2002 (IJL, 2025).

⁶⁸ O economista e engenheiro com especialização em urbanismo Rafael Greca foi prefeito nos períodos 1993-1996 e 2017-2024 (Câmara dos Deputados, 2025).

⁶⁹ O Plano Preliminar Urbano, também conhecido como Plano Serete, foi desenvolvido durante a administração do prefeito de Curitiba Ivo Arzua, no período de 1962 a 1967. A concorrência pública para a elaboração do plano foi vencida pela empresa Sociedade Serete de Estudos e Projetos, que desenvolveu o projeto em parceria com a Jorge Wilhelm Arquitetos Associados (Oliveira, 2001).

⁷⁰ A ditadura militar no Brasil foi um regime autoritário que durou 21 anos (1964-1985) e estabeleceu censura

pesquisar e planejar, passou a coordenar e gerir a implantação do Plano Diretor da cidade (Oliveira, 2001, p. 99).

A ideia de modernidade urbana, que vem desde o Código de Posturas de 1919, ganhou novos contornos em meados da década de 1970 e durante a década de 1980, quando passou a ser relacionada à ação de “equipar a cidade” (Oliveira, 2001, p. 99). Entre os principais projetos da época, destacam-se obras nas áreas de “transportes coletivos, embelezamento, restauração e preservação dos sítios históricos, padronização da paisagem urbana, implantação de áreas de lazer (tais como parques e bosques)” (Oliveira, 2001, p. 99).

Esse período ficou marcado pela consolidação do IPPUC como a instituição responsável pela modernização de Curitiba, uma ideia de modernidade imbricada a um projeto voltado para a “racionalização estratégica” (Certeau, 2014, p. 93) da eficiência técnica, que permeia todos os setores de cidade com uma prática urbanística que programa a vida cotidiana a partir da apropriação do espaço urbano (Certeau, 2014; Garcia, 1994). Nesse processo, o papel de gestor eficiente e técnico se materializou na imagem do político Jaime Lerner, um dos fundadores (1965) e presidente do IPPUC (1968-1969) e governante da cidade durante 12 anos nesse período.

Como parte das políticas públicas voltadas ao turismo da cidade, o roteiro LT é um instrumento importante na validação de uma narrativa que naturaliza a ideia um modelo de cidade centrado no planejamento urbano pautado exclusivamente pela eficiência técnica e funcional (Berth, 2023). Ou seja, podemos afirmar que é um planejamento cuja eficiência seletiva do projeto de modernização frequentemente deixa questões sociais à margem de suas ações (Carmo, 2018; Garcia, 1994; Moura, 2014).

Figura 16 – Ônibus do roteiro LT



FONTE: Natal... (2024).

Inaugurada em 1994 como parte das comemorações dos 300 anos de Curitiba, (Linha..., 2022) durante o primeiro mandato do político Rafael Greca, o LT dá visibilidade às realizações da continuidade de um modelo de gestão urbana iniciado nos mandatos do político Jaime Lerner (Moura, 2014; Savoia; Coelho; Lima, 2019). Ao transitar no conjunto de bairros distintos do trajeto percorrido na observação do LT, evidenciaram-se algumas características comuns, como a quantidade de áreas verdes concentradas nesses espaços.

Dos 26 pontos do LT, 13⁷¹ correspondem a bosques, parques, jardins, praças e outros equipamentos urbanos com maior ou menor densidade de área verde em seus espaços. O deslocamento pela região que contém o maior número de parques da cidade reforça a narrativa governamental de competência no planejamento da área verde por habitante de Curitiba (Oliveira, 2001), além de conferir à cidade a alcunha de *capital ecológica* (Caviquiolo, 2017; Garcia, 1994). No caso da criação dos parques, não houve um “planejamento sistemático”, e sim o aproveitamento de oportunidades que facilitaram a implementação dos espaços (Buccheri Filho, 2012).

A facilitação desse processo pode vir da necessidade de resolução de algum problema da gestão governamental com o uso do espaço público, a exemplo da contenção de enchentes com a criação dos parques Barigui e São Lourenço e da doação de terras à prefeitura por pessoas ou empresas da iniciativa privada, caso da criação dos parques Tanguá e Tingui (Buccheri Filho, 2012). Em ambas as situações, as áreas do entorno dos parques sofreram valorização imobiliária e, no caso específico do parque Tanguá, além da valorização dos imóveis da região, a família proprietária da pedreira doada repassou ao Poder Público a obrigação de recuperar a área degradada (Buccheri Filho, 2012).

Figura 17 – Parque Tanguá



FONTE: Linha Turismo (2025b).

⁷¹ Da Figura 15: Praça Rui Barbosa (2), Jardim Botânico (5), Passeio Público | Memorial Árabe (9), Bosque do Papa | Memorial Polonês (11), Museu Oscar Niemeyer (12), Bosque Alemão (13), Universidade Livre do Meio Ambiente | Bosque Zaninelli (14), Parque São Lourenço (15), Ópera de Arame (16), Parque Tanguá (17), Parque Tingui (18), Parque Barigui (22), Praça Tiradentes (25).

Figura 18 – Parque Tingui



FONTE: Linha Turismo (2025b).

Na descrição do percurso (Apêndice 3), os pontos com maior volume de embarques e desembarques são aqueles relacionados a parques, bosques e jardim botânico da cidade. No trajeto percorrido na observação do LT, o verde é a textura de fundo na moldura das janelas do ônibus de turismo em boa parte do percurso. Tendo em vista o contexto apresentado e a descrição institucional do LT, temos a construção de uma experiência guiada pela “vivência de um recorte [...] da natureza”. O deslocamento de um ponto a outro do roteiro por meio desses “pórticos” (Magnani, 2002, p. 23) fixados na paisagem urbana de Curitiba evidencia as diversas formas pelas quais a narrativa governamental apresenta a materialidade produzida ou revitalizada para o roteiro do LT.

Ao analisarmos o conjunto de pontos do percurso organizados na Figura 19 em relação ao período de construção ou inauguração, podemos perceber que a grande maioria dos atrativos turísticos do LT está localizada no século XX.

Figura 19 – Conjunto de signos visuais do roteiro LT



Continuação



FONTE: A autora (2025).

Também podemos observar a predominância de 21 atrativos construídos no período entre 1950 e 2002. Essa concentração reflete a ideia de modernidade urbana amparada nas transformações socioeconômicas do Estado do Paraná e da cidade de Curitiba, que fazem parte da filosofia desenvolvimentista do período, com reflexos na história recente da região (Oliveira, 2001; Romanovski, 2019). Alguns acontecimentos históricos brevemente apresentados na contextualização da história do Paraná no Capítulo 1 (*Onde estão as pessoas negras?*) podem auxiliar na compreensão do foco do roteiro LT nesse recorte temporal.

Figura 20 – Centro Cívico



FONTE: Eduardo... (2025).

O ano de 1953 marca as celebrações do centenário da emancipação do estado com “grandes obras arquitetônicas e urbanísticas, como o complexo governamental do Centro Cívico” (Romanovski, 2019, p. 295). A inauguração de espaços públicos, governamentais e praças com monumentos e painéis, como os da Praça

19 de Dezembro, sinaliza um período de crescimento e desenvolvimento do estado e da cidade (Romanovski, 2019).

Figura 21 – Praça 19 de Dezembro



FONTE: Pitz (2025).

A modernização de Curitiba, materializada nos projetos de desenvolvimento urbano implementados no início do século XX, vai de encontro ao ideário apresentado no livro *Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*, de Wilson Martins (*apud* Oliveira, 2001). Nesse contexto, a modernização associada ao saneamento e às obras de infraestrutura ganha novas camadas, a do “embelezamento” e do “aparelhamento cultural” (Oliveira, 2001, p. 98).

A Curitiba “moderna”, produzida a partir de práticas higienistas do planejamento urbano e da arquitetura do início do século XX⁷², está entrelaçada às narrativas míticas de uma identidade regional paranaense. Como vimos no Capítulo 1, essa doutrina seleciona e dá destaque às etnias relacionadas à população branca e europeia, consideradas parte do núcleo formador dessa identidade paranaense. No LT, esse discurso se materializa no recorte de lugares e artefatos urbanos que reforçam a construção da narrativa hegemônica sobre a história da formação da cidade e de sua cultura.

Os memoriais, portais e bosques que fazem parte do roteiro LT destacam a história da imigração e das características de alemães, ucranianos, italianos, poloneses e árabes (Apêndice 13) nas gravações apresentadas no percurso do ônibus. Nas Figuras 22 e 23, podemos visualizar parte dos artefatos que emulam as edificações de época e seus estilos arquitetônicos.

⁷² Em referência às reformas urbanas do início do século XX, como a Reforma Pereira Passos, realizada na cidade do Rio de Janeiro com o objetivo de “construir uma cidade ‘moderna’ a partir de um saber considerado ‘técnico’” (Motta, 2025).

Figura 22 – Portal de Santa Felicidade | Entrada do Bosque Alemão



FONTE: Linha Turismo (2025b).

Figura 23 – Memorial Polonês | Entrada do Bosque Alemão



FONTE: Linha Turismo (2025b).

Tanto nas paradas para embarque e desembarque nos atrativos turísticos quanto na passagem pelos portais, podemos identificar o cuidado em representar uma natureza domesticada em conjunto com as edificações. Essa concepção de área verde planejada também permeia as edificações com foco na construção de um estilo arquitetônico próprio da cidade.

Figura 24 – Jardim Botânico | Parque Tanguá



FONTE: Linha Turismo (2025b).

As estruturas tubulares presentes em lugares como Ópera de Arame, Rua 24 Horas e Jardim Botânico estabelecem um gesto de continuidade entre o passado e o presente da arquitetura de Curitiba. Dessa forma, o roteiro LT, centrado na

representação de uma cidade planejada com eficiência técnica por administradores do espaço público, em instituições governamentais como o IPPUC, apresenta parte de seu recorte da história, da natureza e da cultura de Curitiba (Instituto Municipal Curitiba Turismo, 2025e; URBS, 2025).

Figura 25 – Rua 24 Horas | Ópera de Arame



FONTE: Linha Turismo (2025b).

Outra abordagem histórica no roteiro LT corresponde ao núcleo inicial da formação do espaço urbano da cidade. Os pontos Setor Histórico (ponto 24 da Figura 15) e Praça Tiradentes (ponto 25 da Figura 15) enfatizam esse período e estão localizados no Setor Histórico de Curitiba, nos bairros São Francisco e Centro. Em ambos os casos, a arquitetura e as “primeiras medidas urbanísticas” (Linha Turismo, 2025c) são ressaltadas na gravação do ônibus de turismo, assim como nos equipamentos e nas atrações turísticas do Setor Histórico. A área concentra a movimentação de pessoas e de toda a rede de serviços que gira ao redor da prática turística, como hotéis, bares, cafés e restaurantes. A circulação de turistas que se deslocam a pé pela região é facilitada pelas ruas exclusivas para pedestres⁷³.

A facilidade de deslocamento a pé nessa região foi um dos elementos que determinaram a escolha desse espaço urbano para a realização dos trajetos dos roteiros LP e EPH. Outro elemento foi a característica da área, composta por lugares que sedimentam a história da fundação e do desenvolvimento dos primeiros anos da cidade, além de estruturarem as atividades comerciais e culturais, tanto no passado quanto no presente. Nos vestígios materiais dessa história, circulam algumas das memórias da população negra de Curitiba. A cada caminhada, a linha que conecta os pontos dos roteiros histórico-turísticos afrocentrados LP e EPH⁷⁴ traça o desenho

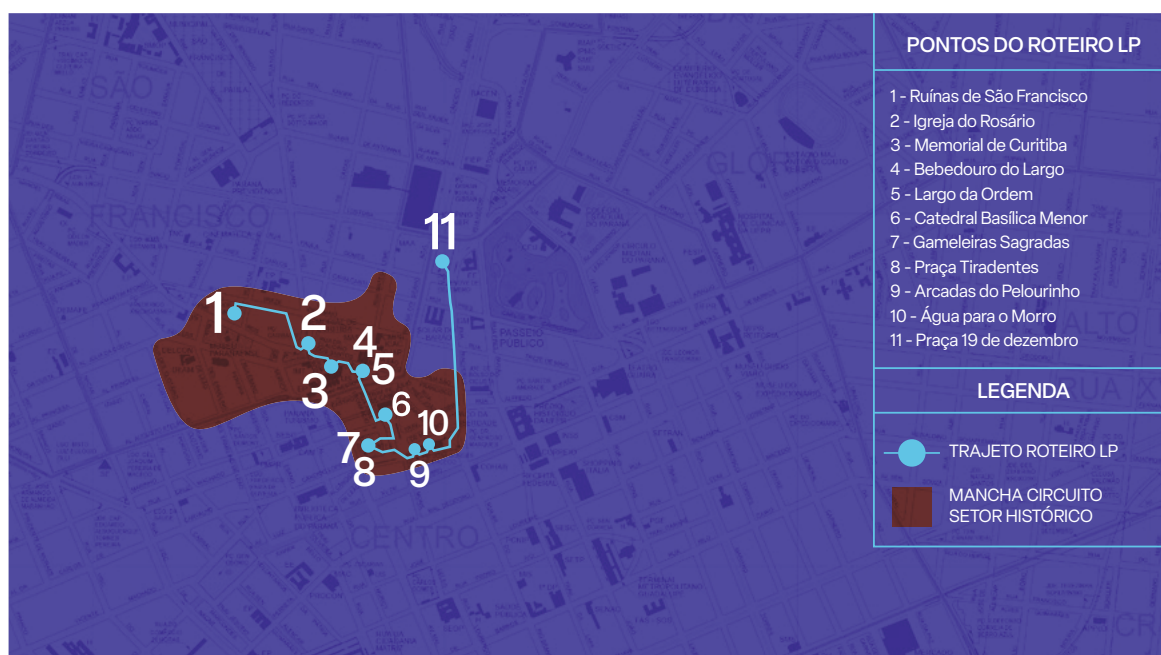
⁷³ A Prefeitura de Curitiba disponibiliza um mapa com pontos turísticos que podem ser visitados caminhando na região (Instituto Municipal de Curitiba, 2025c).

⁷⁴ A numeração nos trajetos LP e EPH segue vivência dos percursos em suas respectivas observações participantes. Essa numeração não faz referência à numeração das representações institucionais dos dois roteiros.

de seus trajetos e revolve as camadas da narrativa hegemônica sobre a cidade e seus habitantes.

O trajeto percorrido na observação participante do roteiro LP tem 11 pontos, dos quais dez estão delimitados na área do Setor Histórico de Curitiba, e seu deslocamento está restrito ao interior dessa mancha (Magnani, 2002). O desenho do trajeto do roteiro LP em relação a área da mancha do Setor Histórico pode ser visualizado na Figura 26.

Figura 26 – Delineamento do trajeto do roteiro LP

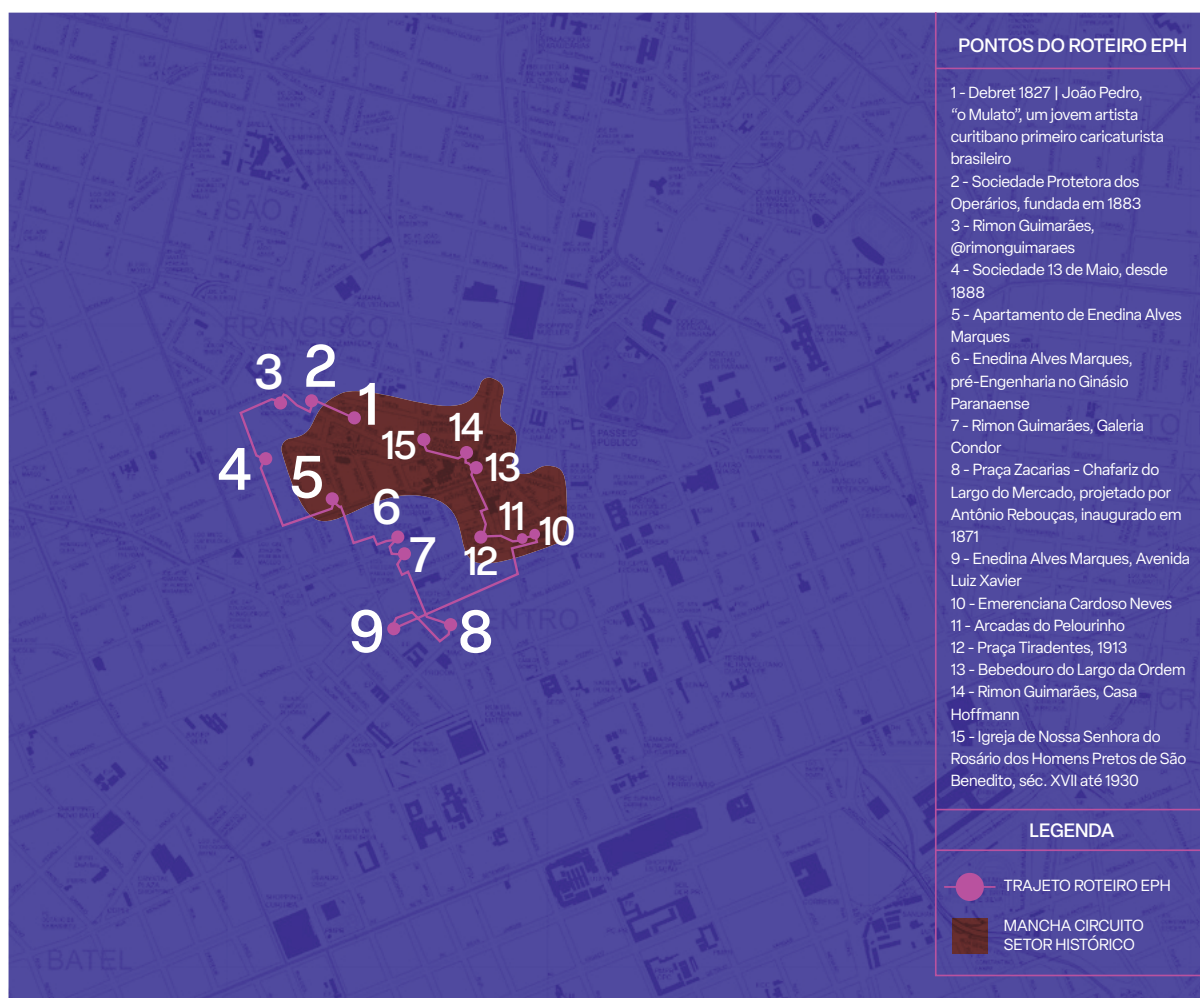


FONTE: Elaborada pela autora com base em IPPUC (2025).

Apenas o ponto situado na Praça 19 de Dezembro encontra-se fora dos limites da mancha do Setor Histórico. A caminhada do roteiro LP inicia-se no Alto São Francisco, nas Ruínas de São Francisco, e desce pelo Largo da Ordem até a região conhecida como Baixo São Francisco, de onde sai para o encerramento do percurso na Praça 19 de Dezembro.

No caso do roteiro EPH, o trajeto percorrido durante a observação participante contou com 15 pontos, entre paradas breves e de maior duração. Como podemos observar na Figura 27, do total de pontos percorridos, oito estão situados no interior da mancha do Setor Histórico, e o restante dos pontos está espalhado ao redor dessa área.

Figura 27 – Delineamento do trajeto do roteiro EPH



FONTE: Elaborada pela autora com base em IPPUC (2025).

O roteiro EPH, assim como o LP, inicia seu trajeto nas Ruínas de São Francisco, porém desloca-se no sentido oposto das ruínas localizadas na Praça João Cândido. Seu percurso, quase circular, passa por outra área do Centro de Curitiba e se encerra na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito, no Alto São Francisco. Nos dois roteiros, os deslocamentos ocorrem em bairros contíguos, e são os pontos dos trajetos que estabelecem as áreas de “encontro e sociabilidade” (Magnani, 2014, p. 6), que configuram as “dimensões do circuito” (Magnani, 2014, p. 6) para os projetos LP e EPH.

A noção de circuito proposta pelo antropólogo Magnani (2002, 2014) também foi utilizada para analisar os roteiros afrocentrados da Pequena África⁷⁵, na cidade do Rio de Janeiro. No artigo *Lugares de memória negra e circuitos: possibilidades de análise do processo de patrimonialização da Pequena África-RJ*, a pesquisadora Silva (2022)

⁷⁵ Em referência à região do Cais do Valongo, na área portuária do Rio de Janeiro, que foi o “principal local de moradia da população negra na cidade durante o Império” e que é considerado o “principal porto de chegada de africanos e africanas escravizados da história do tráfico pelo Atlântico” (Silva, 2022, p. 128).

recorre a essa categoria para analisar o que ela denominou como “circuitos negros” (Silva, 2022, p. 136). Dessa perspectiva, a autora identificou os percursos Circuito Histórico e Arqueológico de Celebração da Herança Africana e Circuito Histórico e Arqueológico da Pequena África como “práticas espaciais que acionam lugares de memória (Nora, 1993) negra no espaço” (Silva, 2022, p. 137).

Assim como no caso dos “circuitos negros” da Pequena África, os roteiros LP e EPH acionam lugares de memória para dar visibilidade à presença negra na cidade de Curitiba. Em ambas as descrições institucionais (Apêndices 10 e 11), destacam-se a valorização e o reconhecimento da contribuição de pessoas negras na construção da cidade, a valorização da educação e o comprometimento coletivo com a luta antirracista.

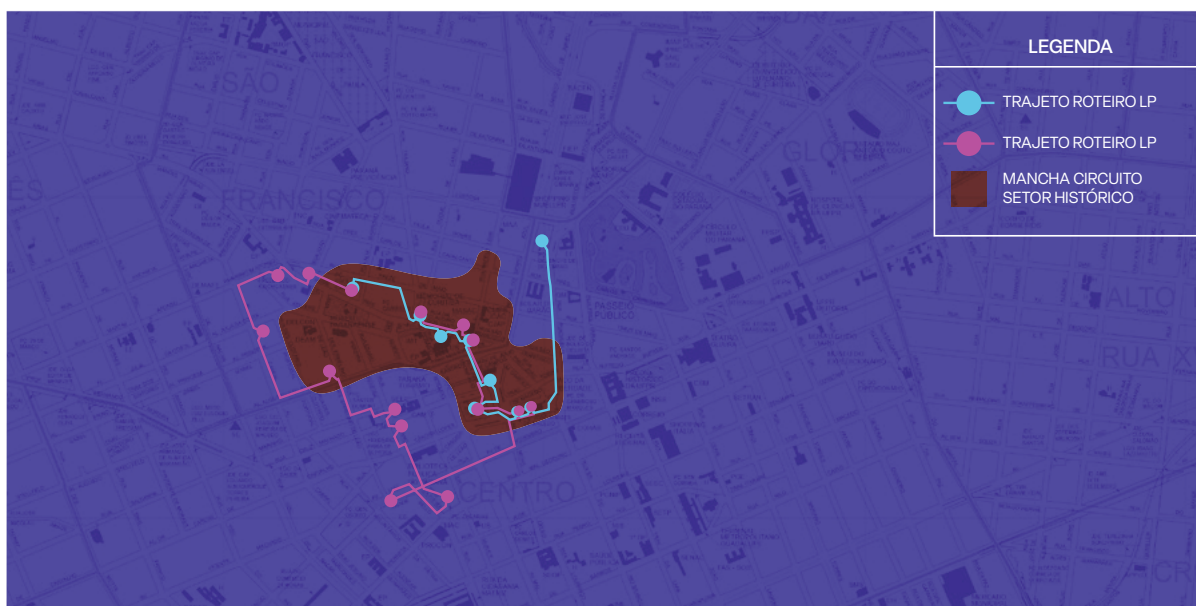
Na caminhada dos roteiros afrocentrados LP e EPH, a presença da população negra em Curitiba torna-se visível na oralidade que evoca a memória dos lugares por meio da materialidade dos artefatos urbanos. Dos 11 pontos do trajeto do roteiro LP, oito são espaços ou equipamentos culturais mantidos pela Prefeitura de Curitiba⁷⁶; no caso do roteiro EPH, sete dos 15 pontos de seu trajeto⁷⁷ também fazem parte dos equipamentos culturais da prefeitura. Esses artefatos, geridos por instituições governamentais ou não, nem sempre indicam a presença da memória de pessoas negras em suas localizações, mas, ao serem apropriados ou reapropriados pelas práticas desviantes das pessoas que guiam e participam dos percursos, permitem que sua materialidade os desenvolva como sujeitos sociais a partir de sua cultura (Certeau, 2014; Miller, 1987).

No desenho conjunto dos trajetos dos dois percursos (Figura 28), podemos observar como os pontos de memória da população negra se complementam e traçam um circuito mais amplo com os artefatos urbanos mapeados nos roteiros LP e EPH. Esses artefatos situam-se tanto dentro da mancha que delimita o Setor Histórico de Curitiba quanto em seu entorno.

⁷⁶ Da Figura 26: Ruínas de São Francisco (1), Igreja do Rosário (2), Memorial de Curitiba (3), Largo da Ordem (5), Catedral Basílica Menor (6), Praça Tiradentes (8), Arcadas do Pelourinho (9) e Praça 19 de Dezembro (11).

⁷⁷ Da Figura 27: Debret 1827 | João Pedro “o mulato” (1), Enedina Alves Marques (6), Praça Zacarias (8), Enedina Alves Marques (9), Arcadas do Pelourinho (11), Praça Tiradentes (12), Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito (15).

Figura 28 – Delineamento dos trajetos LP e EPH com a mancha correspondente ao Setor Histórico de Curitiba



FONTE: Elaborada pela autora (2025) com base em IPPUC (2025).

Nesse recorte do espaço urbano, onde as múltiplas formas de organização da população afrocuritibana estão presentes (Nascimento, 2020; Santos; Braga; Pinheiro, 2019), os desenhos dos trajetos evidenciam diferentes perspectivas sobre as memórias da população negra, ressaltadas na localização dos seus pontos nos dois roteiros.

Enquanto o roteiro LP direciona sua narrativa para uma ancestralidade representada nos saberes e tecnologias trazidas do continente africano por pessoas negras escravizadas, o roteiro EPH centra sua narrativa na relevância da educação e nas diversas formas de associativismo da população negra. Em ambos, a coletividade faz parte da construção narrativa, com destaque para as sociedades operárias e as irmandades religiosas.

A configuração do espaço social (Lefebvre, 2006) dessa região também foi produzida com a efetivação dos Códigos de Postura e Planos Urbanísticos (Oliveira, 2001; D’Angelis; Nascentes, 2017). O estabelecimento dessas normatizações, como parte das práticas voltadas à modernização da cidade, transformou a arquitetura e o urbanismo do núcleo inicial de Curitiba. A partir delas, definiu-se o tipo de construção permitida, a configuração das ruas, os modos de circulação e outras mudanças na infraestrutura da cidade.

Com o Código de Posturas de 1829, a prática do urbanismo em Curitiba iniciou-se pelo processo de padronização da paisagem urbana, pela imposição de normas de edificação que deveriam “guardar a regularidade e elegância” na então vila (Santos; Braga; Pinheiro, 2019, p. 77). As reformulações do código em 1831 e 1834 acrescentaram novas regras quanto aos acabamentos que deveriam ser utilizados

e à altura das construções na vila (Santos; Braga; Pinheiro, 2019). O Código de 1895 proibiu a construção de casas de madeira na região do centro de Curitiba e determinou que, mesmo quando edificadas nas periferias, essas casas “deveriam obrigatoriamente ostentar lambrequins, ornato típico dos imigrantes europeus” (Santos; Braga; Pinheiro, 2019, p. 77).

Tais normatizações possibilitaram o processo de edificação de “sobrados e palacetes de alvenaria que passaram a abrigar usos mistos de residência e comércio” (D’Angelis; Nascentes, 2017, p. 3), expulsando para as periferias a população negra e pobre da cidade (Santos; Braga; Pinheiro, 2019). A segregação espacial produzida pelo Código de Posturas vai além da materialidade das edificações. Em 1929, a proibição de manifestações populares também retirou do centro da cidade os “batuques, fandangos e alaridos” (Santos; Braga; Pinheiro, 2019, p. 78).

No processo de modernização de Curitiba, a produção da paisagem urbana está imbricada a um projeto que naturaliza a exclusão socioeconômica por meio da eficiência técnica do planejamento urbano (Berth, 2023). Nessa concepção de cidade, a tentativa de apagamento das práticas cotidianas de populações subalternizadas ganha contorno nos planos diretores e no ideário de movimentos identitários regionalistas do início do século XX (Oliveira, 2001; Romanovski, 2019).

A combinação desses dois elementos nos processos de revitalização do Setor Histórico da cidade, tendo como bases o Plano Diretor de 1966 e o Plano de Revitalização do Setor Histórico de 1970, pode ser observada na utilização, por parte do Poder Público, do patrimônio como “instrumento do progresso” e “suporte para o desenvolvimento das atividades culturais e de lazer, estabelecidas com o objetivo do consumo”, sob uma “lógica de mercado” (D’Angelis; Nascentes, 2017, p. 10). Nas caminhadas realizadas no Setor Histórico de Curitiba, o desenho dos trajetos dos roteiros LP e EPH cruza com o padrão dos pinhões nas calçadas. Esse símbolo do Paranismo permeia grande parte das calçadas da região e acompanha os movimentos dos transeuntes e das pessoas que participam dos percursos. A vivência do espaço urbano, na perspectiva da pessoa caminhante e ouvinte das narrativas dos roteiros, proporciona a experiência do contraste entre a fixidez da história dominante e a maleabilidade da memória nas contranarrativas afrocentradas (Hall, 2003).

As contranarrativas produzidas pelos roteiros histórico-turísticos LP e EPH nos deslocam para uma nova leitura da história da cidade a partir da articulação de elementos naturais, simbólicos e materiais que compõem a textura urbana de Curitiba. Em suas caminhadas, os dois roteiros se apropriam de marcos e patrimônios edificados, além de ruas, praças e elementos do sagrado, como as Gameleiras Sagradas, localizadas na Praça Tiradentes.

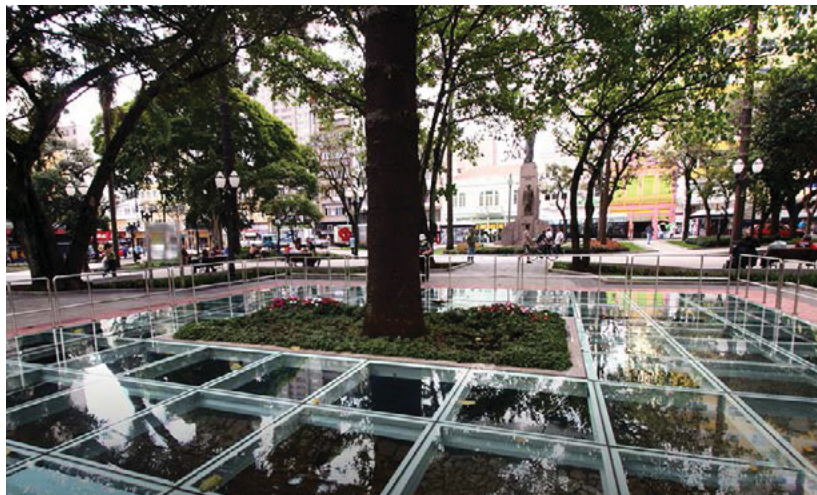
Figura 29 – Gameleiras Sagradas



FONTE: Com mais... (2023); Carvalho (2021).

O conjunto de cinco árvores⁷⁸ dispostas em círculo na Praça Tiradentes representa, para os adeptos das religiões de matriz africana, um espaço importante para suas práticas ritualísticas. Na cosmovisão afrocentrada brasileira, as gameleiras brancas (*Ficus doliaria*) são habitadas por Irôko, orixá “que representa a dimensão do tempo”, e fazem parte dos “lugares de axé” de Curitiba (Blum et al., 2018, p. 270). Nas religiões de matriz africana, “as relações com elementos da natureza partem de uma cosmologia baseada na comunicação com essas forças” (Blum et al., 2018, p. 270), e as gameleiras brancas da Praça Tiradentes são um ponto significativo nas relações estabelecidas pelos roteiros LP e EPH com o espaço da praça e seu entorno.

Figura 30 – Sítio arqueológico da Praça Tiradentes



FONTE: Linha Turismo (2025b).

As gameleiras contornam o piso de vidro que guarda os vestígios do pavimento original do antigo Largo da Matriz, atual Praça Tiradentes⁷⁹. Localizada em uma

⁷⁸ Não existe a data precisa do plantio das gameleiras brancas (*Ficus doliaria*) que compõem esse espaço do sagrado na Praça Tiradentes.

⁷⁹ O sítio arqueológico da Praça Tiradentes é reconhecido como “patrimônio cultural brasileiro protegido pelo IPHAN, as escavações do prof. Igor Chymz revelam os primeiros caminhos da cidade,

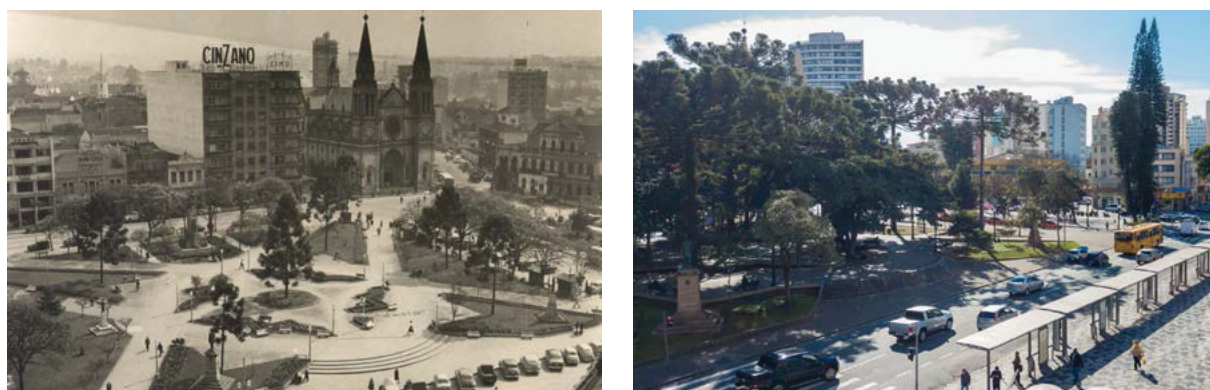
área reconhecida como marco zero da cidade, a praça inaugurada em 1880 é uma das mais antigas de Curitiba (D'Angelis; Nascentes, 2017; Rosaneli et al., 2016). O espaço da praça e seu entorno abrangem, desde seu início, atividades relacionadas às trocas, ao comércio, aos serviços, assim como as relações de trabalho estabelecidas na região (D'Angelis; Nascentes, 2017; Rosaneli et al., 2016; Santos; Braga; Pinheiro, 2019). Por ser um espaço central e de ligação entre o Baixo e o Alto São Francisco, mobiliza um fluxo intenso de pessoas que cruzam ou contornam seu espaço.

Figura 31 – Praça Tiradentes 1934 | 1936



FONTE: Rosaneli et al. (2016, p. 364); Batista (2020).

Figura 32 – Praça Tiradentes 1950 | 2000



FONTE: Batista (2020).

A concentração de pontos dos roteiros LP e EPH ao redor da Praça Tiradentes é um indício das diversas formas pelas quais pessoas negras produziram social e culturalmente o espaço urbano em diferentes períodos da história da cidade. Nesse recorte espacial, estão entrelaçadas as práticas, os artefatos urbanos e as memórias dessas vivências. Nas Arcadas do Pelourinho, as violências praticadas no período colonial são narradas em conjunto com as resistências e os enfrentamentos a essa prática. A dinâmica dessa relação atravessa a história dessa região da cidade com manifestações

construídos em cima de trilhas indígenas e do conhecimento ancestral sobre o território” (Rota..., 2024).

culturais e de protesto, como o ato *Dona Isabel que história é essa?*, organizado pelo Núcleo Periférico no dia 13 de maio de 2024⁸⁰, e a Marcha do Orgulho Crespo⁸¹.

Figura 33 – Placa Arcadas do Pelourinho | Marcha do Orgulho Crespo



FONTE: Ortolan (2025b); Baracho (2020, p. 94).

Figura 34 – Frames do vídeo *Dona Isabel, que história é essa?*



FONTE: Núcleo... (2025b).

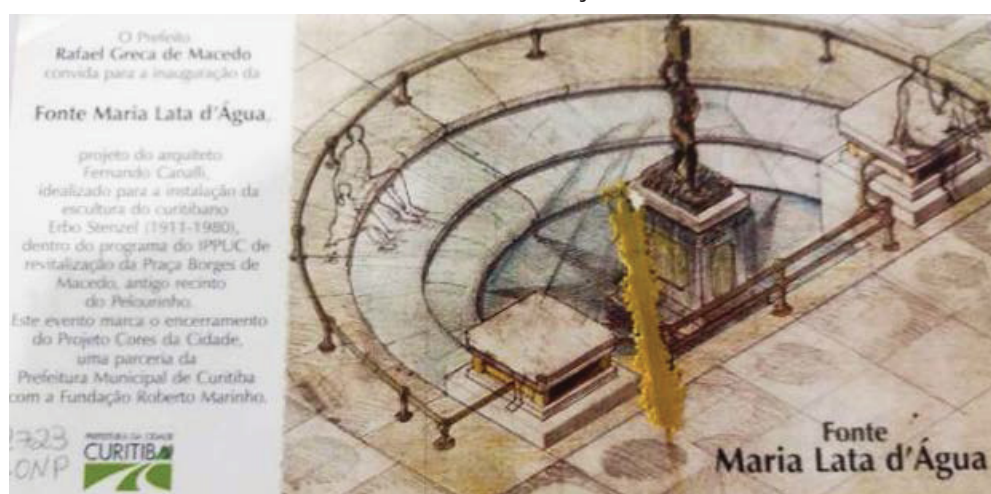
A mobilização sobre a representatividade de pessoas negras apresentada na Marcha do Orgulho Crespo ganhou os contornos de uma escultura localizada no espaço entre as Arcadas do Pelourinho e o Paço da Liberdade. A obra *Água pro Morro*, do escultor curitibano Erbo Stenzel (1911-1980), teve como modelo a escultora, compositora de sambas-enredo e poeta negra Emerenciana (Anita) Cardoso Neves (Dias, 2003). Desde sua inauguração⁸², junto à fonte construída pela Prefeitura de Curitiba em 1996, a obra ficou conhecida pela população apenas pelo apelido pejorativo de *Maria Lata d'Água* (Dias, 2003). Após a mobilização do movimento feminista negro da cidade (Caldas, 2021; Quem é..., 2021), foi instalada uma placa com o nome e informações sobre Emerenciana. No entanto, a placa com o apelido continua na parte posterior do pedestal da escultura.

⁸⁰ O Núcleo Periférico nasceu nas Jornadas de Junho de 2013 pelo encontro de pessoas periféricas de Curitiba e região metropolitana. Seus objetivos se referem ao enfrentamento do racismo e da violência policial, à defesa dos direitos de pessoas presas e egressas e ao fomento às culturas periféricas. A ação *Dona Isabel que história é essa?* foi realizada no dia 13 de maio de 2024 (Núcleo..., 2025a, 2025b).

⁸¹ Movimento social originado na cidade de São Paulo, a Marcha do Orgulho Crespo é realizada na capital do Paraná desde 2016; em 2023 entrou no calendário oficial da Prefeitura de Curitiba (Lázaro Jr., 2023).

⁸² Texto da placa em sua inauguração: “Maria Lata D’água. Fonte edificada pela cidade de Curitiba em maio de 1996 para celebrar a memória do escultor local Erbo Stenzel. 1911-1980. Rafael Greca de Macedo – Prefeito” (Projeto..., 2023).

Figura 35 – Postal de inauguração da fonte (1996)



FONTE: Dias (2023, p. 48).

Figura 36 – Placa com informações sobre Emerenciana Cardoso Neves



FONTE: A autora (2025).

A escultura de Emerenciana tem como plano de fundo o edifício do Paço da Liberdade, lugar de múltiplos usos desde sua inauguração: foi sede da Prefeitura de Curitiba (1916-1969), do Museu Paranaense (1974-2002) e atualmente é um centro

cultural mantido pelo Serviço Social do Comércio do Paraná (Sesc-PR, 2025), a unidade Sesc Paço da Liberdade. No local onde foi construída a edificação, funcionava o antigo Mercado Municipal de Curitiba (1873-1912), situado no Largo do Mercado, posteriormente denominado Praça Generoso Marques (Yoshinaga, 2012). Em lugares como os mercados municipais, a circulação de pessoas em trabalhos precarizados é intensa e, no período pré e pós-abolição, essa movimentação contava com um contingente de homens e mulheres negras nas mais diversas ocupações (Baracho, 2020). Nesse período, a população negra se organizava coletivamente em instituições voltadas para o associativismo, como a Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio (1888), que teve uma de suas sedes na Praça Generoso Marques (Hoshino; Freitas; Pacheco, 2020).

Figura 37 – Paço da Liberdade



FONTE: Conheça... (2025); Ortolan (2016).

Esse entrelaçamento de diferentes tempos com a materialidade dos lugares também se manifesta na alegria dos encontros e nas práticas de sociabilidade organizadas por essas instituições e por irmandades⁸³, como a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Suas práticas sociais estão vinculadas à proteção e ao cuidado de homens e mulheres negras, tanto no campo socioeconômico quanto em sua religiosidade. As tarefas estabelecidas para os membros da irmandade consistiam em “realizar as folias dos seus santos padroeiros e proporcionar a tão ambicionada ‘boa morte’ a seus membros, cuidando dos enterros e zelando pela celebração das missas em sua memória” (Hoshino; Freitas; Pacheco, 2020, p. 158).

⁸³ Em referência ao “conjunto de instituições e redes sociais nas quais a comunidade negra local encontrava-se, direta ou indiretamente, engajada e que constituíram valiosos recursos sociais, culturais, políticos, econômicos e simbólicos” (Hoshino; Freitas; Pacheco, 2020, p. 158).

Figura 38 – Comemoração pela inauguração da Avenida João Gualberto (1913)



FONTE: Baracho (2020, p. 10).

Organizações coletivas, como as irmandades e sociedades voltadas à proteção dos direitos de trabalhadores e trabalhadoras negras, bem como à promoção de atividades ligadas ao lazer e à espiritualidade, produziram o espaço urbano por meio de suas práticas sociais e culturais, deixando vestígios dessas vivências nos artefatos urbanos acionados nas caminhadas dos roteiros LP e EPH. São memórias renovadas no cortejo que acontece após cada lavação das escadarias⁸⁴ da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito. No caminho percorrido pelo cortejo realizado no mês da Consciência Negra, o casario de arquitetura colonial do Largo da Ordem é espelhado nas paredes de vidro e metal do Memorial de Curitiba. No percurso, a Catedral Basílica Menor de Curitiba é o ponto de passagem que conduz as pessoas participantes até as Arcadas do Pelourinho, finalizando o cortejo nas Gameleiras Sagradas da Praça Tiradentes.

Figura 39 – Cortejo Afro



FONTE: Baracho (2020, p. 86).

⁸⁴ Desde 2009, ocorre a lavação das escadarias da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito como parte das celebrações pelo mês da Consciência Negra (Lavação..., 2018).

Como podemos observar na Figura 28, os trajetos dos roteiros LP e EPH não estão restritos à mancha do Setor Histórico de Curitiba, nem tampouco à área da Praça Tiradentes. No trajeto do roteiro LP (Figura 26), o ponto distante desse perímetro é a Praça 19 de Dezembro (ponto 11 na Figura 26). Remodelada para as comemorações do Centenário da Emancipação Política do Paraná (1953), a praça contém o Obelisco de pedra, a Estátua do Homem e da Mulher Nua, do artista curitibano Erbo Stenzel e do carioca Humberto Cozzo, além do painel com a obra do artista curitibano Poty Lazzarotto, “sobre a emancipação e ocupação do Estado do Paraná”, de um lado, e a obra em alto relevo em granito de Erbo Stenzel e Humberto Cozzo, que “representa aspectos da economia do Paraná” (Santos, 2016, p. 49).

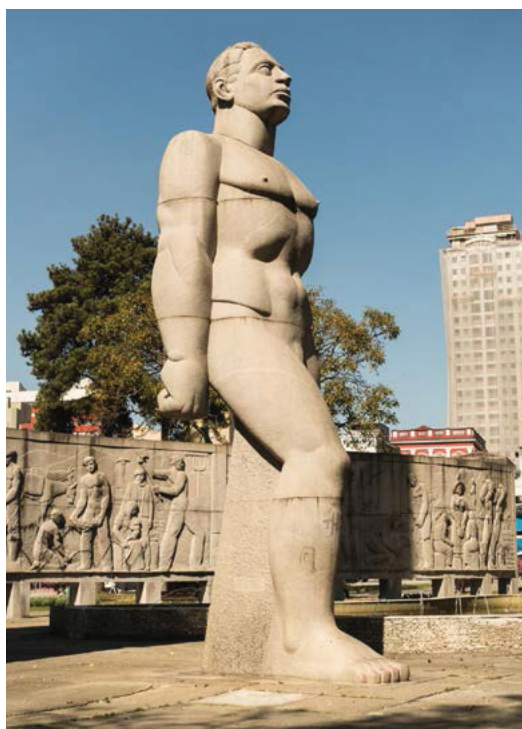
Figura 40 – Painéis da Praça 19 de Dezembro



FONTE: Ortolan (2015a, 2015b).

Na observação participante do trajeto LP, tanto o painel quanto as estátuas são acionados nas falas de Melissa e Kandiero sobre as representações de pessoas indígenas e negras. O enfoque é dado ao papel dos jesuítas na catequização de indígenas e a uma possível representação de pessoas negras no quadrante do painel que aborda a mineração. Nesse contexto, abordam o papel da população negra no desenvolvimento de ferramentas e no conhecimento trazido pelas pessoas escravizadas. Melissa e Kandiero também trazem algumas histórias sobre o impacto da inauguração da estátua do Homem Nu.

Figura 41 – Escultura Homem Nu, na Praça 19 de Dezembro



FONTE: Repercussão..., 2025.

Considerado pela elite reacionária como uma aberração por não representar o ideal de homem paranaense (Alves, 2020), a estátua de Erbo Stenzel e Humberto Cozzo é o artefato urbano que mobiliza a narrativa de encerramento do trajeto LP. A busca pela representação regional com base em um “tipo racial” é um reflexo da tentativa de “gerar uma imagem oficial do ‘homem brasileiro’ por meio das artes visuais”, idealizada durante o período do Estado Novo (Cardoso, 2022, p. 248). Em sua fala final, Melissa e Kandiero ressaltam o racismo da sociedade da época, que renegou a estátua por não representar “o homem deste Paraná dolicocefalo, loiro e belo” (Alves, 2020, p. 36). As esculturas encomendadas pelo governador Bento Munhoz da Rocha Neto deveriam “representar o ‘homem’ do Paraná” (Alves, 2020, p. 23) e a Justiça.

Figura 42 – Esculturas da Praça 19 de Dezembro



FONTE: Estátuas... (2017).

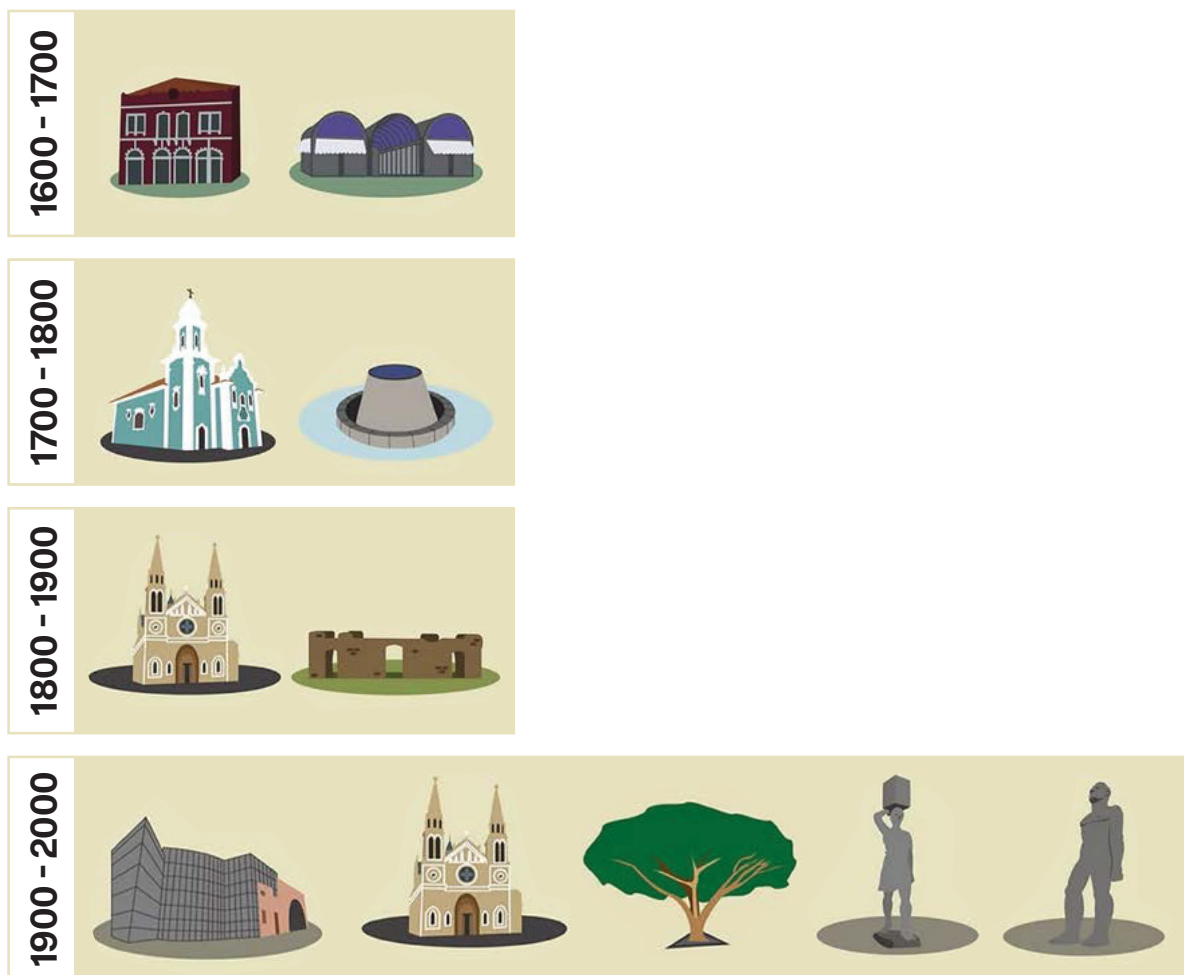
A escultura *Mulher Nua* não foi instalada à época na Praça 19 de Dezembro por representar a Justiça como “uma mulher reclinada, nua e de formas sensuais”, o que mobilizou diferentes setores da sociedade em uma campanha contra sua instalação (Alves, 2020, p. 31). A obra permaneceu quase 20 anos nos fundos do Palácio do Executivo estadual; foi instalada na praça nos anos 1970 (Alves, 2020). Já a escultura *Homem Nu* foi rechaçada pelos opositores do governo de Bento Munhoz da Rocha Neto após sua implantação, por não apresentar os traços da branquidade paranaense (Alves, 2020). A tentativa de importar um modernismo, centrado na “escola carioca”, ao regionalismo paranaense sofreu duras críticas de grupos políticos opositores e da elite, por intermédio da imprensa curitibana (Alves, 2020).

No artigo *A cor do Homem Nu: impasses de uma periferia branca diante do modernismo* (Paraná, 1953), Alves (2020) argumenta que a experiência de ser “moderno e brasileiro” no Paraná da década de 1950 “significava tornar-se menos branco”, o que esbarrou no ideário moralista e racista do Paranismo (Alves, 2020, p. 1). Na contextualização de sua pesquisa, o autor situa as iniciativas da gestão de Bento Munhoz da Rocha Neto como uma tentativa de incorporar o modernismo às obras do Centenário da Emancipação Política do Paraná, um modernismo focado na “arquitetura como linguagem do progresso”, a partir das obras de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa (Alves, 2020, p. 3). Essa experiência “expôs a incompatibilidade entre a modernidade formulada como brasileira e os anseios da elite paranaense” quanto ao reconhecimento de suas características regionais (Alves, 2020, p. 4).

Com a finalização do trajeto do roteiro na Praça 19 de Dezembro, estabelecemos o recorte temporal dos artefatos urbanos mobilizados ao longo do percurso LP. A organização dos pontos do trajeto de acordo com seu

período de construção ou revitalização (Figura 43) indica uma leve predominância do século XX na seleção dos lugares de memória acessados no trajeto.

Figura 43 – Conjunto de signos visuais do roteiro LP



FONTE: A autora (2025).

Nesse recorte temporal, o foco está na construção de uma presença assentada na gênese da cidade, tendo como contraponto o Movimento Paranista. O encerramento do percurso, com uma estátua que articula o desejo de representação tanto de uma presença negra quanto de uma presença branca indica a ambiguidade da relação entre os artefatos urbanos e as narrativas em disputa.

No caso do trajeto do roteiro EPH (Figura 27), os pontos que ficam fora da mancha do Setor Histórico são referentes à Sociedade Protetora dos Operários (ponto 2), aos grafites do artista curitibano Rimon Guimarães (3 e 7), à Sociedade 13 de Maio (4), a Enedina Alves Marques (6 e 9) e à Praça Zacarias (8). As duas organizações sociais são voltadas às “discussões e reivindicações” (Baracho, 2020, p. 45) relativas as relações de trabalho, tanto no período pré quanto no período pós-abolição da escravidão no Brasil, além de serem lugares de convívio e de lazer (Hoshino; Freitas; Pacheco, 2020, p. 161). Essas sociedades operárias estão presentes no início do trajeto do roteiro EPH.

A Sociedade Protetora dos Operários (1883) tinha por objetivo “prestar assistência aos trabalhadores da cidade”, independentemente de seu ofício ou etnia⁸⁵, “amparando-os em momentos de dificuldades” (Baracho, 2020, p. 45). Idealizada e fundada por Benedito Marques dos Santos, ex-escravizado e pedreiro de profissão, a “Protetora” ou “Operário”, como ficou conhecida a sociedade, contava com um quadro societário formado por pessoas negras que também faziam parte da Sociedade 13 de Maio (Baracho, 2020). Ao mobilizar o ponto no trajeto, Sandro ressaltava a falta de interesse da Prefeitura de Curitiba em restaurar a edificação que foi sede da “Protetora”. O edifício foi demolido e hoje dá lugar a um estacionamento.

Figura 44 – Sociedade Protetora dos Operários



FONTE: Baracho (2020, p. 44); AfroCuritiba (2025).

Figura 45 – Benedito Marques dos Santos



FONTE: Baracho (2020, p. 45).

⁸⁵ Com o passar do tempo as corporações se organizaram separadamente a partir de seus ofícios específicos (padeiros, sapateiros, trabalhadores na erva mate), assim como em “associações de cunho étnico e nacional” (Sociedade 13 de maio e Sociedade Garibaldi, por exemplo) (Hoshino; Freitas; Pacheco, 2020, p. 162).

Fundada em 1888 por trabalhadores “afrodescendentes livres e ex-escravizados” (Baracho, 2020, p. 48), a Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio pretendia “atender seus associados em situações de necessidade” e “fortalecer a presença negra” na cidade. Teve como sócios fundadores João Baptista Gomes de Sá, Hilário Munhoz, Francisco Vidal e Vicente Moreira de Freitas. Sua sede, doada pelo município em 1896, mantém as atividades até hoje, promovendo eventos culturais e de mobilização, como os realizados no dia 13 de maio e o evento Um Baile Bom⁸⁶. No documentário *Sob a estrela de Salomão*, a sociedade é retratada como lugar de identidades e memórias negras em Curitiba⁸⁷.

Figura 46 – Estandarte da Sociedade 13 de Maio | Vicente Moreira de Freitas



FONTE: Baracho (2020, p. 48).

Figura 47 – Sede da Sociedade 13 de Maio



FONTE: SISMMAC (2025b).

⁸⁶ <https://afrocuritiba.ufpr.br/sociedade-operaria-beneficente-13-de-maio/>

⁸⁷ O documentário de Geslline Giovana Braga e Otavio Zucon está disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=wzKQY9Tr_Gs

Além do ativismo relacionado à causa negra e operária, a Sociedade Protetora dos Operários e a Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio atuavam como “espaços onde os negros que não tiveram acesso ao ensino na infância, poderiam continuar frequentando bancos escolares à noite” (Silva, 2020, p. 147). A memória desses lugares é evocada pelo professor Sandro a partir desses três elementos: as causas negra, operária e da educação.

A educação é o tema que perpassa a maioria dos lugares do trajeto EPH que ficam fora da mancha do Setor Histórico. Ela está presente no ponto situado na Praça Zacarias, onde o guia ressalta o protagonismo dos irmãos André e Antônio Rebouças em obras de engenharia executadas no estado do Paraná e na cidade de Curitiba. Os irmãos Rebouças, engenheiros negros formados na Escola Militar do Rio de Janeiro, tiveram participação na viabilização, no projeto e na construção de obras como a estrada da Graciosa e a linha férrea Antonina-Curitiba, que mais tarde originou a ferrovia Paranaguá-Curitiba (Baracho, 2020). Um ponto específico do trajeto trata do Chafariz do Largo do Mercado (1871), projetado e construído por Antônio Rebouças, na Praça Zacarias.

Figura 48 – Chafariz do Largo do Mercado



FONTE: Baracho (2020, p. 23); SISMMAC (2025b).

A personagem na qual a intersecção de gênero, raça e classe (Gonzalez, 2020; Gonzalez; Hasenbalg, 1982) ganha forma no trajeto EPH é Enedina Alves Marques. A ela são dedicados três pontos do percurso correspondentes à sua última moradia, à escola onde fez o curso de pré-engenharia e ao banco com a escultura localizado na Rua XV de Novembro. Antes de se formar a primeira engenheira negra do país pela UFPR, Enedina foi empregada doméstica e “professora da rede pública de ensino em diversas cidades do estado” (Santana, 2011, p. 55). Depois, trabalhou como engenheira civil no Departamento Estadual de Águas e Energia Elétrica, quando participou da construção da Usina Hidroelétrica Capivari Cachoeira, também conhecida por Usina Parigot de Souza. Atuou ainda no projeto de construção da Casa do Estudante Universitário do Paraná e do Colégio Estadual do Paraná (Enedina..., 2024).

Figura 49 – Enedina nas obras da Usina Parigot de Souza



FONTE: Enedina... (2024).

No percurso, Sandro enfatiza a importância da representatividade da figura de Enedina como mulher preta relacionada ao trabalho intelectual. As dificuldades financeiras, a perseguição sofrida por ela como mulher em um curso com participação majoritária de homens brancos, além do preconceito racial enfrentado durante o curso de engenharia (Santana, 2011), fazem parte da tríade de opressões articulada por Lélia Gonzalez (Gonzalez, 2020; Gonzalez; Hasenbalg, 1982) em seus estudos sobre a condição da mulher negra no Brasil.

A escultura de Enedina na Rua XV de Novembro forma, com a escultura de Emerenciana Cardoso Neves e os murais de Rimon Guimarães, o conjunto de artefatos urbanos que sinalizam a presença negra na paisagem urbana a partir da representação imagética da figura de mulheres negras. Rimon Guimarães é um artista curitibano, autodidata e multidisciplinar que “trabalha com murais de larga escala, pinturas, desenhos, composições e peças de áudio, dentre outros” (Baracho, 2020, p. 77). Seu trabalho dialoga com “referências urbanas contemporâneas” e “elementos da visualidade africana, como padrões geométricos, cores contrastantes e figuração negra” (Baracho, 2020, p. 77). Parte dos murais do artista, localizados no percurso EPH, fazem parte do pôster do roteiro e são destacados por Sandro no trajeto da observação participante.

O recorte temporal dos artefatos urbanos mobilizados ao longo do percurso EPH (Figura 50) indica uma leve predominância do século XIX na seleção dos lugares de memória acessados no trajeto.

Figura 50 – Conjunto de signos visuais do roteiro EPH



FONTE: A autora (2025).

A predominância no século XIX destaca a participação de organizações e personagens voltadas ao tema do trabalho. As sociedades operárias inserem-se no campo do ativismo e da sociabilidade; os irmãos Rebouças destacam-se pelo protagonismo a partir de sua inserção social como intelectuais; e a figura do homem negro na aquarela de Debret representa a presença negra que vem da força de trabalho. De modo geral, a construção do trajeto EPH revela um equilíbrio na distribuição temporal dos pontos mobilizados ao longo do percurso.

Em suas práticas espaciais, os roteiros afrocentrados LP e EPH produzem a paisagem urbana no movimento efêmero de seus deslocamentos temporais. No caso do EPH, a ausência de uma sequência fixa de seu trajeto na representação

visual do roteiro flexibiliza as escolhas do percurso a ser seguido, de acordo com as características das pessoas participantes e as imprevisibilidades logísticas do deslocamento a pé pela cidade. Na observação participante realizada no dia 16 de novembro de 2024, o percurso foi adaptado considerando o número de pessoas mais velhas e as reformas nas calçadas próximas ao Instituto de Educação do Paraná, um dos pontos de seu roteiro. No projeto LP, a ausência do desenho fixo de seus trajetos na representação visual do roteiro deixa em aberto as possibilidades de arranjo entre os pontos mais próximos, sem fixar uma sequência predeterminada a ser seguida no percurso.

Os roteiros histórico-turísticos afrocentrados não são a única forma de produção da paisagem urbana em Curitiba. Assim como suas caminhadas, existem outros modos de apropriação do espaço urbano que dão continuidade a essas formas de produzir a cidade coletivamente. A pesquisadora Glaucia Pereira do Nascimento (2020) mapeou, em sua pesquisa, 14 territorialidades negras (Nascimento, 2020) com atuação na região central da cidade de Curitiba.

A partir do relato de pessoas participantes de diferentes organizações do movimento negro curitibano, Nascimento (2020) constata que a concentração de atividades na região central se deve ao número de linhas de ônibus disponíveis na área, o que permite agregar um maior número de pessoas aos eventos. Além disso, o fato de não limitar suas ações a uma sede possibilita articular a militância conjunta das organizações em outras áreas da cidade. As instituições indicadas por pessoas do movimento negro têm aspectos comuns em suas práticas, tais como o reconhecimento do papel da “ancestralidade e memória”, a valorização de uma “estética afrodiaspórica” e a articulação de uma “cultura política Negra” em Curitiba (Nascimento, 2020, p. 244).

A multiplicidade de práticas econômicas, políticas e culturais observadas na vivência dos trajetos dos roteiros histórico-turísticos LP e EPH apresenta contranarrativas sobre a presença negra na cidade que dinamizam as relações no espaço social do passado e do presente. Essas contranarrativas tensionam e disputam a produção do espaço urbano com a narrativa dominante presente na representação da cidade planejada pelo roteiro governamental LT. As relações de proximidade e distanciamento dessa dinâmica serão explicitadas no Capítulo 5 (*Aproximações e sobreposições*), que, a partir de um recorte espacial no conjunto de roteiros, amplia e justapõe os detalhes das práticas observadas nos trajetos.

5 APROXIMAÇÕES E SOBREPOSIÇÕES

As dinâmicas estabelecidas na construção das manchas e dos trajetos dos roteiros LP, EPH e LT põem em evidência as “táticas” dos roteiros afrocentrados e as “estratégias” da linha de turismo oficial da cidade de Curitiba. A observação dessas práticas espaciais possibilitou a construção das composições cartográficas fundamentadas na vivência de seus respectivos percursos e apresentadas no Capítulo 4.

Por meio dessa cartografia, foi identificada a capacidade de adaptação dos projetos LP e EPH ao flexibilizarem seus roteiros ao inesperado de um cotidiano produzido na efemeridade de suas caminhadas. Por outro lado, o LT propõe a estabilidade de um circuito vivenciado na sequência de um planejamento dos atrativos turísticos, acessados durante o deslocamento no veículo motorizado.

O imbricamento de lugares e tempos acionados nos trajetos permitiu a análise dos três roteiros histórico-turísticos a partir de sua inter-relação com as narrativas e contranarrativas, visuais e verbais, produzidas por eles. Por meio da sobreposição de seus trajetos, podemos determinar uma área de encontros, próximos e superpostos, que proporciona a observação de suas práticas espaciais em pontos específicos dos percursos. A sobreposição de percursos, além de trazer a dimensão espacial dos deslocamentos, possibilitou identificar a área em que os três roteiros concentram o maior número de pontos em seus trajetos (Figura 51).

Figura 51 – Ampliação da área de sobreposição dos trajetos LP, EPH e LT



FONTE: Elaborada pela autora (2025) com base em IPPUC (2025).

A predominância dos pontos dos três roteiros ocorre na região central de Curitiba, onde os projetos LP e EPH centralizam seus trajetos. Para a análise das narrativas visuais e verbais praticadas nesses roteiros, optei por restringir a área observada, considerando como parâmetros a proximidade entre pontos distintos e a sobreposição de pontos equivalentes (Figura 52).

Figura 52 – Seleção de pontos próximos e sobrepostos nos trajetos LP, EPH e LT



FONTE: Elaborada pela autora (2025) com base em IPPUC (2025).

Com base nesses parâmetros, foram selecionados cinco pontos dos roteiros LP, EPH e LT (Figura 51), sendo eles: Praça Tiradentes (1), Arcadas do Pelourinho | Emerenciana Cardoso Neve/Escultura Água pro Morro | Paço da Liberdade (2), Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito | Setor Histórico (3), Ruínas do São Francisco (4) e Enedina Alves Marques | Rua das Flores (5).

Figura 53 – Pontos sobrepostos nos trajetos LP, EPH e LT



FONTE: Elaborada pela autora (2025) com base em IPPUC (2025).

Os Apêndices 13 e 14 trazem o conteúdo verbal disponibilizado pelos roteiros LP e LT, e o Apêndice 15 traz as imagens do roteiro EPH com o acréscimo de algumas imagens de pontos que não constam no fôlder. Os textos informativos do LT são os mesmos utilizados na gravação que guia o seu trajeto. No caso do roteiro EPH, foram inseridas legendas nas imagens extraídas do fôlder distribuído durante a caminhada e disponibilizado no site do coletivo. A construção dessas legendas foi realizada a partir de pesquisa em diversas fontes, com o objetivo de contextualizar os eventos representados nas imagens do roteiro. Essas informações foram incorporadas à escrita deste capítulo, juntamente com imagens dos projetos e observações ancoradas nas descrições realizadas nas observações participantes (Apêndices de 16 a 18).

A Praça Tiradentes (1) é o ponto de encontro dos roteiros LP, EPH e LT. Nela, história e memória confluem para produzir as dinâmicas sociais dos diferentes tempos de Curitiba. Nesse lugar, as práticas cotidianas de pessoas e instituições são responsáveis pelo convívio e pelas disputas geradas pelo uso comum do espaço urbano. A complexidade dessa experiência coletiva, das perspectivas diversas sobre um mesmo ponto da cidade, é apresentada a partir da vivência dos percursos dos três roteiros histórico-turísticos.

No percurso LP, a praça surge inicialmente entre o fluxo de pessoas que circunda a Catedral Basílica Menor e a Estação Tubo Praça Tiradentes. Enquanto o grupo de caminhantes espera Kandiero⁸⁸ na entrada da igreja, podemos observar a paisagem que circunda a praça: o comércio popular, os sons da rua, os monumentos, os marcos e a escultura do cacique Tindiquera. Parte desses artefatos urbanos está listada no texto que descreve a praça, assim como a catedral é apresentada em quatro imagens no site do roteiro LP.

Após uma breve incursão no interior da catedral, seguimos em direção à praça com o lembrete da fúria do mestre Vicente Moreira de Freitas, conhecido construtor negro e um dos fundadores da Sociedade 13 de Maio, ao ter seu nome esquecido no registro da placa que comemora a construção da igreja. A caminhada até a praça é guiada pela luminosidade do verde que leva até as cinco Gameleiras Sagradas, também conhecidas como *Irôko*. O cortejo que sai da Igreja do Rosário no dia da lavagem de suas escadarias se encerra nas árvores sagradas enfeitadas com seus Ojás⁸⁹. No canto do afoxé entoado por Melissa, o apagamento do orixá na frase da placa é reparado.

⁸⁸ Optei por simplificar a grafia dos nomes das pessoas que guiam os percursos para dar maior fluidez à leitura do texto.

⁸⁹ Ojá é uma faixa de tecido “usada para sacralizar e proteger corpos (nossas cabeças, nossas divindades, nossos tambores e nossas árvores)” (Brandão; Santos, 2021, p. 3).

A raiz negra em Curitiba é forte, antiga e ativa, faz parte da história e traz as bênçãos de Oxalá. (Oliveira, 2024, notas de campo)

No texto da placa, instalada pela prefeitura ao lado de uma das gameleiras, transparece o modo como a institucionalidade governamental instaura a ausência mesmo quando homenageia a comunidade afrocuritibana.

Figura 54 – Placa em homenagem à comunidade afrocuritibana



FONTE: Linha Preta (2025).

As duas lâminas do Oxé de Xangô⁹⁰, construídas a partir da forma do pinhão, um dos símbolos do Paranismo, sinalizam a ambiguidade da prática governamental na materialidade do artefato. No roteiro LP, assim como no EPH, o gesto enunciativo na palavra e na imagem se complementam na prática da caminhada (Certeau, 2014). O percurso do Coletivo Étnico-Racial do SISMMAC também se apropria das Gameleiras Sagradas para presentificar a memória da população negra na Praça Tiradentes, uma presença narrada pelo professor Sandro a partir da lembrança dos cânticos da capoeira praticada quinzenalmente na praça e dos rituais religiosos do cortejo até as gameleiras.

No movimento do grupo de caminhantes até as gameleiras, pedaços da cate-dral escapam entre as folhas e os galhos das árvores. A fala de Sandro nos guia na diversidade de práticas de sociabilidade que a comunidade negra vivenciava nesse lugar. Um pequeno fragmento delas é visualizado na imagem do pôster distribuído no início da caminhada do roteiro EPH.

⁹⁰ Na mitologia iorubá, Xangô é o orixá “dono do trovão, conhecedor dos caminhos do poder secular, governador da justiça” (Prandi, 2001, p. 21). Seu machado de duas lâminas, o Oxé, representa forças complementares ou opostas, como a justiça e o poder (Simbologia..., 2022).

Figura 55 – Praça Tiradentes (1913)



FONTE: SISMMAC (2025b).

A Figura 55 retrata o desfile na inauguração da Avenida João Gualberto em 21 de abril de 1913 (Baracho, 2020). A fotografia do desfile reforça a narrativa do EPH sobre a presença da população negra organizada em sociedades, como a Sociedade 13 de Maio, que participava ativamente das práticas sociais nos espaços urbanos de Curitiba. No espaço delimitado pela praça, a complexidade das dinâmicas sociais pode ser observada nos ruídos das conversas cotidianas, nos olhares trocados entre as pessoas sentadas nos bancos e aquelas que atravessam o lugar com pressa, assim como no embarque e desembarque de turistas no ônibus do LT e nas pessoas que participam das caminhadas dos dois roteiros afrocentrados da cidade.

Figura 56 – LP e LT na Praça Tiradentes



FONTE: Informativo Humaita (2025).

O vidro que protege o antigo calçamento da praça marca um dos pontos onde a relação dos roteiros LP e LT se encontram na mobilização dos artefatos urbanos instalados no local. Ao mesmo tempo em que guarda os vestígios das primeiras práticas urbanísticas da cidade, o piso de vidro com uma araucária ao centro também está presente na fala de Melissa e Kandiero sobre a participação da população negra na fundação da cidade. Narrativa e contranarrativa se encontram na captura efêmera do registro fotográfico de suas práticas espaciais (Figura 56).

O verde da natureza que envolve a praça e os caminhantes do roteiro LP é observado à distância pelas pessoas que circulam com o ônibus do LT. Esse ponto de vista afastado da vivência cotidiana do espaço urbano também pode ser observado no texto informativo sobre a praça e na fotografia aérea que captura o local e parte do seu entorno.

Figura 57 – Praça Tiradentes



FONTE: Linha Turismo (2025b).

A fotografia captura um ângulo do lugar onde é possível visualizar a catedral à direita, um ônibus da rede de transporte público ao centro e a praça à esquerda. Esse ponto de vista aéreo, em conjunto com o texto que lista uma série de artefatos urbanos edificadas — como marcos, monolitos, bustos e igrejas —, indica a importância que o roteiro LT atribui à materialidade para a vivência do espaço urbano. Essa característica ainda pode ser visualizada nas imagens do Paço da Liberdade. A parada do LT faz parte da região central de Curitiba, estabelecendo uma relação de proximidade com as Arcadas do Pelourinho e a Escultura Emerenciana Cardoso Neves/Água pro Morro, pontos sobrepostos dos roteiros EPH e LP. A localização desses elementos corresponde ao ponto 2 na Figura 53. Na imagem centralizada do Paço da Liberdade, a perspectiva de distanciamento entre a materialidade da edificação e a vivência do espaço urbano é complementada pelas informações contidas na gravação do ônibus do LT.

Figura 58 – Paço da Liberdade



FONTE: Linha Turismo (2025b).

O texto ressalta os diferentes usos da edificação, as características da arquitetura e sua localização na Praça Generoso Marques. A narrativa apresentada pela voz mecânica de uma gravação repleta de ruídos ganhou vida na fala da cobradora do ônibus do LT, que nos avisava sobre a movimentação de pessoas no centro e nas lojas na Rua XV de Novembro. No enquadramento da janela, o distanciamento da vista aérea da imagem diminui e torna um pouco mais próxima a circulação das pessoas no entorno do patrimônio edificado.

Nos fundos do edifício, a sobreposição das experiências de dois pontos dos roteiros LP e EPH evidencia dois artefatos urbanos que sinalizam a presença negra na paisagem urbana de Curitiba em períodos distintos da história da cidade. A caminhada entre as bancas do mercado de flores direciona o grupo participante do roteiro LP até a escultura da mulher, fixada na fonte d'água situada entre as Arcadas do Pelourinho e o Paço da Liberdade. No caminho, a obra visualizada entre as folhagens vendidas no mercado ganha como cenário as curvas *art nouveau* dos fundos da edificação do paço.

Figura 59 – Escultura *Água pro Morro*

FONTE: Linha Preta (2025).

Enquanto Kandiero e Melissa começam a contar as histórias sobre a escultura *Água pro Morro*, um encontro inesperado acontece: Sandro e o grupo de caminhantes do roteiro EPH se dirigem para o mesmo ponto onde as pessoas participantes do roteiro LP estão reunidas. Os grupos se unem, e os guias, Kandiero e Sandro, dividem o megafone para falar da mulher negra representada na escultura localizada no espaço entre as Arcadas do Pelourinho e o Paço da Liberdade.

A mulher que caminha enquanto carrega uma lata d'água na cabeça foi nomeada pela prefeitura como *Maria Lata D'Água* desde a inauguração da fonte. Seu nome é Emerenciana Cardoso Neves, poeta, compositora de sambas-enredo e escultora negra, que foi modelo para o escultor Erbo Stenzel na criação da obra *Água pro Morro*. Kandiero fala dos rumores do relacionamento amoroso entre o escultor e Emerenciana, e Sandro complementa com a informação de que ambos estavam na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro na época em que a escultura foi produzida.

O texto do site do LP reforça a narrativa do romance entre Erbo e Emerenciana, sem trazer muitas informações sobre a escultora. Destaca-se a temática da obra, que retrata o cotidiano de muitas mulheres negras, a forma como o escultor representou o movimento do corpo de Emerenciana, além da relevância da escultura para a cidade.

Na observação participante do roteiro EPH, Sandro contextualiza a luta do movimento coletivo de mulheres negras para renomear a escultura com seu nome original, *Água pro Morro*, bem como para incluir informações sobre Emerenciana Cardoso Neves na placa instalada na fonte, que compõe o artefato urbano. O guia também fala sobre a biografia de Emerenciana e da invisibilização de mulheres negras no cotidiano da cidade.

Figura 60 – Emerenciana Cardoso Neves



FONTE: SISMMAC (2025b).

Na Figura 60, a imagem de Emerenciana se relaciona com a escultura de Erbo Stenzel e com a edificação do Paço da Liberdade, tornando visíveis as camadas temporais presentes na materialidade dos diferentes artefatos urbanos acionados na composição fotográfica.

Os dois roteiros afrocentrados retratam a escultura *Água pro Morro* a partir de diferentes enfoques. Ambos abordam a forma como mulheres negras são representadas no espaço urbano; contudo, enquanto o roteiro LP prioriza características relacionadas à forma da obra e sua relevância para a cidade, o roteiro EPH destaca a organização coletiva de mulheres na luta para renomear a escultura, excluindo seu apelido pejorativo. Essa diferença também pode ser observada na forma como os dois projetos nomeiam a obra: no roteiro LP, a escultura é apresentada com o nome oficial *Água pro Morro*, dado por Erbo Stenzel; no roteiro EPH, a escultura leva o nome da modelo, *Emerenciana Cardoso Neves*.

O caminhar no corredor que liga a escultura de Emerenciana à árvore visualizada no final das Arcadas do Pelourinho é acompanhado pelo perfume intenso das plantas do mercado de flores. O tronco da árvore que finaliza essa breve caminhada esconde o monólito chanfrado com a placa que indica o lugar onde teria sido instalado o Pelourinho da cidade. Nesse lugar de memória, tanto o roteiro LP quanto o EPH iniciam suas falas com a leitura do texto incrustado em uma placa de metal (Figura 61).

Figura 61 – Arcadas do Pelourinho



FONTE: SISMMAC (2025b).

Nas falas de Melissa, Kandiero e Sandro, é narrada uma história de poder e resistência, assentada nas táticas dos coletivos de pessoas negras e entrelaçadas às estratégias dos representantes governamentais em diferentes períodos da história brasileira e curitibana. As relações de trabalho, os encontros religiosos e a música que marca o ritmo da dança dos capoeiristas ainda estão presentes no cotidiano desse recorte da paisagem urbana de Curitiba.

Caminhar nessa região, que concentra o Setor Histórico da cidade, proporciona o encontro com diferentes formas de representação da população negra na paisagem. O trecho situado entre as Arcadas do Pelourinho e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito guarda, no caminho cercado pelo casario colonial, um bebedouro público do século XVIII, um painel que retrata a história do Brasil e do Paraná no Memorial de Curitiba e um mural do artista curitibano Rimon Guimarães na lateral da Casa Hoffmann.

Tanto o roteiro LP quanto o EPH percorrem esse espaço, que faz a ligação entre o Alto e o Baixo São Francisco. No caso do EPH, o movimento é de subida até a

Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito. A igreja é outro ponto que se sobrepõe (ponto 3 da Figura 53) nas caminhadas afrocentradas, ao mesmo tempo em que está próxima do ponto do LT que aborda o Setor Histórico de Curitiba.

Para o roteiro EPH, esse é o lugar que finaliza a caminhada proposta para aquele dia. Em frente à escadaria, Sandro fala sobre as irmandades de pessoas negras que construíram e cuidaram da igreja em diferentes períodos da história da cidade.

Figura 62 – Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito



FONTE: SISMMAC (2025b).

No fôlder do roteiro, a igreja é apresentada em uma composição de fotografias de diferentes épocas, o que reforça a narrativa do guia. Sandro encerra sua fala destacando o papel da coletividade e da ajuda mútua nas relações estabelecidas por pessoas negras desde a fundação de Curitiba.

O azul-claro da fachada da Igreja do Rosário, com seu conjunto de azulejos figurativos, serviu de cenário para as falas de Melissa e Kandiero. Os degraus da pequena escadaria que conduzem à porta principal tornaram-se a plataforma onde o entrelaçamento de história e memória produz a contranarrativa desse ponto do roteiro. Enquanto Melissa e Kandiero revezam as falas sobre os diferentes momentos vividos pela igreja, construída com dinheiro e trabalho de pessoas negras, as pessoas que circulam no entorno seguem seu ritmo na manhã do sábado.

Figura 63 – Entrada da Igreja do Rosário



FONTE: Linha Preta (2025).

O azul—colonial dos azulejos retrata cenas do cotidiano da ainda vila de Curitiba, e Melissa aproveita para comentar sobre as tecnologias que pessoas negras escravizadas trouxeram do continente africano. Essa herança esteve presente tanto na construção da igreja original quanto nos carros de boi da cena retratada no painel de azulejos localizado na parte superior da porta.

Figura 64 – Painel de azulejos da Igreja do Rosário



FONTE: Linha Preta (2025).

Os sons da cidade em movimento misturavam-se às palmas e aos cânticos entoados por Melissa e Kandiero, fazendo com que algumas pessoas diminuíssem seu ritmo para tentar entender o que aquele grupo de pessoas fazia em frente à porta fechada da igreja. Nesse momento, Kandiero falou das irmandades religiosas que utilizavam a igreja como espaço de sociabilização para as pessoas negras da cidade de Curitiba. De acordo como o guia do roteiro LP, a igreja também abrigou, durante um período, o cemitério onde eram enterradas as pessoas que faziam parte das irmandades. Da Igreja do Rosário, saíram as congadas no passado e, no presente, o cortejo que, após ter lavado suas escadarias com ervas e água de cheiro, segue em direção às Gameleiras Sagradas da Praça Tiradentes. Na Igreja do Rosário, a religiosidade, a festa e o encontro produziram a memória e a paisagem desse trecho do Setor Histórico de Curitiba.

Da entrada da Igreja do Rosário, foi possível avistar o Palácio Garibaldi, local da parada do ônibus do LT no ponto correspondente ao Setor Histórico de Curitiba. No caminho percorrido pelo ônibus até a chegada no Palácio Garibaldi, a voz mecânica da gravação listava os lugares e suas construções de diferentes épocas, pertencentes ao núcleo do Setor Histórico. Do ônibus, fragmentos de cidade emoldurados pela janela acrescentavam outras camadas à narrativa apresentada pelo roteiro. A textura urbana dos grafites nas portas de metal misturava-se ao colorido do casario colonial, e o vazio do final de domingo complementava o silêncio do espaço onde ficava a sede do Operário.

Figura 65 – Setor Histórico de Curitiba



FONTE: Linha Turismo (2025b).

Ao final da gravação, o lembrete sobre a Feira de Artesanato do Largo da Ordem, que acontece aos domingos pela manhã, encerra a parada em frente ao Palácio Garibaldi. Na fotografia que inicia o carrossel de imagens no site do LT, o

ponto de vista deixa de ser aéreo, adotando-se a perspectiva do pedestre para retratar algumas das construções do Setor Histórico. Nenhuma menção específica foi feita à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito; as construções religiosas foram narradas genericamente, como conjunto de igrejas, com exceção da Igreja da Ordem. O destaque foi dado ao Pavilhão da História do Paraná, localizado no Museu Paranaense.

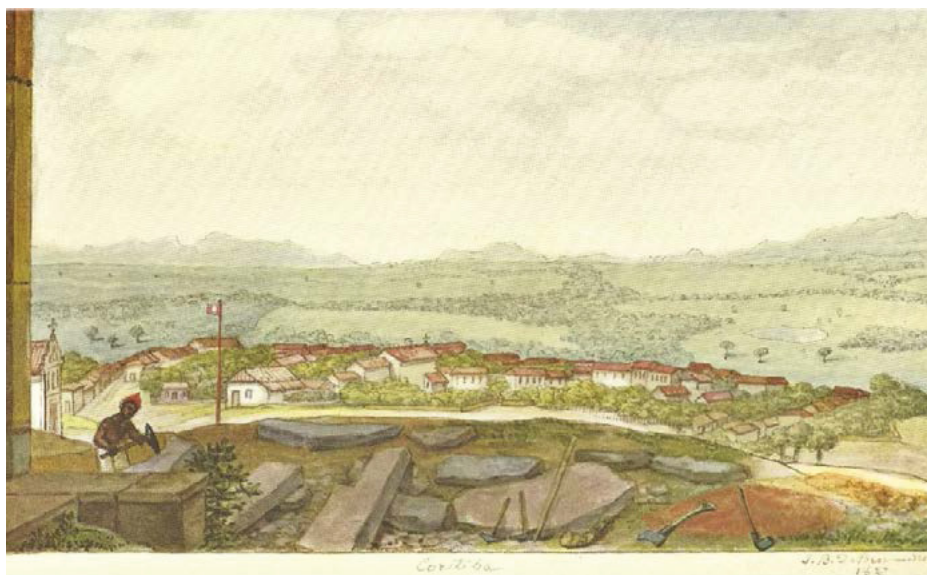
A proximidade do ponto do LT aos pontos sobrepostos dos roteiros LP e EPH estabelece uma relação entre a narrativa que destaca as construções do período colonial e as contranarrativas que ressaltam as práticas sociais de um lugar de memória da população negra de Curitiba. No caso dos roteiros afrocentrados, o contraste pode ser observado na forma como LP e EPH sinalizam o lugar em suas representações visuais.

No roteiro LP, o local é nomeado como Igreja do Rosário, abreviando o nome da mesma forma como o Instituto Municipal Curitiba Turismo faz ao descrever o local em seu site (Instituto Municipal Curitiba Turismo, 2025d). O roteiro EPH adota a nomenclatura completa (*Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito*), além de incluir o período de suas construções e reformas no pôster do roteiro.

No caminho que o ônibus do LT faz para chegar ao Setor Histórico, avistamos o ponto que inicia os dois percursos afrocentrados: as Ruínas do São Francisco. Nessa sobreposição (ponto 4 da Figura 53), as formas particulares como ambos os percursos abordam a gênese da cidade revelam semelhanças e diferenças nos modos de uso do espaço urbano. O encontro de ambos os grupos de caminhantes aconteceu no pátio de madeira que fica entre o Belvedere e as Ruínas do São Francisco.

Após a chegada das pessoas participantes, Sandro, do roteiro EPH, iniciou sua apresentação e do projeto do Coletivo Étnico-Racial do SISMMAC em conjunto com membros do Centro de Promoção de Agentes de Transformação (Cepat), uma das entidades que apoia o projeto. Durante a apresentação, foram distribuídas água e camisetas do coletivo. Sandro utilizou um megafone para organizar e direcionar o grupo de pessoas para a frente da construção que enquadra fragmentos da paisagem em suas janelas e portas inacabadas. Seu som estridente comanda a busca proposta pelo guia: encontrar a primeira imagem de Curitiba em nossos celulares.

Figura 66 – Aquarela *Coritiba*, de Debret (1827)



FONTE: Linha Preta (2025).

A aquarela *Coritiba*, do pintor francês Jean-Baptiste Debret⁹¹, foi o disparador de uma série de perguntas por parte das pessoas participantes: “Debret em Curitiba?”; “Onde fica o ponto de onde ele viu a cidade?”. Após esse momento de inquietação e das buscas por uma sobreposição da paisagem do passado à paisagem do presente, Sandro iniciou sua fala sobre a presença de pessoas negras desde o início da construção da cidade. Ao falar da obra de Debret, mencionou o pintor e caricaturista curitibano João Pedro, conhecido como *O Mulato*, que teria sido um dos primeiros artistas a retratar o cotidiano da cidade.

Figura 67 – Obras de João Pedro, conhecido como *O Mulato*



FONTE: SISMMAC (2025b).

⁹¹ Jean-Baptiste Debret (1768-1848) foi pintor, desenhista, decorador e professor francês. Em 1816, integrou a Missão Artística Francesa a convite do príncipe regente D. João. Debret criou, com desenhos e aquarelas, um registro documental sobre a vida cotidiana no Brasil nas primeiras décadas do século XIX (Frazão, 2023).

O professor Sandro ressaltou a construção da historiografia hegemônica centrada na participação de imigrantes europeus na formação da cidade, assim como a atuação dos autores do Movimento Paranista na exclusão de pessoas negras nos processos históricos da construção de Curitiba. A partir da figura do homem negro retratado na obra de Debret, Sandro falou sobre a formação das organizações de trabalhadores e trabalhadoras negras, como a Sociedade Protetora dos Operários e a Sociedade 13 de Maio, ambas situadas na região próxima à Praça João Cândido, localização das Ruínas do São Francisco. As duas sociedades foram os pontos seguintes a serem visitados no trajeto EPH.

No roteiro LP, o ritmo das palmas e do canto entoado por Kandiero deu início ao percurso. A roda formada com as pessoas participantes da caminhada tentou acompanhar o som do pandeiro no pátio em frente às ruínas. A dificuldade em coordenar o ritmo do corpo às variações do AEIOU, proposto por Melissa e Kandiero, serviu como ponto de partida para que os guias iniciem a conversa sobre a mudança de posição necessária para observar a cidade por outras lentes.

Da mesma forma que Sandro, do roteiro EPH, Kandiero deu o comando para a busca: Debret, primeira imagem de Curitiba. De modo semelhante à experiência no roteiro EPH, as pessoas participantes do LP também dedicaram um tempo para tentar encaixar a paisagem do passado na paisagem do presente. Melissa e Kandiero acionaram a aquarela de Debret (Figura 66) para perguntar se as pessoas achavam que o homem negro na obra era livre ou escravizado. A partir desse diálogo, iniciaram sua contranarrativa sobre a presença da população negra na cidade.

Melissa e Kandiero falaram da maneira automática como costumamos enxergar as pessoas negras em documentos históricos, colocando-as sempre como pessoas escravizadas. Na conversa com as pessoas participantes, relacionaram o uso do gorro vermelho pelo homem negro a um dos símbolos da liberdade da Revolução Francesa: o barrete vermelho⁹².

Essa fala serviu como base para contextualizar a utilização do trabalho e da tecnologia trazidos por pessoas escravizadas na construção do estado do Paraná e da cidade de Curitiba. Melissa e Kandiero contrastaram a presença e atuação da população negra com as narrativas eugenistas do Movimento Paranista. Antes de iniciar a caminhada, destacaram que, em 1888, cerca de 8% da população negra era escravizada, além de ressaltarem que Curitiba é a capital da região sul do país com a maior porcentagem de pessoas autodeclaradas negras.

⁹² A associação do barrete ou gorro frígio à ideia de liberdade é anterior à Revolução Francesa. O objeto não tem origem precisa, mas seu uso é localizado na região da Frígia, que faz parte da atual Turquia. O barrete é associado à revolução, à liberdade e ao anticolonialismo (Bird, 2024).

No site do projeto LP, o texto traz mais informações sobre a técnica utilizada na construção da igreja que se transformou nas Ruínas de São Francisco. No site, também são destacadas as contribuições dos mestres construtores negros, em particular a de Mestre Belmiro, que atuou na cidade de Guarapuava (PR). Belmiro utilizava parte do dinheiro que ganhava com as construções para comprar a alforria de pessoas escravizadas, incluindo a sua e a de sua namorada.

No percurso LP, esse mesmo ponto do roteiro recebe o nome do lugar de início de sua caminhada, *Ruínas de São Francisco*. Por sua vez, o percurso EPH nomeia o ponto com referências ao pintor da obra (Debret, 1987), o que inicia uma contranarrativa sobre a presença negra em Curitiba, além de incluir o nome do artista João Pedro, *O Mulato*, com a indicação de que ele teria sido o primeiro caricaturista brasileiro.

Para finalizar o movimento de sobreposição e aproximação dos pontos dos roteiros LP, EPH e LT, ampliei o recorte espacial até a Rua XV de Novembro (ponto 5 da Figura 53). Em um pequeno trecho da rua, os roteiros EPH e LT têm pontos muito próximos no espaço urbano, porém distantes em sua temática. A Rua XV de Novembro é um espaço movimentado, caracterizado por seus prédios históricos, um comércio intenso e variado, bares, restaurantes e instituições de ensino.

Na observação do trajeto do roteiro EPH, a rua serviu como caminho até a Praça Borges de Macedo, onde estão localizadas as Arcadas do Pelourinho e a escultura Água pro Morro. Na direção oposta a esse deslocamento, situa-se a escultura de Enedina Alves Marques, a primeira engenheira negra do país. O fluxo intenso de pessoas na manhã de um sábado de sol, junto com os preparativos para o Natal, dificultou a movimentação das pessoas participantes do percurso ao redor da escultura instalada em um dos bancos do calçadão da Rua XV.

Figura 68 – Enedina Alves Marques | Avenida Luiz Xavier



FONTE: SISMMAC (2025b).

Sandro empunhou seu megafone e começou a falar sobre a importância da visibilidade dada à história de Enedina nos últimos anos, ressaltando que a escultura, instalada em um dos lugares mais movimentados da cidade, destaca a figura de uma mulher preta ligada ao trabalho intelectual. Esse é um dos três pontos que tratam de momentos diferentes da vida de Enedina no trajeto do roteiro EPH. A figura do homem preto com um megafone, acompanhado por um grupo de pessoas, chama a atenção dos transeuntes, que diminuem o ritmo para tentar ouvir do que se trata aquele encontro ao redor de uma escultura. Essa movimentação não interferiu no descanso do grupo de trabalhadores que observava tudo à sombra da estrutura da futura atração natalina da Rua XV de Novembro.

Do outro lado da rua, na Avenida Luiz Xavier, está localizado o ponto do LT denominado *Rua das Flores*. Antes de receber o nome em homenagem à Proclamação da República (1889), a Rua XV de Novembro era conhecida como Rua das Flores até o ano de 1880. Após sua transformação em rua exclusiva para pedestres na década de 1970, a via passou a ser reconhecida novamente como Rua das Flores (Justino, 2012).

Figura 69 – Rua das Flores



FONTE: Linha Turismo (2025b).

A descrição contida no site do LT reforça a importância da rua para o comércio da região, além de destacar sua característica como ponto de encontro e de mobilização da população curitibana, bem como sua função como atração turística. Também são mencionadas edificações do início do século XX, como o Palácio Avenida, local onde todos os anos acontecem apresentações natalinas. No LT, esse é o penúltimo ponto do circuito, que se encerra na Rua 24 Horas.

O objetivo desse imbricamento entre as descrições vividas nos trajetos e as informações coletadas nas diversas fontes dos roteiros histórico-turísticos LP, EPH

e LT foi tornar visíveis as dinâmicas estabelecidas, tanto entre suas práticas distintas quanto entre as similares. A observação próxima e detalhada das representações verbais e visuais dos três roteiros observados teve como objetivo relacionar as particularidades que constituem essas práticas, assim como expor a complexidade das interações entre elas.

6 TÁTICAS DE REAPROPRIAÇÃO DO ESPAÇO

Enquanto nos movemos no fluxo cotidiano das cidades, mal percebemos as coisas que nos cercam e observam nosso ritmo em suas pausas, urgências, necessidades e desejos. Nessa ação corriqueira de deslocamento, nem sempre nos damos conta da história esculpida em monumentos e patrimônios edificadas, bem como da sua relação com a memória efêmera de nossas práticas sociais. A materialização do tempo em lugares e seus elementos simbólicos, naturais e edificadas é parte da produção histórica da cidade de Curitiba.

A complexidade dessa história, composta por pessoas e instituições com objetivos diversos, foi brevemente delineada no capítulo intitulado *Onde estão as pessoas negras?*. Essa pergunta reforça a busca pelas diferentes posições que tanto a construção hegemônica quanto os movimentos negros atribuem à população negra na historiografia do país. Essa localização foi importante na distinção das narrativas que cada um dos roteiros histórico-turísticos observados na cidade de Curitiba utiliza em suas distintas práticas espaciais.

Localizar **onde** as pessoas negras estão conduziu a busca sobre **quem** são as pessoas e organizações que mobilizam e tensionam as disputas narrativas na cidade de Curitiba. Nesse processo, encontrei diferentes iniciativas e, após uma seleção que seguiu critérios relativos à frequência e recorrência, delimitei o estudo aos roteiros histórico-turísticos Linha Preta (LP), Entre Passos e História: Percurso Afro Curitiba (EPH) e Linha Turismo (LT). As três iniciativas selecionadas reafirmam ou contestam a construção historiográfica oficial sobre a formação social, política, econômica e cultural da cidade de Curitiba.

Os três projetos expõem narrativas e contranarrativas a partir do imbricamento entre os lugares e a materialidade dos artefatos urbanos que compõem sua paisagem, a história hegemônica e a memória da população negra. Essa articulação foi apresentada nos Capítulos 4 e 5, com a intenção de tornar evidentes as estratégias utilizadas pelo roteiro LT, em sua relação com o poder governamental, e as táticas utilizadas pelo roteiros afrocentrados LP e EPH, em seu encontro coletivo com as estranhezas e possibilidades do cotidiano. A vivência dessas práticas espaciais distintas fundamentou a produção e atravessa a leitura desta dissertação.

Ao contrastar as diversas práticas espaciais apresentadas nesta pesquisa, pude compreender que a presença da população negra na paisagem de Curitiba é produzida tanto nos tensionamentos quanto nos acordos praticados em seu espaço urbano. Nessa experiência, as confluências e as divergências narrativas coexistem e estão sujeitas às possibilidades de influência mútua a partir de seus modos de usar o

espaço urbano. Na rua, as diferentes formas de pensar e praticar a cidade circulam como nas ondulações da maré nas ilhas de um arquipélago, onde se depositam os vestígios de suas interações e os fluxos urbanos.

Reconhecer os roteiros histórico-turísticos, suas narrativas e contranarrativas como ilhas de um arquipélago me permitiu navegar nas fendas abertas tanto pela ausência da história da presença de pessoas negras no roteiro oficial da prefeitura da cidade quanto pela existência dessa presença ressaltada nos roteiros afrocentrados. Essa experiência pode nos proporcionar um novo ponto de vista para olhar essas práticas espaciais como possibilidade de criação de desvios a partir do fazer e da apropriação dos artefatos urbanos em um contexto aparentemente controlado.

Distinguir as práticas do roteiro LT como estratégias, das táticas praticadas pelos roteiros afrocentrados LP e EPH me possibilitou apreender as relações estabelecidas nesses usos do espaço urbano. Um espaço imbricado à paisagem urbana de Curitiba e suas camadas de história de diferentes períodos, acumuladas na materialidade dos lugares e nas práticas sociais que se manifestam e são acionadas no momento presente.

Os artefatos que fazem parte do espaço urbano de Curitiba delineiam os contornos da paisagem que produz e é produzida na vivência dos roteiros histórico-turísticos. Edificações, ruas, praças e elementos naturais são os fatores catalisadores das dinâmicas observadas nos trajetos LP, EPH e LT. Os artefatos urbanos são os pontos de mediação entre o passado histórico e o presente das práticas sociais.

No Capítulo 4, ao cartografar a linha que dá forma aos trajetos, procurei tornar visíveis as mediações que possibilitaram elaborar as relações e os imbricamentos dos pontos de vista de cada roteiro, bem como das áreas onde as práticas espaciais e suas narrativas e contranarrativas se aproximam, se sobrepõem e se distanciam no espaço urbano. Nesse mapeamento, as práticas observadas, individualmente ou em conjunto, nos ajudaram a compreender como a população negra é representada em dois projetos afrocentrados que adotam táticas distintas para produzir suas contranarrativas a partir da mesma prática espacial: a caminhada.

A perspectiva do pedestre torna possíveis apropriações dos artefatos urbanos na produção das contranarrativas que articulam a história dos lugares e as memórias da população negra. O caminhar coletivo e a oralidade criam conexões entre as pessoas que participam dos percursos e entre aquelas que apenas passam pelo grupo. Por outro lado, a narrativa do roteiro histórico-turístico da Prefeitura de Curitiba representa a presença da população negra a partir de sua ausência na materialidade acionada para apresentar a narrativa sobre a cidade. Nesse projeto de cidade, a eficiência técnica entrelaçada à narrativa de um **Brasil diferente** forma

a base de um planejamento urbano centrado na segregação espacial que se tornou modelo no Brasil.

Como prática representacional, o roteiro histórico-turístico LT é um dos meios no qual a gestão urbana produz e compartilha, com as pessoas que vivem ou visitam, esse projeto de cidade. A construção de um imaginário com ênfase nos patrimônios edificados e em seus estilos arquitetônicos, circunscritos a grandes áreas verdes, produz o sentido necessário para naturalizar essa representação de cidade, tanto para quem vive dentro do recorte espacial do LT quanto para quem está fora dele.

As escolhas feitas pelas pessoas e entidades responsáveis pelos projetos dos três roteiros histórico-turísticos moldam a maneira como os participantes de seus percursos percebem a cidade nos diferentes recortes espaciais e nas distintas experiências temporais vivenciadas durante os deslocamentos dos trajetos. Ao selecionar os lugares, os artefatos, as histórias e as memórias que compõem as narrativas e as contranarrativas contadas em seus percursos, os três projetos também fazem escolhas sobre o que excluir de suas representações da cidade.

A busca por outras posições, outros pontos de partida, a partir das contranarrativas apresentadas pelos roteiros histórico-turísticos afrocentrados, desestabiliza o olhar e nos faz reaprender a ver aquilo que nos cerca em nosso cotidiano nas cidades, em nossas ruas, monumentos, praças, árvores. Nesse encontro de uma prática comum, o ato corriqueiro do caminhar, com uma experiência particular, a ação pedagógica do antirracismo praticada na apropriação dos artefatos urbanos, são produzidos os desvios que deslocam as representações de um ponto de vista estabelecido e abrem possibilidades para o olhar.

Ter uma perspectiva na qual meu reflexo e o de outras pessoas negras fizessem parte mobilizou a produção desta pesquisa. Essa busca me proporcionou a experiência coletiva na observação dos movimentos do cotidiano da cidade. Estar atenta às diferentes formas como a individualidade e a coletividade se misturam e se separam nos deslocamentos dos roteiros afrocentrados e ao modo como a fala das pessoas que guiam os percursos mobiliza as discussões sobre lugares e artefatos que nos cercam produziu as reflexões sobre as relações estabelecidas na paisagem urbana de Curitiba. As apropriações dos artefatos urbanos pelos roteiros afrocentrados estabelecem novos pontos de vista para a paisagem, e é a partir dessas fissuras que proponho a leitura da cidade apresentada nesta dissertação.

Acredito que a observação e análise das dinâmicas praticadas pelos roteiros afrocentrados proporcionam uma leitura sobre nossa relação com a cidade e sua materialidade, e ainda sobre as formas pelas quais a representação de grupos subalternizados em processos históricos é instrumentalizada por associações políticas que

detém o poder econômico na sociedade brasileira. Imbricar esse ponto de vista aos estudos da cultura material na historiografia do design pode promover o estranhamento necessário para deslocar o olhar da narrativa hegemônica e produzir outras formas de perceber para a paisagem urbana de Curitiba.

No percurso deste estudo, encontrei outras pesquisadoras com foco em projetos e práticas espaciais negras centradas na cidade de Curitiba. As dissertações de Larisse de Oliveira (*"Linha Preta": análise sobre o roteiro negro e a invisibilidade curitibana*, 2018) e de Brenda Lais de Castro (*Até que os leões contem: a Linha Preta e a recuperação da memória cultural de Curitiba*, 2024) traçam suas análises sobre o projeto Linha Preta a partir das áreas do turismo e arquitetura. Na área da geografia, Glaucia Pereira do Nascimento mapeia lugares e práticas negras em Curitiba na dissertação *Territorialidades negras em Curitiba-PR: ressignificando uma cidade que não quer ser negra* (2020). Já a pesquisa de Karoline Santos Silva (*Lugares de memória negra e circuitos: possibilidades de análise do processo de patrimonialização na Pequena África-RJ*, 2022) trabalha com a categoria circuito para analisar os roteiros afrocentrados da Pequena África, no Rio de Janeiro. Além de trazer o ponto de vista de outras áreas de estudo, essas pesquisas contribuíram com a construção do referencial teórico desta investigação.

Acredito que, com minha pesquisa sobre a presença da população negra na paisagem urbana de Curitiba, possa contribuir com a produção de um espaço de troca sobre práticas espaciais e formas de representação de populações subalternizadas na perspectiva da historiografia do design. No processo de produção desta dissertação, surgiram outras lacunas que podem ser exploradas em futuras pesquisas. A sobreposição dos roteiros tornou possível fazer observações sobre as particularidades de suas relações em um recorte específico da cidade, mas deixou em aberto a análise da relação entre os roteiros e a produção da paisagem urbana nas periferias de Curitiba. Outra lacuna é a análise ancorada nas imagens pictóricas utilizadas pelos roteiros afrocentrados LP e EPH em seus roteiros histórico-turísticos. Esses são apenas dois exemplos das possibilidades de expansão desta pesquisa, cujo objetivo foi contribuir para a produção de estudos sobre as formas de representação da população negra na paisagem urbana por meio da historiografia do design.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Tradução da 1. edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos de Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ACORDO ortográfico da língua portuguesa: atos internacionais e normas correlatas. 2. ed. Brasília: Senado Federal, 2014.
- AFROCURITIBA. Disponível em: <https://afrocuritiba.ufpr.br/>. Acesso em: 8 dez. 2025.
- ALBIERI, S. História pública e consciência histórica. *In*: ALMEIDA, Juniele R. de; ROVAL, Martha G. de O. (Orgs.). **Introdução à história pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- ALMEIDA, M. G.; CALAES, R. A. O poder da escrita e da memória nas manifestações políticas no mundo digital. *In*: COLÓQUIO DESIGN E MEMÓRIA: diálogos sociais – construções e tensões, 2024, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: [s.n.], 2024.
- ALVES, B. W. A cor do Homem Nu: impasses de uma periferia branca diante do modernismo (Paraná, 1953). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 28, e7, 2020. DOI: 10.1590/1982-02672020v28d1e7. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/4sS8nf8SqDksGt4czD5dgQR/?lang=pt>. Acesso em: 6 set. 2025.
- ALVES, F. A trajetória antirracista pela lente da memória negra. **Nexo Políticas Públicas**, 19 nov. 2024. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/opinia0/2024/11/19/a-trajetoria-antirracista-pelas-lentes-da-memoria-negra>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- ALVES, F. A. O. Roteiros de memória: o papel dos guias de turismo na preservação da memória afrodescendente na zona portuária carioca. **Novos Debates**, v. 8, n. 2, 2024. DOI: 10.48006/2358-0097/V8N2.E8210. Disponível em: <https://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/329>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- AMPARO, T. Políticas de liberdade e exclusão na cidade. *In*: CANECO, Cássia; KLINTOWITZ, Danielle; FERREIRA, Lara Isa Costa; IACOVINI, Rodrigo Faria G. (Orgs.). **Recortes de uma cidade por vir**. São Paulo: Instituto Pólis, 2020. Disponível em: <https://polis.org.br/wp-content/uploads/2020/08/polis53.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2025. p. 92-119.
- ARAÚJO, L.; BARROS, T. G.; REIS, D.; SANTOS, R. E. (Orgs.). **Territórios negros: patrimônio e educação na Pequena África**. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital,

2022. Livro digital. Disponível em: <https://territoriosnegros.com.br/e-book/>. Acesso em: 15 dez. 2025

BAHL, M. Roteiros e eventos como elementos dinâmicos no desenvolvimento regional do Turismo. *In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL*, 3., Caxias do Sul, 2005. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/gt13-roteiros.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2025.

BARACHO, M. L. G.; SUTIL, M. S. (Orgs.). **Presença negra em Curitiba**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2020.

BARBOSA, S. Afrotourism, a global trend. **WTM Global Hub**, 19 nov. 2021. Disponível em: <http://hub.wtm.com/blog/afrotourism-a-global-trend/>. Acesso em: 21 fev. 2025.

BATISTA, C. C. V.; CORRÊA, R. O. O design gráfico na Revista Ilustração Paranaense (1927-1930/33): uma aproximação coerente. **Blucher Design Proceedings**, v. 1, n. 4, 2014, p. 736-753. DOI 10.5151/designpro-ped-00504. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/o-design-grfico-na-revista-illustrao-paranaense-uma-aproximao-coerente-12690>. Acesso em: 15 dez. 2025.

BATISTA, F. Praça Tiradentes: cicatrizes e regenerações. **Prédios de Curitiba**, 26 jun. 2020. Disponível em: <https://prediosdecuritiba.com.br/praca-tiradentes-cicatrizes-e-regeneracoes/>. Acesso em: 13 dez. 2025.

BATISTELLA, A. O Paranismo e a invenção da identidade paranaense. **História em Reflexão**, Dourados, v. 6, n. 11, 2012. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/1874>. Acesso em: 16 dez. 2025.

BEBEDOURO do Largo da Ordem. **Turistória**, s.d. Disponível em: <https://www.turistoria.com.br/bebedouro-do-largo-da-ordem>. Acesso em: 13 dez. 2025.

BENTO, C. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERTH, J. **Se a cidade fosse nossa**: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades. São Paulo: Paz e Terra, 2023.

BEZERRA, J. Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/ditadura-militar-no-brasil/>. Acesso em: 28 nov. 2025.

BIRD, D. The Phrygian cap: how did an item of ancient headgear become a symbol of liberty? **History Extra**, 25 jun. 2024. Disponível em: <https://www.historyextra.com/period/ancient-history/phrygian-cap-history/>. Acesso em: 6 dez. 2025.

BLUM, C.; CRUZ, C.; SANTOS, B.; MARTINS, L., MARTINS, P.; MOSCAL, J.; ROCHA, F.; HOSHINO, T. Lugares de axé: notas sobre um inventário de terreiros de candomblé em Curitiba e região Metropolitana. *In*: BARACHO, Maria Luiza Gonçalves; SUTIL, Marcelo Saldanha (orgs.). **Presença negra em Curitiba**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2018.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt>. Acesso em: 16 dez. 2025.

BONIFÁCIO, B. C. **Experiências de mulheres no design de superfície**: narrativas sobre trabalho e trajetórias de Goya Lopes e Renata Rubim. 2019. Dissertação (Mestrado em Design) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

BRAGA, M. C.; ALVES, A. K. A.; GUERRERO, A. S. L.; MACHADO, F. T.; PEREIRA, M. P. N. Aproximações à cultura material: artefatos, moda e interiores. **Projética**, Londrina, v. 14, n. 2, 2023. DOI: 10.5433/2236-2207.2023.v14.n1.48793.

BRANDÃO, G. E. S. A.; SANTOS, F. B. No Candomblé, do Alá ao Ojá: tecidos que vestem, protegem e sacralizam. *In*: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 17., Salvador, 27-30 jul. 2021. Disponível em: <https://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/131922.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2025.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 8 dez. 2025.

BRASIL, E. **Travessia em Água pro morro**: a história nos pertence. Disponível em: <https://www.elianabrasilperformer.com.br/agua-pro-morro>. Acesso em: 15 dez. 2025.

BRASIL. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/orgaos/instituto-do-patrimonio-historico-e-artistico-nacional>. Acesso em: 15 dez. 2025.

BRASIL. Ministério das Cidades. **Guia Estatuto da Cidade**. 2005. Disponível em: <https://bibliotecadigital.gestao.gov.br/handle/123456789/303>. Acesso em: 13 dez. 2025.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Programa de Regionalização do Turismo**: roteiros do Brasil. Brasília: Ministério do Turismo, 2007. (Módulo Operacional 7, Roteirização Turística).

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Cultural**: orientações básicas. 3. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BUCCHERI FILHO, A. T. O planejamento dos parques no município de Curitiba, PR: planejamento sistemático ou planejamento baseado em um modelo oportunista? **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 13, n. 41, 2012, p. 206-222. DOI: 10.14393/RCG134116584. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/16584>. Acesso em: 15 dez. 2025.

CALDAS, A. C. Mulheres negras pedem reparação histórica à escultura no Centro de Curitiba. **Brasil de Fato**, 12 abr. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/12/mulheres-negras-pedem-reparacao-historica-a-escultura-no-centro-de-curitiba/>. Acesso em: 13 dez. 2025.

CALVERA, A. Local, Regional, National, Global and Feedback: Several Issues To Be Faced With Constructing Regional Narratives. **Journal of Design History**, v. 18, n. 4, 2005, p. 371-383. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3527242?seq=4>. Acesso em: 15 dez. 2025.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Rafael Greca: biografia. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/73465/biografia>. Acesso em: 28 nov. 2025.

CAMPBELL, B. **Arte para uma cidade sensível**. São Paulo: Invisíveis Produções, 2015.

CAMPI, I. Teorías Historiográficas del Diseño. In: CAMPI, Isabel. **La Historia y las Teorías historiográficas del Diseño**. Cidade do México: Editorial Designo, 2013. p. 31-103.

CANCLINI, N. G. **Consumidores y ciudadanos: conflictos multiculturales de la globalización**. Cidade do México: Grijalbo, 1995, p. 90-94.

CARDANO, M. A pesquisa qualitativa. In: CARDANO, M. **Manual de pesquisa qualitativa: a contribuição da teoria da argumentação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. (Coleção Sociologia). p. 23-45.

CARDOSO, R. A face da terra: O Estado Novo e a busca pelo tipo brasileiro. In: CARDOSO, R. **Modernidade em preto e branco: arte e imagem, raça e identidade no Brasil — 1890-1945**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. p. 235-282.

CARMO, J. C. B. Curitiba, do Plano Agache (1943) ao Plano Serete/ IPPUC (1965): permanências do planejamento, apropriação do discurso e a negação do passado. **Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, v. 18, n. 2, p. 18, 2019. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgau/article/view/2018.2.Carmo>. Acesso em: 27 ago. 2025.

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do

Tempo, 2019. p. 325-333.

CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARTOGRAFIA NEGRA. Disponível em: <https://www.cartografianegra.com.br/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

CARVALHO, J. Macumba em Curitiba: raízes históricas das religiões de matriz africana. **Plural Curitiba**, 8 nov. 2021. Disponível em: <https://www.plural.jor.br/macumba-em-curitiba-raizes-historicas-das-religioes-de-matriz-africana/>. Acesso em: 13 dez. 2025.

CASA HOFFMANN. Disponível em: <https://casahoffmann.org/>. Acesso em: 13 dez. 2025.

CASTRO, B. L. **Até que os leões contem**: Linha Preta e a recuperação da memória cultural de Curitiba. 2024. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

CAVALCANTI, M. L. V. C. A proteção legal do patrimônio. In: GONÇALVES, R. S.; TAMASO, I.; VASSALLO, S. (Orgs.). **A antropologia na esfera pública**: patrimônios culturais e museus. Goiânia: Imprensa Universitária, 2019. p.48-80. E-book.

CAVIQUIOLO, S. C. **Demandas populares nas outras visualidades e materialidades do transporte público de Curitiba**: 1991-2011. 2017. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: a arte de fazer. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHAGAS, M. Memória política e política de memória. In: ABREU, R; CHAGAS, M. (Orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 136-167.

COM MAIS de 60 metros de área verde por habitante, Curitiba celebra o Dia da Árvore preservando o meio ambiente. **Prefeitura de Curitiba**, 21 set. 2023. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/com-mais-de-60-metros-de-area-verde-por-habitante-curitiba-celebra-o-dia-da-arvore-preservando-o-meio-ambiente/70379>. Acesso em: 13 dez. 2025.

CONHEÇA o Paço da Liberdade, primeira sede da Prefeitura de Curitiba, e agora "gabinete estendido" de Eduardo Pimentel. **Prefeitura de Curitiba**, 24 fev. 2025. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/>

conheca-o-paco-da-liberdade-primeira-sede-da-prefeitura-de-curitiba-e-
agora-gabinete-estendido-de-eduardo-pimentel/76070. Acesso em: 13 dez.
2025.

COQUEIRO, E.; REINEHR, M.; SILVA, A. J. C. (Orgs.). **Caderno Pedagógico:**
oralidades afroparanaenses. Curitiba: Humaitá; SEED/PR, 2018.

CORRÊA, R. L. Denis Cosgrove: a paisagem e as imagens. **Espaço e Cultura**, Rio
de Janeiro, n. 29, 2011, p. 7-21, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/3528>. Acesso em: 16 dez. 2025.

COSTA, L. Conheça o Pretinhosidade, primeiro bloco afro de Curitiba. **Terra**, 13
jan. 2024. Disponível em: <https://www.terra.com.br/visao-do-corre/role-de-quebrada/conheca-o-pretinhosidade-primeiro-bloco-afro-de-curitiba,e059163b5528872897d90189fd275d48vexk6ckc.html>. Acesso em: 28 nov. 2025.

CURITIBA: a cidade mais inteligente do mundo. **Prefeitura de Curitiba**, [s.d.].
Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticiasespeciais/curitiba-a-cidade-mais-inteligente-do-mundo-de-2023/49>. Acesso em: 23 nov. 2025a.

CURITIBA é a cidade mais sustentável e limpa da América Latina, aponta
Corporate Knights. **Prefeitura de Curitiba**, 15 jun. 2022. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/curitiba-e-a-cidade-mais-sustentavel-e-limpa-da-america-latina-aponta-corporate-knights/64239>. Acesso em: 23 nov. 2025b.

CURITIBA passa de cidade ecológica para uma das mais poluentes do Brasil.
Neomondo, 6 maio 2021. Disponível em: <https://neomondo.org.br/ciencia-e-tecnologia/curitiba-passa-de-cidade-ecologica-para-uma-das-mais-poluentes-do-brasil>. Acesso em: 23 nov. 2025.

D'ANGELIS, T. S. R.; NASCENTES, M. C. C. O Setor Histórico de Curitiba na
construção da imagem da “cidade-modelo” de Curitiba. In: ENANPUR –
ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 17., São Paulo, 2017. **Anais [...]**. São Paulo,
2017. Disponível em: https://xviienanpur.anpur.org.br/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%207/ST%207.3/ST%207.3-01.pdf. Acesso em: 16
dez. 2025

DENIS, R. C. **Uma introdução à história do Design**. São Paulo: Edgard Blücher,
2000.

DIA DO caboclo é celebrado em frente às gameleiras da Praça Tiradentes, em
Curitiba; confira a galeria de imagens. **Bem Paraná**, 2 jul. 2023. Disponível em:
<https://www.bemparana.com.br/noticias/parana/dia-do-caboclo-e-celebrado-em-frente-as-gameleiras-da-praca-tiradentes-em-curitiba-confira-a-galeria-de-imagens/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

DIAS, G. S. **Afroturismo**: afeto, afronta e futuro. Salvador: Katuka, 2023.

DIAS, K. **Entre visão e invisão**: paisagem: por uma experiência da paisagem no cotidiano. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília, 2010.

DIAS, N. Memória, esquecimento e cidadania: Resignificando “Água pro Morro”. **Revista Vernáculo**, n. 51, 2023. DOI: 10.5380/rv.v0i51.87222. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/87222>. Acesso em: 15 dez. 2025.

EDUARDO Pimentel define pagamento proporcional do reajuste dos servidores, com retroativo de novembro e dezembro. **Prefeitura de Curitiba**, 12 nov. 2025. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/eduardo-pimentel-define-pagamento-proporcional-do-reajuste-dos-servidores-com-retroativo-de-novembro-e-dezembro/80463>. Acesso em: 13 dez. 2025.

EMERENCIANA. Direção: Larissa Nepomuceno. Curitiba: Fala Filmes, 2023. 11 min. Disponível em: <https://cultne.tv/temas/4/documentarios/video/495/emerenciana>. Acesso em: 15 dez. 2025.

ENEDINA: um legado na engenharia civil do Brasil. **Haus**, 12 mar. 2024. Disponível em: <https://revistahaus.com.br/haus-imobi/enedina-pioneira-engenharia-brasil/>. Acesso em: 13 dez. 2025.

ESTÁTUAS e painel de azulejos da Praça 19 de Dezembro estão livres da pichação. **Prefeitura de Curitiba**, 29 ago. 2017. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/estatuas-e-painel-de-azulejos-da-praca-19-de-dezembro-estao-livres-da-pichacao/43227>. Acesso em: 13 dez. 2025.

EV, L. S.; GOMES, A. B. P. Entre a especificidade e a teorização: a metodologia do estudo de caso. **Teoria & Sociedade**, v. 22, n. 2, 2014, p. 75-100. Disponível em: <https://bib44.fafich.ufmg.br/index.php/rts/article/view/191/138>. Acesso em: 16 dez. 2025.

EVENTO internacional traz 42 conferencistas a Curitiba para apresentar o futuro do turismo. **Prefeitura de Curitiba**, 13 mar. 2024. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/evento-internacional-traz-42-conferencistas-a-curitiba-para-apresentar-o-futuro-do-turismo/72617>. Acesso em: 13 dez. 2025.

FERNANDES, F. M. B. Considerações metodológicas sobre a técnica da observação participante. In: MATTOS, R. A.; BAPTISTA, T. W. F. (Orgs.). **Caminhos para análise das políticas de saúde**. 2011.

FORTY, A. **Objetos do desejo**: design e sociedade desde 1750. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FRAZÃO, D. Getúlio Vargas: ex-presidente brasileiro. **E-biografia**, 19 mar. 2021a. Disponível em: https://www.ebiografia.com/getulio_vargas/. Acesso em: 14 nov. 2025.

FRAZÃO, D. Gilberto Freyre: sociólogo e ensaísta brasileiro. **E-biografia**, 18 mar. 2021b. Disponível em: https://www.ebiografia.com/gilberto_freyre/. Acesso em: 14 nov. 2025.

FRAZÃO, D. Jean-Baptiste Debret: pintor francês. **E-biografia**, 13 jul. 2023. Disponível em: https://www.ebiografia.com/jean_baptiste_debret/. Acesso em: 6 dez. 2025.

FRAZÃO, D. Zumbi dos Palmares: líder da resistência negra. **E-biografia**, 20 nov. 2019. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/zumbi/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

FRÚGOLI JR., H.; CHIZZOLINI, B. B. Relações entre etnografia face a face e imagens do Google Street View: uma pesquisa sobre usuários de crack nas ruas do centro de São Paulo. **Revista da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 11-36, maio 2017.

GARCIA, F. E. S. **Curitiba anos 90**: cultura e política na produção da imagem da cidade. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 18., 23-27 nov. 1994, Caxambu, MG. **Anais [...]**. Caxambu, MG, 1994.

GELEDÉS. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GINÁSIO PARANAENSE E ESCOLA NORMAL. **Memórias Urbanas**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.memoriaurbana.com.br/arquitetura-escola/008-ginasio-paranaense-e-escola-normal/>. Acesso em: 15 dez. 2025.

GLISSANT, É. **Poética da relação**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. E-book.

GLISSANT, É.; OBRIST, H. U. **Conversas do arquipélago**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2023. E-book.

GONÇALVES, J. R. S. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ; IPHAN, 1996.

GONZALEZ, L.. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. E-book.

GONZALEZ, L.; HASENBALG, C. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. (Coleção 2 Pontos, 3).

GUIA do afroturismo no Brasil: roteiros e experiências da cultura afro-brasileira. [s.l.]: Unesco; Ministério do Turismo, [s.d.]. Disponível em: https://www.gov.br/turismo/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-acoes-obras-e-atividades/afroturismo/guia_afroturismo_mtur.pdf. Acesso em: 24 nov. 2025.

GUIA NEGRO. Disponível em: <https://guianegro.com.br/>. Acesso em: 19 nov. 2025.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, 1997, p. 15-46. Disponível em: https://www.gpof.fe.usp.br/teses/agenda_2011_02.pdf. Acesso em: 15 dez. 2025.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HALL, S. El trabajo de la representación. In: RESTREPO, E.; WALSH, C.; VICH, V. (Orgs.). **Sin garantías**: Trayectorias y problemáticas en estudios culturales. [s. l.]: Instituto de Estudios Sociales y Culturales Pensar; Universidad Javeriana; Instituto de Estudios Peruanos; Universidad Andina Simón Bolívar; Envió Editores, 2010.

HALL, S. Raça, o significante flutuante. Tradução de Liv Sovik em colaboração com Katia Santos. **Z Cultural**, ano VIII, v. 2, 2015. Disponível em: <https://revistazcultural.pacc.ufrj.br/raca-o-significante-flutuante%EF%80%AA/>. Acesso em: 28 ago. 2024.

HARTUNG, M. Muito além do céu: escravidão e estratégias de liberdade no Paraná do século XIX. **Topoi**, v. 6, n. 10, 2005, p. 143-191. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-101X006010005>. Acesso em: 15 dez. 2025.

HOBSBAWM, E. J.; RANGER, T. (Orgs.). **A invenção das tradições**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

hooks, b. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

HOSHINO, T. A. P.; FREITAS, N. L. M.; PACHECO, C. S. Pela “união dos descendentes da raça africana”: a Sociedade Operária Beneficente 13 de maio e os caminhos da presença negra em Curitiba. In: BARACHO, M. L. G.; SUTIL, M. S. (Orgs.). **Presença negra em Curitiba**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2020. p. 156-171.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**: Curitiba

– indicadores sociais municipais. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/curitiba/pesquisa/23/25124>. Acesso em: 8 dez. 2025.

IJL - Instituto Jaime Lerner. Disponível em: <https://www.institutojaimelearner.org/>. Acesso em: 28 nov. 2025.

INFORMATIVO HUMAITA. Linha Preta Curitiba. Disponível em: <https://informativocentroculturalhumaita.wordpress.com/2023/01/16/linha-preta-curitiba-3/>. Acesso em: 14 dez. 2025.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. Disponível em: <https://ims.com.br/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. Frente 3 de Fevereiro (SP). 15 set. 2020. Disponível em: <https://ims.com.br/convida/%20coletivo-frente-3-de-fevereiro/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

INSTITUTO MUNICIPAL CURITIBA TURISMO. Curta Curitiba a Pé. Disponível em: <https://turismo.curitiba.pr.gov.br/conteudo/curta-curitiba-a-pe/1797>. Acesso em: 28 nov. 2025c.

INSTITUTO MUNICIPAL CURITIBA TURISMO. Igreja do Rosário. Disponível em: <https://turismo.curitiba.pr.gov.br/conteudo/igreja-do-rosario/2031>. Acesso em: 6 dez. 2025d.

INSTITUTO MUNICIPAL CURITIBA TURISMO. Linha Turismo. Disponível em: <https://turismo.curitiba.pr.gov.br/conteudo/linha-turismo/10>. Acesso em: 8 dez. 2025e.

INSTITUTO MUNICIPAL CURITIBA TURISMO. Quem somos. Disponível em: <https://turismo.curitiba.pr.gov.br/conteudo/quem-somos/3>. Acesso em: 24 nov. 2025a.

INSTITUTO MUNICIPAL CURITIBA TURISMO. Roteiros turísticos. Disponível em: <https://turismo.curitiba.pr.gov.br/conteudo/roteiros-turisticos/1808>. Acesso em: 28 nov. 2025b.

IPPUC - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. **Mapa Arruamento de Curitiba**. Curitiba: GeoCuritiba, 2025. Escala 1/15000. Disponível em: <https://geocuritiba.ippuc.org.br/portal/apps/sites/#/geocuritiba/datasets/28836db711b4612a8c2d8a201a1fb18>. Acesso em: 28 jul. 2025.

IURKIV, J. E. Romário Martins e a historiografia paranaense. **Educere**, Toledo, v. 2, n. 2, 2002, p. 123-132. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/educere/article/view/842>. Acesso em: 16 dez. 2025.

JUSTINO, A. A história do calçadão de Curitiba e a volta da “Rua das Flores”. **Gazeta do Povo**, 19 maio 2012. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/>

curitiba/a-vitoria-do-pedestre-40-anos-depois/. Acesso em: 6 dez. 2025.

J. TURIN. Disponível em: <https://joaoturin.com.br/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

JUEL-JACOBSEN, L. G. Standing still, go along, and zooming in: complementary strategies of participant-observations in urban ethnography. **The Qualitative Report**, v. 29, n. 9, 2024, p. 2440-2453. Disponível em: <https://nsuworks.nova.edu/tqr/vol29/iss9/4/>. Acesso em: 3 fev. 2025.

JULIER, G. Más allá de las fronteras: historia del diseño, transnacionalidad y globalización. In: CALVERA, A.; BAYÓ, C.; CAMPI, I.; FREIXA, M.; JULIER, G.; PELTA, R.; SALINAS, O. **Diseño e historia: tiempo, lugar y discurso**. Cidade do México: Editorial Designio, 2010.

KAIZER, F. A ideia de cultura material no contexto britânico de pesquisa em design. **Estudos em Design**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 3, 2024, p. 96-107. Disponível em: <https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/view/2034>. Acesso em: 16 dez. 2025.

KÖHLER, A. F. Turismo cultural: principais tipos segundo a motivação dos turistas. **Ateliê do Turismo**, v. 3, 2019, p. 8-30. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/adturismo/article/view/9008>. Acesso em: 16 jul. 2025.

LAVAÇÃO das Escadarias da Igreja do Rosário celebra a consciência negra. **Prefeitura de Curitiba**, 18 nov. 2018. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/lavacao-das-escadarias-da-igreja-do-rosario-celebra-a-consciencia-negra/48317>. Acesso em: 5 dez. 2025.

LÁZARO JR., J. Marcha do Orgulho Crespo é incluída no calendário de Curitiba para 2024. **Câmara de Curitiba**, 24 nov. 2023. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.leg.br/informacao/noticias/marcha-do-orgulho-crespo-e-incluida-no-calendario-de-curitiba-para-2024>. Acesso em: 5 dez. 2025.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La Production de L'Espace*. 4. ed. Paris: Anthropos, 2000). Primeira versão: fev. 2006.

LEMINSKI, P. Ler uma cidade: o alfabeto das ruínas de Paulo Leminski. In: LEMINSKI, P. **Ensaio e anseios críticos**. São Paulo: Ed. Unicamp, 2012, p. 170-178.

LEITE, E. **Turismo cultural e patrimônio imaterial no Brasil**. São Paulo: Intercom, 2011. (Coleção Verde Amarela, 6).

LEITE, J. R. T. **João Turin** (1878–1949). Disponível em: <https://joaoturin.com.br/sobre/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

LINHA PRETA. Disponível em: <https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta>. Acesso em: 7 dez. 2025.

LINHA TURISMO. Disponível em: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/>. Acesso em: 24 nov. 2025a.

LINHA TURISMO. Atrações turísticas. Disponível em: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/atracoes-turisticas>. Acesso em: 7 dez. 2025b.

LINHA Turismo completa 28 anos no sábado e encanta moradores e turistas. **Prefeitura de Curitiba**, 8 jul. 2022. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/linha-turismo-completa-28-anos-no-sabado-e-encanta-moradores-e-turistas/64547>. Acesso em: 8 dez. 2025.

LINHA TURISMO. Praça Tiradentes. Disponível em: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=25>. Acesso em: 13 dez. 2025c.

MACKELLAR, J. Participant observation at events: theory, practice and potential. **International Journal of Event and Festival Management**, v. 4, n. 1, 2013, p. 56-65. DOI: 10.1108/17582951311307511. Disponível em: <https://research-repository.griffith.edu.au/server/api/core/bitstreams/e9a6edd8-6965-59e9-aa85-fbb05f307d33/content>. Acesso em: 3 fev. 2025.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/?lang=pt>. Acesso em: 16 dez. 2025.

MAGNANI, J. G. C. O circuito: proposta de delimitação da categoria. **Ponto Urbe**, v. 15, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2041>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. L. (Orgs.). **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. São Paulo: Edusp, 1996. p. 1-30.

MAGNANI, J. G. C. Rua e a evolucao da sociabilidade. **Cadernos de História de São Paulo**, p. 45-54, 1993. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Magnani_JGC_42_907110_RuaEAEvolucaoDaSociabilidade.pdf. Acesso em: 15 dez. 2025.

MAGNANI, J. G. C. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. **Os Urbanitas: Revista Digital de Antropologia Urbana**, v. 1, n. 0, 2003.

MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARIETTO, M. Observação participante e não participante: contextualização teórica e sugestão de roteiro para aplicação dos métodos. **Iberoamerican Journal of Strategic Management**, v. 10, 2018. Disponível em: <http://revistaiberoamericana.org/ojs/index.php/ibero/article/view/2717>. Acesso em: 15 fev. 2025.

MARTÍN-BARBERO, J.; GONZÁLEZ, F. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004. (Comunicação contemporânea, 3).

MEMORIAL Africano é inaugurado em Curitiba. **Geledés, Instituto da Mulher Negra**, 24 maio 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/memorial-africano-e-inaugurado-em-curitiba/>. Acesso em: 8 dez. 2025.

MENDONÇA, J. M. N. Curitiba é também africana. In: BARACHO, Maria Luiza Gonçalves; SUTIL, Marcelo Saldanha (Orgs.). **Presença negra em Curitiba**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2020. p. 16-17.

MENDONÇA, J. M. N. Escravidão, africanos e afrodescendentes na “cidade mais europeia do Brasil”: Identidade, memória e história pública. **Tempos Históricos**, v. 20, n. 1, 2016, p. 218-240. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/13138>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MILLER, D. Consumo como cultura material. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, 2007, p. 33-63. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/68xnZMhnd73FV347vdBrvSH/?lang=pt>. Acesso em: 16 dez. 2025.

MILLER, D. **Material culture and mass consumption**. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

MOREIRA-GONÇALVES, L. G.; RIBEIRO, R. M. Rota e roteiro: desafios para uma nova conceituação. **Caderno de Estudos e Pesquisas em Turismo**, Curitiba, v. 5, n. 7, 2016, p. 4-18. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/320687095>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MOTTA, M. P. P. **Atlas histórico do Brasil**, [s.d.]. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbetes/pereira-passos>. Acesso em: 28 nov. 2025.

MOURA, C. **História do negro brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

MOURA, R. Curitiba: construção e desconstrução de um mito. **Pensando Direito à Cidade**, 2014. Disponível em: <https://pensandodireitoacidade.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/12/curitiba-construc3a7c3a3o-e-desconstruc3a7c3a3o-de-um-mito-3.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2025.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus

identidade negra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MUNANGA, K. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. **Cadernos Penesb**, n. 12, 2010, p. 169-203. Disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/172682/teoria_social_relacoes_sociais_brasil_contemporaneo.pdf. Acesso em: 16 dez. 2025.

MUSEU AFRO BRASIL. Disponível em: <https://museuafrobrasil.org.br/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

MUSEU DE PERCURSO DO NEGRO EM PORTO ALEGRE. Disponível em: <https://museudepercursodonegroemportoalegre.blogspot.com/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

NAME, L. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. **GeoTextos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, 2010, p. 163-186. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/4835/3584>. Acesso em: 16 dez. 2025.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, A. P. João Cândido, o Mestre Sala dos Mares: trabalho e cotidiano na vida marítima dos marinheiros da belle époque. **Almanack**, Guarulhos, n. 21, 2019, p. 358-403. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alm/a/YBdRTNzBGd86fVVfhdHcVpR/?lang=pt>. Acesso em: 16 dez. 2025.

NASCIMENTO, B. **Uma história feita por mãos negras**. São Paulo: Zahar, 2021. E-book.

NASCIMENTO, G. P. **Territorialidades negras em Curitiba**: resignificando uma cidade que não quer ser negra. 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

NATAL, rota de grandes shows e turismo inteligente: Curitiba se consolida entre os destinos mais procurados do Brasil. **Prefeitura de Curitiba**, 21 dez. 2024. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/natal-rota-de-grandes-shows-e-turismo-inteligente-curitiba-se-consolida-entre-os-destinos-mais-procurados-do-brasil/75399>. Acesso em: 13 dez. 2025.

NETO, D. R.; SCHABBACH, L. M. Entre reparação histórica e justiça social: as ideias subjacentes às políticas de ações afirmativas nas universidades públicas. **Sociedade e Estado**, v. 39, n. 3, 2024, p. e51917. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/DzBzxfgs67BDcMGyYNQr74c/>. Acesso em: 7 jul. 2025.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados**

de História, v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 16 dez. 2025.

NÚCLEO Periférico. **Cultura Viva**, s.d. Disponível em: <https://culturaviva.cultura.gov.br/agente/12684600/#info>. Acesso em: 13 dez. 2025a.

NÚCLEO Periférico. Instagram, 14 maio 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C69poybtFZe/>. Acesso em: 13 dez. 2025b. [Vídeo]

OLIVEIRA, A. A. **Memórias discentes das experiências nos cursos de comunicação visual e desenho industrial da Universidade Federal do Paraná entre 1975 e 1978**. 2023. Tese (Doutorado em Design) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2023.

OLIVEIRA, L. **“Linha Preta”**: análise sobre o roteiro negro e a invisibilidade curitibana. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

OLIVEIRA, M. A trajetória do discurso ambiental em Curitiba (1960- 2000). **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 16, 2001, p. 97-106. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/YNktDMZ9PfVMjyYq6myszb/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 21 ago. 2025.

OLIVEIRA, N. A. Turismo afrocentrado: debates iniciais. In: MELLO, R.G; FREITAS, Patrícia Gonçalves de (org.). **Novos olhares sobre turismo, patrimônio e cultura**. Rio de Janeiro: Publicar, 2020. v. C. p. 305-315.

OLIVEN, R. G. Patrimônio intangível: considerações iniciais. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p. 80-82.

ONDE ESTÃO OS NEGROS? São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2020, online, colorido, 3 min 39 s.

ORTOLAN, F. A. Água pro morro (ou Maria lata d'água). **Blog Fotografando Curitiba**, 5 fev. 2016. Disponível em: <https://www.fotografandocuritiba.com.br/2016/02/agua-pro-morro-ou-maria-lata-dagua.html>. Acesso em: 13 dez. 2025.

ORTOLAN, F. A. Arcadas do Pelourinho. **Blog Fotografando Curitiba**. Disponível em: <https://www.fotografandocuritiba.com.br/2016/11/arcadas-do-pelourinho.html>. Acesso em: 13 dez. 2025b.

ORTOLAN, F. A. **Blog Fotografando Curitiba**. Curitiba. Disponível em: <https://www.fotografandocuritiba.com.br/>. Acesso em: 15 ago. 2025a.

ORTOLAN, F. A. O bebedouro do Largo Coronel Enéas. **Blog Fotografando**

Curitiba, 17 ago. 2020. Disponível em: <https://www.fotografandocuritiba.com.br/2017/01/o-bebedouro-do-largo-coronel-eneas.html>. Acesso em: 13 dez. 2025.

ORTOLAN, F. A. Paineis de Poty Lazzarotto na Praça 19 de Dezembro.

Blog Fotografando Curitiba, 22 set. 2015a. Disponível em: <https://www.fotografandocuritiba.com.br/2015/09/painel-de-poty-lazzarotto-na-praca-19.html>. Acesso em: 13 dez. 2025.

ORTOLAN, F. A. Paineis de Stenzel e Cozzo na Praça 19 de Dezembro.

Blog Fotografando Curitiba, 21 set. 2015b. Disponível em: <https://www.fotografandocuritiba.com.br/2015/09/painel-de-stenzel-e-cozzo-na-praca-19.html>. Acesso em: 13 dez. 2025.

PARANÁ. Secretaria da Cultura. **Sobre**. Disponível em: <https://www.cultura.pr.gov.br/Pagina/Sobre>. Acesso em: 13 dez. 2025.

PERCURSO das mulheres negras em Curitiba: uma celebração de luta e resistência. **SISMMAC**, 25 fev. 2025. Disponível em: <https://sismmac.org.br/percurso-das-mulheres-negras-em-curitiba-uma-celebracao-de-luta-e-resistencia/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

PEREIRA, L. F. L. **Paranismo**: cultura e imaginário no Paraná da I República. 1996. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal do Paraná, Setor do Departamento de História, Curitiba, 1996.

PINHO, P. S. Turismos diaspóricos: mapeando conceitos e questões. **Tempo Social**, São Paulo, v. 30, n. 2, 2018, p. 113-131. DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2018.142218. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/142218>. Acesso em: 21 fev. 2025.

PITZ, G. A praça que não era para ter homem e mulher nus. **Turistória**, s.d. Disponível em: <https://www.turistoria.com.br/a-pra%C3%A7a-que-n%C3%A3o-era-para-ter-homem-e-mulher-nus>. Acesso em: 13 dez. 2025.

PITZ, G.; WACHOWICZ, C. A singular trajetória da engenheira curitibana Enedina Alves Marques. **Turistória**, 6 mar. 2024. Disponível em: <https://www.turistoria.com.br/a-singular-trajetoria-da-engenheira-curitibana-enedina-alves-marques>. Acesso em: 13 dez. 2025.

PRANDI, R. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PREFEITURA DE CURITIBA. Instituto Municipal de Turismo. Disponível em: <https://turismo.curitiba.pr.gov.br/>. Acesso em: 19 nov. 2025b.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGOINHA. Código de postura: você sabe para que serve? 9 jan. 2023. Disponível em: <https://www.lagoinha.sp.gov>.

br/portal/noticias/0/3/1670/codigo-de-postura---voce-sabe-para-que-serve/#:~:text=C%C3%93DIGO%20DE%20POSTURA%20%2D%20Voc%C3%AA%20sabe%20para%20que%20serve%3F,o%20que%20a%20lei%20prescreve. Acesso em: 28 nov. 2025.

PROJETO que resgata história de artista negra avança em Curitiba. **Carol Dartora Deputada Federal**, 5 abr. 2023. Disponível em: <https://caroldartora.com.br/projeto-que-resgata-historia-de-artista-negra-avanca-em-curitiba/>. Acesso em: 5 dez. 2025.

QUEM É a grande liderança negra de Curitiba? E a liderança comunitária mais importante? Dê seu voto! **Plural Curitiba**, 7 abr. 2024. Disponível em: <https://www.plural.jor.br/quem-e-a-grande-lideranca-negra-de-curitiba-e-a-lideranca-comunitaria-mais-importante-de-seu-voto/>. Acesso em: 8 dez. 2025.

QUEM É essa mulher? **Carol Dartora**, 3 abr. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sDjgR6tjozw&t=245s>. Acesso em: 5 dez. 2025.

REINEHR, M.; SILVA, A. J. C. **Oralidades afro-paranaenses**: fragmentos da presença negra na história do Paraná. Curitiba: Humaitá, 2016.

REPERCUSSÃO racista em Curitiba – 1855. **Museu Afroparanaense**, s.d. Disponível em: <https://museuafroparanaense.wordpress.com/artigos/>. Acesso em: 13 dez. 2025.

RIO MEMÓRIAS. **Cais do Valongo**. Disponível em: <https://riomemorias.com.br/memoria/cais-do-valongo/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

ROLNIK, R. **O que é a cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ROMANOVSKI, N. O ponto cego de Wilson Martins: identidade paranaense e as transformações no espaço intelectual brasileiro. **Ciências Sociais em Revista**, v. 55, n. 2, 2019, p. 287-299. DOI: 10.4013/csu.2019.55.2.14. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/csr/article/view/csu.2019.55.2.14>. Acesso em: 15 dez. 2025.

ROSANELI, A. F. et al. Apropriação do espaço livre público na metrópole contemporânea: o caso da Praça Tiradentes em Curitiba/PR. **Urbe: Revista Brasileira de Gestão Urbana**, Curitiba, v. 8, n. 3, 2016, p. 359-374. DOI: 10.1590/2175-3369.008.003.A006.

ROTA Curitiba de Lutas destaca histórias, lugares e personagens invisibilizados da capital paranaense. **Mandato Goura Dep. Estadual**, 10 jun. 2024. Disponível em: <https://mandatogoura.com.br/rota-curitiba-de-lutas-destaca-historias-lugares-e-personagens-invisibilizados-da-capital-paranaense/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

ROTA DA LIBERDADE. Disponível em: <https://rotadaliberdade.com.br/>. Acesso em: 19 nov. 2025.

SAGRADAS, gameleiras da Praça Tiradentes agora são patrimônio imaterial de Curitiba. **Prefeitura de Curitiba**, 18 nov. 2024. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/sagradas-gameleiras-da-praca-tiradentes-agora-sao-patrimonio-imaterial-de-curitiba/74979>. Acesso em: 13 dez. 2025.

SALTURI, L. A. O movimento paranista e a Revista Ilustração Paranaense. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 43, 2014, p. 127-158. DOI: 10.20396/tematicas.v22i43.11419. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11419>. Acesso em: 15 dez. 2025.

SANTANA, J. L. Enedina Alves Marques: a trajetória da primeira engenheira do sul do país na Faculdade de Engenharia do Paraná (1940-1945). **Revista Vernáculo**, n. 28, 2011, p. 42-75. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/33232/21293>. Acesso em: 15 dez. 2025.

SANTOS, A. G. **História, educação e pedagogia do patrimônio**: o painel “Monumento ao centenário de emancipação política do Paraná” de Poty Lazzarotto (Década de 1950). 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

SANTOS, B. M. L. O.; BRAGA, G. G.; PINHEIRO, L. B. L. G. **Dos traços aos trajetos**: a Curitiba negra entre os séculos XIX e XX. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2019.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo, Edusp, 2012.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. Hucitec, Edusp, 1978.

SAVOIA, S. C; COELHO, I.; LIMA, F. B. C. Linha Turismo de Curitiba: políticas urbanas e imagens da cidade. **Métis: História & Cultura**, v. 18, n. 35, 2019. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/7795>. Acesso em: 15 dez. 2025.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Kindle Edition.

SCHWARCZ, L. M. **Imagens da branquitude**: a presença da ausência. São Paulo: Companhia das Letras, 2024. Kindle Edition.

SESC-PR - Serviço Social do Comércio do Paraná. **Sesc Paço da Liberdade**. Disponível em: <https://www.sescpr.com.br/unidade/sesc-paco-da-liberdade/>.

Acesso em: 27 nov. 2025.

SILVA, K. S. Lugares de memória negra e circuitos: possibilidades de análise do processo de patrimonialização na Pequena África-RJ. In: ARAÚJO, Luis; BARROS, Teresa Guilhon; REIS, Desirree; SANTOS, Renato Emerson dos (Orgs.). **Territórios negros: patrimônio e educação na Pequena África**. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022. Livro digital. Disponível em: <https://territoriosnegros.com.br/e-book/>. Acesso em: 15 dez. 2025.

SILVA, C. L. M.; MOESCH, M. M. Abordagens empíricas da concepção de Turismo e suas implicações nas políticas públicas. In: SEMINÁRIO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS- GRADUAÇÃO EM TURISMO (ANPTUR), 13., São Paulo, 2016. **Anais [...]**. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/13/577.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2025.

SILVA, N. S. Instrução popular e escolarização dos negros em Curitiba no período da escravidão. In: BARACHO, M. L. G.; SUTIL, M. S. (Orgs.). **Presença negra em Curitiba**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2020. p. 136-147.

SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SIMBOLOGIA do Oxé de Xangô, por Iyalorixá Marli D’Sangó. **SINDJUSRS**, 28 nov. 2022. Disponível em: <https://www.sindjus.com.br/simbologia-do-oxe-de-xango-por-iyalorixa-marli-dsango/17353/>. Acesso em: 13 dez. 2025.

SISMMAC - Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Curitiba. Disponível em: <https://sismmac.org.br/>. Acesso em: 24 nov. 2025a.

SISMMAC - Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Curitiba. Apresentação. Disponível em: <https://sismmac.org.br/etnico-racial/apresentacao/>. Acesso em: 24 nov. 2025c.

SISMMAC - Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Curitiba. Étnico-Racial. Disponível em: <https://sismmac.org.br/etnico-racial/>. Acesso em: 7 dez. 2025d.

SISMMAC - Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Curitiba. Fôlder digital do Percurso Afro Curitiba. Disponível em: <https://sismmac.org.br/wp-content/uploads/2025/01/FOLDER-A4-alterada.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2025b.

SONTAG, S. Contra a interpretação. In: SUSAN, S. **Contra a interpretação e outros ensaios**. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2023. p. 15-29.

SOUZA, M. Não há uma só história. **Ecoa**, 10 jul. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/>

grupos-trazem-a-frente-narrativas-negras-apagadas-das-cidades-brasileiras/#cover. Acesso em: 23 nov. 2025.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

STUART HALL FOUNDATION. Disponível em: <https://www.stuarthallfoundation.org/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

TEIXEIRA, A. S. **Afroturismo e o resgate da dignidade do povo negro**: estudo de caso das manifestações culturais da Casa de Oxum na Península de Itapagipe-BA. 2023. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Gestão Social) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

URBS – Urbanização de Curitiba. **Linha Turismo**. Disponível em: <https://www.urbs.curitiba.pr.gov.br/transporte/linha-turismo>. Acesso em: 7 dez. 2025.

WEBER, M. J. Eugenia, pensamento social e discursos identitários no Brasil: entre “heróis capengas”, “urupês de pau podre” e “manchas loiras”: between “heróis capengas”, “urupês de pau podre” and “manchas loiras”. **Revista de História Regional**, v. 29, 2024. DOI: 10.5212/Rev.Hist.Reg.v.29.23655. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/23655>. Acesso em: 22 maio 2025.

WHYTE, W. F. **Sociedade de Esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Revisão técnica de Karina Kuschnir. Apresentação de Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e método. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YOSHINAGA, L. I. K. **Mercado Municipal de Curitiba**. 2012. Monografia (Orientação de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

APÊNDICE 1 - DIÁRIO DE CAMPO DO ROTEIRO LINHA PRETA (LP)

NOME DO PERCURSO Linha Preta (LP)
DATA 11 de maio de 2024
FORMA DE DESLOCAMENTO Caminhada
INÍCIO DO PERCURSO Ruínas de São Francisco
» A caminhada começou com um momento de música e dança. » Kandiero toca o pandeiro e convida para o jongo/capoeira: a e i o u, u o i e a, a e i o u, vem comigo vem jogar. Dificuldade de sincronizar palmas com o trava língua. » Kandiero fala sobre a dificuldade desse deslocamento e relaciona isso a uma mudança na forma de “ver” a cidade. Mudar a lente para enxergar a presença negra na cidade. » Localização da presença negra desde 1500 com a mineração/Costa da Mina. Melissa fala das Ruínas de São Francisco e da participação de pessoas pretas em sua construção: tecnologia e trabalho. » Os guias pedem para fazer uma busca nos celulares: primeira imagem de Curitiba, Debret. Perguntam se o homem negro que aparece na imagem é escravo ou liberto. Falam do barrete vermelho (chapéu/gorro) » símbolo de pessoa livre/Revolução Francesa. » Contextualização de fatos históricos: 8% da população negra escravizada em 1888. Curitiba, capital do sul com o maior número de pessoas pretas e pardas, 24%. » João Pedro Mulato, pintor negro. Retrato paisagens paranaenses antes do Debret. » Kandiero e Melissa falam da Congada da Lapa. » História da presença negra no Paraná começa antes da chegada dos imigrantes. » Arquitetura: negros construtores. Tecnologia e conhecimento de construção trazidos da África. » Jogral entre os dois para passar as informações. Kandiero pede em diferentes momentos para que Melissa “amacie” sua fala. » Contextualização escravo/escravizado. Lugar do escravizado. » Ao tratar da história do estado e da cidade: fábula, hierarquia, eugenia, eurocentrismo. Wilson Martins, Paranismo. Memorial Paranaense continua reforçando a “fábula” de cidade europeia. » A roda de conversa estrutura a relações, capoeira, música e poesia. » Início da caminhada. Gramma, calçada de pedra e petit pavé. Sol. » A caminhada proporciona conexões, conversas paralelas. » Os monumentos reforçam as narrativas oficiais. » Voz, sons da cidade, sons das conversas. » Igreja do Rosário. Construída por negros e negras. Cemitério. Azul de lá, azul de cá. A cena nos azulejos da fachada. Carro de boi. Tecnologia de pessoas escravizadas. Pandeiro e palmas na escadaria da igreja. Nossa Senhora do rosário, Saravá São Benedito. » O espaço de sociabilidade dos negros/negras foi sequestrado pela narrativa oficial. Igreja demolida, reconstruída e entregue aos jesuítas. » Memorial. Poema de Kandiero sobre os afrocuritibanos. Cápsula do tempo. Reflexos no vidro, vermelho queimado na parede. » Paineis problemáticos. Sérgio Ferro. Representação de pessoas negras e indígenas. Estereótipo. Indignação na fala. » Epistemicídio. Disputa de narrativas. Precisa do contraponto. Anonimato, precisa dar nomes. » Pessoas entram e saem do percurso. » Fabulações, mitologias. » Largo da Ordem. Fonte. Maria Águeda, negra liberta, presa por não obedecer mulheres brancas. Associação de juízas negras. Estante de livros na Biblioteca Pública. » Desvios de Kandiero para cumprimentar pessoas na rua. Praça Tiradentes. Moradores, do entorno e em situação de rua. » Verde da praça, sino, ruídos do trânsito, das pessoas nas ruas e tubo de ônibus, dos alto-falantes das lojas. » O constrangimento das pessoas com a presença do grupo em espaços como a Catedral. » Presença majoritária de mulheres lésbicas. Mais ou menos um terço de pessoas negras. » Placa com datas. Rachada. Vicente de Freitas, construtor negro esquecido nos créditos. Tecnologia, trabalho. » Fragmentação da história, tensionamentos. » Luz entre folhas. Irôko. Gameleira Sagrada. 20 de novembro. Cortejo da Igreja do Rosário (lavação das escadarias) até a árvore sagrada. Placa do prefeito. Letra modificada do afoxé. Oxalá excluído. » Placa do Pelourinho. Capoeira, fé, trabalho, encontro. Lei n. 10.639/03. Educação. Caderno Pedagógico. » Encontro com o coletivo Étnico-Racial SISMMAC (Percurso Entre Passos e História) no Paço da Liberdade. Kandiero e o guia do outro percurso (Sandro) falam juntos da estátua de Emergência. Lata d'água, pés descalços. Sandro fala da artista Eliana Brasil e sua performance e da participação da deputada federal Carol Darter na mudança do texto da placa da estátua. Erbo Stenzel. » Fluidez do grupo, possibilidade de “invasão” de terceiros. » Caminho lento até a praça do homem nu. Paineis de azulejos do Poty. Bateia. Ferramentas, tecnologia e trabalho. » Um morador de rua pede a palavra. Despedidas. Depoimentos, fotos e vídeos para as redes sociais..
OBSERVAÇÕES » Ísis, a filha do casal vai assumir o lugar da mãe nas caminhadas.

APÊNDICE 2 - DIÁRIO DE CAMPO DO ROTEIRO ENTRE PASSOS E HISTÓRIA: PERCURSO AFRO CURITIBA (EPH)

NOME DO PERCURSO Entre Passos e História: Percurso Afro Curitiba (EPH)
DATA 18 de novembro de 2024
FORMA DE DESLOCAMENTO Caminhada
INÍCIO DO PERCURSO Ruínas de São Francisco
» Belvedere. Ruínas. Segurança do Museu Paranaense. » A caminhada começou com um momento de avisos, entrega de pôster, água e distribuição de camisetas do Coletivo Étnico-Racial do sindicato. A caminhada faz parte do Ciclo de Debates Sociedade e Racismo do CEPAT. » Diferentes gêneros, etnias e idades. A maioria de pessoas dedicadas à educação. É um grupo grande. » Antes do início, Sandro fala sobre a iniciativa, sua biografia (fez pesquisa em Guarapuava sobre o Clube Rio Branco, associativismo negro e faz pesquisa sobre a Enedina) e faz menção a professora Joseli, do Percurso Afro Curitiba, e ao Linha Preta. » Sandro usa um megafone. Pede para buscar uma imagem no celular, Debret, primeira imagem de Curitiba. » Fala sobre representação e presença de pessoas negras na cidade. Trabalho. Comenta sobre João Pedro Mulato, pintor negro. » Wilson e Romário Martins. Paranismo. Eugenia. » Caminhada pela praça. Grama, cachorro, sons dos passarinhos e do trânsito. O grupo se divide em pequenos grupos de pessoas conhecidas. » Muro amarelo. Estacionamento no espaço que já foi a Sociedade Protetora dos Operários. Proteção financeira e ajuda mútua. Mobilização dos sindicatos e do Movimento Negro por um mural no muro do estacionamento. » Uma menina negra com vestido ocre. » Rua árida sem árvores. Mesquita azul. Grafite do Rimon. » Rua silenciosa cheia de pitangueiras. Calçada e rua de pedras. Casas coloridas, grafites. » Sociedade 13 de Maio. Associativismo, trabalho, acolhimento, diversão e cultura. Seu Álvaro sai pela porta da 13, é o presidente atual. Estrela de Salomão. » Trânsito mais intenso, barulho. O grupo assume diferentes formas e configurações no caminho. » Dois homens conversam em uma língua diferente na entrada de um prédio. » Esquina da Augusto Stelfeld com a Desembargador Ermelino de Leão, o prédio da Enedina. Sandro fala da vida de engenheira e de sua morte. Retratção do jornal pela forma como descreveu Enedina no jornal. Trabalho, engenheira e professora. » Curiosidade dos passantes na rua. » Ruas estreitas, cheiro de urina. Praça Santos Dumont. Secretaria da Cultura antigo Ginásio Paranaense, onde Enedina fez o curso de pré-engenharia. » Morador de rua invisível para o grupo. Debates sobre patrimônio material e imaterial. » Rimon no mural da Galeria Condor. Comércio agitado. Pastelaria e Biblioteca Pública. Rua XV. Cheiro de café e sol. » Praça Zacarias. Fonte, aguaceiros, irmãos Rebouças. Trabalho, tecnologia, educação, sociabilidade. » Sandro precisa falar mais alto no megafone. Trânsito intenso, pontos de ônibus e de táxi. Uma palmeira flutuante. A gárgula. » Voltamos para a XV. Enedina no banco. Mudaram o lugar do banco por causa da roda gigante do Natal. Trabalhadores na sombra. » Curiosidade dos passantes. Homem preto no megafone. Grupo ao redor da estátua no banco. » Praça Osório. Verde. Jornal Dezenove de Dezembro. Anúncios de pessoas escravizadas. Carnaval da XV, primeiro desfile da Colorado. » Seguimos na Rua XV sentido Praça Santos Andrade. Fluxo de pessoas no sábado. » Desvio para a Generoso Marques. Mercado de Flores. Paço da Liberdade. » Estátua de Emerenciana. Fonte. Maria Lata d'Água. Fala da história da poeta, carnavalesca, escultora carioca. Renomeação da placa a partir de uma mobilização do Movimento Negro. Relaciona o escultor Erbo Stenzel as estátuas da Praça do Home Nu. Possível romance de Emerenciana e Erbo. » Sombra e flores. Cheiro de lírio. Pergunta sobre meu caderno. » Placa do Pelourinho. Lugar de memória individual e coletiva. Capoeira, resistência. » Praça Tiradentes. Verde, sombra. Frescor e ruído das conversas nos bancos e no entorno. Jogo e marmita nos bancos. Um grupo de alunos faz exercícios. » Gameleiras Sagradas, patrimônio imaterial. Espaço de religiosidade, convívio. A Catedral entre folhas. » Disputa pela sombra dos prédios. Galeria do TUC. Bebedouro do Largo da Ordem. Espaço de circulação de pessoas pretas. Museu de Arte Sacra. » Subida, sol e cansaço. Memorial. Casa Hoffman e mais um painel do Rimon. » Igreja do Rosário. Construída por pretos e pretas, para pretos e pretas. » O grupo na escadaria. 40/50 pessoas. Agradecimentos, fotos com as bandeiras do Coletivo Étnico-Racial. Um convite para missa de padres africanos em Santa Felicidade. Estranhamento.
OBSERVAÇÕES » O percurso não passou por todos os pontos por causa do sol intenso e de obras em frente ao Instituto de Educação.

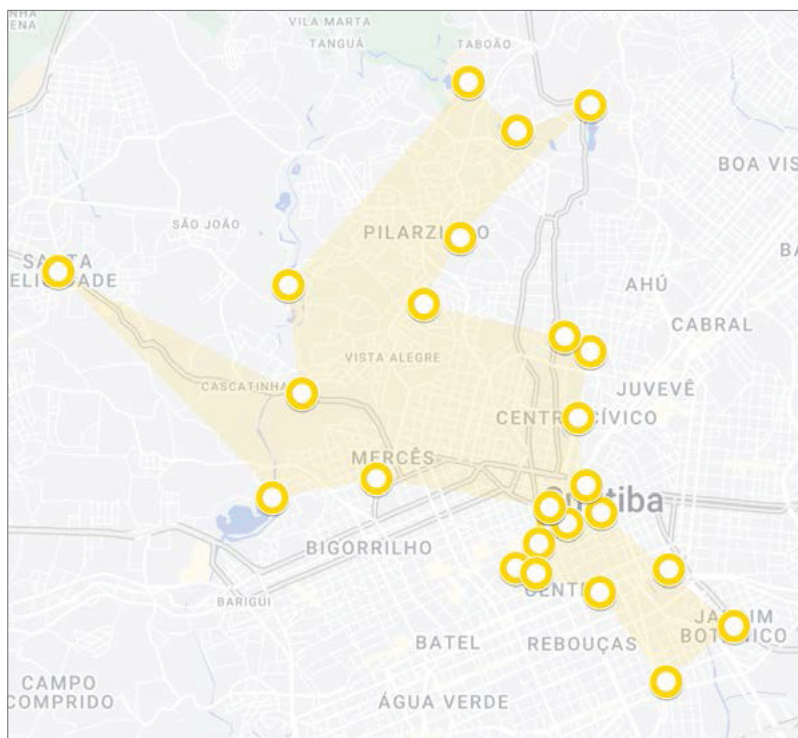
APÊNDICE 3 - DIÁRIO DE CAMPO DO ROTEIRO LINHA TURISMO (LT)

NOME DO PERCURSO Linha Turismo (LT)
DATA 20 de outubro de 2024
FORMA DE DESLOCAMENTO Ônibus de dois andares
INÍCIO DO PERCURSO Teatro Paiol
» Dificuldade para encontrar o ponto de ônibus do Teatro Paiol. Não tem sinalização. » No ponto de ônibus, o mapa com o percurso da linha. Aos domingos, ônibus a cada 15 minutos. » Catraca. R\$50,00 o cartão com imagens dos pontos turísticos da cidade. A cobradora explica as regras do passeio. » Tentativa do andar de cima. Vento gelado no dia nublado. Mais bancos no andar de cima. » Poucas pessoas na rua. Som quase inaudível e picotado da gravação. Informações em português, espanhol, inglês e francês. Barulhos do motor do veículo. Próxima parada, Jardim Botânico, a cobradora indica a descida, esse “vale a pena” para tirar fotos. Boa parte das pessoas desce. Outros entram. Crianças felizes sobem as escadas. Não importa o frio do vento. » Janela, cinema, moldura. Verde textura. Fábricas antigas, ônibus metropolitanos, vagões de trem no pátio da rododferroviária. Viajantes e suas malas de rodinha nas calçadas. » Mercado Municipal. A cobradora avisa que está fechado naquele horário, mas para quem entrou naquele horário dá pra ir no outro dia visitar. Gastronomia. » Viaduto do Capanema. Pilastras amarelas. Rua de paralelepípedos. Barulho e corpo chacoalhando. Turistas entram no ponto do Mercado Municipal. Portas de metal fechado. » Teatro Guaíra. Arquitetura modernista. A cobradora indica lugares para almoçar na região. Praça Santos Andrade. Ipês sem o amarelo. Universidade. Neoclássico, Art Déco, modernista. Ninguém entra nem sai. » Rua estreita em direção ao Paço da Liberdade. No alto-falante: patrimônio, arquitetura neoclássica e café. Centro, lugar movimentado de acordo com a cobradora. Edifícios antigos. Grafites e portas fechadas. » Ciclistas margeiam a lateral do Passeio Público. Vermelho da construção do Memorial Árabe. Edifícios envidraçados sinalizam a entrada no Centro Cívico. Primeiro do país, avisa a voz metálica. “Não perca tempo descendo aqui, não tem nada de interessante”, avisa a cobradora. » Movimento monótono do veículo. Portal do Bosque do Papa, Memorial da Imigração Polonesa. Papa João Paulo II. Sobe e desce de turistas. Uma cadeirante com dificuldade para subir. Indignação. » Silêncio das ruas do bairro. Muitas árvores. A rampa do Museu do Olho. Reflexo do dia cinzento no olho do museu. Mais turistas sobem do que descem. » De volta ao Centro Cívico. Trajeto circular nesse trecho do percurso. Arquitetura do bairro com traços da cultura alemã. A gravação fala da fábula de João e Maria, um migrante e a presença alemã na cidade. A entrada com gramado bem aparado e canteiro de flores bem cuidado. Bosque Alemão. Uma réplica da fachada de uma casa alemã na entrada do bosque. Cidade cenográfica. Duas entradas para o bosque. Café com torta alemã. » Paisagem monótona. Torres, antenas, pinheiros. Anúncios no muro branco. Sarah sensível. Pequeno movimento na rua principal. » Mata densa dos dois lados da pista. Bosque Zaninelli, Universidade Livre do Meio Ambiente. Ponto vazio. Sobrados e casarões. Condomínios fechados. Uma casinha de madeira. O movimento da paisagem na janela. Cansaço. » Caminhantes na ciclovia. Guarda-chuva. Mais vegetação fechada. O trajeto é realizado em uma área com muito verde. » Pausa para um café. Descida no Parque São Lourenço, Memorial Paranaense. A cobradora não aprovou muito a descida. » Pinhões no petit pavé, pinheiros no portão de ferro. Uma escultura de João Turin na entrada. Liceu de Artes, oficinas de criatividade. Café na casinha com lambrequins no beiral. Descanso para os olhos e movimento para as pernas. » Volta ao ponto de ônibus. Próxima parada, Pedreira Paulo Leminski. Cobradora silenciosa. » Na Pedreira, movimento intenso de subida e descida do ônibus. » Sobrados germinados, vegetação fechada. Parque Tanguá. Outra pedreira que virou parque. Um portal amarelo de concreto na entrada. A entrada de crianças agita a viagem. » Do verde fechado para a avenida ampla. Igreja com mosaico de pedras. Avenida longa. » Parque Tingui. Nenhum embarque nem desembarque. Lago, gramado impecável. Casarões com vista privilegiada. » Memorial Ucrânio. No alto-falante, tradição, réplica de igreja ortodoxa. Outro portal, madeira. » Um banco improvisado no ponto de ônibus. Portal italiano. Arquitetura estilizada no portal de entrada do bairro. Imigrantes, comida e vinho. Igreja centenária. Lojas de móveis e restaurantes na área central do bairro. Tudo muito cenográfico, colunas brancas imitando ruínas na praça. A troca de passageiros é intensa. » Parque Barigui. Caminhantes, ciclistas, crianças, patinadores, cachorros. O movimento no parque anima os turistas. Muitas descidas no ponto. Torre Panorâmica. Mirante para a serra do mar e 360º da cidade. Painel do Poty. Voltamos ao concreto dos bairros centrais. Setor histórico. Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. Memória de Curitiba. Casarões, igrejas, Fonte da Memória. Memorial. Palacete. Ruínas. Aos domingos, feira de artesanato. Parada na Sociedade Garibaldi. » Praça Tiradentes. Marco Zero da cidade. Catedral. Monumentos na praça. Pombos. O ônibus contorna a praça. Sequência de painéis. Poty. » Rua das Flores, primeiro calçamento do país. Rua XV, boca maldita. » Poucas pessoas no ônibus. A gravação avisa sobre a última parada. Rua 24 Horas. O movimento circular do ônibus inicia outro percurso.
OBSERVAÇÕES » Faltaram dois pontos do percurso para finalizar o circuito: Praça Rui Barbosa e Museu Ferroviário.

APÊNDICE 4 — PROTOCOLO DE DIÁRIO DE CAMPO A

PROTOCOLO DE DIÁRIO DE CAMPO A	
MAPA DO PERCURSO	NOME DO PERCURSO
	FORMA DE DESLOCAMENTO
	ROTEIRO
	RECURSOS INFORMATIVOS
	FORMA DE INTERAÇÃO

APÊNDICE 5 — MAPA E INFORMAÇÕES DO ROTEIRO LT



LINHA TURISMO

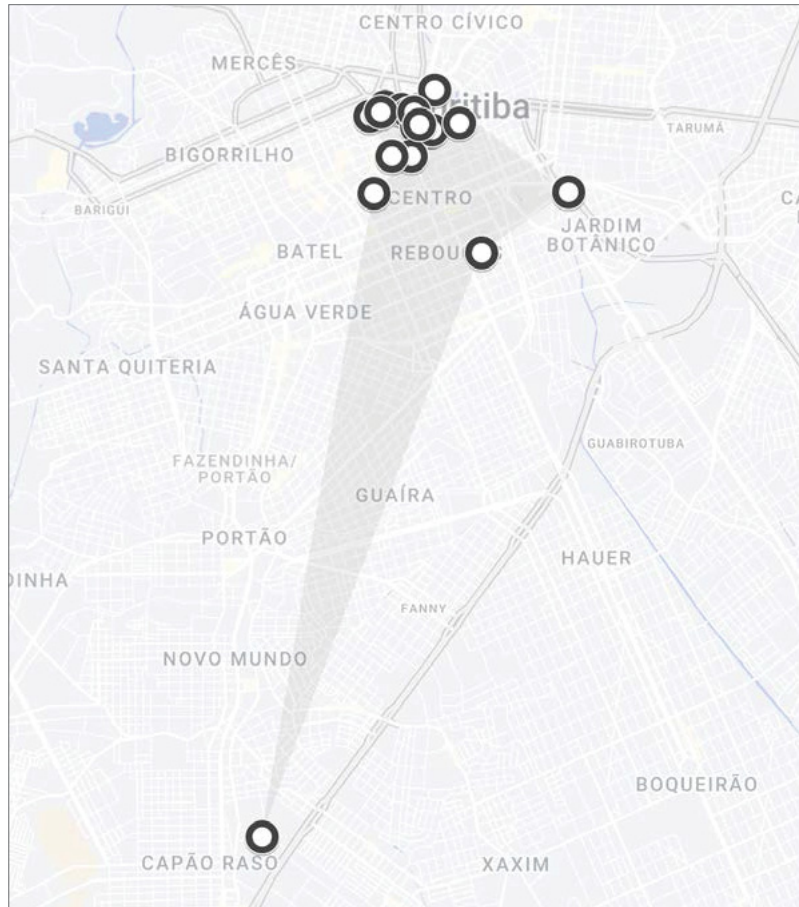
Forma de deslocamento
Ônibus especial com dois andares

Roteiro
26 pontos que podem ser acessados sem uma rota pré-definida, permitindo que os locais sejam explorados sem a mediação de um guia.

Recursos informativos
Gravação com descrições breves sobre os pontos turísticos (em português, inglês, francês e espanhol), além de sinalização e materiais gráficos disponíveis nos locais visitados contendo informações históricas e sobre a constituição física dos espaços.

Interação
Os visitantes fazem escolhas individuais sobre os locais a serem visitados. A experiência é determinada pela circulação e interação entre pessoas e artefatos nos pontos turísticos.

APÊNDICE 6 — MAPA E INFORMAÇÕES DO ROTEIRO LP



LINHA PRETA

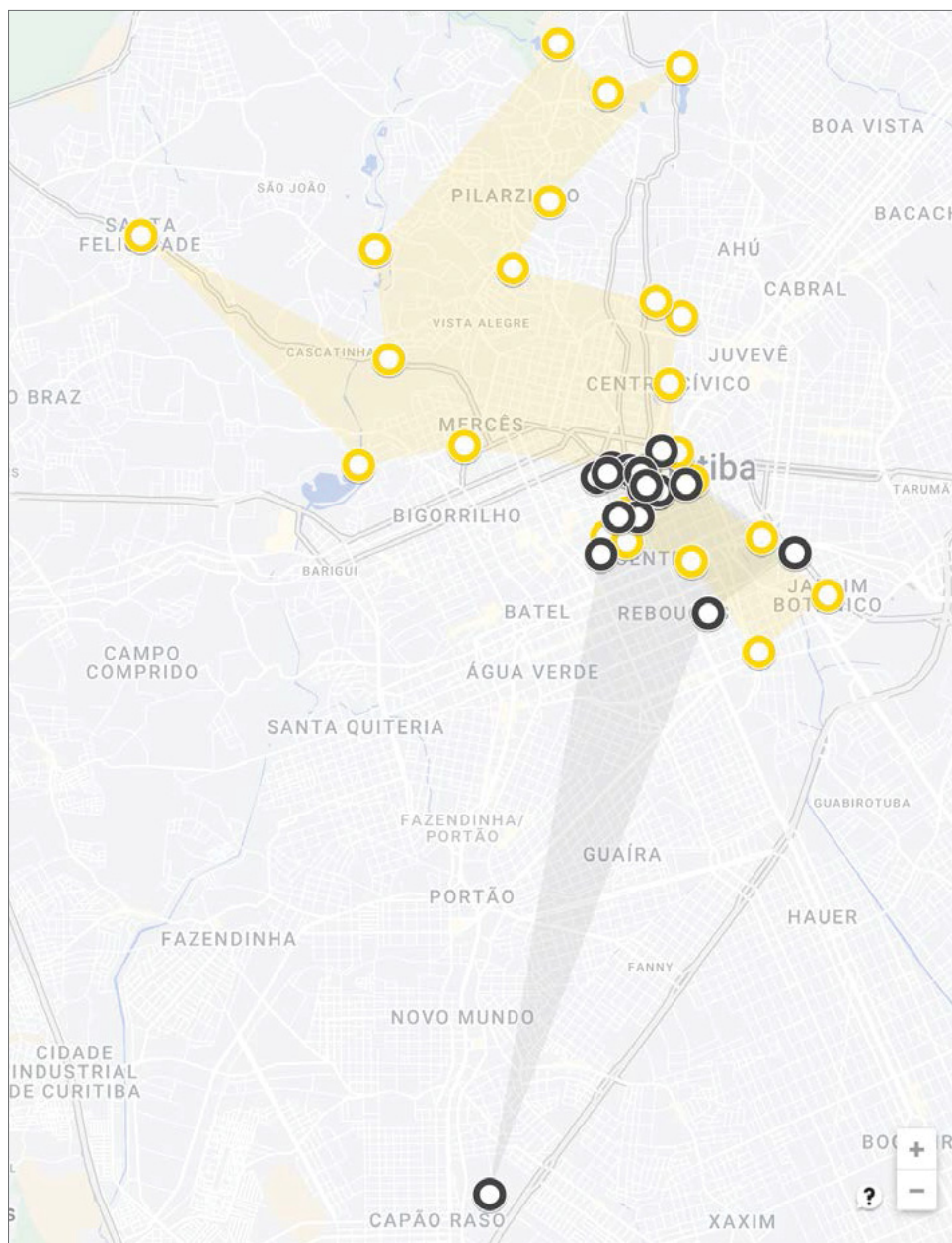
Forma de deslocamento
Caminhada

Roteiro
21 pontos de uma rota dividida em 3 trajetos pré-definidos pelos organizadores do Linha Preta. O percurso se limita ao centro histórico e ao bairro Pinheirinho.

Recursos informativos
Os organizadores do projeto apresentam informações históricas por meio da oralidade, música e poesia. Além disso, utilizam artefatos de sinalização encontrados nos pontos do roteiro como apoio.

Interação
A mediação direta dos guias e a interação com outros visitantes e transeuntes proporcionam uma experiência coletiva e compartilhada do espaço urbano.

APÊNDICE 7 – SOBREPOSIÇÃO DOS ROTEIROS LT E LP



APÊNDICE 8 — PROTOCOLO DE DIÁRIO DE CAMPO B

PROTOCOLO DE DIÁRIO DE CAMPO B
NOME DO PERCURSO
DATA
FORMA DE DESLOCAMENTO
LOCAL DO INÍCIO DO PERCURSO
DESCRIÇÃO
OBSERVAÇÕES

APÊNDICE 9 — PROTOCOLO DE SISTEMATIZAÇÃO DE DADOS

NOME DO PROJETO	
DESCRIÇÃO INSTITUCIONAL	
CARACTERIZAÇÃO DO PROJETO	
PONTOS DO PERCURSO	
ENFOQUE TEMÁTICO	
MAPA COM O PERCURSO	
FORMA DE DESLOCAMENTO	
TEMPO DO PERCURSO	
LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA	
CONCENTRAÇÃO DE RENDA (MÉDIA NOS BAIRROS)	
MEDIAÇÃO	
INTERAÇÃO	
RECURSOS INFORMATIVOS	
MEIOS DE COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL	

APÊNDICE 10 — SISTEMATIZAÇÃO DE DADOS DO ROTEIRO LP

NOME DO PROJETO	Linha Preta
DESCRIÇÃO INSTITUCIONAL	A Linha Preta é um roteiro turístico em Curitiba que tem como objetivo principal valorizar e dar visibilidade à contribuição negra na construção física e social da capital paranaense, bem como apresentar referências históricas e culturais da sua existência e colaboração para a construção da nossa capital. Início: 2015 Periodicidade: 5 a 6 vezes no ano Situação atual: Projeto ativo
CARACTERIZAÇÃO DO PROJETO	Projeto vinculado ao Centro Cultural Humaitá , empresa sem fins lucrativos, registrada sob o CNPJ 12.499.427/0001-65, tem Utilidade Pública Municipal e Estadual. Seu foco principal de atuação é de atividades de organizações associativas ligadas à cultura e à arte.
PONTOS DO PERCURSO	Ruínas de São Francisco, Igreja do Rosário, Largo da Ordem, Bebedouro do Largo, Memorial de Curitiba, Praça Tiradentes, Arcadas do Pelourinho, Água pro Morro, Praça Zacarias, Praça 19 de dezembro, Praça Santos Andrade, Sociedade 13 de maio, Gameleiras Sagradas, Museu Paranaense, Emiliano Perneta, Voluntários da Pátria, Viaduto do Capanema, Engenheiros Rebouças, Museu de Arte Sacra, Catedral Basílica Menor e Memorial Africano.
ENFOQUE TEMÁTICO	Ancstralidade, religiosidade, arte, tecnologia, protagonismo, trabalho, sociabilidades e valorização da cultura e história negra.
MAPA COM O PERCURSO	
FORMA DE DESLOCAMENTO	Caminhada
TEMPO DO PERCURSO	Aproximadamente 3 horas
LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA	Setor Histórico bairro Pinheirinho
CONCENTRAÇÃO DE RENDA (MÉDIA NOS BAIRROS) FONTE: IBGE 2025	Na região central: de 4 a 6,9 salários mínimos No bairro Pinheirinho: de 2 a 3,9 salários mínimos
MEDIAÇÃO	Os percursos tem a mediação de dois guias, os organizadores do projeto Adegmar José da Silva (Mestre Kandiero) e Melissa Reinehr , ambos ativistas e fundadores do Centro Cultural Humaitá.
INTERAÇÃO	Mediação direta dos guias e interação com outros participantes e transeuntes
RECURSOS INFORMATIVOS	Na caminhada: Os organizadores do projeto apresentam informações históricas por meio da oralidade, música e poesia. Apropriam-se de marcos e patrimônios edificados, de locais como ruas (como a Engenheiros Rebouças) e árvores, como as gameleiras sagradas, para apresentar sua contranarrativa afrocentrada à historiografia oficial da cidade. No site: Texto informativo de autoria dos alunos do sétimo período de Jornalismo do UniBrasil Centro Universitário, vídeo com detalhes das histórias sobre os pontos do roteiro e mapa (Google Maps) com a localização geográfica do ponto.
MEIOS DE COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL	https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta

APÊNDICE 11 – SISTEMATIZAÇÃO DE DADOS DO ROTEIRO EPH

NOME DO PROJETO	Entre passos e história: Percorso Afro Curitiba
DESCRIÇÃO INSTITUCIONAL	Nosso objetivo é lançar luz sobre histórias muitas vezes invisibilizadas e esquecidas, promovendo uma experiência educativa que desvende a riqueza histórica e cultural da capital paranaense. O SISMMAC busca, com a iniciativa, despertar na sociedade a consciência sobre a importância do reconhecimento da nossa herança africana e estimular um comprometimento coletivo com a luta antirracista. Início: novembro de 2023 Periodicidade: 3 vezes no ano (abril/maio, agosto, novembro) Situação atual: Projeto ativo
CARACTERIZAÇÃO DO PROJETO	Projeto do Coletivo Étnico-Racial do SISMMAC - Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Curitiba
PONTOS DO PERCURSO	Ruínas de São Francisco, Sociedade Protetora dos Operários, Sociedade Treze de Maio, Grafites do artista curitibano Rimon Guimarães, Praça Zacarias, Instituto de Educação do Paraná, Enedina Alves Marques, Praça Santos Andrade, Paço da Liberdade, Emerenciana Cardoso Neves, Arcadas do Pelourinho, Praça Tiradentes, Largo da Ordem, Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito.
ENFOQUE TEMÁTICO	Mutualismo, trabalho, educação, arte, tecnologia, protagonismo, ancestralidade, sociabilidades e valorização da cultura e história negra.
MAPA COM O PERCURSO	
FORMA DE DESLOCAMENTO	Caminhada
TEMPO DO PERCURSO	Aproximadamente 2 horas
LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA	Setor Histórico
CONCENTRAÇÃO DE RENDA (MÉDIA NOS BAIRROS) FONTE: IBGE 2025	Na região central: de 4 a 6,9 salários mínimos
MEDIAÇÃO	O percurso tem a mediação do professor Sandro Luis Fernandes, professor de História e Sociologia. Atualmente, leciona na Escola Municipal São Miguel, na Cidade Industrial de Curitiba.
INTERAÇÃO	Mediação direta do guia e interação com outros participantes.
RECURSOS INFORMATIVOS	Na caminhada: O professor Sandro apresenta as informações históricas de cada ponto com o auxílio de um megafone. No site: O projeto não tem um site próprio, e o material informativo (fôlder online) está hospedado no site do SISMMAC, na aba COLETIVOS—ÉTNICO_RACIAL e apresenta os 13 pontos com breve descrição e imagens.
MEIOS DE COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL	https://sismmac.org.br/etnico-racial/ https://www.instagram.com/sismmac/reel/C6ZS9PGtR6-/ https://www.youtube.com/watch?v=wYj6tGqyauM

APÊNDICE 13 — TRANSCRIÇÕES DAS GRAVAÇÕES DA LT

1

Rua 24 horas

"Marca da **moderna arquitetura curitibana**, em estrutura de ferro tubular ao estilo galeria. Inaugurada em 1991, é ponto de referência para quem procura gastronomia, local para happy hour ou mesmo para um café."

FONTE: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=2>

Facilidades: acessibilidade, locais cobertos

2

Praça Rui Barbosa

Ponto marcado no mapa sem descrição do lugar.

3

Museu Ferroviário

"Instalado na antiga estação ferroviária de Curitiba, o Museu Ferroviário expõe várias **peças históricas** e suas instalações reproduzem o antigo funcionamento da estação. O prédio anexo abriga o Teatro de Bonecos e o Shopping Estação."

FONTE: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=3>

Facilidades: acessibilidade, locais cobertos, espaços culturais

4

Teatro Paiol » visita somente a área externa

"Construído em 1906 para abrigar um depósito de pólvora, foi transformado em teatro de arena em 1971, quando serviu de inspiração para Vinicius de Moraes e Toquinho comporem a canção "Paiol de Pólvoras". Consiste em um dos **símbolos da transformação cultural e preservação da memória da cidade**, e conta com uma programação mensal de apresentações."

FONTE: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=4>

Facilidades: espaços culturais

5

Jardim Botânico

"Inaugurado em 1991, possui jardins em estilo francês e trilhas que cortam o bosque. Sua estufa, um dos **símbolos emblemáticos de Curitiba**, é inspirada no **Palácio de Cristal inglês** e expõe plantas originárias das florestas tropicais. O Jardim das Sensações proporciona uma experiência sensorial com a natureza. No local se encontra ainda, o Museu Botânico com biblioteca especializada, centro de pesquisas com grande acervo de amostra de plantas e opções gastronômicas, incluindo um Café especial com comidas típicas do Paraná. Possui um Centro de Atendimento ao Turista e loja de souvenir."

FONTE: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=5>

Facilidades: acessibilidade, mirantes, áreas verdes

6

Rodoferroviária | Mercado Municipal

"O Mercado Municipal é um tradicional endereço para compra de iguarias de todo o mundo. Anexo está o primeiro mercado de Orgânicos do Brasil, que comercializa produtos e derivados livres de agrotóxicos e aditivos químicos. Seja na praça de alimentação ou nos quiosques, este local é um ponto de encontro de diversas gerações de curitibanos. Aos fundos do Mercado está o principal terminal rodoviário e ferroviário da cidade, ponto de partida para viagem de trem pela centenária e histórica estrada de ferro Curitiba-Paranaguá."

FONTE: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=6>

Facilidades: acessibilidade, locais cobertos

7

Teatro Guaíra | Universidade Federal do Paraná

"Na Praça Santos Andrade estão localizados dois **monumentos arquitetônicos representativos da cidade**: com **forma modernista**, o Teatro Guaíra, um dos maiores da América Latina, e a sua frente, do outro lado da Praça, em **estilo neoclássico**, a Universidade Federal do Paraná, a primeira do Brasil."

FONTE: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=7>

Facilidades: espaços culturais

8 Paço da Liberdade

"Ao centro da praça Generoso Marques está a **antiga sede da Prefeitura de Curitiba**. A construção de 1916 tem **detalhes neoclássicos e art nouveau** e é **patrimônio da cidade**. Restaurado, mantém as características originais, e é um espaço cultural múltiplo, com um charmoso café."

FONTE: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=8>

Facilidades: acessibilidade, locais cobertos, espaços culturais

9 Passeio Público | Memorial Árabe

"O Passeio Público é o mais antigo parque da cidade. Inaugurado em 1886, seu **portão em estilo art nouveau** foi preservado, sendo **cópia fiel do cemitério de cães de Paris**. Neste mini zoológico urbano encontram-se várias espécies de aves e animais, terrário e aquário, além do **Coreto Digital**, espaço tecnológico que exhibe filmes e concertos. Na Praça Gibran Khalil Gibran, situa-se o Memorial Árabe, **monumento com inspiração mourisca**, possui em seu interior uma biblioteca e pinacoteca cujo tema é a cultura árabe."

FONTE: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=9>

Facilidades: área para criança, áreas verdes, espaços culturais, étnicos, acessibilidade

10 Centro Cívico

"Primeiro do Brasil, o Centro Cívico foi projetado para concentrar as sedes dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Implantado em 1953, no **centenário da emancipação política do Paraná**, conta com exemplares dos edifícios construídos entre as décadas de 1950 e 1960, **auge das construções modernistas**, que influenciaram os **monumentos de Brasília**."

FONTE: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=10>

Facilidades: não aplicável.

11 Bosque do Papa | Memorial Polonês

"O Bosque do Papa / Memorial da Imigração Polonesa foi inaugurado em 1980, em homenagem ao Papa João Paulo II que visitou Curitiba no mesmo ano. Possui uma grande área verde e sete casas de troncos de madeira, que foram **transferidas de antigas colônias polonesas**. Abriga museu, capela, artesanato típico e palco para apresentações culturais."

Fonte: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=11>

Facilidades: área para criança, áreas verdes, espaços culturais, étnicos

12 Museu Oscar Niemeyer

De **arrojada arquitetura**, é um dos maiores museus da América Latina. Dedicado às exposições de artes visuais, arquitetura e design, o "olho", como é popularmente chamado, foi projetado pelo reconhecido arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer. O Museu possui acervo próprio e recebe mostras nacionais, internacionais e itinerantes. Possui loja de souvenir, café e bosque.

Facilidades: acessibilidade, locais cobertos, espaços culturais, pago

Fonte: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=12>

13 Bosque Alemão

"Bosque em homenagem aos primeiros imigrantes **germânicos** a se estabelecerem em Curitiba no Século XIX. O Bosque conta com a trilha de João e Maria, dos contos dos irmãos Grimm. A Torre dos Filósofos, Mirante em madeira que permite vista panorâmica da cidade e da Serra do Mar, o Oratório de Bach, **réplica de uma antiga igreja luterana**, utilizada como sala para concertos, além da **reprodução da fachada da Casa de Mila**, uma construção característica da imigração germânica, do início do Século XIX."

Fonte: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=13>

Facilidades: área para crianças, espaços culturais, áreas verdes, mirantes, étnicos, acessibilidade, aceita pet

14 Universidade Livre do Meio Ambiente | Bosque Zaninelli

"Antiga pedreira desativada, o bosque foi inaugurado em 1992 e contou com a presença do oceanógrafo Jacques Cousteau. A principal atração é a Universidade Livre do Meio Ambiente, construída harmonicamente, junto à natureza exuberante, com troncos de eucalipto e material rústico. Uma passarela contorna a construção e proporciona do alto, uma vista panorâmica do lago e bosque. A Unilivre promove a valorização e a preservação do meio ambiente."

Fonte: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=14>

Facilidades: espaços verdes, mirantes

15 Parque São Lourenço

"Um dos mais antigos parques de Curitiba, foi criado em 1972 para recuperar estragos do rompimento da represa do Rio Belém. Abriga o **Memorial Paranista** e o maior Jardim de Esculturas do Brasil, com fontes de água, salas de exposições e obras em proporções heroicas do artista paranaense João Turin. O parque também é perfeito para caminhar, andar de carrinho de rolimã ou skate. Possui loja de souvenir."

Fonte: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=15>

Facilidades: área para crianças, locais cobertos, espaços culturais, áreas verdes, acessibilidade, aceita pet

16 Ópera de Arame

"Equipamento cultural destinado a apresentações artísticas e culturais, faz parte do Parque das Pedreiras, juntamente com a Pedreira Paulo Leminski. **Edificada em ferro tubular e revestida em tela aramada**, em meio a uma cratera de uma Pedreira desativada, é rodeada por lagos, em uma vegetação abundante, criando uma paisagem única. Conta com espaço gastronômico e loja de souvenir."

Fonte: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=16>

Facilidades: locais cobertos, espaços culturais, áreas verdes, acessibilidade, pago

17 Parque Tanguá

"O espaço antes destinado a abrigar uma usina de reciclagem de lixo industrial deu lugar a uma imensa área verde, com mata ciliar preservada em ampla área de lazer. Desta antiga pedreira desativada, se destaca na parte inferior, o túnel aberto na rocha bruta, unindo os lagos, com uma cascata paralela ao paredão de rocha. Já na parte superior, o **jardim Poty Lazzarotto com contorno paranista**, homenageia o artista plástico curitibano e direciona para o Belvedere, **mirante contemplativo** para visão do restante do parque."

Fonte: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=17>

Facilidades: áreas verdes, mirantes, aceita pet

18 Parque Tinguí

"Em homenagem aos primeiros ocupantes de Curitiba, os índios Tinguís da nação Guarani. Parque com grandes áreas de mata nativa, lagos e pontes. Foi erguida no parque uma estátua esculpida em bronze, em tamanho natural, representando o cacique tindiquera, líder da tribo, que carrega em uma das mãos o varapau com o qual teria demarcado o sítio da futura capital paranaense, e na outra mão, **uma pinha, simbolizando as araucárias e suas sementes, os pinhões.**"

Fonte: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=18>

Facilidades: área para crianças, espaços culturais, áreas verdes, étnicos, aceita pet

19 Memorial Ucrâniano

Inaugurado em 1995 para homenagear o centenário da imigração ucraniana, o Memorial é um lugar especial, com jardins e natureza exuberante. Abriga uma réplica da Igreja de São Miguel Arcanjo, que segue normas da religião ortodoxa, a cúpula oitavada é revestida em cobre, com faces representando o entendimento humano. Compõem o Memorial: **monumentos, museu, loja de artesanato típico e palco para apresentações artísticas.**

Facilidades: locais cobertos, espaços culturais, áreas verdes, étnicos, mirantes

Fonte: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=19>

20 Portal Italiano

"O portal italiano sinaliza a entrada do bairro gastronômico de Santa Felicidade. O portal mostra de forma estilizada os **traços arquitetônicos**, predominantes na antiga colônia fundada pelos imigrantes italianos em 1878. Na torre está representada a religiosidade, no frontão da casa a união familiar e nos esquadros tortos das janelas a liberdade de expressão que tiveram ao se estabelecerem no Brasil."

Fonte: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=20>

Facilidades: não aplicável

21 Santa Felicidade

"Santa Felicidade é um pedaço da Itália dentro de Curitiba. As marcas do passado ainda estão presentes nesta colônia italiana formada por descendentes das regiões do Vêneto e do Trentino. São **casarios históricos preservados**, lojas de artesanato, adegas e inúmeros restaurantes típicos, que marcam o tradicional eixo gastronômico de Curitiba. O bairro dispõe de quatro pontos de parada."

Fonte: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=21>

Facilidades: espaços culturais, acessibilidade, étnicos

22 Parque Barigui

"Concebido para conter as enchentes do rio Barigui, o parque constitui uma grande área de preservação da fauna e da flora na região central da cidade. É um dos preferidos para as caminhadas diárias do curitibano à beira do lago. O parque conta com ampla área de lazer, trilhas, Centro de Exposições e Museu do Automóvel."

Fonte: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=22>

Facilidades: área para crianças, áreas verdes, acessibilidade, aceita pet

23 Torre Panorâmica

"Junto ao suporte da telefonia celular, com 109 metros e meio de altura, está o mirante da Torre Panorâmica, que permite uma visão de 360° da cidade. Do alto, é possível constatar a influência do planejamento urbano no espaço da cidade. Abriga também o museu do telefone, painel do artista plástico Poty Lazzarotto e posto de informações turísticas."

Fonte: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=23>

Facilidades: locais cobertos, mirantes, aceita pet, pago

24 Setor Histórico

"Localizado numa **área de preservação histórica e cultural**, o setor histórico abrange **construções do período colonial**, como a Igreja da Ordem e a casa Romário Martins. Igrejas, monumentos, memoriais, ruínas, casarões reciclados, museus e espaços culturais compõem esse complexo histórico e cultural. Destaca-se o Pavilhão da História do Paraná, junto ao Museu Paranaense, uma linha do tempo que narra a ocupação humana no estado. Aos domingos pela manhã o setor histórico recebe a tradicional Feira de Artesanato do Largo da Ordem."

Fonte: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=24>

Facilidades: espaço cultural, étnico, acessibilidade

25 Praça Tiradentes

"A mais antiga praça da cidade, onde surgiu o arruamento inicial, definindo as **primeiras medidas urbanísticas**. A praça abriga **bustos de personagens importantes da história brasileira**, além de contar com piso de vidro que mostra parte da **antiga calçada colonial**. Ao seu lado, está a Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Luz, de **arquitetura neogótica** e no seu passeio frontal o **Marco Zero da cidade**, juntamente com o **Monólito dos Colonizadores**, que demarcava a ocupação portuguesa do território."

Fonte: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=25>

Facilidades: áreas verdes

26 Rua das Flores

"A principal rua da cidade transformada no primeiro calçadão do país em 1972, **exibe desenhos que remetem a pinheiros e pinhões**. É importante eixo comercial da capital e principal ponto de encontro dos curitibanos. A rua XV de Novembro abriga **edificações do início do Século XX**, como o Palácio Avenida, palco de espetáculos natalinos e a Boca Maldita, tribuna livre de tradicional debate da cidade."

Fonte: <https://linhaturismo.curitiba.pr.gov.br/detalhes-atracao-turistica?id=26>

Facilidades: acessibilidade

APÊNDICE 14 — DESCRIÇÕES DOS PONTOS DO ROTEIRO LP

1

Ruínas de São Francisco

Por Sirlene Araújo

“Não há como saber do lampadário
suspense pela abóboda alta e ignota.
Quando eu sonho entretanto com sacrário,
uma luz clara da agra abside brota,

arde e assusta. Ou da nave à sacristia,
não ferissem as garras dessa grade
a guardar as ruínas da arcaria,
nem mesmo o suave enlevo que te evade.

Senão seria um muro de tijolos
que tombara ao primeiro pé de vento,
servindo a bêbados, mendigos, tolos...

ou tão só um admirável monumento
intérmino – e não mística jazida
das cinzas. Tenho que mudar de vida.”

Com esse poema de Wagner Schadeck, intitulado ‘As Ruínas de São Francisco’, iniciamos nossa busca pela história das Ruínas de São Francisco, oculta ao longo dos anos.

O local foi pensado para ser uma igreja. Apesar de, nunca ter sido acabado, permanece como um marco para a compreensão da nossa história. Em 1860, as pedras que finalizariam as obras da igreja teriam sido usadas para erguer a torre da antiga matriz e ainda existem relatos, não confirmados, de que foram construídos túneis ligando as ruínas a outros pontos da cidade.

As Ruínas de São Francisco revelam uma das mais fascinantes contribuições negras no processo de desenvolvimento das vilas de Curitiba: as milenares técnicas de construção em taipa.

O Zelador Cultural Candiero, pseudônimo de Adegmar Silva, lembra que, ao falar das construções em taipa, é preciso falar do mestre Belmiro de Miranda e sua esposa Esydia Ephigênia. “Ele era de Alagoas e foi buscado devido ao seu conhecimento. Mestre Belmiro era um exímio construtor na execução de taipas, de mão e de pilão. Ele foi comprado em Maceió e trazido para Guarapuava (PR), por Pedro de Siqueira Cortes. O objetivo era a construção do Solar Dona Ana Joaquina, que foi um dos primeiros casarões em volta da praça da matriz. A professora e diretora-fundadora do Centro Cultural Humaitá, Melissa Reinehr, afirma que a história do casal apenas começa a ser revelada. “Espero que as pessoas percebam que, para além do trabalho braçal, esta história nos proporciona uma maior compreensão do conhecimento técnico fundamental que veio de África e que ajudou a erguer essa vilas, essas construções antigas. Mestre Belmiro foi responsável pela construção de muitos outros casarões que marcam a arquitetura clássica de Guarapuava. Fazia trabalhos para terceiros em seu tempo livre e também foi um grande abolicionista. O dinheiro que ganhou com as construções de terceiros, ele usou para comprar a sua alforria e de sua namorada, a também escravizada Esydia Ephigênia. Após se casarem, construíram o hotel de viajantes ‘Redenção’. Por meio disto, foi possível que atuassem na campanha de abolição da escravatura: eles compraram juntos, a alforria de mais de 50 escravos, antes da abolição. Essa memória abolicionista da Curitiba antiga, que se caracterizava por ser um território imenso e cheio de vida, ainda precisa ser melhor explorado pelos nossos pesquisadores”, conta.

A aquarela Curitiba, de Debret, de 1827, mostra um mestre de taipa trabalhando nas ruínas e também mostra uma panorâmica dessa Curitiba do início do século XIX.

Hoje, no espaço onde está construída a Ruína, está situado um anfiteatro ao ar livre. Sob sua arquibancada, foram construídas as Arcadas das Ruínas de São Francisco. Trata-se, de um dos locais de apresentação mais tradicional e democrático da cidade.

2

Igreja do Rosário

Por Paulo Metling

A Igreja do Rosário, no Largo da Ordem, centro histórico da capital, é a memória viva da época em que apenas as pessoas negras frequentavam e participavam das celebrações (proibidas de entrar na igreja dos brancos). Erguida por negros livres e escravizados, em 1737, a Igreja do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito foi um lugar onde homens e mulheres puderam viver sua vida social e religiosa livremente, sem as amarras de brancos escravocratas.

A Igreja do Rosário dos Homens Pretos era um dos raros ambientes onde negros libertos, depois de um longo período de sofrimentos físicos e psicológicos, encontravam acolhida e auxílio, junto à Irmandade dos Homens Pretos de São Benedito. Levantada por braços de resistência, luta e suor, a antiga Igreja do Rosário dos Homens Pretos é obra de indivíduos que, para além da liberdade aprisionada, tinham imensas riquezas trazidas de África em suas almas e em suas memórias. “Ela foi construída pelos negros e para os negros, é a segunda igreja da Vila e um símbolo da presença negra em Curitiba”, afirma Adegmar Silva, conhecido como Zelador Cultural Candiero, e Assessor de Políticas de Promoção da Igualdade Racial de Curitiba.

Continua

A narrativa oficial da cidade começa com a chegada dos imigrantes e deixa pouco espaço para as memórias da presença negra e indígena, “os negros da terra”. Mas antes do século XIX, os estrangeiros trazidos para cá, cujo trabalho desenvolveu a região e todo o estado do Paraná, foram homens e mulheres sequestrados em África: bantos, nagôs, jêjes, minas, kassanges, dioulas, benguelas, fulanis, fons, buscados majoritariamente no Congo e em Angola.

Entre 1875 e 1893, a igreja também abrigou a matriz da cidade, enquanto as suas paredes rachadas eram reconstruídas pelas mãos talentosas dos mestres negros pedreiros, dentre eles Vicente Moreira de Freitas, também um dos fundadores da Sociedade 13 de Maio. Vale ressaltar que a sua esposa, Olympia Moreira de Freitas, ocupou a cadeira de Rainha do Congo nas tradicionais congadas que então existiam, representadas nas animadas Festas de São Benedito e no Natal dos Escravizados.

Em 1931, a antiga Igreja do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito foi demolida para, alguns anos mais tarde, dar lugar à Igreja do Rosário - Santuário das Almas. Com a Festa do Rosário e a tradicional lavação das escadarias da antiga Igreja do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito, parte da história negra da cidade que estava em vias de perder-se, passa a ser rememorada anualmente, por ocasião das festividades do Dia da Consciência Negra.

Da antiga igreja, permanecem os azulejos portugueses narrando parte deste passado, que vem sendo (re) contado pelo povo de Curitiba - a capital mais negra do sul do Brasil, segundo dados do IBGE/2010.

3

Memorial de Curitiba

Por Paulo Metling

No Memorial de Curitiba, no Largo da Ordem, um painel artístico narra um pouco da história do Brasil e da própria cidade. O painel do artista curitibano Sérgio Ferro, inaugurado em 1996, é uma mistura do descobrimento do Brasil e algumas simbologias do desenvolvimento de Curitiba. Há desde a representação do pinhão, o Tindiquera (personagem mítico da cidade), os tropeiros e demais elementos que marcaram a narrativa oficial sobre o desenvolvimento curitibano.

A presença negra também é representada, mas de forma estereotipada. A representação dos homens no painel é feita como servos submissos e coniventes, enquanto que as mulheres negras têm seus corpos expostos e hipersexualizados. O Pelourinho aparece no painel, mas a história contada é de que o local seria um ponto de emancipação da cidade. Mas é mais do que isso. O pelourinho era um local de punição onde parte do povo que ajudou no desenvolvimento do município sofreu.

O Memorial é considerado pela Prefeitura de Curitiba como um dos principais espaços de cultura na cidade. O local é contemplado com exposições artísticas, congressos, seminários, palestras e oficinas que ajudam a contar a mistura de todas as etnias e povos que existe na região.

A obra de 16 imagens está disposta em uma parede próxima ao teto. São referenciados no painel John Ford, o artista renascentista Raffaello Sanzio (1483 - 1520), Michelangelo (1475-1564) e Caravaggio (1571-1610) além da gralha azul, o pinhão, o pelourinho e até mesmo um personagem que também representa o desenvolvimento da cidade, um projetista sentado, que alude a Rafael Grega, prefeito na época e que encomendou a obra de Ferro. Já as influências da cultura negra só são possíveis de visualizar com um “filtro” especial no olhar do observador. Esse olhar diferenciado pode perceber, por exemplo, as ferramentas de trabalho (em alusão aos imigrantes), insígnias de Ogum, senhor do ferro, da siderurgia e das tecnologias. Uma imensa coluna central, rodeada pela escada em caracol, poderia ser lida como representação mítica e fálica em alusão à espiral da evolução. Um singelo rio de água doce corre pelo chão, com sua musicalidade inerente embalando o ambiente. Os erês nos quatro quadros representam as quatro estações.

Enfim! Detalhes singelos que sugerem algumas das características da presença negra e de suas heranças culturais neste importante espaço de memória de Curitiba.

4

Bebedouro do Largo

Por Paola Fressato

A construção do Bebedouro com pedras e uma bacia de ferro em seu topo se deu em meados do século XVIII. Foi bastante utilizado para banhar e dar de beber aos animais de montaria.

O local era um espaço de convivência onde a população negra era majoritária até o século XIX. A presença de um número significativo de tropeiros negros é atestada em aquarelas de Jean-Baptiste Debret, que os retratou em Curitiba e região.

Nos primórdios da vila de Curitiba, vinham negociar produtos no mercado local gente vinda das localidades de São José, Castro, Lapa, Campos Largos de Curitiba.

A história da Fazenda Capão Alto, em Castro, é bastante ilustrativa desse movimento comercial oriundo das vilas mais distantes. Conta-se que os carmelitas que lá viviam morreram vitimados por uma epidemia em São Paulo. A fazenda e os negros que lá viviam prosperou e, por mais de um século, gerenciaram a fazenda de forma autônoma e mantiveram-se cultivando e comercializando normalmente seus produtos em Curitiba. “Inclusive, sabemos que há um grande número de negros livres na região tropeira, por compra da própria alforria, devido ao fato de que o estilo de vida tropeiro proporciona maior liberdade, permitindo comercializar e realizar serviços complementares para reunir os recursos necessários à compra da própria alforria e de seus familiares”, explica Melissa Reinehr, diretora e fundadora do Centro Cultural Humaita (Centro de Estudo e

Pesquisa da Arte e Cultura Afrobrasileira), citando o estudo do historiador Leandro Meira, de Sorocaba/SP. O Bebedouro ainda continua intacto no Largo da Ordem, localizado no centro de Curitiba, e cheio de monumentos e histórias ao seu redor, as quais muitos desconhecem.

FAZENDA CAPÃO ALTO

Em 1864 aconteceu a maior revolta negra no Brasil Colonial, na Fazenda Capão Alto, em Castro, no Paraná. A localização da fazenda era caminho do Rio Grande do Sul para Sorocaba, em São Paulo. O tropeiros utilizavam as instalações da fazenda para descansar. Além de pasto para os animais e água abundante, por conta do Rio Iapó, era um lugar com abastecimento de alimentos também.

Os “escravizados” livres da Fazenda Capão Alto organizaram uma república sob a invocação de Nossa Senhora do Carmo, de quem recebiam as ordens do dia. O trabalho se dava na criação de gado e vendas apenas na quantidade que lhes era necessário para sobreviver.

A revolta ocorreu em 1864, quando os supostos “novos donos” chegaram e quiseram vendê-los como escravos, motivando então a rebelião pelo fato de se considerarem livres - “só trabalhamos para Nossa senhora do Carmo”. Depois de muita luta, diversas batalhas, reforços de várias cidades, foram vencidos e alguns levados para São Paulo. Os demais, que conseguiram escapar da captura, se esconderam nas redondezas e deram origem às comunidades quilombolas que ainda hoje persistem na Serra do Apon, em Castro/PR

5

Largo da Ordem

Por Keimilín Campos

Localizado no coração da região central de Curitiba o Lago Coronel Enéas, mais conhecido como Largo da Ordem é um dos principais pontos turísticos da capital paranaense. O Largo sempre foi um **espaço de convivência e de trabalho**, desde o século 17. Circulavam pela região tanto homens livres, como escravizados e libertos, que exerciam profissões hoje extintas, frequentavam os comércios e utilizavam o Bebedouro. As famosas congadas, que se apresentavam na Festa de São Benedito, eram um dos mais esperados acontecimentos da pacata Vila Nossa Senhora dos Pinhais.

“Constituíam tanto o natal como esta última festividade, os sucessos mais importantes da vida religiosa anual, naquele período remoto, pois eram abrilhantados pelas apreciadíssimas congadas, levadas a efeito por pretos e mulatos, ostentosa e fantasiados, os peitos cobertos de rutilantes pedrarias, com os seus bailados característicos, acompanhados por uma toada própria, ao som do tambaque. Fervia encarniçada rivalidade entre a “congada de cima”, dos mestiços, e a “congada de baixo”, ou dos negros, emulação esta concitada pelas famílias residentes a rua das Flores (15 de Novembro atual) - da parte de “cima” da rua, famílias de políticos liberais, e as da parte de “baixo”, de membros do partido conservador.

(Curitiba em 1853, crônica de Rodrigo Júnior, publicada originalmente na Revista da Academia Paranaense de Letras, no ano de 1941)

Mas a presença dos negros na região vai muito além da igreja do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito, segundo o Diretor da Casa da Memória de Curitiba, Marcelo Sutil, já que eles participaram da construção do Largo. “A maioria das obras de arquitetura e engenharia da época teve participação de escravizados e/ou libertos nas construções, trabalhando muitas vezes ao lado de homens livres. Há relatos de equipes de mestres construtores formada por negros, inclusive na obra da catedral” conta.

Ainda de acordo com Marcelo Sutil, a arquitetura que existe hoje no Largo é basicamente eclética, de influência de teuto-brasileira, exemplos da Casa Vermelha, Casa Hoffman, a Casa Pierkarz, o Prédio onde funciona o Sal Grosso e o palacete Wolf. Na Casa Romário Martins podemos observar a influência do período colonial, assim como na parte posterior da Igreja da Ordem, que foi ampliada no século 19 com referências neogóticas mas mantém os registros da arquitetura colonial.

A arquitetura do Largo da Ordem preserva um pouco da memória destes milhares de homens e mulheres que, desde o século 17, duzentos anos antes da chegada dos imigrantes, começaram a construir a história da cidade e deixaram ali marcas que se mantêm até os dias de hoje, já que o Largo tem a mesma configuração desde o surgimento até a expansão da então vila.

Hoje, o centro histórico é um dos principais pontos turísticos da cidade e uma parada obrigatória de quem vem conhecer a capital paranaense, seja durante o dia nos centros culturais, lojas, museus, teatros restaurantes, ou durante a noite com seus bares e baladas. Esta é uma região que sempre passa por revitalização, ajudando a manter a comunidade conectada com a história e as origens de Curitiba.

Hoje o Largo da Ordem é um **patrimônio cultural edificado do Município** e, de acordo com Sutil, é uma forma de conhecer as referências arquitetônicas, modos de morar e de construir. “Mantê-los significa preservar para as gerações futuras nossa história e memória”, finaliza.

6

Catedral Basílica Menor

Por Adriana Arrusi

A Igreja Matriz, atualmente a Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, localizada na Praça Tiradentes, no Centro Histórico de Curitiba, foi construída por muitas mãos negras. Mas os negros não estiveram presentes apenas como construtores. Dois engenheiros negros, que na época estavam em Curitiba, também foram importantes para a construção da igreja. “Dois Engenheiros negros muito importantes, os irmãos Rebouças, estavam na cidade e deram o aval técnico: realmente é preciso que seja feito”, comenta

Melissa Reinehr, a atual presidente do Centro Cultural Humaitá.

Então a obra começou com os mestres de obras que cuidavam da Igreja do Rosário. Logo em seguida para ajudar na obra chegou o engenheiro Giovani Lazzarini, que comovido pela situação dos construtores negros escravizados, realizou um movimento para conseguirem a alforria desses negros. Então a igreja foi construída por homens livres. Entre os construtores também havia imigrantes portugueses e alemães.

Vicente Moreira Freitas, um destes ex-escravizados foi um importante mestre na construção da igreja. Vicente nasceu na África e chegou no Brasil escravizado, porém, após tornar-se livre foi grande inspiração para os demais, sendo um dos fundadores do segundo clube negro do Brasil, a Sociedade 13 de Maio, também pertenceu à Irmandade de São Benedito.

Porém, a participação dos mestres de obras negros não ficou registrada na placa oficial, quando a igreja foi inaugurada. Instalaram uma placa comemorativa na entrada da Igreja e nesta placa estavam registrados apenas os nomes das autoridades brancas responsáveis pela obra.

Vicente, revoltado com a situação, foi até a placa com uma marreta e bateu com fúria, deixando uma marca na mesma. A marca está presente até hoje, basta visitar a igreja e observar a parte de baixo da placa à direita da porta para ver o registro deixado pelo mestre de obras. Ou seja, mesmo não possuindo seu nome registrado na placa como as demais autoridades, a participação do mestre de obras negro na construção da igreja está registrada.

7

Gameleiras Sagradas

Por Keimilin Campos

As Gameleiras Sagradas são árvores muito importantes, tanto na África quanto no Brasil. É nelas que se cultiva o Orixá Iroko, que representa o Tempo, a relação com o passado mais antigo.

Em Curitiba, existem cinco Gameleiras, também conhecidas como Figueira Branca, localizadas na Praça Tiradentes, marco zero da nossa capital. “Elas representam para as religiões de matriz africana o que a Catedral representa para a fé católica. Existe uma mitologia de que ela é a árvore fundamental por onde os Orixás descem do Orum para o Ayê, descem do céu para a terra. Claro que dentro de uma outra lógica, onde não é céu e terra, mas sim a Cabaça da Criação. A mitologia fundamental não é separada em céu e terra, mas em mundo visível e mundo invisível” conta a Melissa S. Reinehr, atual presidente do Centro Cultural Humaitá. Por sua importância cultural e também histórica para a memória afrocuritibana, foi instalada neste local uma pedra com os dizeres:

“A raiz negra em Curitiba
é forte, antiga e altiva,
faz parte da história
e alimenta o futuro”

A frase é inspirada em uma música tradicional cantada no cortejo de afoxé que desce até o marco do pelourinho de Curitiba após a lavação das escadarias da antiga Igreja do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito, na Festa do Rosário. A cantiga diz “a raiz negra em Curitiba é forte, é muito antiga e traz as bênçãos de Oxalá”. Melissa conta que para ela, que estuda a cultura negra em Curitiba, é muito sintomático a palavra Oxalá ter sido retirada da frase pela municipalidade. “Substituir ‘as bênçãos de Oxalá’ com receio dos ataques racistas de alguns intolerantes mostra como o racismo se manifesta de formas sorrateiras e altamente eficazes na sociedade”.

Oxalá, nas religiões de matriz africana, representa aquele que foi o “filho direto de Deus entre os homens” no sincretismo - Jesus Cristo. Já na tradição africana, Oxalá é simbolizado no elemento do ar e coexistiu com a formação do mundo. Representa a paz, a pureza. Ele era antes de que Jesus o fosse.

Durante a Festa do Rosário, que acontece todo dia 20 de novembro, os participantes lavam as escadarias da antiga Igreja do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito, com flores e perfumes. Os participantes, vestindo a tradicional cor branca, descem pelo centro histórico, cantando e tocando, em cortejo até o marco do Pelourinho, no Largo da Ordem, passando pelas Gameleiras sagradas (Iroko) na Praça Tiradentes.

A lavação das escadarias da antiga Igreja do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito “começou como um ato contra a intolerância frente às religiões de matriz africana e, com o passar do tempo, se tornou uma prova de fé do povo de santo do Paraná e uma das mais belas festas do turismo religioso do sul do Brasil. Em 2013 a Câmara de Vereadores de Curitiba inseriu a Festa do Rosário no Calendário Oficial de Eventos do Município, por sua relevância cultural e por sua beleza e alegria contagiantes”.

8

Praça Tiradentes

Por Keimilin Campos

A Praça Tiradentes é o “marco zero” de Curitiba, local onde foi constituída a Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, em 29 de março de 1693. Na praça foi instalado, ainda no período colonial, a igreja, o pelourinho, a cadeia e a Câmara Municipal, símbolos e instrumentos dos poderes espiritual e real. Ela já foi chamada de Largo da Matriz e Largo D. Pedro II. O nome atual foi dado junto com a Proclamação da República, em 1989. Hoje, a Praça Tiradentes concentra a Catedral de Curitiba, diversos comércio, um terminal de Ônibus, com destaque para a Linha de Turismo e cinco Gameleira Brancas (Iroko), consideradas árvores sagradas nas religiões de matrizes africanas.

As Gameleiras da Praça Tiradentes são um importante ponto durante a programação da Festa do Rosário, que

acontece todo dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra. Após lavar as escadarias da antiga Igreja do Rosário do Homens Pretos de São Benedito, com flores e perfumes, os participantes, vestindo a tradicional cor branca, descem pelo centro histórico, cantando e tocando, em cortejo até o marco do Pelourinho, no Largo da Ordem, passando pelas Gameleiras Sagradas na Praça Tiradentes.

O local tornou-se um importante espaço de preservação e valorização da memória da comunidade negra de Curitiba, em especial para as pessoas ligadas aos movimentos sociais negros e praticantes da Umbanda e do Candomblé. A Gameleira representa Iroko, um raro orixá de origem lorubá e está associado a longevidade, já que as Gameleiras vivem mais de 200 anos. As cinco árvores dispostas em círculo representam um verdadeiro templo a céu aberto e estão para as religiões de matrizes africanas como a catedral está para os católicos: fazendo a ligação entre o céu e a terra, ou seja, entre o Orum (mundo espiritual) e o Ayê (mundo físico).

Na praça ainda existe outro símbolo importante para a comunidade negra, uma placa instalada pela Prefeitura Municipal de Curitiba, homenagenado a comunidade afrocuritibana, por ocasião do Decênio Internacional dos Afrodescendentes, proclamado pela ONU para 2015-2024.

Segundo a lenda, o local teria sido indicado pelo cacique Tindiqueira, da tribo Tingui, para levar os primeiros portugueses, que até então estavam acampados às margens do rio Atuba. Na Praça está o Monólito Histórico, que simboliza o poder legalmente constituído pelo rei de Portugal, em 29 de março de 1693. Recentemente foi instalada na praça uma escultura do cacique Tindiquera.

9 Arcadas do Pelourinho

Por Ricardo Alcântara

Antes de ser “da Liberdade”, o local onde fica o Paço da Liberdade, na Praça Generoso Marques, 189 – Centro de Curitiba, era sinônimo de dor, sofrimento e castigos em escravos rebelados contra o regime escravocrata, materializado num poste de madeira com argolas de ferro, erguido em praça pública, chamado Pelourinho. Construídos em Portugal, desde pelo menos o século XII, os pelourinhos eram instalados no centro das vilas ou das cidades e simbolizavam a sua “justiça”. O de Curitiba foi levantado em 4 de novembro de 1668, por Gabriel de Lara, então capitão mor e procurador do marquês de Cascais, senhor das Terras da Capitania de Paranaguá. Sua instalação era uma das condições impostas pela coroa portuguesa para a elevação do povoado à condição de vila.

Foi instalado onde hoje é a Praça José Borges de Macedo, que na época era parte do Largo da Matriz (atualmente Praça Tiradentes), e elevou o povoado de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais a condição de vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, que viria a se transformar na cidade de Curitiba.

No Brasil, diferente de Portugal, o local era designado para aplicação do castigo aos condenados pela justiça, onde eram amarrados e chicoteados. Era um instrumento de punição legal utilizado pelos portugueses em todas as cidades da época colonial, além de símbolo de opressão do governo português.

Embora não existam dados concretos sobre quantos escravos foram castigados no Pelourinho, de acordo com a professora e historiadora Amanda Cieslak, o que se sabe é que não servia para punir criminosos em geral. “Como o Brasil constituía-se como uma sociedade escravocrata e de privilégios, o pelourinho serviu notadamente para castigar escravos”, conta a historiadora.

Deixou definitivamente de existir em 1822, após a Independência do Brasil, foi derrubado por representar um símbolo do governo e do domínio português. Em 1994 foi erguida nesse mesmo lugar as Arcadas do Pelourinho. O local possui banca de revista, lojas, cafeteria e floricultura. Em 1996, a praça ganhou a Fonte Maria Lata D’Água, com escultura do paranaense Erbo Stenzel.

10 Água para o morro

Por Pamella Garcia

Em meados de 1944 o artista curitibano, descendente de alemães e austríacos, Erbo Stenzel, frequentava a Academia Nacional de Belas Arte no Rio de Janeiro. Em um de seus trabalhos, Erbo precisou apresentar um trabalho sobre escultura, e foi assim que teve a ideia da criação de uma das obras mais importantes de sua carreira, “Água pro morro”, também conhecida como “Maria lata d’água”.

A bela escultura atrás das Arcadas do Pelourinho, em Curitiba, não foi apenas uma criação, ela tem nome, Anita Cardoso Neves. A modelo de umas das obras mais importante de Curitiba, no entanto, segundo conta-se não conseguiu viver com seu grande amor.

A criação da obra veio do afeto pela trajetória de vida dos negros e negras no Brasil. A proposta era produzir uma representação da caminhada de uma afro-brasileira em seu dia-a-dia.

A obra traz fortes traços de sensualidade, sem expor o corpo da mulher, que apenas se insinua sob as roupas que parecem molhadas. “Maria lata d’água” mostra-se caminhando com um balde de água, um dos afazeres quotidianos da época.

Escultura de Erbo Stenzel foi fundida em bronze pelo município em 1995, sendo considerada umas das obras mais importantes da cidade.

11

Praça 19 de Dezembro

Por Carlos Lader

Em 1953 o Paraná inaugurou a Praça 19 de Dezembro para celebrar o centenário de emancipação política do estado, que até 1853 foi parte da província de São Paulo.

A história, porém, começa um pouco antes da celebração. Erbo Stenzel, artista plástico e escultor paranaense, estava no Rio de Janeiro estudando na Escola Nacional de Belas Artes, quando conheceu uma modelo chamada Anita, moça negra da periferia carioca. Esse fato influenciaria todo seu trabalho futuro, inclusive a Praça 19 de Dezembro, a qual Stenzel foi responsável por arquitetar.

Na praça 19 foi instalada a escultura de um homem nu, em granito, com 18 metros de altura e traços negros. Segundo Megg Oliveira, professora e doutora em educação na UFPR, a estátua simboliza o Paraná dando um passo em direção ao futuro. No projeto também há um painel de duas faces, em que se conta a história do Paraná.

Mas há um detalhe muito interessante na obra de Stenzel: ele tende a representar os negros de forma a engrandecê-los, colocá-los em evidência. No painel da praça percebe-se que os negros são representados em uma situação de poder, de vantagem. “No painel atrás, quem exerce o papel de classe trabalhadora são os homens brancos, em uma clara homenagem aos imigrantes”, diz a pesquisadora. No entanto, as contribuições negras para o desenvolvimento da nossa sociedade também estão evidentes, na figura dos faiscadores, dos tropeiros, bem como do primeiro presidente da Província do Paraná, o mulato baiano Conselheiro Zacarias de Goes e Vasconcelos.

Muito se questionou sobre a escultura. Alguns apontavam a nudez como afronta à moral e aos bons costumes, segundo diziam os textos da época. Preocupavam-se com a proximidade do Colégio Estadual do Paraná. “É uma nudez quase angelical, porque não existe um traço sequer nessa escultura que acene para uma linguagem erótica”, explica Megg.

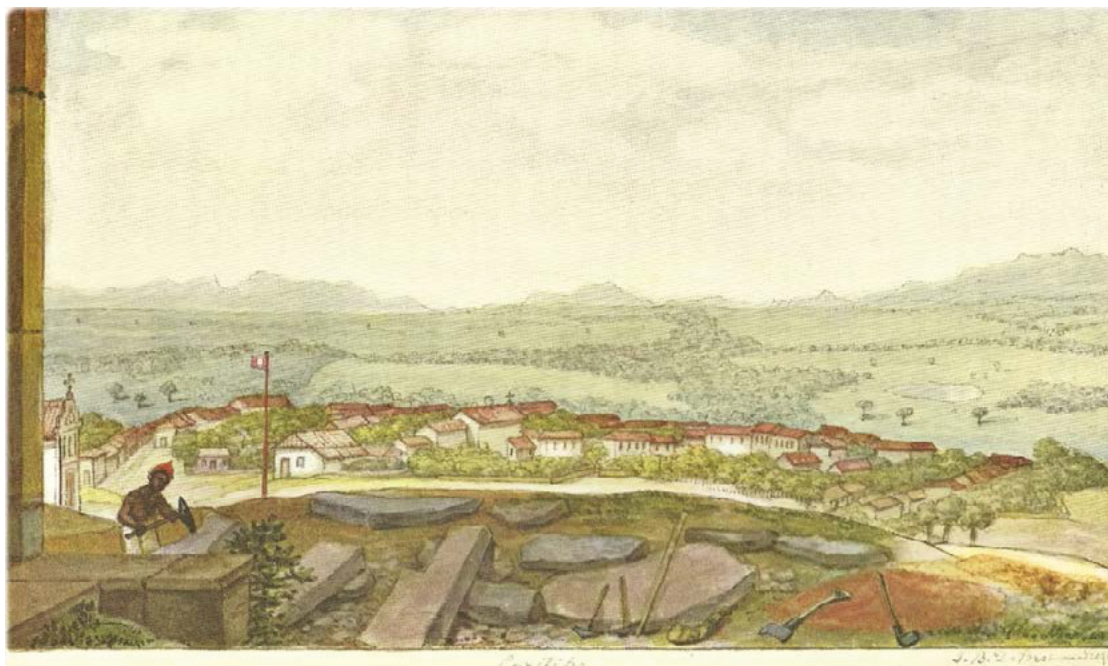
Mas o que mais chamou a atenção foi as pessoas questionarem se a escultura realmente representava o povo paranaense. “Em 1986, na revista Veja, sai uma reportagem, retomando a discussão em torno da escultura e, de novo, questiona se ‘ela representa o povo paranaense’, justificando que a população paranaense seria composta hegemonicamente por pessoas brancas. É um processo de silenciamento da população negra, que o Erbo Stenzel rompe de forma muito violenta”, conclui Megg.

FONTE: Linha Preta (2025).

APÊNDICE 15 — IMAGENS DO ROTEIRO EPH

1

Debret (1827)



“Aquarela de Jean-Baptiste Debret, de 1827, primeira imagem conhecida a retratar a cidade de Curitiba. Como protagonista, um jovem trabalhador negro, exercendo seu ofício, provavelmente na construção da capela de São Francisco de Paula, concluída em 1811. Coleção particular.” (Baracho, 2020, p. 4).

João Pedro, O Mulato, um jovem artista curitibano e primeiro caricaturista brasileiro



Aquarelas, possivelmente das primeiras décadas do século XIX, atribuídas ao pintor e caricaturista curitibano João Pedro, O Mulato (Baracho, 2020).

“Os dados biográficos sobre o pintor e caricaturista João Pedro, o Mulato, são imprecisos. De condição humilde, sabe-se que era natural de Curitiba. Embora suas obras sejam das primeiras décadas do século 19, somente foram descobertas cem anos mais tarde, em Lisboa, no acervo do Visconde de Viéiros.” (Baracho, 2020, p. 19).

2

Sociedade Protetora dos Operários, fundada em 1883 – Curitiba (PR)



Conjunto de quatro imagens relativas a manifestações, sede, membros e fundadores da Sociedade Protetora dos Operários.

1- “Trabalhadores na atual Praça João Cândido, em frente à Sociedade Beneficente Protetora dos Operários, durante a greve de 1917. Coleção Júlia Wanderley. Acervo: DPC/FCC.” (Baracho, 2020, p. 19).

2- “A imagem foi publicada no Jornal do Estado em 29/01/1992, sem informação da data em que foi feita. Vicente Moreira de Freitas é o homem que está com a face circulada. Acervo: Biblioteca Pública do Paraná, Seção Paranaense.” (Baracho, 2020, p. 182).

3- “Imagem que reporta aos primeiros tempos da Sociedade Protetora dos Operários, no Alto do São Francisco. s.d. Acervo: DPC/FCC.” (Baracho, 2020, p. 45).

4- “Retrato de Benedito Marques dos Santos, possivelmente do final do século 19, publicado em Curitiba no Jornal do Estado de 29 de janeiro de 1992. Foto: Jerson Rodarte. Acervo: Biblioteca Pública do Paraná.” (Baracho, 2020, p. 45).

3

Rimon Guimarães – perfil do Instagram: @rimonguimaraes



Rimon Guimarães, é um artista curitibano, autodidata e multidisciplinar, que “trabalha com murais de larga escala, pinturas, desenhos, composições e peças de áudio, dentre outros”. Seu trabalho dialoga com “referências urbanas contemporâneas a elementos da visualidade africana, como padrões geométricos, cores contrastantes e figuração negra” (Baracho, 2020, p. 77).

4 Sociedade 13 de Maio (1888) – Curitiba (PR)



Conjunto de três imagens relativas a sede, diploma e fundadores da Sociedade 13 de Maio.

1- Sede da Sociedade 13 de Maio, localizada na rua Des. Clotário Portugal, 274, Curitiba.

2- “Diploma de sócia benemerita conferido a Nadir Santos da Costa, viúva de Demétrio da Costa, que presidiu a Sociedade por anos. Maio de 1972. Foto: Jerson Rodarte. Acervo: Sociedade Operária Beneficente Treze de Maio.” (Baracho, 2020, p. 51)

3- “Vicente Moreira de Freitas em retrato do início do século 20. Foto reproduzida por Clarissa Grassi. Acervo: Clarissa Grassi.” (Baracho, 2020, p. 49).

5 Apartamento de Enedina Alves Marques – Curitiba (PR)



FONTE: Google Street View (2025), Alameda Augusto Stelfeld com Desembargador Ermelino de Leão, Curitiba (PR).

Imagem da última residência de Enedina Alves Marques, que, além de ser a primeira engenheira negra do país, foi também a primeira mulher diplomada em Engenharia Civil na região Sul do Brasil (Pitz; Wachowicz, 2024).

6

Enedina Alves Marques, pré-engenharia no Ginásio Paranaense – Curitiba (PR)



FONTE: Paraná (2025).

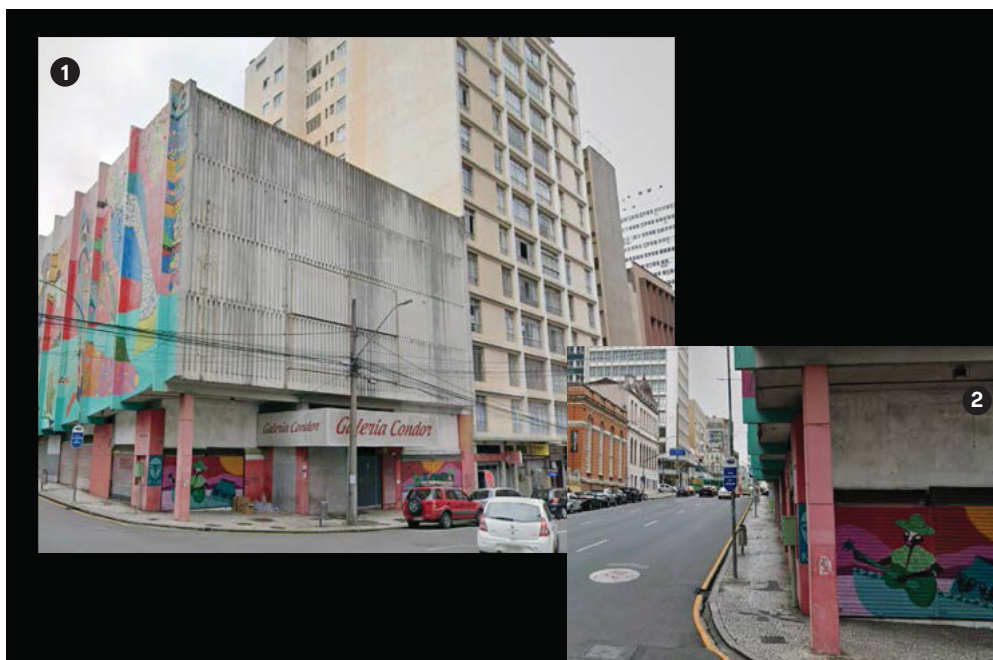
Conjunto de duas imagens relativas ao antigo Ginásio Paranaense, local onde Enedina Alves Marques fez o curso de pré-engenharia. Atualmente, abriga a Secretaria de Estado da Cultura do Estado do Paraná.

1- Fachada do edifício sede da Secretaria de Estado da Cultura, em Curitiba (PR).

2- Ginásio Paranaense e Escola Normal (Ginásio..., 2025).

7

Rimon Guimarães, Galeria Condor – Curitiba (PR)



FONTE: Google Street View (2025).

Grafite do artista curitibano Rimon Guimarães na porta de metal de uma loja da Galeria Condor, no cruzamento das ruas Cruz Machado e Ébano Pereira, Curitiba (PR).

8

Praça Zacarias, Chafariz do Largo do Mercado, projetado por Antônio Rebouças, inaugurado em 1871 – Curitiba (PR)



Conjunto de duas imagens relativas à Praça Zacarias.

1- SISMMAC (2025b).

2- “Chafariz da Praça Zacarias, projetado pelo engenheiro Antônio Rebouças e inaugurado em 8 de setembro de 1871. Em barricas, os aguadeiros armazenavam água para comercializá-la pelas ruas da cidade. Foto de 1905. Acervo: Secretaria Municipal do Meio Ambiente.” (Baracho, 2020, p. 23).

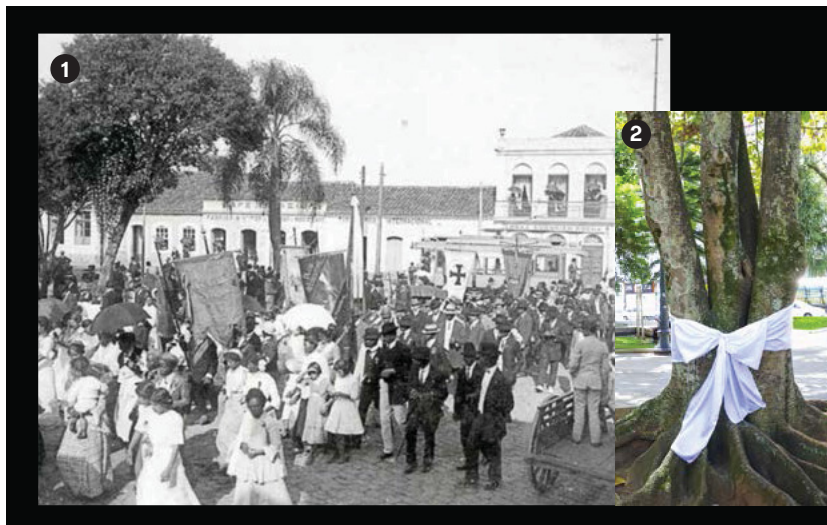
9

Enedina Alves Marques, Avenida Luiz Xavier – Curitiba (PR)



“Enedina formou-se engenheira civil em 1945, em cerimônia realizada no Palácio Avenida, quando, em meio aos 33 formandos de um curso hegemonicamente masculino e branco, uma mulher negra e pobre se destacava. Por seu profissionalismo, ocupou cargos de destaque na Secretaria de Obras Públicas do Estado. Faleceu em 1981.” (Baracho, 2020, p. 54).

12

Praça Tiradentes (1913) – Curitiba (PR)

1- “Sociedades curitibanas com seus estandartes, reunidas na Praça Tiradentes em 21 de abril de 1913, para participarem da inauguração da Avenida João Gualberto. O primeiro dos cinco homens que aparecem à frente, à esquerda, é Vicente Moreira de Freitas, um dos fundadores da Sociedade Treze de Maio. Coleção Júlia Wanderley. Acervo: DPC / FCC.” (Baracho, 2020, p. 10).

2- “Sagradas, gameleiras da Praça Tiradentes agora são patrimônio imaterial de Curitiba.” (Sagradas..., 2024).

13

Bebedouro do Largo da Ordem – Curitiba (PR)

1- Bebedouro do Largo com a Igreja da Ordem ao fundo (Bebedouro..., 2025).

2- FONTE: Ortolan (2020).

14

Rimon Guimarães, Casa Hoffmann – Curitiba (PR)

A Casa Hoffmann é um espaço dedicado ao estudo da dança, do teatro e de outras manifestações artísticas, localizado no bairro São Francisco, em Curitiba (PR) (Casa Hoffmann, 2025).

15

Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito, séc. XVII até 1930 – Curitiba (PR)

1- “Antiga Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito, no início do século 20. Demolida em 1931, sua reedificação contou com recursos angariados pelo Monsenhor Celso Itiberê, preocupado com o precário estado de conservação do templo nos anos de 1920. Acervo: DPC/FCC.” (Baracho, 2020, p. 28).

2- FONTE: SISMMAC (2025b).

APÊNDICE 16 — Saravá São Benedito

Curitiba, 11 de maio de 2024.

No espaço amplo do pátio ripado, entre as ruínas e o belvedere, cerca de vinte pessoas desenham a forma circular que inicia o percurso. Professoras, curiosos, estudantes, acompanhantes, um ou outro turista, na maioria mulheres.

— Vamos chegando. A roda já vai começar.

Kandiero, homem alto, preto, barba e cabelo grisalhos e dreadlocks que quase ultrapassam a altura da túnica com motivos afro, coordena mãos e pés pra encontrar o ritmo do jongo. Os corpos desengonçados tentam emular o movimento em busca dos sons que guiam o canto.

*Eu sou filho de Angola Angola que me criou
sou filho de Moçambique eu sou negro sim senhor
Lelele lelelelele lelelelelelele Lelele lelelelele lelelelelelele
eu sou negro sim senhor*

Coordenar mãos, pés e boca se mostra uma tarefa complexa. O riso solto pela falta de ritmo completa a iniciação de corpos ainda resistentes aos movimentos da oralidade. Kandiero prepara outro momento de descompasso. Dessa vez, o som do pandeiro é quem guia.

*a e i o u PAM
PAM PAM
u o i e a PAM
PAM PAM
a e i o u PAM
PAM PAM
Vem comigo vem jogar*

A repetição trava língua, corpo e pensamento. Na mudança de sentido das letras, o estranhamento. Uma estrutura tão familiar. A E I O U. Próxima e confortável, linear e sem desvios. Leva um tempo pra encaixar as letras nos intervalos das batidas da palma da mão. U O I E A. Movimentos da palavra no ritmo da capoeira e o som de um berimbau invisível ao fundo. Versando, Kandiero fala dessa troca de posição.

Um passo pro lado, e a paisagem é outra.

Ali, no espaço entre a ruína de um projeto natimorto e o restauro da construção *art nouveau*, Kandiero dá o comando para uma busca: Debret, primeira imagem de Curitiba. Entre uma olhada no celular e outra na paisagem atual da cidade, surge a descoberta de uma das primeiras representações da cidade. Especular o presente no passado.

A imagem apresenta a figura de um homem preto, com um barrete vermelho na cabeça e ferramentas de construção (talvez cortando pedras) em primeiro plano, no espaço urbano da ainda Vila de Curitiba. Seria aquele ponto vermelho o vestígio de sua condição de homem livre?

Melissa, mulher branca, de estatura mediana, cabelos grisalhos um pouco acima dos ombros e um chapéu na cabeça, qualifica a presença negra a partir dos saberes, da tecnologia de construção que pessoas escravizadas trouxeram de África. No jogral articulado entre Melissa e Kandiero, o tema central do percurso: a presença negra no espaço entre Alto e Baixo São Francisco. Curiosos margeiam o grupo parado no pátio do Belvedere e, após um tempo de observação, seguem seus caminhos.

O homem preto na paisagem da aquarela de Debret, tão próximo. O verde esmaecido da vegetação ao fundo. Um esboço de cidade entre dois planos. Livre, ferreiro, escravizado, pedreiro, liberto, vadio, engenheiro, invisível. Preto. Cor—adjetivo repleta de representações. Kandiero fala de uma lente que destaca somente um pedaço da história.

— Enquanto os leões não contarem a sua história, prevalecerá a versão dos caçadores.

Em 1888, apenas 8% da população negra e 24% de pessoas pretas e pardas eram escravizadas. Capital com o maior número de pessoas negras do Sul do país. A história da presença negra começa antes da presença dos imigrantes europeus. Os guias apresentam estatísticas como ferramenta para limpar o cristalino do imaginário coletivo. Movimento Paranista, eugenia, Romário e Wilson Martins. Projeto de embranquecimento do país com raízes profundas no estado. Um desconforto diferente daquele provocado pela falta de cadência deixa todos em silêncio. As palavras têm ritmo e ressoam mesmo sem a cadência das palmas e do pandeiro.

— Preparados?

Pequenas células se formam, e a massa de pessoas se desloca. A grama da praça dá um descanso para os pés antes da descida em direção ao Largo da Ordem. O murmurinho dos comentários sobre o Movimento Paranista, somado à ausência de histórias sobre a presença de pessoas negras na escola, mistura-se ao som dos carros e preenche a atmosfera do início do percurso. O caminho das ruínas até o segundo ponto é curto, e o sol do outono começa a ficar mais forte. A trama de quadrados de pedra da calçada cede espaço para o *petit-pavé*. Outra forma de acomodar os pés no chão. No caminho entre as ruínas e a igreja, a fonte da memória, vulgo Fonte do Cavalo Babão. Uma pequena pausa para falar de apelidos pejorativos dos monumentos da cidade.

Da fonte da memória, vê-se as diferentes formas e cores da arquitetura ao

redor da Igreja do Rosário. Na igreja, o azul-claro da fachada acomoda o azul—colonial dos azulejos que emolduram a porta. No painel logo acima da porta, uma representação de Nossa Senhora do Rosário observa a cena cotidiana da ainda Vila de Curitiba com seus carros de boi e pinheiros. Melissa fala da cena e da possibilidade da tecnologia dos carros de boi serem herança do conhecimento dos escravizados.

Kandiero sobe as escadas da construção da igreja e as usa como um pequeno palco, enquanto Melissa se posiciona alguns degraus abaixo. Na performance, o ritmo das palmas e do canto ganham a interferência dos sons do movimento de pessoas, carros e entregadores com seus carrinhos de bebida. Alguns diminuem o passo na tentativa de entender do que se trata. Outros mantêm o ritmo acelerado de quem tem um lugar pra chegar.

O grupo coeso se situa em frente a escadaria, atento ao jogo de palavras dos guias e às formas arquitetônicas da Igreja do Rosário ou Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito.

Nossa Senhora do Rosário
Saravá São Benedito

Os azulejos preenchem a imagem de fundo enquanto Kandiero conta das irmandades de pretos que construíram e mantiveram a igreja como espaço de socialização da população negra em Curitiba. Ele conta sobre as muitas utilizações que as irmandades fizeram da igreja. Foi espaço de acolhida, de socialização, de religiosidade, de festa (as congadas saíam daqui) e de descanso daqueles que se foram. Durante um período, foi um cemitério para as pessoas pretas das irmandades. Construída com o dinheiro e as mãos de pessoas pretas, foi demolida em 1930 e doada pela prefeitura aos jesuítas. Apagamento é projeto, e a memória está na presença do corpo. Corpo que é morada do sagrado e que no 20 de novembro dança, canta e banha com ervas e água de cheiro as escadarias do Rosário. Religiosidade, cuidado e tecnologia se misturam.

Voltamos a caminhar. Agora nosso pequeno grupo encontra mais resistência ao andar com o fluxo maior de pessoas que circulam pelo Largo da Ordem. A cada movimento de expansão e retração, os pequenos núcleos da caminhada se modificam e trocam informações sobre a cidade. As mudanças no piso traçam o caminho. A descida instável nos paralelepípedos da ladeira do largo em direção ao Memorial de Curitiba. Nos bares, os frequentadores observam o vai e vem dos turistas. A estrutura metálica do memorial, coberta por vidros transparentes, contrasta com a arquitetura dos sobrados coloridos. Na entrada, o monólito, que guarda uma cápsula do tempo, serve de plataforma para a explanação de Kandiero.

Um grito engasgado ecoou
E a Curitiba afro se libertou

Mesmo com o apagamento
A história do negro
Hoje se revelou

Curitiba é negra
Afro Curitiba
Hoje na Avenida vou louvar meus ancestrais

Busco invocar nossa história
Reavivar nossa memória
Na vida e no carnaval

De Zacarias a Rebouças
Se iniciam caminhos e novos trilhos
Que construíram nossa capital

Vou falar de Enedina
Mulher negra na engenharia
Com seu toque magistral

Também não me esqueço dos tropeiros
Os trabalhadores eram negros
E viviam na capital

Paraná é o estado mais negro do sul
Seu símbolo é a gralha azul
Com uma cabeça singular

Passado presente na memória
Suas marcas são histórias
Deste povo milenar

Os reflexos na parede de vidro e a pequena árvore na entrada lateral criam uma textura entre o fora e o dentro da edificação. O vão estreito da porta condiciona a entrada do grupo a uma linha. O espaço interno do memorial é preenchido pela luminosidade intensa do sol e pela projeção das sombras da estrutura de metal no corpo da construção. O vermelho-queimado da parede serve de fundo para uma imensa colagem de imagens do painel do artista curitibano Sérgio Ferro. A tensão nas palavras de Melissa e Kandiero, ao falar da representação do descobrimento do Brasil, se espalha pelo grupo. Caravelas, indígenas, pelourinho, negros acorrentados, o sambista que equilibra a “mulata” nua em uma das mãos. Para a pessoa preta, correntes, hipersexualização ou malandragem. Para o europeu, a descoberta,

o desbravamento do espaço. Para o indígena, a romantização. O incômodo vem da imagem ou da fala? As palavras tensionam o silêncio.

Na rua, o grupo se reorganiza e desce até o bebedouro do largo, são poucos passos até a pequena estrutura de pedra que sustenta um fio d'água. Uma parada breve para as histórias sobre a região do entorno do Baixo São Francisco. Maria Águeda, negra liberta que ousou dizer NÃO e foi amarrada ao tronco como castigo. A “Rosa Parks dos Pinheirais” nomeia a estante de livros com temática afro na Biblioteca Pública do Paraná.

O grupo caminha para a galeria subterrânea do TUC. Guardar a paisagem antes da travessia para o outro lado da rua. Poemas, grafites, estação tubo, Poty, edifícios, cheiro de urina amanhecida. Do outro lado, o reencontro com o *petit-pavé*. O som do pandeiro volta a guiar a pequena massa caminhante. O comércio popular é movimentado nesse trecho entre a galeria e a praça. Desvios e dispersão no grupo. Kandiero para pra conversar com um morador de rua, circula com fluidez nesse pedaço da cidade. Melissa conduz o grupo contornando a construção até a entrada da catedral. Enquanto esperam, os caminhantes avistam o espaço em frente à catedral, seus vazios, o canteiro de flores com uma estátua no centro.

O vai e vem no tubo de ônibus. O pinheiro na praça. O som do sino e da confusão de pessoas que atravessa o grupo pra entrar na igreja. Vulneráveis e seu caminhar—deriva. Os bancos e os velhos. A massa sonora em movimento de carros, alto-falantes, gritos.

Kandiero volta e o grupo dá alguns passos no interior da catedral. Na lateral direita, João Paulo II acena. Na placa inaugural, uma rachadura. Lembrete da fúria de mestre Vicente de Freitas, conhecido construtor negro esquecido no registro comemorativo. O silêncio da nau da basílica se dilui no caminho até a Praça Tiradentes.

A luminosidade do verde é caminho até o Irôko, árvore—tempo. Ao lado, a transparência do vidro guarda os vestígios da infância da cidade. Kandiero fala do cortejo de irmandades do presente que saem da lavagem da Igreja do Rosário e caminham com seus cânticos e música até as gameleira sagradas enfeitadas com o Ojá. No canteiro ao redor de uma das árvores, uma placa.

A raiz negra em Curitiba é forte, antiga e ativa, faz parte da história e alimenta o futuro

Melissa canta a letra do afoxé que inspirou a frase da placa.

A raiz negra em Curitiba é forte, antiga e ativa, faz parte da história e traz as bênçãos de Oxalá

O apagamento do orixá nas palavras do prefeito dessa e de outras vezes. As árvores apaziguam o calor de quase meio do dia enquanto o grupo de andantes cruza a praça. A frequência irregular da batida no pandeiro e o latido enérgico do cachorro contido pelo dono. Uma gargalhada ao fundo e os olhares famintos dos bancos. No ponto, a fila de turistas para entrar no ônibus de turismo. No mercado de flores, do outro lado da praça, uma árvore abriga um bloco de pedra talhada. Kandiero e Melissa leem o texto da placa incrustada no marco de pedra.

Neste lugar, em 4 de novembro de 1668, foi levantado o Pelourinho da Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais por Gabriel de Lara, capitão-mor e procurador do Marquês de Cascais, senhor das terras da capitania de Paranaguá. Placa comemorativa, mandada fazer pela municipalidade de Curitiba. Sendo prefeito o Eng. Omar Sabbag. 4 de novembro de 1968.

Os caminhantes se posicionam ao redor de uma história de demonstrações de poder e resistência. Capoeira, fé, trabalho, encontro. Presença. Lei nº 10.639/2003. Caminhar no corredor das arcadas do pelourinho entre begônias, rosas e lírios. Uma mulher circundada pela água, entre folhagens e curvas da entrada *art nouveau* de um café.

Um encontro inesperado. Os caminhantes de outro percurso encontram o nosso, e o grupo se expande. Kandiero e Sandro dividem o megafone para falar da mulher que carrega a água. Maria. Emerenciana. Uma lata d'água para o morro. Mulher preta, escultora, sambista, amor do escultor alemão. Murmúrio da água. Os dois grupos de andantes partem em direções opostas.

O caminho para o último ponto do percurso é lento. O grupo segue pela lateral do edifício do Paço da Liberdade e encontra outra praça. A sombra do grafite abriga o sono do homem que descansa. Cercado pelo casario colorido e a figura da poeta Paulo Leminski, o barão em seu pedestal guarda o jardim. Na calçada estreita, o casal de turistas se junta ao grupo de andantes. A multiplicidade de cores, formas e tempos compõem a textura da rua. Colchões, manequins, máquinas usadas, uma cômoda, o cinema branco, o desenho do portão de ferro.

O obelisco indica a chegada. A linha se dispersa em mais uma praça. Con-juntos de *petit-pavé* confinados em quadrados desenharam o caminho até o painel de azulejos azuis. Azul de lá, azul de cá. Bateia, braço, pinheiro, cruz, cavalo, machado, o rio. A velha e uma foice. Ferramentas, tecnologia e trabalho. A imensidão da estátua do homem e da mulher nua do outro lado do painel de concreto. Domínio, texturas, extermínio, camadas, guerra. Uma fonte—piscina pra quem precisa.

— Vamos chegando. A roda já vai começar.

Kandiero organiza o espaço de fala. O morador vulnerável abre espaço na roda. — Posso falar? Agradece. Depoimentos. A turista precisa ir, almoço com o grupo de um congresso. Agradecimentos e despedidas. Seguimos famintos e dispersos nas ruas de Curitiba.

APÊNDICE 17 — Uma coleção de pitangas e grafites coloridos

Curitiba, 16 de novembro de 2024.

Do lado direito, a lateral do Museu Paranaense. Entre uma coluna e outra, o muro cinza com uma espécie de gradil de madeira verde deixa à mostra o pátio interno do museu. Além da natureza controlada de um espaço urbano, uma tenda branca. O piso da calçada tem um sistema de cores parecido com o das pilastras, pedras em diferentes tons de cinza e um rejunte branco. É um trecho pequeno até a esquina.

A linha que divide o final da construção também marca a passagem para outro piso, dessa vez mais liso, sem as diferenças de altura das pedras que rodeiam a lateral do museu na Ermelino de Leão. A sombra de uma árvore protege do sol ainda sem potência plena. Do outro lado da rua, alguns dos participantes dessa jornada pelo centro de Curitiba lagarteiam encostados no muro que circunda a Praça João Cândido. O museu, ainda fechado, exibe na entrada a sinalização das exposições do momento: Nosso Estado | Ecos e Ocos | Objeto Sujeito. As janelas com o mesmo verde do gradil do muro. Um pinheiro imenso ao lado da entrada e outro mais ao fundo. Em frente ao muro, a calçada de petit-pavé com pinheiros e pinhões, monotema curitibano. Entre nuvens e rasgos de céu, o clima agradável na manhã sonolenta de um sábado de primavera.

É um muro baixo de pedra que circunda a praça e guarda os diferentes níveis de terreno da praça. Gramado, árvores, equipamentos urbanos e a construção amarela do Belvedere. O pequeno grupo de participantes se desloca até a escada que dá acesso ao pátio que fica entre a construção *art nouveau* e as Ruínas do São Francisco. Ao subir a escada de pedra, os detalhes em branco do edifício, com suas curvas, ficam mais próximos. Em contraste, o pátio com piso de madeira ripada e seus bancos pretos de metal que simulam o padrão de ripas do chão. O segurança, com seus óculos de armação preta, pesada, avisa que o café ainda não está aberto. Ele aproveita pra elogiar as exposições do Museu Paranaense, já foi segurança por lá. O pequeno grupo do muro se expande e dispersa em pequenos grupos espalhados pelo pátio. Diferentes gêneros, etnias e idades, em sua maioria pessoas dedicadas à educação. Mochilas, óculos escuros, nos pés variados modelos de tênis compõem o uniforme oficial do caminhante.

Sandro, um homem negro, professor de História e Sociologia na rede pública de ensino, guia o percurso. Antes de iniciar a caminhada, oferece água, o pôster com informações do percurso e camisetas do Coletivo Étnico-Racial do sindicato de que faz parte. Alguns participantes já estavam com camisetas do SISMMAC. Camisetas

pretas, com logo do sindicato, a clássica representação do punho fechado com um lápis na mão e as cores do pan-africanismo.

Após as apresentações e agradecimentos às diferentes entidades que apoiam o projeto, a caminhada se inicia. O som estridente do megafone direciona o grupo, que ainda se organiza. Alguns passos à frente, as ruínas de um projeto de igreja enquadram pedaços da paisagem. As cores vibrantes do canteiro de flores que protegem as pedras da proximidade dos turistas. O vidro, embaçado pela umidade da noite anterior, protege as aberturas na parede de taipa. Uma esboço de porta ou janela emoldura um pedaço vermelho da arquibancada com a arquitetura da cidade ao fundo. Em um desvio, outro fragmento de cidade no quadro.

Um comando do megafone e todos com celulares a postos para buscar a primeira imagem de Curitiba. Aquarela de Debret. — Debret em Curitiba? Um campo aberto verde acinzentado ao fundo. Talvez ele tenha olhado desse ponto. As primeiras construções, pequenas casinhas da ainda Vila de Curitiba no segundo plano. — A serra está pra lá, então pode ser aqui. No primeiro plano, bem próximo ao observador, um homem preto, solitário, com seu chapéu vermelho, trabalha com uma picareta, possivelmente cortando uma pedra pra construção da ruína à nossa frente. Sem muito sucesso, alguns tentam posicionar a paisagem do passado no espaço urbano do presente.

Após um começo lento, o bloco de aproximadamente quarenta pessoas se desloca em direção ao outro lado da praça. O trânsito começa a ficar mais agitado e aos poucos encobre o som dos pássaros nas árvores. A grama da praça acomoda os pés com suavidade, enquanto o bloco se divide em pequenos grupos de conhecidos e caminha em direção à Rua Ermelino de Leão, divisa entre a praça e o muro amarelo de um estacionamento. Um cachorro atravessa o espaço entre as pessoas, ele também faz parte do grupo e acompanha a caminhada ao lado de sua tutora. O fluxo disperso se reúne ao redor de Sandro, que aponta para o espaço vazio contido pelo amarelo do muro. Nas palavras de Sandro, o espaço toma a forma de um lugar de acolhimento e ajuda mútua fundado por Benedito Marques, homem negro, livre e pedreiro por ofício. A Sociedade Protetora dos Operários foi um local de organização, socialização e proteção de trabalhadores desde 1883. Espaço de luta e festa.

Ao atravessar a rua, avista-se a cúpula azul da mesquita na Rua Kellers. Alguns comentários sobre a beleza dos azulejos e a dúvida sobre a possibilidade de visita para quem não é muçulmano. Sem árvores, esse é um trecho de rua árido. Esquerda na Júlia da Costa, um grafite do Rimon faz o guia exclamar — É só o primeiro.

O fluxo de carros mantém as ruas silenciosas na Clotário Portugal, e o ruído vem da calçada de pedras. Entre um prédio e outro desbotado, uma casa azul com

janela amarela e detalhes em vermelho, verde-água e alaranjado. A ausência de movimento de carros faz com que o grupo ocupe a calçada e a rua. A cada árvore, uma parada para catar os pequenos frutos das pitangueiras. O trompetista no muro entre pixos e desenhos geométricos coloridos. Ao lado, a casa com a parede amarela, desbotada, é o próximo ponto de parada.

Sandro empunha o megafone e começa a falar da Sociedade Treze de Maio. O associativismo negro produziu espaços que, além de dar assistência e apoio à população preta e trabalhadora, também foram espaço de cultura e celebração. Enquanto fala, o portão de ferro da entrada se abre, e um homem negro com chapéu branco sai. É o presidente da Treze, seu Álvaro. Por um tempo, ele conta sobre o momento atual do espaço e deixa o convite para uma festa. Em uma das janelas do andar superior, um menino observa aquele amontoado de gente que se espreme na calçada pra deixar passar um carro. Seu Álvaro entra, e o grupo segue em direção à Rua Augusto Stelfeld. Uma coleção de pitangas e grafites coloridos. O barulho do trânsito mais intenso se intensifica no caminho.

A massa caminhanha toma forma alongada no espaço na calçada. Uma quadra com prédios baixos, no máximo quatro andares. Na entrada de um deles, dois homens pretos que, entre sair e entrar, se cumprimentam em outro idioma. Na esquina da Augusto Stelfeld com a Ermelino de Leão, outra parada. Enedina. Enquanto os caminhanha se aglomeram na esquina, Sandro começa a falar de Enedina Alves Marques, a primeira engenheira negra do país. Mas, antes de engenheira, professora. E personagem principal do projeto audiovisual de Sandro. O cinza indefinido do prédio de esquina com quatro andares foi o último lar da professora. Mulher preta, descoberta sem vida no apartamento uma semana após a sua morte.

Os transeuntes estranham o movimento do grupo descendo a Ermelino de Leão. A descida no piso irregular desestabiliza os pés. A forma alongada do grupo na descida da rua. Esquerda na Saldanha Marinho. O cheiro de urina fica mais presente. Depois de algumas fachadas coloridas e do batalhão da Polícia Militar, uma pequena praça, Santos Dumont. O pequeno núcleo rodeado de árvores, bancos de madeira e bustos esverdeados pela exposição ao tempo é espaço de passagem e de pessoas em busca de um abrigo temporário. Um deles se junta ao grupo e oscila entre prestar atenção e pedir alguma ajuda. Os caminhanha ocupam todo o centro da praça e Sandro, preocupado com a potência do megafone diante do tráfego intenso da rua, aponta o espaço entre duas tipuanas. Nele, o edifício da Secretaria da Cultura, lugar que abrigou o Ginásio Paranaense, espaço onde Enedina fez o curso de pré-engenharia que possibilitou sua entrada na universidade. Mais um pedaço da biografia da professora e engenheira Enedina. Antes de sair da praça e atravessar a

movimentada Rua Cruz Machado, avista-se mais um Rimon, dessa vez na ponta de um painel coletivo que margeia toda a lateral da Galeria Condor.

Descer a Rua Ébano Pereira em direção à Rua XV fragmenta o grupo em pequenos núcleos que tomam conta e se mesclam aos transeuntes nos dois lados da calçada. O espaço aéreo, tomado pela altura dos edifícios, condiciona o olhar a uma linha reta. Um pouco à frente, um beijo entre livros no painel da Biblioteca Pública. Ao se aproximar da esquina da Rua Cândido Lopes, o comércio movimentado do sábado fica mais presente. Atravessar a rua com a pele envolvida pelo sol e os ouvidos, pela algazarra de sons da pastelaria. O grupo se divide entre os que preferem o lado solar da rua e a sombra. O cheiro dos cafés e bares provoca comentários sobre a possibilidade de uma pausa.

Ao desembocar na Rua XV, o espaço se abre no calçadão, e o fluxo de passantes perpassa o grupo que segue rumo à Praça Zacarias. Ao lado, um café com as antigas cúpulas de fibra de vidro dos pontos de ônibus. A Zacarias é uma praça melancólica. Uma palmeira solitária, contida em um quadrado suspenso, no centro do espaço rodeado por outras árvores em seus cercadinhos de pedra que servem de banco para aqueles que esperam. Pontos de ônibus e um ponto de táxi margeiam a praça. Do alto de um dos edifícios, a gárgula, águia com duas cabeças, observa aqueles que passam e aqueles que ficam. Em frente ao chafariz, o conjunto de pessoas se reorganiza entre que preferem esperar sentados e ficar em pé ao redor do guia. No megafone, a história dos aguaceiros e do chafariz construído por um dos irmãos Rebouças, Antônio. Chafarizes eram ponto de encontro, de busca de água e de socialização da população negra. Educação e trabalho como fator de inserção social são temas recorrentes na fala de Sandro. Nos pontos de ônibus, olhares voltados para o som metálico do megafone. O desejo de caminhar até o Instituto de Educação foi frustrado pelas obras na calçada e entorno do edifício na rua Emiliano Perneta. A cidade tem seus imperativos.

Um retorno e o destino volta a ser o calçadão da XV. Ladear a construção do Palácio Avenida, entre os canteiros de flores e os preparativos para as decorações de Natal. A potência do sol faz com que todos busquem um pedacinho de sombra pra prosseguir, no movimento de turistas e moradores aproveitando o dia de sol e nos desvios de vendedores, cartunistas, religiosos, ciclistas, um cantor de karaokê.

A instalação da roda-gigante de Natal muda de lugar o banco onde a estátua de Enedina espera por uma *selfie* com seus admiradores. O verde denso da Praça Osório sinaliza o fim do calçadão. Um grupo de trabalhadores, responsável pelo deslocamento do banco, descansa na sombra da estrutura da futura atração natalina. Sandro reforça a importância da representatividade da figura de Enedina como

mulher, preta, ligada ao trabalho intelectual e que teve sua história tirada da invisibilidade nos últimos anos. Curiosos diminuem o ritmo dos passos pra ouvir melhor a fala daquele homem negro com megafone na manhã de um sábado de novembro. De costas para o verde da praça, Sandro aponta para a grande linha do calçadão e direciona o grupo no sentido do Paço da Liberdade. Menciona que, assim como a escola de samba Colorado em seu primeiro desfile, o bloco de caminhanteres deve seguir por quase toda a extensão da Rua XV. Uma avenida ampla se apresenta para a evolução do grupo, com paradas para travessias, onde as histórias são iniciadas e interrompidas, seguindo o tempo dos semáforos e da paciência dos pedestres.

Na Monsenhor Celso, repleta de comércio popular, uma mudança no desenho da calçada: o *petit-pavé* ganha um padrão de formas geométricas. No topo da rua, a torre da Catedral indica o caminho.

Na Praça Borges de Macedo, a massa disforme dos caminhanteres se desloca entre as bancas do mercado das flores e as edificações da lateral, até chegar à fonte que fica em frente ao Paço da Liberdade. Na fonte, a escultura de uma mulher negra, descalça, carregando uma lata d'água na cabeça. Emerenciana Cardoso Neves. Desde a inauguração da fonte onde foi instalada, a escultura ficou conhecida pejorativamente por *Maria Lata D'Água*. Sandro ressalta que os protestos das mulheres do movimento negro paranaense pressionaram o Poder Público local, resultando na mudança do nome do conjunto de fonte e escultura. Emerenciana, na época aluna na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, foi modelo para o escultor Erbo Stenzel produzir a estátua nomeada por ele como *Água pro Morro*. A sombra perfumada do mercado de flores acolhe o grupo que ouve atentamente o homem negro com seu megafone falar da invisibilização da mulher preta.

No estreito corredor do mercado de flores, o grupo desliza na linha imaginária que liga Emerenciana à árvore no final das Arcadas do Pelourinho. O aroma de rosas e lírios é intenso. Alguns se enroscam no desejo de novas plantas pra casa. Ao dar a volta no tronco da imponente árvore, percebe-se o monólito chanfrado com uma placa de metal incrustada na pedra, que traz os seguintes dizeres:

Neste lugar, em 4 de novembro de 1668, foi levantado o Pelourinho da Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais por Gabriel de Lara, capitão-mor e procurador do Marquês de Cascais, senhor das terras da capitania de Paranaguá. Placa comemorativa, mandada fazer pela municipalidade de Curitiba. Sendo prefeito o Eng. Omar Sabbag. 4 de novembro de 1968.

Antes de existir cidade, havia a representação de poder. Sandro apoia uma das mãos na pedra enquanto fala dos lugares de memória material e imaterial da região. Aponta para o prédio ao lado, onde existia uma escola de capoeira. A cada quinzena, berimbaus, atabaques e pandeiros fortalecem laços e marcam o ritmo da dança que toma conta da Tiradentes. Persistência da memória, que modula o som das vozes nos cânticos da roda, e do chão, que guarda aqueles sem lugar na cidade. O deslocamento do grupo em direção à Tiradentes não desenha nenhuma sombra no chão. A travessia da rua é rápida em direção ao conforto térmico do verde da praça. Entre diferentes espécies botânicas, cinco gameleiras sagradas são o foco de Sandro e seu megafone. Ele para em frente àquela com uma placa, onde pode-se ler sobre as raízes da população negra na cidade, e fala da importância desses espaços de fé para as religiões de matriz africana. Entre folhas e galhos, pedaços da Catedral escapam e se misturam à visão das gameleiras. No outro lado da praça, um grupo de adolescentes uniformizados com vestes pretas obedece aos comandos de um instrutor. Ao lado da gameleira, um imenso pinheiro rodeado por uma calçada de vidro guarda a Curitiba que foi vila. Os bancos abrigam as pequenas conversas, as marmitas dos *motoboy*s e a jogatina dos velhos.

Cercado pela sisudez dos monumentos em pedra e cobre, o grupo atravessa a praça entre os olhares desconfiados dos frequentadores cotidianos. É intenso o movimento na lateral que leva ao Largo da Ordem. Pessoas no comércio, na missa do meio-dia da Catedral, na fila de espera do ônibus no tubo. O grupo segue para a Galeria do TUC, um alívio para a intensidade do sol. No início da escadaria, uma olhada para o Poty do outro lado da Nestor de Castro. O cansaço dos caminhantes fica mais nítido nas subidas e descidas dos degraus. O chão de pedras do Largo dificulta a caminhada até o bebedouro. No entorno, os bares e suas mesinhas com guarda-sol acomodam aqueles que apenas observam o grupo que rodeia a pequena construção circular de pedra, no centro do pátio. A ausência da água frustra aqueles que, como os antigos tropeiros, gostariam de refrescar as mãos. Sandro empunha seu megafone e fala da importância dessa fonte de água e da circulação de pessoas pretas naquela região. Uma coleção de sobrados e suas cores circunda o bebedouro. Seguimos rumo ao último ponto do percurso, a Igreja do Rosário. Na subida, antes de encontrá-la, um painel do Rimon na Casa Hoffmann. A parede laranja do memorial indica o caminho. O calor provoca uma certa letargia no grupo, que desliza, lenta e dispersamente, até a igreja. Um último trecho nos paralelepípedos acinzentados e o *petit-pavé* da frente da igreja recebem o grupo. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito está aberta. Enquanto o grupo se intercala na pequena escadaria e entrada da igreja, Sandro, dessa vez, sem o megafone, encerra sua participação

enaltecendo a coletividade e o espírito de ajuda mútua das irmandades de pessoas pretas que levantaram e cuidaram da igreja em diferentes períodos da história da cidade. — Por eles e para eles. Além dos agradecimentos finais, a fala de uma pessoa que não estava no grupo de caminhantes. Um convite para uma missa Afro, realizada em suahili por padres africanos em uma igreja de Santa Felicidade, a Paróquia Santa Margarida. O estranhamento é palpável. Entre bandeiras do sindicato e o aperto para caber na última fotografia, o percurso se encerra.

APÊNDICE 18 — Pode fotografar à vontade

Curitiba, 20 de outubro de 2024.

A quietude das árvores. Nenhuma sinalização do ponto do ônibus de turismo nos arredores do Teatro Paiol, um dos pontos de seu roteiro. Na rua lateral, um ponto vazio com o mapa do percurso em um cartaz protegido pelo vidro. No site do percurso, as possibilidades de horário para o embarque.

Após uma breve espera, o verde luminoso do ônibus estaciona. Motorista, catraca, o pagamento de cinquenta reais dá direito ao cartão, com a impressão de diferentes pontos turísticos da cidade e validade de 24 horas. Porta fechada. Nenhum turista desce no teatro. A cobradora explica as regras do passeio. Aos domingos, o ônibus faz paradas a cada 15 minutos nos pontos indicados no roteiro. Alguns lugares não estão abertos. Pode fotografar à vontade.

A escada estreita leva ao andar superior com teto removível. O dia nublado pede a proteção do toldo. A ausência de vidros nesse espaço permite que “dentro e fora” se misturem. Sons, cheiros, a temperatura, tudo se intensifica. As informações da voz que sai das laterais do ônibus se fundem com conversas e ruídos da cidade e formam uma massa sonora compacta. O movimento do veículo amplifica o ar gelado do dia e faz com que o andar inferior seja mais atrativo.

O banco meio claustrofóbico dos fundos do andar de baixo é o refúgio para a jornada motorizada que se inicia. Lá fora, a ansiedade do trânsito reflete o movimento de um dia de vestibular. Poucas pedestres nas ruas. O som quase inaudível e picotado da gravação, misturado aos barulhos do motor, anuncia a próxima parada em quatro idiomas: português, inglês, espanhol e francês. Não importa o idioma, a comunicação mais clara é a da cobradora. Com a voz impostada, ela anuncia o lugar, seus atrativos e se vale ou não o desembarque.

Jardim Botânico. Para a senhora da catraca, esse vale a pena. A dificuldade para ouvir a gravação com a descrição dos lugares faz com que eu utilize o site com as informações do roteiro. Palácio de Cristal de Londres, a geometria dos jardins em estilo francês, mata nativa, museu botânico, jardim das sensações. Boa parte das pessoas desce neste que é um dos pontos turísticos mais movimentados de Curitiba.

— Aproveite pra tirar muitas fotos.

Outro grupo de pessoas espera para entrar. O movimento do ônibus e suas paisagens—passantes na janela. Nenhum comentário daqueles que entraram. Apenas a alegria das crianças ao subir as escadas para o andar superior.

No *frame* envidraçado, a textura verde modula a entrada de luz. O vazio do espaço abandonado deixa nítido os desenhos da antiga fábrica de fósforos. O

vermelho do ônibus de uma linha da região metropolitana estaciona ao lado. Vagões de trem repousam no pátio da rodoferroviária. O anúncio metálico e inaudível da gravação se mistura à imagem das rodinhas silenciosas das malas dos viajantes que aguardam a travessia da rua. A sequência de postes, grades metálicas e troncos de árvore ganha o ritmo da memória do som de um videoclipe antigo.

A senhora da catraca anuncia a próxima atração, Mercado Municipal. Neste horário, fechado para os visitantes. A cobradora avisa da possibilidade de usar o cartão pra visitar amanhã. As pilastras amarelas do viaduto sustentam o vermelho da pista. Uma curva, e estamos ao lado do restaurante popular. Fechado. Os paralelepípedos da rua tiram o foco do janelar—cinema. Corpos e máquina sincronizam seus movimentos.

Na maciez do asfalto, uma parada. Turistas animados com o almoço no Mercado Municipal. Na avenida, portas de metal descansam. A esquina azul e alaranjada indica o caminho para outro teatro, o Guaíra. Monumentos arquitetônicos modernistas habitam os intervalos da voz trepidante da locução. Nenhuma pessoa na parada do teatro. A senhora da catraca recomenda os restaurantes do entorno da praça. A praça dos ipês amarelos e da primeira universidade. Neoclássico, *art déco*, modernista. Tudo cabe na Santos Andrade.

A rua estreita muda a velocidade no enquadramento da janela. Sem conseguir entender a gravação, olho para as informações no celular. Patrimônio, arquitetura neoclássica, café. Paço da Liberdade. Nenhuma pessoa entra, nem sai. A senhora da catraca fala do centro, lugar movimentado, repleto de lojas na Rua XV. A passagem apertada da rua deixa as cores do casario mais vivas. Os muros e as paredes sustentam a conversa das tags e grafites e substituem os sons do movimento das pessoas. Estacionamentos cercam a ausência das antigas construções.

Na janela, o antigo portal do Passeio Público. Ciclistas margeiam a vegetação do primeiro zoológico. Os tubos da estação de ônibus encerram a digressão nostálgica provocada pelas memórias pessoais. Uma fenda na parede vermelha do Memorial Árabe flutua na água.

A senhora da catraca sinaliza a proximidade do shopping. Edifícios envidraçados monopolizam a paisagem. Na voz metálica, a indicação da proximidade do Centro Cívico, a próxima parada do ônibus. A locução ressalta o fato de ele ser o primeiro do país. Três Poderes. — Não perca tempo descendo no Centro Cívico, não tem nada de interessante, alerta a senhora da catraca.

A monotonia do movimento do veículo acompanha o corpo até a travessia do Portal Polonês, indicando a proximidade do Bosque do Papa. As informações trazem a relevância da imigração polonesa e a visita do papa João Paulo II à cidade.

Sobe e desce de turistas. A dificuldade para acolher a cadeirante. O silêncio do percurso é interrompido pela indignação das pessoas. Com todos em seus lugares, a máquina volta a se mover na platitude das ruas do bairro. O som do motor preenche os espaços. Entre as árvores, as rampas características dos projetos do arquiteto Oscar Niemeyer se apresentam. O entra e sai da parada quebra o ritmo sonolento do dia.

Museu Oscar Niemeyer, o MON. O olho de concreto reflete o cinza do céu nublado. A repetição do movimento na volta ao Centro Cívico. Alguns traços na arquitetura do bairro deixam indícios da próxima parada. No alto-falante, João e Maria, um mirante e a presença alemã na cidade. O gramado bem aparado e a fila de canteiros de flor levam até a entrada do Bosque Alemão. A réplica da fachada de uma casa alemã compõem o cenário para a fotografia do turista. A senhora da catraca avisa sobre as duas entradas do bosque e a fama da torta alemã do café que fica em uma das entradas. Sobe e desce de turistas. Na janela, a monotonia da paisagem se materializa em um inventário diversificado. Torres, antenas, pinheiros. Uma sequência de anúncios pintados no muro branco. Caçambas, mármore, lavanderias, calhas, pisos, Sarah sensível. As linhas-guia da escrita manual. O pequeno movimento da rua principal. A mata densa domina os dois lados da pista. O sobe e desce do olhar nas diferentes estilos das construções. Na voz metálica, o anúncio do Bosque Zaninelli, antiga Universidade Livre do Meio Ambiente. O ônibus passa pelo ponto vazio. A grama bem cuidada ao redor da guarita de segurança e o peso dos grandes sobrados e condomínios de casas contrastam com a fragilidade de uma casinha de madeira. O movimento da paisagem se mistura às digressões da mente cansada.

Caminhantes na ciclovia. Os prevenidos com guarda-chuva. A vegetação se contrai e expande na lateral da via. Ônibus, carros, bicicletas dão outro ritmo pra imagem emoldurada. A farmácia traz a lembrança do último show na Pedreira. Próxima parada, Parque São Lourenço. O corpo cansado da ausência de movimento dos pés pede uma pausa para o café. A senhora da catraca olha com desconfiança para a sinalização da parada.

Na descida do ônibus, o alívio para o corpo e para os olhos sobrecarregados das imagens em movimento. No caminho até o café, o encontro com o Memorial Paranista. Pinhões no *petit-pavé* e pinheiro na caixa de ferro e vidro que dá acesso ao espaço. A escultura de João Turin cercada pela grama. O Liceu de Artes ao lado, abrigo das oficinas de criatividade. A travessia da rua leva até o café na casa com lambrequins no beiral. Descanso para os olhos e movimento para as pernas.

No ponto, os diferentes níveis de muro, vegetação rasteira e grama do colégio que ocupa uma quadra inteira. Duas pessoas se juntam à espera do ônibus. Será

que vão de ônibus normal ou turismo? Novo embarque, nova senhora da catraca. O banco-refúgio tem novos moradores. Os movimentos do ônibus imprimem outros movimentos no corpo que vai em pé. Toda a atenção vai para as mãos no metal das barras. O olhar se movimenta nessa dança. A voz na gravação é mais nítida neste veículo.

Próxima parada, Pedreira Paulo Leminski e Ópera de Arame. Metal, vidro, shows, pedra brita, lago. O silêncio da nova senhora da catraca. Subidas e descidas. O banco—refúgio fica livre. Volto à observação das diferentes escalas de vegetação e arquitetura. No caminho, casinhas de madeira cedem espaço para os sobrados geminados. A densidade da mata deixa o dia ainda mais fechado.

Parque Tanguá, mais uma pedreira que vira parque. Na entrada, uma placa com imagens sinaliza o local. Na rotatória, um canteiro de flores rodeia o poste de iluminação com a forma que faz menção ao passado da cidade. Uma agitação toma conta da escada que liga o andar de cima à saída do ônibus. A fila de palmeiras alinhada ao amarelo das pilastras de concreto de mais um portal. No ponto, o sobe—desce—sobe preenche o espaço com a algazarra das crianças. O entardecer acirra a disputa pelos bancos no andar de baixo. Por um instante, o ônibus perde o status de turismo.

Uma curva ao redor da igreja. A sequência de condomínios fechados e a vegetação fechada do caminho são os elementos que formam um dos desenhos dessa paisagem em movimento. A linha fina da calçada cerca a vegetação. Uma brecha no adensamento da vegetação, e a paisagem se abre. No horizonte, pequenas ilhas de concreto cercadas pelo verde. O cinza do céu preenche o espaço da moldura. As curvas do espaço entre parques movimentam o corpo no banco. O cerco da vegetação ganha respiradouros nos eucaliptos que protegem o campo aberto de uma construção antiga. Os quatro idiomas da gravação sinalizam a chegada.

Parque Tingui. A sonoridade do nome. A senhora da catraca avisa sobre os dois pontos de desembarque. Nenhum embarque—desembarque. O conforto do enquadramento da janela dá lugar ao movimento do pescoço. Após o estacionamento, um lago. A grama impecável, atravessada pelas vias de pedestres e ciclistas. Um canteiro de flores e outro lago. A rua sem calçadas separa a paisagem verde das janelas suspensas dos casarões. Segunda parada no parque, Memorial Ucrâniano. No alto-falante, a tradição em uma réplica da Igreja Ortodoxa. Mais um portal, dessa vez de madeira.

A travessia do rio. Condomínios se encastelam em muros altos fantasiados de trepadeira e varandas envidraçadas. O privilégio da paisagem—parque. O muro da fábrica de papel indica a mudança da paisagem. No terreno vazio, o ponto de ônibus

abriga um banco improvisado. A altura das casas diminui. Na curva, a rua se duplica e anuncia a próxima parada.

Portal Italiano. No alto-falante, os detalhes da arquitetura estilizada no concreto do portal. Entrada de Santa Felicidade. Imigrantes, comida, vinho. A igreja centenária. O fluxo de carros aumenta no centro do bairro. A sequência intercalada de móveis e restaurantes italianos. A imensa coluna do restaurante marca o ponto de parada. A troca de passageiros é intensa. Debates sobre a melhor massa e a crocância da polenta. Uma rua movimentada. Comércio, restaurantes, igreja. Na rua lateral, mais uma parada. No caminho, a praça em frente ao terminal de ônibus exibe um conjunto de colunas brancas que imita uma ruína romana. Ao seu redor, um painel com desenhos das construções encontradas no percurso do turismo no bairro. A monotonia do domingo preenche o espaço do ônibus.

A extensa travessia pela densidade da vegetação leva à próxima parada, o Parque Barigui. A chamada sonora tira os olhos da letargia da janela. A luminosidade do dia cinza na paisagem aberta do parque mais frequentado pelos curitibanos. Caminhantes, crianças, ciclistas, patinadores, cachorros. O movimento anima os passageiros. Muito mais descidas que subidas no ônibus. A partir desse ponto do trajeto, a vegetação fica cada vez mais escassa.

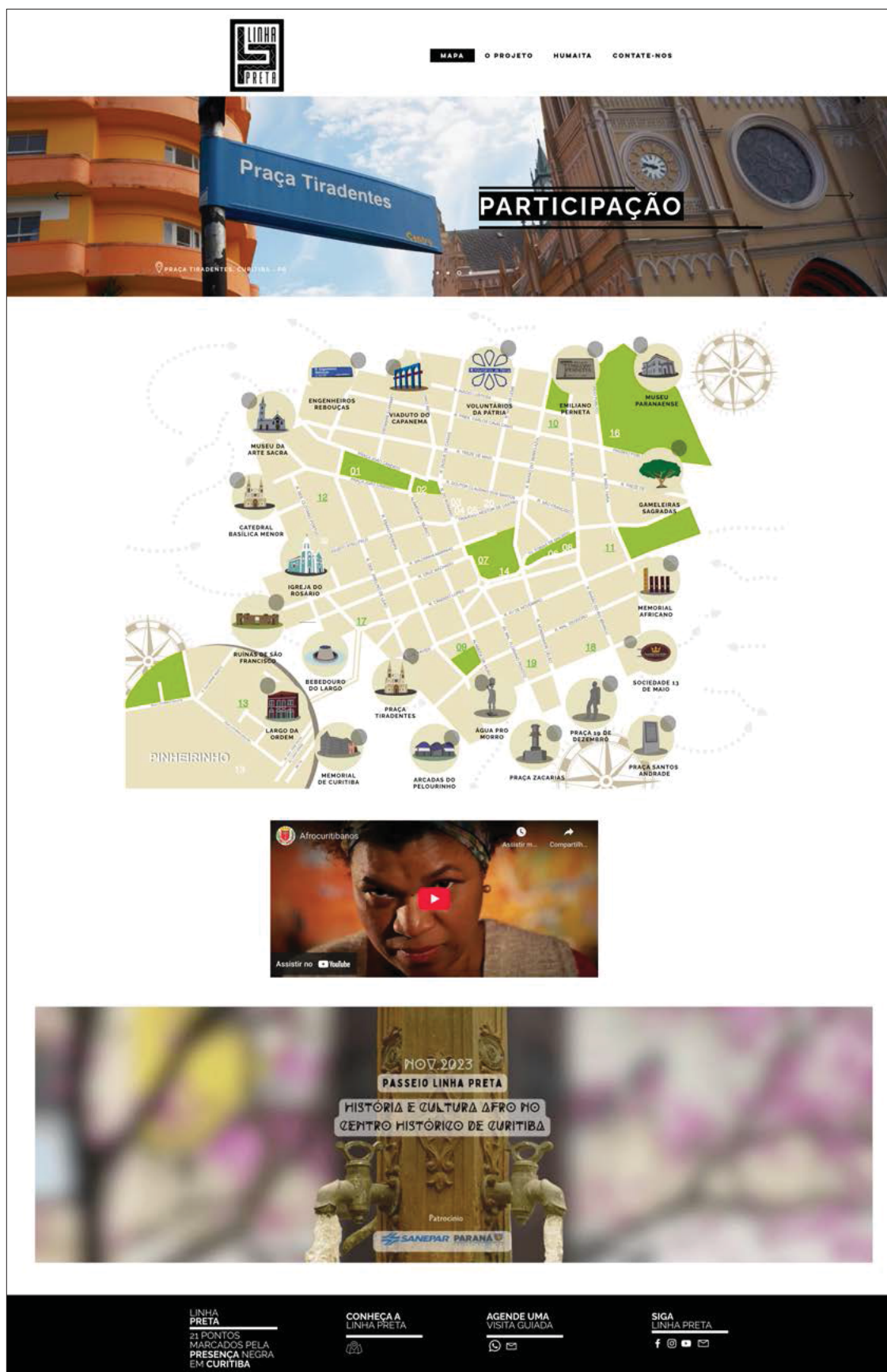
Próxima parada, Torre Panorâmica. Mirante 360º para a cidade. Uma promessa de Serra do Mar. Painel do Poty. Mais subidas que descidas. Um corredor de árvores emoldura a rua. Os diferentes estilos de concreto começam a ganhar altura. Na avenida, o céu se torna mais presente. A gravação anuncia o Setor Histórico. Passado da antiga Vila Nossa Senhora da Luz. Memória de Curitiba. Casarios, igrejas, bebedouro. Memorial, Palacete, Ruínas. Aos domingos, feira de artesanato. Camadas de arquitetura do passado e grafite no metal das portas. O vazio do Operário. Paralelepípedos na rua e petit-pavé nas calçadas. A arquibancada vermelha assiste aos movimentos do tempo encapsulado nas Ruínas de São Francisco. A parada na Sociedade Garibaldi e a sonolência de um final de domingo no Largo da Ordem.

Próxima parada, Praça Tiradentes. Marco zero da cidade. A Catedral reverencia a padroeira de Curitiba. O ônibus se esvazia, contorna a praça e passa na lateral da basílica. Na curva, o casario colonial se encontra com a altura do concreto e vidro dos edifícios. Uma sequência de painéis coloridos nas empenas de um lado e o abandono do casario do outro lado da rua. Na trajetória circular do ônibus, o retorno à Praça Tiradentes. Desvio necessário para encontrar a próxima parada, Rua das Flores. No caminho, o cheiro dos livros nas estantes da biblioteca.

Rua XV, o primeiro calçadão do Brasil. As portas fechadas do comércio não inibem o movimento nesse ponto de encontro de turistas e moradores da cidade.

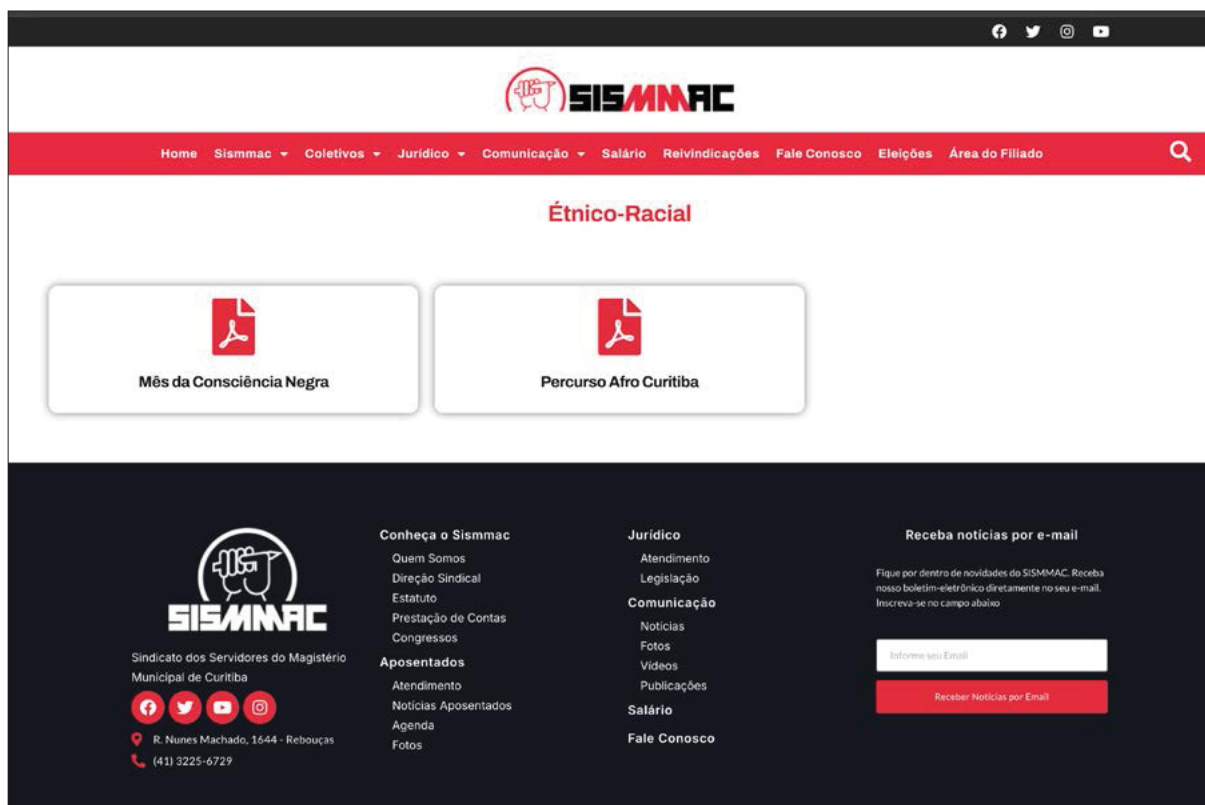
O silêncio do palco das apresentações de Natal de Curitiba e da Boca Maldita. O verde—passagem da Praça Osório. Poucas pessoas restam no ônibus. A voz flutuante avisa sobre a última parada na Rua 24 Horas. Metal e vidro na galeria, marco da moderna arquitetura curitibana. Desembarco. No corpo, o cansaço dos olhos e o formigamento das pernas. O movimento circular do ônibus inicia outro percurso.

ANEXO 1— MAPA DO ROTEIRO LP



FONTE: Linha Preta (2025).

ANEXO 2 — COLETIVO ÉTNICO-RACIAL NO SITE DO SISMMAC



FONTE: SISMMAC (2025d).

ANEXO 3— DESCRIÇÃO E MAPA DO ROTEIRO LT NO SITE DO IMCT

CURITIBA TURISMO

Institucional Curitiba O que Fazer Onde Ficar Onde Comer Serviços Eventos Editoriais Imprensa

🔍 🇧🇷 🇺🇸 🇪🇸 🇬🇧 🇫🇷 🇮🇹 🇯🇵 🇰🇷 🇨🇳 🇦🇺 🇩🇪 🇪🇬 🇮🇸 🇲🇦 🇻🇪 🇿🇼 🇱🇺 🇸🇦 🇦🇪 🇭🇰 🇲🇴 🇲🇩 🇲🇰 🇲🇪 🇲🇦 🇲🇩 🇲🇰 🇲🇪 🇲🇦 🇲🇩 🇲🇰 🇲🇪

Tempo em Curitiba

📶 🔊 🔌 🗑️ ♿

Facebook Twitter YouTube Instagram

O que Fazer

- Atrativos Turísticos
- Inverno em Curitiba
- Cervejaria Artesanal
- Compras
- Cultura e Arte
- Curitiba na Palma da Mão
- Curta Curitiba e Região Metropolitana
- Espportes
- Feiras
- Natal de Curitiba
- Noite
- Roteiros Turísticos
- Turismo e Acessibilidade
- Primavera em Curitiba
- Verão em Curitiba
- Outono em Curitiba
- Experiências Turísticas

Linha Turismo



Uma das formas de conhecer Curitiba é embarcando em um dos ônibus double decker da Linha Turismo, linha especial que circula pelos principais pontos turísticos da cidade, entre eles, parques, museus, teatros, mirantes, espaços culturais, centro histórico, bairro gastronômico, memoriais étnicos e o recém-reformado Mercado Municipal.

Com a aquisição do cartão de embarque, no valor de **R\$ 50,00**, os embarques são ilimitados em todos os atrativos do percurso, pelo período de 24 horas. O visitante poderá desembarcar e desfrutar do local que escolher, reembarcando no próximo ônibus, disponível a cada 30 minutos. O serviço opera regularmente todos os dias, a partir das 08h30 horas até às 17h30, com saída inicial na Rua 24 Horas, no centro da cidade. No entanto o passeio pode ser iniciado em qualquer ponto; os cartões são vendidos diretamente nos ônibus.

- [Clique aqui](#) e consulte a tabela de horários completa.

- O veículo double deck tem ocupação máxima de 65 pessoas (passageiros sentados). O preço da tarifa de embarque é R\$ 50.

Observações:

- 1 - O ponto inicial fica na Rua 24 Horas (portal de entrada da Rua Visconde de Nacar);
- 2 - O horário de operação da linha é das 8h30 às 17h00, a cada 30 minutos. Em períodos de férias e feriados prolongados a frequência passa para 15 minutos. [Consulte aqui](#) a tabela de horários;
- 3 - O cartão é de uso individual e a reutilização no mesmo veículo só pode ser feito após 30 (trinta) minutos;
- 4 - Os cartões de embarque podem ser adquiridos diretamente nos ônibus, em qualquer ponto de embarque;
- 5 - As formas de pagamento do cartão de embarque da Linha Turismo são em dinheiro e com cartões de débito e crédito. As bandeiras aceitas são: ELO, MASTER e VISA;
- 6 - Crianças até 5 anos não pagam a tarifa (a partir dos 6 anos completos já pagam);
- 7 - Somente os ônibus identificados com "adesivo Biciستا" fixado na porta traseira tem possibilidade de transporte de bicicleta ou carrinho de bebê;
- 8 - Não será possível fazer o passeio completo se embarcar no último horário do ônibus. Observe o display do ônibus que indica o horário que o veículo para de operar quando chega à Rua 24 Horas.
- 9 - Não é permitido o transporte de animais de estimação na Linha Turismo, exceto cão-guia conforme Lei nº 11.126/2005.



Eventos

23 02
FÉRIA/EXPOSIÇÃO

Feira Empreendedores da Nossa Terra - Restaurante Família Madalosso

22 02
GERAL

1º Encontro Holístico Universo

[ver todos os](#)

FONTE: Linha Turismo (2025a).

ANEXO 4 – DESCRIÇÃO E MAPA DO ROTEIRO LT NO SITE DA URBS

CURITIBA-OLIVE 156 ACESSO À INFORMAÇÃO SECRETARIAS

FALE CONOSCO PORTAL DA TRANSPARENCIA ITINERÁRIOS E LINHAS DE ONIBUS

TRANSPORTE COLETIVO CARTÃO TRANSPORTE EQUIPAMENTOS URBANOS RODOFERROVIÁRIA TÁXI TRANSPORTE ESCOLAR FRETAMENTO MOTOFRETE MOTORISTAS DE APPLICATIVOS LICITAÇÕES ESTAR HORÁRIO DE ÔNIBUS

home transporte linha turismo

Linha Turismo

Transporte

A Linha Turismo é uma linha que faz uma rota utilizando de ônibus especial com dois andares (double decker), que passa por 26 pontos de atração de Curitiba. Com ela é possível conhecer os principais parques (como o Barigui e o Tanguá), bosques (Alemão, do Papa) praças (Tridentes e Rui Barbosa), o Jardim Botânico (grande cartão postal da cidade) e outros espaços interessantes, como a icônica Rua das Flores. Circula a cada 30 (trinta) minutos, percorrendo aproximadamente 48 km em cerca de 3 (três) horas.

O roteiro começa na Rua 24 Horas (centro da cidade), mas é possível iniciar o trajeto em qualquer um dos pontos (ilustração abaixo). Para percorrer a rota, o passageiro adquire um cartão-turismo individual, que dá direito a embarques ilimitados na linha, em um período de 24 horas, após a sua 1ª utilização de embarque. Esta é uma comodidade que facilita ao turista escolher a quais atrações vai dedicar mais tempo para visitar.

Além de dinheiro, a Linha Turismo aceita pagamento com cartão de débito e crédito para aquisição do bilhete de embarque. As bandeiras aceitas são: ELO, MASTER e VISA.
Valor do tarifa R\$50,00

Conheça a Linha Turismo e viaje Curitiba em todos os pontos:

OBS:

- Opera todos os dias.
- O ponto inicial fica na Rua 24 Horas.
- O horário de operação da linha inicia às 8h30 com intervalo de 30 minutos. Em períodos de férias e feriados prolongados a frequência passa para 15 minutos. ([ver tabela de horários](#)).
- Não será possível fazer o passeio completo se, embarcar no último horário do ônibus. Observe o display do veículo, que indica o horário em que para operar, quando retorna à Rua 24 Horas.
- Os cartões de embarque podem ser adquiridos diretamente nos ônibus, em qualquer ponto de embarque.
- O cartão é de uso individual e a reutilização no mesmo veículo só pode ser feita após 30 (trinta) minutos.
- A forma de pagamento do cartão de embarque pode ser em dinheiro, cartão de débito ou cartão de crédito.
- Crianças até 5 anos não pagam a tarifa.
- Somente os ônibus identificados com "adesivo Bicicleta" fixado na porta traseira têm possibilidade de transporte de bicicleta ou carrinho de bebê.
- Não é permitido o transporte de animais de estimação.
- Nas lojas do #CuritibaSuaLinda localizadas no Jardim Botânico e do Shopping Estação também é possível adquirir o cartão de embarque da Linha Turismo.

Horário de ônibus

Linhas urbanas Linhas Rodoviárias

A MUNHOZ / JD. BOTÂNICO [464]

TODOS

Consultar

Linhas Metropolitanas

Downloads

Mapa do Percorso da Linha Turismo

Baixar

Fonte: URBS (2025).

ANEXO 5 — PÁGINA INICIAL DO SITE DO ROTEIRO LT

[Início](#)
[Rota ao vivo](#)
[Onde embarcar](#)
[Atrações Turísticas](#)
[Aproveite também](#)
[Sobre a Linha Turismo](#)

Curta Curitiba a bordo da *Linha Turismo!*

Explore Curitiba de forma econômica e completa com os ônibus de dois andares da Linha Turismo, que param em 26 pontos turísticos.

[Saiba mais](#)

Museu Oscar Niemeyer

Descubra os encantos de Curitiba

Atrações turísticas

Descubra mais sobre os pontos do trajeto.

Vem curtir

Eventos, lugares e outras coisas que recomendamos.

Rota ao vivo

Acompanhe rotas, localização dos ônibus e pontos de embarque.

Saídas entre 8:30 às 17:00 (Rua 24 Horas)

Dúvidas Frequentes

O que é a Linha Turismo?	▼
Quais são os dias e horários de funcionamento?	▼
Onde começa o passeio?	▼
Quanto tempo dura o percurso?	▼
Qual o valor do cartão turismo?	▼

[Ver Mais](#)

Prefeitura de CURITIBA

Dúvidas, solicitação, elogios ou reclamações:

Curitiba: Disque 156
Outras localidades: (41)3350-6456

Pontos de informação ⓘ
Atendimento ao turista

Jardim Botânico
Endereço: Rua Eng. Oreste Roguski, 690
Bairro: Jardim Botânico

Torre Panorâmica
Endereço: Rua Professor Lycio G. de Castro Vellozo, 191
Bairro: Mercês

Setor Histórico
Praça Garibaldi, 7
Bairro: São Francisco

Curitiba Desporto Turístico Inteligente

Curto Curitiba

Best in Travel 2020

CURITIBENTURISMO

urbs

Fonte: Linha Turismo (2025a).

ANEXO 6 – ATRAÇÕES TURÍSTICAS SITE LT



Fonte: Linha Turismo (2025b).